UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

A vida e conversão de Frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz

DANIEL AUGUSTO DA CUNHA FARIA

ÉPHETA

A vida e conversão de Frei Agostinho: entre a aprendizagem e o ensino da Cruz

DANIEL AUGUSTO DA CUNHA FARIA

ÉPHETA
1 9 9 9

MUNICIPAL
D.R. FAMALICÃO
BIBLIOTECA

AGRADECIMENTO

Desejo agradecer, dedicando-lhe este trabalho, aos meus pais, irmãos e madrinha, que tão de perto me acompanharam com a presença atenta e o paciente entusiasmo; aos Seminários Diocesanos do Porto, aos quais devo o incalculável; à família monástica a que agora estou ligado; ao Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, pela sua leitura interessada da tese e pelas preciosas sugestões; à Dr.ª Vera Vouga, ao Joaquim Santos, ao Fernando Nuno, ao Fernando Coutinho, ao Fernando Silva, ao Francisco Fino, ao João Soalheiro, ao Duarte Miguel, e a todos os outros amigos sempre imprescindíveis e generosos nas grandes e nas pequenas coisas, e finalmente — e em último lugar, para que fique junto dos amigos, entre os quais o conto, e porque é este, segundo o ensinamento bíblico, o lugar dos primeiros —, ao Prof. Doutor Carlos Alberto Moreira Azevedo, não sabendo se lhe agradeça mais a orientação certa ou a empenhada confiança: pela sugestão que me fez de que estudasse a poesia de Frei Agostinho da Cruz, pelo acolhimento e pela sabedoria com que me acompanhou, pela ilimitada largueza interior com que me soube ser, de muitos modos, auxílio e caminho, e por tanto e tanto mais que aqui a escrita agora cala, mas o coração não esquece.

Mosteiro de Singeverga, 27 de Dezembro de 1998.

O AUTOR

Siglário

BAC	— Biblioteca de Autores Cristianos.
DSp	— *Dictionnaire de Spiritualité, ascétique et mystique, doctrine et histoire.* Dir. M. Viller; A. Rayez; C. Baumgartner; A. Solignac. Paris: Beauchesne, 1932-1996.
DTC	— *Dictionnaire de Théologie Catholique.* Dir. A. Vacant. Paris: Letouzey et Ané, 1903-1970.
FCG-CCP	— Fundação Calouste Gulbenkian-Centro Cultural Português.
FLP-ICP	— Faculdade de Letras do Porto-Instituto de Cultura Portuguesa.
FLUC-IEHDAV	— Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra-Instituto de Estudos Históricos Doutor António Vasconcelos.
INCM	— Imprensa Nacional Casa da Moeda.
INIC	— Instituto Nacional de Investigação Científica.
PL	— MIGNE, J. J. Paul — *Patrologiae cursus completus: Series Latina [...] a Tertuliano ad Innocentium III.* Parisiis: Migne, 1844-1880. 221 vol.

PREFÁCIO

Já o salmista nos prevenia de que «o homem não é mais do que um sopro, é como sombra que passa» (Sl. 38), mas a verdade breve só se assimila no instante longo da vivência real.

Pensava vir a escrever o presente prefácio, porque considerava útil a publicação deste trabalho de licenciatura que acompanhei. Custa é escrevê-lo atravessado pela dor e pela saudade. A morte imprevisível do seu autor, a 9 de Junho de 1999, com apenas 28 anos, faz deste acto, de tornar público o que escreveu, uma exigência e obriga-nos a conhecer o breve itinerário do autor.

Daniel Augusto Cunha Faria nasceu em Baltar-Paredes a 10 de Abril de 1971, de família humilde. Entrou no Seminário do Porto, frequentando quer o Bom-Pastor, quer Vilar, quer a Sé.

Já na Escola Secundária Rodrigues de Freitas espantava a professora de português, Rosa Maria Goulão, pela elevação poética da sua escrita. Recebeu apoio para cultivar esse campo notável da sua sensibilidade e criou no Seminário e na Faculdade de Teologia gosto por entender a poesia e dialogar com a expressão contemporânea. Lembro-me do entusiasmo com que trouxe ao Seminário o seu poeta Eugénio de Andrade, do trabalho desenvolvido pelo Círculo de Poesia que

quase sempre a forma como tinha respondido, adivinhando nós óptimo resultado, depois confirmado. Não é por acaso que um dos seus mestres (Vera Vouga) publica na Revista da Faculdade de Letras *Línguas e Literaturas* (15 (1998) 105-123), o artigo *Explicação dos homens e de outros animais*, numa brilhante apresentação dos dois últimos livros dados à luz por Daniel Faria.

Concluído o Curso de Letras no ano lectivo 1997/1998, aproveitou esse ano para o Postulantado, em S. Bento da Vitória. Em Outubro de 1998 iniciou o Noviciado, agora tragicamente interrompido.

Uma queda, na noite de 2 para 3 de Junho, levá-lo-ia ao Hospital de S. João, onde, na tarde do dia 3, entrou em coma, do qual não saiu. O seu funeral, na tarde do dia 12 de Junho, no Mosteiro de Singeverga e na sua terra de Baltar, foi a prova do carinho de tantos pelo amigo que tinha como «projecto de futuro» morrer novo. Foi pelo centro de si mesmo em verdade inteira, em humildade humana sem servilismo nenhum, na mansidão do encanto interpelante para gerar plenamente cada pessoa, porque acreditava no mistério, que inclina os homens para dentro. Era esta inclinação para dentro que lhe dava a ponderação serena do adulto e o coração de menino entusiasmado com as grandes empresas da sua vida que foram as pessoas a quem amou dedicadamente, na vontade de descobrir os materiais e mecanismos secretos do amor.

Apresentado o autor, falemos da obra.

Esta tese de licenciatura em Teologia, defendida em 1996, com elevada classificação, optou por um tema situado entre a espiritualidade e a poesia. Daniel Faria optou por Fr. Agostinho da Cruz

(1540-1619), escolhendo um tema amado e permanentemente glosado na poesia do franciscano: a imitação de Cristo crucificado, a meditação da Paixão. O autor embora questione que o frade arrábido seja "poeta místico", colabora na discussão ao empreender a meditação de Paixão nos modos de oração mental, mais ascética do que mística.

No primeiro capítulo, relaciona a obra de Agostinho da Cruz e a biografia, valorizando o primeiro elemento. Aí revê o problema dos motivos da conversão. Distingue a *dor-desencontro* dos motivos para a mudança de vida. Aponta a necessidade de ler os desencontros e os elementos contínuos no contexto catequético moralizante, pedagógico e no processo da descoberta pessoal de si próprio. Dá-nos a conhecer "o homem que se repensa e descobre numa encruzilhada" e se deixa seduzir pela vida dos Capuchos Arrábidos.

No segundo capítulo, Daniel Faria traça um panorama histórico da devoção à Humanidade de Jesus e concretamente à Paixão de Cristo, desde a Idade Média (S. Bernardo e S. Francisco) até aos escritores arrábidos, como os Freis Rodrigo de Deus e Afonso de Medina, com largas influências nórdicas. O profundo estudo do tema, na poesia de Fr. Agostinho da Cruz, faz ressaltar as coincidências e dissidências entre os autores, particularmente no "ângulo de visão". De facto, não sublinha a contemplação da crueldade do sofrimento de Cristo, mas eleva o amor desmedido que esse padecer revela.

Por isso, Daniel Faria dedica todo o terceiro capítulo a descobrir o entrelaçar do "movimento que vai do conhecimento de Deus ao conhecimento de si próprio" e do "movimento que vai do conhecimento de si próprio ao conhecimento de Deus". Relaciona o entre-

cruzar desta contemplação com a meditação das perfeições e benefícios divinos manifestos na natureza, vista como interlocutor, e a fundamental atenção à vida e Paixão de Cristo. Aqui situado, o poeta da Arrábida entra no arrependimento e no louvor, lava-se em lágrimas até se conformar com Cristo na cruz pela "nudez e aniquilamento" e experimentar depois "a saudade de Deus e a inefabilidade do Amor"!

Daniel Faria deixa em apêndice dúvidas quanto à autenticidade de composições como *Tercetos em louvor da Immaculada* e as oitavas *Beati qui lugent*. Aliás pretende-se com este trabalho contribuir para uma edição crítica da obra de Fr. Agostinho da Cruz e o conhecimento da produção de Martim de Castro do Rio.

Restará no leitor o desejo impossível de que o autor possa continuar a desvendar os nossos autores espirituais.

Ficamos todos nas mãos com esta herança. É-nos devolvido o encargo. Ao livro de poesia que tinha pronto, e só queria publicar no ano 2000, deu o título: "As coisas que eu sei do céu". É da melhor mística portuguesa.

Estamos perante mais um autor espiritual, capaz de cultivar o "instrumento difícil do silêncio" e de apontar um percurso para o caminho da novidade de Deus.

Porto, 14 de Setembro de 1999.

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTO 3

SIGLÁRIO 4

PREFÁCIO 5

INTRODUÇÃO 13

CAPÍTULO I:

A VIDA E CONVERSÃO DE FREI AGOSTINHO: ENTRE A APRENDIZAGEM E O ENSINO DA CRUZ 33

1. De Agostinho Pimenta a Frei Agostinho da Cruz: a importância da Casa de Aveiro e os *motivos da conversão* 34
2. Éclogas: *exempla* de itinerários comuns 70
3. Elegias: testemunho de uma conversão 107

CAPÍTULO II:

A MEDITAÇÃO DA PAIXÃO NA DEVOÇÃO À HUMANIDADE DE CRISTO 121

1. De S. Bernardo e S. Francisco ao ascetismo arrábido 122
2. A Paixão nos arrábidos Frei Rodrigo de Deus e Frei Afonso de Medina, e a obra de Frei Agostinho da Cruz 158

2.1. O *Tratado da oraçam mental*, de Frei Afonso de Medina 162

2.2. O *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma para resarem, ou cantarem os que os correm*, de Frei Rodrigo de Deus 179

2.3. A poesia de Frei Agostinho da Cruz 185

CAPÍTULO III:

MEDITAÇÃO DA PAIXÃO E NATUREZA NO ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE FREI AGOSTINHO DA CRUZ 201

1. Papel fundamental da meditação da Paixão 202

1.1. Das lágrimas à nudez e ao aniquilamento 211

1.2. Conformação com Cristo. A cruz, ponto culminante da encarnação..... 217

1.3. União com Deus, ou contemplação, o modo mais perfeito da oração mental 221

2. Natureza e meditação das perfeições e benefícios divinos 240

CONCLUSÃO:

DA PENITÊNCIA À GRAÇA 268

APÊNDICE I 277

APÊNDICE II 339

BIBLIOGRAFIA 343

INTRODUÇÃO

Para aqueles que conheceram um dia o nome e a figura de Frei Agostinho, nas margens do Lima ou na visita à Serra e ao convento da Arrábida, ou ainda no contacto com alguns dos seus poemas, ou através dos textos de outros autores, guardando a imagem do frade eremita, *bom velho* dormindo sossegado em cujas cãs Herculano lia "a bela história de passados anos" [1], e só depois disso frequentaram a obra do poeta arrábido, para esses, certamente, como para nós, esse encontro com os escritos de Frei Agostinho não terá deixado de ser um momento de grande desconforto.

Na *Crónica* da província da Arrábida, ao tratar de Agostinho da Cruz, Frei António da Piedade, informando-nos das actividades do poeta, diz-nos que: "Tambem pela inclinação, que tinha à Poesia, compunha a varios assumptos espirituaes muitos Sonetos, e outras variedades de versos." [2] Esta expressão "e outras variedades de versos", que abrevia a descrição das características das composições do poeta, é, talvez, muito mais do que um mero recurso do cronista que, natural-

---

[1] HERCULANO, Alexandre — *Obras completas: Poesias*. Prefácio e revisão de Vitorino Nemésio. [S.l.]: Livraria Bertrand, 1977, p. 64.

[2] PIEDADE, António da — *Espelho de penitentes e chronica da provincia de Santa Maria da Arrabida*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1728, p. 933.

MUNICIPAL

pois assim seguem o exemplo de Cristo e tornam-se conformes com ele, dado, na morte, mesmo àqueles que o matavam. Por isso, imitando-o, eles devem sofrer sem queixume e, desse modo, ensinar aos outros a Cruz, da qual são professores:

> "Não vos ouçam tratar esta questão
> baixa entre pastores apostados
> a buscar a divina perfeição,
>
> Que quando suceder ser afrontados
> dos amigos que mais temos servido,
> então devemos ser mais consolados.
>
> Foi nosso Deos por nós oferecido
> á cruz, e por seus mesmos matadores
> os principaes, de seu povo escolhido.
>
> A nós, que da cruz sua professores
> somos, não nos convem queixar de nada,
> mas sofrer como seus imitadores." [10]

Portanto, nesta curta jornada sobre a terra, há que trabalhar nessa tarefa, — "Que nunca nos mandara a lei divina/ cousa tão trabalhosa" [11] — de "amar nossos imigos".

Limabeu responde:

> "Não quero tratar mais deste argumento,
> que porfiar bem sei que desconcerta
> quem concertado traz seu pensamento." [12]

Um propósito que parece ter cumprido, a julgar pelas palavras de Laurino e Fontano, na écloga em que dialogam sobre Limabeu, então

---

[10] *Ibidem*, p. 419.
[11] *Ibidem*, p. 420.
[12] *Ibidem*.

na sua velhice [13]. Só que, entretanto, por esta altura, já nós, que tão concertado trazíamos o pensamento e que praticamente só conhecíamos Frei Agostinho através do convento e da serra da Arrábida, nos desconcertáramos — devemos confessá-lo — com essa *questão baixa*, aparentemente tão impertinente na obra do poeta que o próprio Míncio lhe dirá, esgotada a paciência: "Deixemos de cantar, pois que não deixas/ de te queixar" (no caso, de Lauro e de Liana).

A princípio, pensámos também — o conselho era de Míncio — não tratar dessa *questão baixa*, mas então duas situações vieram alterar esse nosso propósito: a primeira, o facto de uma grande parte das linhas que se escreveram sobre o poeta abordarem este problema, quase sempre, excepção feita à tese de licenciatura de Maria Eugénia Pedro de Jesus Ferreira [14], sem proveito de monta, e outras vezes — algumas — com precipitações que, a nosso ver, e como até certo ponto demonstrou Maria Eugénia Ferreira, nunca permitiram, antes pelo contrário, uma leitura mais funda e mais justa dos versos do frade arrábido; a segunda razão, foi a persistência de duas perguntas que então nos ficaram no espírito: porquê a constância nas queixas e lamentos, quando até Míncio e Limabeu tinham concordado que tal desconcertava aqueles

---

[13] Diz Laurino: "As novas que do velho te daria,/ São conselhos maduros de viver,/ Que me deu pera vêr o que não via.// Nos quaes todos se vem a resolver,/ Que por muitas razões e perfeição/ Humana, só consiste em padecer.// Com muita paciencia e mansidão,/ Como nos ensinou o Redemptor,/ Na Cruz posto por nossa salvação;" (*Ibidem*, p. 328.) E Fontano repara: "Limabeo não se queixa de ninguem,/ Alheo do passado e do presente,/ Sem lhe dar do que vai, nem do que vem." (*Ibidem*, p. 329.)

[14] Cf. FERREIRA, Maria Eugénia Pedro de Jesus — *O sentimento religioso em Frei Agostinho da Cruz*: dissertação para licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano lectivo de 1956/57. Coimbra: [s.n.], 1957, p. 65-80.

que ouviam? E ao lado desta pergunta uma outra: porquê uma obra tão na primeira pessoa, de pendor tão biográfico — a que já chamaram *confessional* [15]; versos que manifestam um "irreprimível pessoalismo" e *auto-retratamento* [16]; uma obra onde alguns versos são uma *espécie de catársis* [17] — quando na base de qualquer itinerário ascético e místico está um auto-conhecimento que, necessariamente, se há-de transformar em auto-negação e desprezo de si?

Por isso, ao tratar, no primeiro capítulo, da vida do poeta, e porque a essa questão tem sido associada a causa (ou as causas) da decisão tomada por Agostinho Pimenta de seguir a vida religiosa, não deixámos de tentar revisitar essa *polémica*, menos interessados em fazer a biografia ou em expor dados biográficos do que na reflexão e comentário do uso que deles tem sido feito — ou talvez melhor, do uso que tem sido feito da obra para contar a vida e explicar a conversão — procurando, de alguma forma, reabrir os novos modos de avaliação que Maria Eugénia Ferreira sugeriu mais do que utilizou, e que, se não são ainda, porventura, exactos, são certamente mais aptos a proporcionar um juízo mais equilibrado da obra que o poeta nos deixou.

Por outro lado, pareceu-nos que não seria despropositado fazê-lo no contexto do estudo que nos propúnhamos realizar — o tema da Paixão em Frei Agostinho da Cruz — uma vez que foi também a partir de umas queixas de Limabeu que Míncio introduziu esse tema tão caro

---

[15] Cf. CIRURGIÃO, António — Frei Agostinho da Cruz e o «homo viator». *Colóquio Letras*. 63 (1981) 33.

[16] Cf. SARAIVA, António José; LOPES, Óscar — *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, [s.d.], p. 271.

[17] Cf. BELCHIOR, Maria de Lourdes — Poesia e Mística: Frei Agostinho da Cruz. In IDEM — *Os homens e os livros, séculos XVI e XVII*. Lisboa: Verbo, 1971, p. 70.

e tão presente na poesia de Frei Agostinho: a imitação de Cristo e Cristo crucificado, e, nessa imitação, o dever e a missão de ser testemunho e ensinamento, *professor da Cruz*.

Acontecerá, é certo, que Frei Agostinho será sempre mais aprendiz do que professor, mas, justamente nessa medida, ensina. A sua aprendizagem começará na sua circunstância de jovem formado num tempo de crise do Renascimento, reflectida numa concepção pessimista do homem e da vida, e que o Maneirismo não deixou de expressar [18]. Não admira, por isso, que, como outros [19], também Agostinho tenha parafraseado os versos atribuídos a Martim de Crasto do Rio: "Perdi-me dentro em mim como em deserto/ Minh'alma está metida em labyrinto", escrevendo:

> "Perdi-me dentro em mim, como em deserto,
> Minha alma está metida em labirinto,
> Contino contradigo o que consinto,
> Cem mil discursos faço, em nada acerto." [20]

---

[18] "O *regnum hominis*, a *dignitas hominis* do classicismo renascentista fundavam-se na crença de que não existia conflito entre a ordem divina e a ordem humana, entre a alma e o corpo, entre a razão e a natureza, entre a fé e a razão; a Reforma, luterana e calvinista, o maquiavelismo e o maneirismo corroem os fundamentos dessa crença, apresentando o homem como um ser miserável e radicalmente corrupto, apenas redimível através de um acto da graça de Deus; defendendo a existência de uma dupla moral; opondo o corpo ao espírito, acentuando dramàticamente a insegurança e a efemeridade da vida, descobrindo em tudo, no universo e no homem, a incoerência, o conflito, a contradição." (SILVA, Vítor Manuel Pires Aguiar e — *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971, p. 29-30.)

[19] Cf. SILVA — *Maneirismo*, p. 56-57; Cf. RAFAEL, António Gil — Notas e comentários. In CRUZ, Agostinho da — *Sonetos e Elegias*. Lisboa: Hiena, 1994, p. 256-258.

[20] CRUZ — *Sonetos*, p. 113. Sobre a importância simbólica do *labirinto* e a sua relação com o *deserto*, na poesia maneirista portuguesa: Cf. SILVA — *Maneirismo*, p. 246-255.

E logo no primeiro verso do primeiro terceto refere: "E se as asas levanta o pensamento".

Metido em labirinto, em contradição [21], sem acertar o caminho, interessará acompanhar o percurso deste homem que, no esforço de elevar-se acima do bloqueamento dos caminhos, subiu a uma serra para se fazer capucho.

A escolha da Ordem dos Capuchos Arrábidos foi, talvez, mais uma consequência das circunstâncias do que uma escolha entre possibilidades, como se explicará no primeiro capítulo. Mas se isto pode ser verdade, é-o também, certamente, que o maior conhecimento e convívio com os elementos daquela Ordem, ou afectos a ela, terá servido de importante estímulo à opção de vida tomada por Agostinho Pimenta, particularmente o contacto com a personalidade carismática de Frei Jacome Peregrino.

Por detrás do sujeito poético que nos versos tanto lamenta a ingratidão de que foi vítima, está, provavelmente, não o homem que se refugia no divino, como alguns têm pretendido, mas o homem que se repensa e descobre em encruzilhada, a quem não deixaria, com certeza, de seduzir o tipo de vida ascético e pobre dos Arrábidos que, com esse *modus vivendi*, se faziam actualização da palavra evangélica, a exemplo de S. Francisco, segundo as exigências das circunstâncias e do tempo.

---

[21] «Duuido que possamos uer ia nesta/ idade nossa algum comtentamento/ dos poucos que a fortuna nos empresta.// [...] A sorte a cada passo se uaria/ no mal como no bem uolta e rodea/ ex quero ex q̃ não quero o q̃ queria.» (CRUZ, Agostinho da — Apêndice I. Poesias inéditas de Frei Agostinho da Cruz contidas no ms. BNL FG 7691. In SILVA — *Maneirismo*, p. 505-506.)

No seu percurso, Agostinho é um homem muito próximo de todos esses poetas maneiristas para quem

> "O mundo e a vida são considerados como estações de miséria e perdição, onde o homem caminha cego, transviado e impotente para encontrar a saída redentora. O encontro da passagem que permite sair do labirinto só é possível através de uma dádiva divina, através de um acto de graça e de um acto de fé, seguindo então o homem pecador a luz irradiante do peito chagado de Cristo, pois só essa luz, qual fio de Ariadne, lhe permite fugir às trevas e aos enigmas do labirinto." [22]

Como para eles, também para Agostinho a liberdade encontrada para resolver o labirinto (do canto e da vida) foi Cristo. À encruzilhada contrapõe a Cruz. Cristo crucificado é o seu Redentor. Por isso, do poeta se pode dizer o que [se] escreveu de Maria Madalena:

> "Dele [Cristo] tira o remedio eficaz,
> Que o ceo, a terra, a vida, a morte, a culpa,
> Abre, apura, reforma, vence, apaga." [23]

---

[22] SILVA — *Maneirismo,* p. 254. Assim também Camões, poeta do *desconcerto do mundo* e do *desengano*, cuja voz "no solitário da Arrábida ecoa, nítida" (BELCHIOR, Maria de Lourdes — Cruz, Fr. Agostinho da. In *DICIONÁRIO das literaturas portuguesa, galega e brasileira.* Dir. Jacinto do Prado Coelho. Porto: Figueirinhas, [s.d.], p. 202), nas redondilhas *Sôbolos rios que vão*, "poema a muitos títulos paradigmático do nosso maneirismo" (SILVA — *Maneirismo,* p. 291), que conjuga, segundo Isabel Pascoal, a imagem da pena e da pedra, dando à primeira, na sua ambiguidade, um novo significado: o de voo e de libertação, usando a segunda — a pedra — como o símbolo da memória e da poesia que permanece. O poeta considera, então, o seu canto libertação (voo) e permanência (pedra), relacionando-o com Cristo, a palavra divina. (Cf. PASCOAL, Isabel — Introdução. In CAMÕES, Luís de — *Poesia lírica.* [S.l.]: Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, [s.d.], p. 36.)

Com Cristo palavra divina e "Pedra, que veio a ser/ Enfim cabeça do Canto" (CAMÕES, Luís de — *Poesia lírica.* [S.l.]: Biblioteca Ulisseia de autores portugueses, [s.d.], p. 75), por isso, mais que "pedra símbolo da memória e da poesia que permanece", Pedra ângular, símbolo de Cristo, cabeça do Canto, Verbo inicial.

[23] CRUZ — *Sonetos,* p. 142.

Cristo é o remédio eficaz, porque abre o céu, apura a terra, reforma a vida, vence a morte, apaga a culpa. Uma vez encontrado o fio que o conduzirá para fora do labirinto, Frei Agostinho, consciente de que é peregrino sobre a terra, põe-se a caminho, pois:

> "Não sofre amor divino haver tardança,
> Por pequena que seja, em caminhar,
> Pois o que mais caminha, menos cansa.
>
> E para finalmente descansar,
> No caminho da bem-aventurança,
> Deixando de correr, há-de voar." [24]

Da corrida ao voo, o caminho não se fará sem a elevação na Cruz, sem subir na Cruz, pregado com Cristo.

Este tema de Cristo crucificado e o desejo de se crucificar com Cristo na cruz, na obra do arrábido, foi um tema pouco ou quase nada estudado — a excepção é mais uma vez o trabalho de Maria Eugénia Ferreira [25] — mas insistentemente lembrado por Maria de Lourdes Belchior, enquanto questionava o misticismo da poesia de Frei Agostinho: "A contemplação de Cristo crucificado, a meditação afectiva das suas dores e a compaixão delas dominam os horizontes da sua poesia." [26] e, mais à frente: "Dois elementos avultam [...] em toda a obra poética do franciscano: os temas cristocêntricos, carregados de

---

[24] *Ibidem*, p. 77.

[25] Cf. FERREIRA — *O sentimento*, p. 85-99. "A poesia de Fr. Agostinho da Cruz está toda impregnada da Presença de Jesus Cristo, não apenas em especulação Teológica, mas em algo mais, em vida viva e transmitida, sob cujo prisma tudo se colora." (*Ibidem*, p. 84.) "A Paixão é o tema dominante desta Poesia." (*Ibidem*, p. 88.)

[26] BELCHIOR — Poesia, p. 52.

dor, empapados em sangue, e o realismo com que os descreve ou assume." [27] Ou noutro passo, ainda: "Frei Agostinho da Cruz é aliás um poeta cristocêntrico: o Cristo da Paixão está continuamente presente na sua obra." [28]

Esta insistência confirmou a impressão que nos ficara de uma primeira leitura da sua poesia — descontado esse Cristo *empapado em sangue* que uma releitura, de facto, desmentiu — e desafiou-nos para o trabalho que agora apresentamos.

A isto, vieram juntar-se as referências de Vítor Manuel Aguiar e Silva ao carácter cristocêntrico da poesia maneirista portuguesa de pendor religioso e moral, e afirmações como a de que

> "A voga singular de que usufrui na lírica maneirista a temática cristocêntrica, deve-se, por um lado, à influência franciscana, e, por outra parte, à influência da Companhia de Jesus, cuja espiritualidade concedeu grande relevo à humanidade de Jesus e aos mistérios da Paixão." [29]

---

[27] *Ibidem,* p. 62. Mesmo que esta afirmação parta, mais directamente, da leitura do *Hymno à Cruz* que, como demonstrou Aguiar e Silva, pertence a Martim de Crasto do Rio e não a Frei Agostinho. A mesma utilização desafortunada aconteceu a Carlos Diniz da Fonseca: "O segrêdo das vitórias, descobriu-o Frei Agostinho no espírito de sacrifício. Como poucos, amou o sacrifício. E assim é que tôda a sua obra de Poeta palpita em abrasado amor pela Cruz: *Ó cruz minha saudade e meu cuidado.*" [FONSECA, Carlos Diniz da — Frei Agostinho da Cruz e os Cruzeiros. *Estudos.* Coimbra. 17: 187 (1940) 236.] Ao repetir Carlos Diniz da Fonseca, Mário Gonçalves Viana partilhou a mesma sorte: Cf. VIANA, Mário Gonçalves — *Os religiosos e os místicos na literatura portuguesa: ensaio histórico-crítico.* Porto: Editora Educação Nacional, 1940, p. 25-26.

Lourdes Belchior escreve, ainda, no *Dicionário das literaturas portuguesa, galega e brasileira* que "Cristo na Cruz, Cristo sangrento é a sua devoção maior." (BELCHIOR — Cruz, p. 202.)

[28] IDEM — Poesia, p. 62. Também António Salvado notara que "usuais se mostram as exemplificações renovadas de identificação sofredora com o Redentor, marco essencial no caminho da união." [SALVADO, António — Itinerário ascético de Frei Agostinho da Cruz. *Atlântida.* Angra do Heroísmo. 5 (1961) 214.]

[29] SILVA — *Maneirismo,* p. 344. Já numa fase adiantada do nosso trabalho, encontraríamos sugerido, num artigo de Luís de Sá Fardilha: "Seria, portanto, interes-

Foi então necessário estudar a razão do grande relevo dado, e o porquê nesta altura, à humanidade de Jesus e aos mistérios da Paixão; o como e donde vinha essa devoção à Humanidade e Paixão de Cristo — da influência franciscana e jesuíta, como disse Aguiar e Silva? — e que presença, características e repercussões teve junto dos arrábidos — franciscanos, justamente — e na obra de Frei Agostinho.

Para tentar responder a estas questões, ou não exactamente a estas, nem por esta ordem, mas ao problema que elas apontavam e levantavam, traçámos, no segundo capítulo, um percurso muito breve, por vezes quase esquemático, do aparecimento, com grande vigor, da devoção à Humanidade e Paixão de Cristo na Idade Média, com a acção decisiva de S. Bernardo e de S. Francisco, e do seu desenvolvimento até ao século XVI, destacando, então, a controvérsia que se desenvolveria sobre o lugar da meditação da Humanidade de Cristo e da sua Paixão nos diferentes modos de orar e a forma como a meditação da Paixão do Senhor se tornaria um dos núcleos do ressurgimento ascético e do espírito contra-reformista. Ainda no mesmo capítulo, num segundo ponto, procurámos ver como é que foi evocada e meditada a Paixão e a figura do Cristo padecente nos escritos de dois arrábidos, Frei Rodrigo de Deus e Frei Afonso de Medina, nas obras, respectivamente: *Motivos espirituais* e *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma para resarem, ou cantarem os que os correm*; e *Tratado da oração mental*, relacionando-as e confrontando-as com o modo como a

---

sante fazer um estudo sistemático do tema [Jesus crucificado] na obra do frade português, integrando-o no contexto mais amplo da sua devoção à Humanidade de Cristo." (FARDILHA — Natureza, 131-132.)

evocação e meditação do mesmo tema se apresenta na obra poética de Frei Agostinho. Este último aspecto, desenvolvêmo-lo, ainda, no último capítulo, ao tratarmos do papel fundamental da Paixão no itinerário espiritual de Frei Agostinho da Cruz.

Entretanto, outras questões ficam, ao longo do trabalho, referidas, apresentadas ou mesmo comentadas. Entre elas, o papel da natureza no itinerário do frade arrábido e a dificuldade (ou impossibilidade) em classificar a sua poesia como poesia mística.

À natureza tem sido atribuído um lugar central na obra do poeta. Para além da evidente presença da natureza ao longo dos seus versos, com recorrentes referências à fauna e à flora, como tem sido notado [30], dois factores, segundo cremos, têm também contribuído para tal avaliação: o primeiro, é o ambiente lendário que rodeia a figura de Agostinho da Cruz, sustentado, aliás, pelos seus próprios versos [31], mas não só: num texto da *Defensam das sagradas religiões, fructo das Lagrimas de Christo N. S.,* obra apologética, falando-se dos *varões de santa vida da prouincia da Rabida de Portugal,* diz-se que

> "algũs que inda oje [1618] viuem, & que seguem as pizadas deste varão [Frei Miguel Falcão], (a que o Senhor tera dado o premio de sua virtude) que hà muytos annos, que estão metidos em hũa cella solitaria, ou pera milhor dizer Cauerna, em que escaçamente

---

30 Cf. REMÉDIOS — Fr. Agostinho, p. 30-31; Cf. GUERRA, F. — O poeta da Arrábida. *A Indústria.* (Setúbal. 14 Mar. 1940) 2; 7. Cf. MARTINS, Mário — Ecologia, Fr. Agostinho da Cruz e a Arrábida. *Brotéria.* Lisboa. 121 (1985) 289-296. Cf. NEMÉSIO — O capuchinho, p. 133-140.

31 Na elegia *A Dona Marianna, filha do Duque de Aveiro, incitando-a e animando-a a ser religiosa*, prometendo trazê-la no seu pensamento, enquanto anda pela Serra, diz: "Verás dos verdes bosques mais vizinhos,/ Donde foram nascidos sair fora,/ E vir a visitar-me os meus bichinhos." (CRUZ — *Sonetos,* p. 207.)

> cabem, apartados de toda a comunicação humana, tirado de hum Religioso, que lhes vay ajudar à Missa, & so por as festas vem [leia-se: vêm] ao Mosteyro celebralas com os seus irmãos, tornandose logo a sua contemplatiua vida, acompanhada de lagrimas, & pão & agoa, que de contino comem: & a hum destes concedeo o Senhor, que os animaes agrestes da serra o viessem buscar com tanta mansidão, & domistiquesa, como que forão criados a mão, comendo o que lhes da, & indosse quando elle os manda com muyta quietação." [32]

Em 1657, 39 anos depois do livro de Pedro Calvo, e 38 anos depois da morte de Frei Agostinho, no *Agiologio Lusitano*, Jorge Cardoso escrevia, já não sobre *hum* frade anónimo, mas sobre Frei Agostinho da Cruz:

> "Concedeolhe o Senhor, que alguns animaes syluestres, que andauão naquella serra notauelmente esquiuos, como veados, & genetas, lhe viessem comer à mão, & se deixassem trattar delle, como mui domesticos, obedecendolhe tal vez, de modo, que não se ião sem os despedir; & assi mesmo todo o genero de volateria." [33]

Em 1728, repetindo e ampliando as descrições anteriores, também a *Crónica* aponta Frei Agostinho da Cruz como (esse) varão por quem os animais selvagens tinham especial afecto [34], e, tal como depois Barbosa Machado, em 1741 [35], e Mesquita e Quadros, em

---

[32] CALVO, Pedro — *Defensam das sagradas religiões, fructo das Lagrimas de Christo N. S.* Lisboa: Antonio Aluarez, 1618, p. 62.

[33] CARDOSO, Jorge — *Agiologio Lusitano*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, vol. 2, p. 146.

[34] Cf. PIEDADE — *Espelho*, p. 929-930.

[35] Cf. MACHADO, Diogo Barbosa — *Bibliotheca lusitana*. Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, p. 65. (Onde se lê: lib. I. cap. II, deve ler-se: lib. II. cap. II.)

1793 [36], apresenta o passo da *Defensam* — que não mencionava nomes — como um dos textos que falam de Frei Agostinho da Cruz.

O segundo aspecto, é a multiplicação das referências a Frei Agostinho, não a partir de uma leitura directa da obra, mas repetindo, sem trabalho crítico, os estudos já realizados. [37] Como consequência de ambos, a natureza transformou-se, parece-nos, numa tentação e num obstáculo a que se lesse a obra com um olhar mais livre.

Quanto à segunda questão, a da dificuldade em classificar a poesia de Frei Agostinho como poesia mística, também ela, embora sendo uma problemática mais complexa, ou por isso mesmo, tem merecido a atenção de vários autores. "Mística a poesia de Frei Agostinho da Cruz?" [38] pergunta, em 1971, Maria de Lourdes Belchior, partindo do pressuposto de que "Mística é a poesia que tenta dar expressão a uma experiência de Deus, extraordinária e inefável" [39]. E, no fim do artigo, conclui:

> "Sisuda e austera, a poesia de Frei Agostinho da Cruz é um doloroso canto de agonia, que só na morte se aquietará. Poesia mística? Os indícios, que as pesquisas, de reduzido âmbito embora, alcançaram fixar, são escassos; outros sinais hão-de ainda procurar-se na obra deste poeta capucho do séc. XVI, com vista a determinar se no seu verso se comunica ou não uma experiência mística." [40]

---

[36] Cf. QUADROS, José Caetano de Mesquita e — *Vida do veneravel padre Fr. Agostinho da Cruz*. Lisboa: Regia Oficina Tipografica, 1793, p. 57.

[37] Os exemplos mais flagrantes são — até pelas suas características — os artigos de enciclopédias e dicionários; mesmo quando esse dicionário é o *Dicionário de História da Igreja em Portugal*! (Cf. CASTRO, Aníbal Pinto de — Agostinho da Cruz. In *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Dir. de A. A. Banha de Andrade. Lisboa: Resistência, 1980, vol. 1, p. 62-63.)

[38] BELCHIOR — Poesia, p. 44.

[39] *Ibidem*, p. 45.

[40] *Ibidem*, p. 70-71.

Ao contrário de Lourdes Belchior, António Cirurgião não parece ter tido dificuldade em encontrar os *indícios* que àquela autora faltaram, ainda que fale de via purgativa, iluminativa e unitiva como divisões da *vida ascética* e não da *vida mística,* evocando, em nota, a advertência de Maria de Lourdes Belchior. Para ele, as três vias aparecem de modo muito claro nos seguintes tercetos: "Determinei dos valles montezinhos/ (Que da ribeira já tinha fugido,/ Trocando lirios seus pelos espinhos),// Buscar algum lugar tão escondido,/ Debaixo de tão altas penedias,/ Que nem pudesse ouvir, nem ser ouvido." [41]

> "Reparando bem — explica — nos dois tercetos citados, vê-se uma referência clara a três fases distintas na vida do poeta: na primeira fase, que poderíamos fazer corresponder à via purgativa ou purificativa, vivia o poeta na «ribeira» (terra natal ou Ponte da Barca?!); na segunda fase, correspondente à via iluminativa, vivia nos «vales montezinhos» (serra de Sintra?!); e na terceira fase, correspondente à via unitiva ou contemplativa, vivia o poeta num «lugar tão escondido/ Debaixo de tão altas penedias» (serra da Arrábida?!). Neste «lugar tão escondido» não podia ouvir as vozes dos homens nem os homens podiam ouvir as suas vozes, o que quer dizer que o poeta-monge [*sic*] vivia recolhido em Deus, unido a Ele e em sua contemplação. Por outras palavras, tinha atingido o último degrau do caminho da perfeição."[42]

Ora, é esta estranha clareza que Belchior não vislumbra, afirmando que não há "sinais visíveis e inequívocos de uma experiência mística" [43] na poesia do capucho arrábido e que, se existem, são mais

---

[41] CRUZ — *Obras,* p. 65.
[42] CIRURGIÃO — *Frei Agostinho,* p. 33.
[43] BELCHIOR — Poesia, p. 53.

manifestação de um desejo do que "ecos de uma experiência mística" [44] a comunicar-se.

Muito antes de Belchior, já Teófilo Braga manifestara na *História dos Quinhentistas* a opinião de que: "O amor divino em Frei Agostinho da Cruz é penitente e não apaixonado; o transporte mystico falta-lhe, supre-o com as reflexões moraes, frias, mas convictas." [45], o que reafirma no artigo *Poesia mystica portugueza*, classificando Frei Agostinho como poeta espiritual, por contraposição a Santa Teresa e S. João da Cruz, poetas místicos: "A poesia mystica é o grito da alma absorvida pelo infinito; a poesia espiritual não tem paixão, é mais descriptiva do que lyrica" [46], e escreve: "Estes são os poetas do extasis, da voluptuosidade do passamento; Frei Agostinho da Cruz é o poeta da penitencia, cada strophe é um gemido de mortificação." [47]

Depois de Teófilo Braga, em 1919, Hemetério Arantes, em *Notas à margem da Historia dos Quinhentistas,* fez a mais radical e pronta negação do misticismo de Frei Agostinho, afirmando:

> "A sua ascese poetica não se differencía da de seu irmão Diogo Bernardes, quando, captivo em África, compunha os cinco sonetos ás cinco Chagas de Jesus. Um e outro eram vencidos, um e outro desilludidos: atiravam com a alma para o ceu, porque a terra lhes tinha sido madrasta [...]" [48]

---

[44] *Ibidem,* p. 57.

[45] BRAGA — *Historia dos,* p. 321.

[46] IDEM — Poesia mystica portugueza. *Revista contemporanea de Portugal e Brazil.* Lisboa. 5 (1864) 640-648. Reimp. Lisboa, 1965, p. 643.

[47] *Ibidem,* p. 642. Repetirá este artigo, com supressões e acrescentos, na terceira parte do estudo *Poesia mystica amorosa*: Cf. IDEM — A poesia mystica amorosa. In IDEM — *Estudos da Edade Media.* Porto; Braga: Livraria Internacional Chardron, 1870, p. 168-182.

[48] ARANTES — *Frei Agostinho,* p. 39.

e, mais à frente:

> "A poesia mystica estreme tem uma origem e sobretudo uma expressão plastica diversíssimas. Os versos de Frei Agostinho da Cruz, embora religiosissimos, não eram inspirados por uma disposição espiritual tendendo constitucionalmente para o mysticismo [...]" [49]

Perante afirmações de tal teor, Costa Pimpão, em 1940, na revista *Biblos,* comentou: "O problema [...] é de alto interêsse e merecia ser tratado por quem pudesse versar com competência as matérias relativas aos estados místicos, e sua expressão." [50] Sem as versar, mas apontando o problema, António José Saraiva e Óscar Lopes, nas curtas linhas que dedicaram ao poeta, encontraram tempo e espaço para o resolver: "Poeta religioso, Fr. Agostinho não chega a ser literàriamente um místico." [51] Só que, se uma boa intuição pode ser um bom começo, não prova nem demonstra aquilo que intui. Maria Eugénia Ferreira sabia-o e, antes de formular a sua opinião sobre o problema, foi a única autora que se preocupou em expor definições, diferenças e relações entre mística, seus estados e vias, e ascese, para concluir:

> "A poesia de Fr. Agostinho é, acima de tudo, de carácter ascético [...] Contudo, nada podemos deduzir daqui em ordem à própria pessoa do Poeta; sem dúvida que ele atingiu um altíssimo grau de contemplação — se alcançou ou não a «união mística», nada nos permite afirmá-lo. De resto, em Literatura, o problema só seria capital se o víssemos em função daqueloutro, por agora insolúvel, e que importaria, sem dúvida, estudar profundamente: o problema da existência, em Literatura portuguesa, de escritos com carácter exclusiva ou predominantemente místico." [52]

---

[49] *Ibidem,* p. 40.
[50] PIMPÃO, Costa — Frei Agostinho da Cruz. *Biblos.* Coimbra. 16 (1940) 302.
[51] SARAIVA — *História*, p. 271.
[52] FERREIRA — *O sentimento*, p. 28.

Uma conclusão que não impediu, como vimos, que uns anos mais tarde Maria de Lourdes Belchior recolocasse a questão.

Mesmo sem termos a intenção de a discutir e muito menos a pretensão de a resolver, julgamos que o enquadramento da meditação da Paixão nos modos da oração mental deixa um contributo significativo para os que quiserem retomar a discussão do problema.

Neste estudo, procurámos sempre subsidiar a abordagem histórica e teológica com a indispensável análise literária e, tentando conduzir o trabalho com o maior rigor possível (continua-se à espera de uma edição crítica de toda a obra do poeta) [53], adoptámos o seguinte critério: para os sonetos e elegias utilizámos a recente edição crítica de António Gil Rafael [54] que, no estabelecimento crítico das composições referidas, como notou Luís de Sá Fardilha [55], pouco acrescenta ao trabalho de Vítor Manuel Aguiar e Silva [56]. No que diz respeito aos sonetos e elegias, o ilustre professor corrige significativamente a edição de Mendes dos Remédios, edição que usámos para as restantes

---

[53] Para Vítor Aguiar e Silva, Frei Agostinho da Cruz é um caso paradigmático dos problemas de crítica textual que se colocam quando se estuda a autoria dos textos da lírica da última década do séc. XVI e dos primeiros anos do séc. XVII. Cf. SILVA — *Maneirismo,* p. 52-67.

[54] Cf. CRUZ — *Sonetos.*

[55] Cf. FARDILHA, Luís de Sá — [Rec. a] CRUZ, Agostinho da — Sonetos e elegias. Estudo, estabelecimento crítico do texto e notas de António Gil Rafael. Lisboa: Hiena Editora, 1994. *Via Spiritus.* 1 (1994) 249-252.

[56] Cf. SILVA — *Maneirismo,* p. 52-67. As composições inéditas do manuscrito 7691 da Biblioteca Nacional de Lisboa, apresentadas em *Apêndice*, foram de novo publicadas por Maria Teresa Leal de Martínez, facto para o qual a autora dá, em nota, a seguinte explicação: «Este breve trabalho de apresentação do cancioneiro e edição dos inéditos — sem estudo crítico — estava pronto para a imprensa a princípios de Outubro. A esta altura fomos informados que um ilustre professor português lançaria em poucas

composições referidas e citadas (éclogas, cartas, odes, etc.), atentos, mais uma vez, aos contributos de Aguiar e Silva.

Pelas dúvidas que têm levantado, e porque carecem de confirmação de autoria, não tivemos em conta nenhuma das composições escritas em castelhano.

Por isto, queremos deixar expressa a consciência que temos do quanto foi temerário desenvolver, como agora o é apresentar, um trabalho a partir de uma obra que espera ainda uma edição crítica completa. Nós mesmo deixamos aqui assinaladas, em apêndice, certas dúvidas quanto a algumas composições, sendo que, no caso dos *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora* e das oitavas *Beati qui lugent*, dizer que temos dúvidas é até sermos pouco rigorosos. Mas lançarmo-nos nós nessa empresa de uma edição crítica completa, era tarefa que ultrapassava em muito a nossa capacidade e saber.

Que desta temeridade, ao menos alguma coisa aproveite àqueles que sobre este autor e matérias vierem a empreender trabalhos futuros.

---

semanas uma publicação contendo os seis poemas inéditos do Manuscrito da B.N.L. Achamos justo e devido dar outra orientação aos nossos estudos agostinianos e aguardar — dando a palma a seu dono — a referida publicação. Sem que pretendamos roubar os louros aos investigadores, que antes de nós, se aperceberam do valioso conteúdo do manuscrito de Frei Agostinho da Cruz da B.N.L., decidimos publicar os inéditos, por razões profissionais e de responsabilidade com o organismo que nos dá o subsídio para investigações [a Fundação Calouste Gulbenkian]» [MARTÍNEZ, Maria Teresa Leal de — Um cancioneiro de Frei Agostinho da Cruz. *Ocidente*. Lisboa. 82 (1972). Separata, p. 7-8.]

CAPÍTULO I

A VIDA E A CONVERSÃO DE FREI AGOSTINHO: ENTRE A APRENDIZAGEM E O ENSINO DA CRUZ

Como dissemos na introdução, mais do que apresentar os dados biográficos de Frei Agostinho da Cruz, neste capítulo interessa-nos avaliar a relação que, desde cedo, se estabeleceu entre a obra e a biografia, e o modo como, em grande medida, a primeira tem andado subordinada e reduzida a subsidiária da segunda, sobretudo quando e porque se tem procurado descobrir, a partir dos versos, o motivo ou motivos da conversão de Agostinho Pimenta.

A nós, importa-nos, invertendo esta tendência, alertar para as distorções que uma tal leitura tem provocado, e para aspectos que essa abordagem tem deixado desprezados ou esquecidos.

1. De Agostinho Pimenta a Frei Agostinho da Cruz: a importância da Casa de Aveiro e os *motivos da conversão*

Frei Martinho de Santa Maria, fundador do convento da Arrábida, era natural de "Villa de Santo Estevão del Puerto, no Reyno, e Bispado de Jaen" [57], filho de D. Francisco de Benavides e de Dona Maria Carrilho Córdova e Velasco [58]. Entrou para o convento de S. Francisco da sua terra natal, fundado por seu irmão D. Diogo Sanches Benavides, e fez o noviciado no convento de S. Francisco de Vila de Veas de Segura, onde professou [59]. Passados vinte anos, foi para Roma "com o sentido de viver entre os Capuchinhos Barbados, cuja Reforma então florecia com os estrondosos eccos, que a fama lhe dava de muito penitente" [60]. Alguns anos depois, retirou-se do convento para fazer uma novena no santuário da Senhora de Guadalupe, em Espanha. Aí foi encontrado, numa romagem, por D. João de Lencastre, primeiro Duque de Aveiro que, travado conhecimento, lhe ofereceu a serra da Arrábida para que pudesse dar cumprimento ao desejo que manifestara de uma vida eremítica [61]. Satisfeito todo o processo para a aceitação e integração da ermida da Arrábida na Ordem de S. Francisco, Frei Martinho foi habitá-la a 29 de Setembro de 1539 [62].

---

[57] PIEDADE — *Espelho*, p. 6.
[58] Cf. *Ibidem*, p. 5.
[59] Cf. *Ibidem*, p. 8-9.
[60] *Ibidem*, p. 10.
[61] Cf. *Ibidem*, p. 13-16.
[62] Cf. *Ibidem*, p. 35.

Um ano depois, em 1540[63], nasceu Agostinho Pimenta (Frei Agostinho da Cruz), em Ponte da Barca[64]. Irmão do poeta Diogo Bernardes.

---

[63] A data do nascimento de Frei Agostinho da Cruz não nos é apresentada expressamente pelo cronista, mas conclui-se dos dados referidos pelo mesmo autor. Os dados são os seguintes: "Nunca quiz aceitar Guardianîas, sendo algumas vezes eleito para ellas, porèm quando jà contava quarenta e cinco annos de Habito, sobre vinte de idade [...] aceitou a do Convento de S. Joseph de Ribamar." (p. 925); "Em dia do glorioso S. Joseph do anno de 1605 lhe deu o Provincial a licença [de vida eremítica na serra da Arrábida], por cuja circunstancia elle a julgou mysteriosa." (p. 926); "Perseverou nelle [eremitério] quatorze annos continuos, que lhe restarão de vida, sem que moderasse as rigorosas penitencias que fazia" (p. 928); "Foy seu ditoso transito na noite de 14 de Março do anno de 1619." (p. 931-932); "Tinha setenta e nove annos de idade, e cincoenta e nove de Habito, dos quaes quatorze empregou Eremita na Serra da Arrabida." (p. 933). Portanto, fazendo contas, resulta destes dados que, se tinha 79 anos quando faleceu em 1619, nasceu em 1540; tomou o hábito em 1560, com 20 anos de idade; foi Guardião do convento de S. José de Ribamar aos 65 anos e, com a mesma idade, em 1605, subiu à serra para seguir vida eremítica.

Inocêncio F. da Silva no seu *Dicionário bibliográfico português* (Cf. SILVA, Inocêncio Francisco da — Agostinho da Cruz. In IDEM — *Diccionario bibliographico portuguez.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, vol. 1, p. 15), diz que num dos manuscritos da poesia de Frei Agostinho, do século XVII (a *Crónica* é do século XVIII), se lê que falecera com 77 anos. Mas a ser assim, todos os dados do cronista deixariam de ter sentido.

[64] A questão da naturalidade de Frei Agostinho e do seu irmão Diogo Bernardes deu origem a uma extensa discussão entre os que apontavam como terra-berço dos poetas Ponte de Lima e os que argumentavam a favor de Ponte da Barca. Num trabalho começado a publicar na revista *Acção Católica* de Braga, no número de Agosto-Setembro de 1938, e continuado, por partes, até Dezembro de 1940, o padre Avelino de Jesus Costa faz uma apresentação da questão e do seu desenvolvimento, expõe os argumentos a favor e contra Ponte de Lima e os argumentos a favor de Ponte da Barca, tendo sobretudo em conta os contributos de Álvaro Pimenta da Gama, Delfim Guimarães, Gomes de Abreu e José Sousa Machado, aos quais junta novos argumentos e novos contributos documentais. (Em apêndice, apresentamos um índice do estudo, onde se poderá avaliar com mais detalhe a sua estrutura).

É um trabalho infelizmente incompleto, pois a promessa que o *continua* parentizado, no fim da publicação de Novembro de 1940, deixava aos leitores, acabou por não se cumprir. Ficava assim por completar a biografia de Diogo Bernardes e completamente por fazer a biografia de Agostinho Pimenta. De qualquer modo, se já com os trabalhos dos autores acima nomeados, ou de Hemetério Arantes (Cf. ARANTES — *Frei Agostinho*) e de Carolina Michaëlis de Vasconcelos (Cf. VASCONCELOS — A questão, p. 172-176), tinham ficado poucas dúvidas quanto à maior justeza dos argumentos a

"apenas principiava Agostinho a contar os annos da puericia [65], o accommodarão seus pays no serviço do Infante D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, e da Senhora Dona Isabel, Fundadora do nosso Convento de Santa Catharina de Ribamar." [66]

---

favor de Ponto da Barca — ao ponto de Teófilo Braga ter corrigido, na História da Literatura Portuguesa (Cf. BRAGA, Teófilo — *História da literatura portuguesa*. Lisboa: INCM, 1984, vol. 2, p. 264), o dado que fornecera na História dos Quinhentistas (Cf. IDEM — *Historia dos*, p. 311) — com o trabalho da padre Avelino a questão parece definitivamente ultrapassada. Cf. COSTA, Avelino de Jesus da — Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz. *Acção Católica*. Braga. 23 (1938) 463-489; 24 (1939) 21-35, 280-283, 480-508, 218-626; 25 (1940) 89-109, 133-141, 495-503, 555-571, 625-635.

[65] Mendes dos Remédios diz que contava com quinze anos: Cf. REMÉDIOS — Fr. Agostinho, p. 11. Teófilo Braga diz que contava com menos de dezasseis anos: Cf. BRAGA — *Historia dos*, p. 313.

[66] PIEDADE — *Espelho*, p. 924. O Infante D. Duarte, pai (Cf. SOUSA, António Caetano de — *Historia genealogica da casa real portugueza*. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1737, vol. 3, p. 421-431), nasceu em Lisboa a 7 de Setembro de 1515 e faleceu a 20 de Outubro de 1540. Era filho do Rei D. Manuel e da Rainha Dona Maria, irmão de D. João III e do Cardeal D. Henrique e teve por seu Mestre André de Resende. Segundo Caetano de Sousa: "Na Poesia vulgar compoz sentenciosamente; guardando as regras Poeticas. Era inclinado à Musica, e tão sciente, e destro nesta arte, que cantava todo o papel sem o ter visto." (*Ibidem*, p. 424.) A 21 de Agosto de 1536, na cidade de Évora, casou com a Infanta D. Isabel, filha do Senhor D. Jaime e da sua primeira esposa, a Duquesa D. Leonor de Mendonça [sobre D. Jaime e a sua filha D. Isabel: Cf. *Ibidem*. Lisboa: Officina Sylviana, 1738, vol. 5, p. 467-604. Recorde-se a íntima relação de D. Jaime com a Província da Piedade, de que foi patrono: "Depois de fundar algumas casas em Castela, em 1500 veio Fr. João de Guadalupe a Portugal, onde D. Jaime, duque de Bragança, lhe fundou convento a meia légua de Vila Viçosa, em sítio onde existia uma antiga ermida dedicada a Nossa Senhora da Piedade. Esta mesma foi a invocação da nova casa e o título da província. Tanto prestígio alcançaram estes religiosos no ânimo de D. Jaime, que este pretendeu professar o mesmo instituto, o que muito desgostou a D. Manuel." (ALMEIDA, Fortunato de — *História da Igreja em Portugal*. Porto-Lisboa: Livraria Civilização, 1968, vol. 2, p. 168.)] Da união de D. Duarte e D. Isabel nasceram a Senhora D. Maria, a Senhora D. Catarina e o Senhor D. Duarte (Cf. SOUSA, *Historia*, vol. 3, p. 437-439) que, para além de Agostinho Pimenta, teve também, ao seu serviço, entre outros, Pedro de Andrade Caminha. Diga-se, finalmente, e por mera curiosidade, que nem o pai nem a mãe nem o filho ficaram sepultados nalguma casa da Província da Arrábida: O Infante D. Duarte, pai, ficou sepultado no Mosteiro de Belém — o seu confessor era o padre Fr. Miguel de Oliveira, religioso da Ordem de S. Jerónimo — (Cf. *Ibidem*, p. 429); D. Isabel, que faleceu em Vila Viçosa a 16 de Setembro de 1576, foi sepultada "no Coro das Freiras das Chagas da dita Villa", segundo o epitáfio: "pela muita devoção, que teve a esta Casa" (*Ibidem*, p. 431); e D. Duarte, o filho, falecido a 28 de Novembro de 1576, foi sepultado "no Collegio da Companhia de Evora debaixo da sepultura, que se lavrou para seu tio o Cardeal Rey" (*Ibidem*, p. 439.)

Segundo José Caetano de Mesquita e Quadros [67], seguido por José Maria da Costa e Silva [68], Teófilo Braga [69], Mendes dos Remédios [70] e Teixeira de Pascoaes [71], foi aí que Frei Agostinho teve contacto com os fidalgos da Casa de Aveiro, o Duque D. Álvaro de Lencastre, sobrinho do 1.º Duque de Aveiro, D. João de Lencastre, e com o filho de D. Álvaro, D. Jorge, Duque de Torres Novas. Deste convívio resultaria um especial afecto da casa de Aveiro por Frei Agostinho, como neste passo nos refere a *Crónica*:

> "Ainda que os Duques, que temos referido, fossem os que sómente escolherão sepultura neste Convento, pela muita devoção, que tiverão ao nosso Estado, e Refórma: não forão com tudo menos extremosos em nos venerarem, todos os que se prezarão do appellido de Lancastro, ou conservarão em suas veas, e ainda conservão o sangue desta Real prosapia, como veremos no discurso desta Historia, que supposto seja nossa pelos effeitos, não deixa tambem de ser sua pelos affectos. Destes experimentarão entre todos conhecidas ventagens, os Veneraveis Fr. Agostinho da Cruz, Fr. Diogo dos Anjos, e Fr. Francisco dos Reys, sepultados neste Convento, que não quizerão os Duques, que se apartassem delle na morte, quando o tinhão procurado para o habitarem com tanta ancia na vida." [72]

---

[67] Cf. QUADROS — *Vida*, p. 5-6.

[68] Cf. SILVA, José Maria da Costa e — *Ensaio biográphico-crítico sobre os melhores poetas portuguezes.* Lisboa: Imprensa Silviana, 1851, vol. 2, p. 229-230.

[69] Cf. BRAGA — *Historia dos*, p. 313.

[70] Cf. REMÉDIOS — *Fr. Agostinho*, p. 12.

[71] Cf. PASCOAES, Teixeira de — *Os poetas lusíadas.* Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 114-115.

[72] PIEDADE — *Espelho*, p. 92.

E noutro passo ainda:

> "Vivia neste tempo [em que Frei Agostinho conseguiu licença para seguir vida eremítica] nos seus Paços de Azeitão o Duque de Aveiro D. Alvaro de Lancastro; e não só por ser Padroeiro do Convento da Arrabida, e grande devoto nosso, como pelos particulares affectos, que este Servo de Deos nelle sempre reconhecera, o foy visitar, e darlhe noticia da sua resolução." [73]

Reciprocamente, também o poeta arrábido não deixou de ter especialmente presentes algumas figuras daquela Casa, e uma parte substancial da sua obra documenta a estreita relação de Frei Agostinho com os membros dessa progénie governada pelo "excelente príncipe e sereníssimo Senhor Dom Álvaro de Alencastro, Duque de Aveiro" [74] a quem Diogo Bernardes dedica *O Lima*, no que achou "o Padre, meu irmão, Fr. Agostinho da Cruz, Capucho da Arrábida, súbdito de Vossa Excelência, desta minha mesma opinião: o que claro se vê nesse Soneto seu, que aqui fiz imprimir [...]" [75]: "O povo, cujo aplauso recebeste,/ Vendo teu brando *Lima* dedicado/ A Príncipe real, claro, excelente,// Louvará muito mais quanto escreveste." [76]

A confirmar essa estreita ligação de Frei Agostinho com os Duques de Aveiro há, também, uma forte presença, ao longo das éclogas, das figuras pastoris de Lauro e de Liana, isto é, de D. Álvaro e D. Juliana de Lencastre, como mostrou Delfim Guimarães ao esclarecer "quaes foram as personagens reaes que o poeta alvejou sob essas

---

[73] *Ibidem*, p. 926-927.

[74] BERNARDES, Diogo — *O Lima: églogas*. Lisboa: Emprêsa Diário de Notícias, 1923, vol. 1, p. 1.

[75] *Ibidem*, p. 3.

[76] *Ibidem*, p. 5. Na edição de António Gil Rafael, vem na página 151.

mascarilhas" [77], contributo precioso, até agora pouco ou nada aproveitado para um entendimento mais certeiro das éclogas. Segundo a explicação desse "primeiro plumitivo a aclarar" este *mistério*, Lauro é um *anagrama perfeito* de Alvro, forma sincopada de Álvaro, usada pelo irmão do poeta, Diogo Bernardes, no soneto CXIII das *Rimas Várias*; e Liana é o nome pastoril tirado das últimas sílabas do nome da esposa de D. Álvaro, Dona Juliana de Lencastre, filha de D. Jorge de Lencastre, 2.º Duque de Aveiro. A sustentar a justeza das suas observações, Delfim Guimarães apresenta dois factos: o primeiro, as várias referências à *cruel guerra* que Liana fizera a Lauro, ao ponto de Limabeu dizer que o seu nome andou trocado de Liana em *Liona* [78], referências que concordam com o que António Caetano de Sousa nos diz, por mais do que uma vez, sobre as dificuldades de relação entre ambos, no livro

---

[77] GUIMARÃES, Delfim — «Lauro» e «Liana». *Arquivo Literário.* Lisboa. 4: 13 (1926) 56. Publicado em 1927.

[78] Na écloga piscatória VIII, Limabeu dialoga com Lauro, propondo-se cantar uns versos que cantou na Sampeneda. Lauro pede-lhe que cante antes versos de amor e, se lhe parecer melhor, que cante mesmo o amor dele, Lauro: "Ah! não danes com versos sem sabores/ Huma tarde, que tarde me acontece:/ Se queres cantar bem, seja d'amores.// E se de todos inda te parece/ Melhor cantar do meu justo, e suave,/ (Que do mal que me fez já se conhece)// Não queiras que com rogos mais te aggrave,/ Nem deixes de cantar, posto que vejas/ Lagrimas derramar, em que me lave." (CRUZ — *Obras*, p. 58.) Limabeu lembra-lhe, então, que de nada serve cantar — agora que para Lauro é tempo de bonança — os tempos de tempestade, tempo dos agravos sem razão, do amor não correspondido, tempo onde os remos lhe faltaram, trazendo-o "De perigo em perigo navegando,/ Alagado no mar dos sentimentos." (*Ibidem*, p. 59). E todo este perigo por causa de Liana a quem Limabeu se dirige, nestes termos: "Em que fera, em que pedra não soava/ O teu nome, Liana? que serpente,/ Se de parir deixou, não te criava?// Desviado teu nome andou da gente/ De Liana em Liona: nem m'espanto,/ Pois tratavas teu sangue [*D. Àlvaro, já o dissemos, era primo co-irmão do pai de D. Juliana*] cruelmente." (*Ibidem*, p. 59-60.) Ao que Lauro responde: "Desejoso de ouvir suave canto/ Te roguei que de amores me cantasses,/ E tu provas de amor reprovas tanto." (*Ibidem*, p. 60.) E prossegue dizendo que se Limabeu tivesse sido pescado pelas redes do enamoramento, não estimaria assim tão pouco os queixumes de amor, nem se queixaria deles, mas antes

XI da *Historia genealogica da Casa Real Portugueza*, no capítulo V, dedicado a D. *Alvaro de Lencastre, e Dona Juliana de Lencastre, III. Duques de Aveiro* [79]; o segundo, é o facto de a transformação do comportamento de Liana e o amor entre esta e Lauro serem cantados na écloga piscatória X, que é composta *Ao nascimento de D. Jorge de Lencastre* [80], o primeiro filho varão de D. Álvaro e D. Julinana.

A estes dados, assinalados por Delfim Guimarães, em 1927, podemos nós, hoje, juntar uma das éclogas do manuscrito BNL FG 7691, publicada por Aguiar e Silva, em 1971. É a écloga intitulada *Limabeu e Almilão*. Cantando estes dois pastores o amor de Lauro e de Liana, e fazendo referência a um facto que, mais uma vez, aponta para a história da difícil relação entre D. Álvaro e D. Juliana,

"Da sua [81] patria Lauro desterrado
buscar se foi Liana emdureçida
Liana de tornar tão esqueçida
quanto Lauro de ser dela deixado.
Foilhe pedir aquella mesma uida

"Passou D. Alvaro de Lencastre à Corte de Madrid por ordem de sua mãy [D. Violante Henriques], a seguir esta pretenção [suceder na casa de Aveiro a D. Jorge, pelo casamento com a sua filha D. Juliana], porém difficultava muito o ajuste deste negocio

---

o ajudaria a apanhar ameijoas e mexilhões "Arrancando preseves, que pretendo/ Levar para Liana este cestinho,/ Que veja se m'esqueço, não a vendo." (*Ibidem.*) Limabeu prontifica-se, então, a ajudá-lo e promete dar-lhe também um passarinho. Em seguida, fala do modo como ornarão o cesto. O diálogo termina com Limabeu a revelar a Lauro que na sua lapa irá, diante duma cruz, rezar por ele e por Liana: "Alli depois que deixo de accusar-me,/ E de tomar da vida conta estreita,/ Propondo na futura melhorar-me;// Diante de huma Cruz, que se foi feita/ Por mãos da natureza, me suspende/ Na causa do porque foi tão perfeita,// Primeiro que alguns outros encomende/ A Deos, dous corações num convertidos/ Minh'alma offerecer alli pretende." (*Ibidem*, p. 63.)

[79] Cf. SOUSA, António Caetano de — *Historia genealogica da Casa Real Portugueza*. Lisboa: Na régia officina Sylviana, e da Academia Real, 1745, vol. 11, p. 83-105.

[80] Cf. CRUZ — *Obras*, p. 70-76.

[81] Seguimos, neste vocábulo, a lição de Maria Teresa Martínez. Como bem nota, apesar de no manuscrito se ler *tua*, deve ler-se *sua*, pois é Lauro o sujeito de *buscar se*. Cf. MARTÍNEZ — Um cancioneiro, p. 26.

da qual por ella estaua ja priuado e quando finalmente lha não desse de q.^{m} de qua morria lá morresse." [82]

D. Juliana deLencastre; porque resolutamente publicava, que não queria casar com seu tio, tal vez fomentada de pessoas pouco consideradas." [83]

Almilão conclui a écloga falando "Daquellas tenrras plantas floreçidas", isto é, de duas das filhas de Lauro e Liana, ou melhor, dos terceiros Duques de Aveiro, as filhas Madalena e Mariana:

> "Daquellas tenrras plantas floreçidas
> desejo de cantar grandes louuores
> graças dadas do Ceo nouos fauores
> de que uinhão nasendo ja uestidas
> as ninfas destes ualles de mil flores
> capellas que lhe leuem tem colhidas
> e posto que Madalena he mais mimosa
> darão a Mariana a mais fermosa." [84]

Este convívio com os Duques de Aveiro [85], e o contacto com os frades Arrábidos, de cujo convento os Duques eram padroeiros, aparentemente iniciados na Casa da fundadora do convento de Santa Catarina de Ribamar, tiveram, certamente, conforme sugerem os seus biógrafos, um papel importante na opção tomada por Agostinho

---

[82] CRUZ — Apêndice, p. 523.

[83] SOUSA — *História*, vol. 11, p. 91.

[84] CRUZ — Apêndice, p. 524.

[85] A importância da casa de Aveiro merecia, por si só, uma atenção à parte. Basta lembrar a ligação de D. João de Lencastre a Simão Gomes, o sapaterio [Cf. CARVALHO, José Adriano de F. — Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «Sapateiro Santo» (1516-1576). In *ESPIRITUALIDADE e Corte em Portugal (séculos XVI a XVIII)*. Porto: FLP-ICP, 1993, p. 238], ou a ligação de Simão Lopes, esmoler do Duque de Aveiro, e de D. Helena e D. Isabel de Lencastre, irmãs do Duque de Aveiro, aos círculos iluminados [Cf. DIAS, José Sebastião da Silva — *Correntes de sentimento religioso em Portugal, (séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra-Instituto de Estudos Filosóficos, 1960, p. 377.]

Pimenta de vestir o hábito dos frades arrábidos, em 1560 [86], com vinte anos de idade, respondendo dessa forma, na opinião de José Caetano de Mesquita e Quadros, ao apreço que tinha pelo frade Arrábido Frei Jacome Peregrino, o *Tio* [87], e ao facto de ter tido nalgumas pretensões:

> "o sucesso menos feliz: os amigos a quem se prendia muito estreitamente pela ternura, e bondade de seu coração, lhe não correspondião como elle lhes merecia: tudo isto lhe trazia muitas vezes á lembrança, que o voltasse de todo para quem lho aceitasse seguramente, e lhe pagasse com muita vantagem. De todos os seus escritos se entende facilmente, quanto temos observado sobre os motivos da sua conversão." [88]

De todos os seus escritos se entende facilmente é maneira muito descuidada de dizer [89]. Certo é, no entanto, que os esboços biográficos

---

[86] Nesse mesmo ano, foi criada a Província da Arrábida pelo Breve *Sicut aliquando exposuit*, de 10 de Maio, no primeiro ano do pontificado de Pio IV, e executado a 22 de Dezembro. Cf. PIEDADE — *Espelho*, p. 257-261.

[87] José de Caetano de Mesquita e Quadros na sua *Vida do venerável padre Fr. Agostinho da Cruz*, escreve que "Vinhão elles [os Arrábidos] com muita continuação a casa da senhora Infanta [Dona Isabel], com muita continuação, e mais que todos o veneravel Fr. Jacome Peregrino, o Tio [...] cuja conversão he das mais admiraveis que se lê [Cf. *Ibidem*, p. 265-270.] A este, a quem Agostinho Pimenta ouvia pregar com edificação, e tratava muitas vezes, pedio o habito da sua Provincia, e elle com licença da Senhora Infanta lho deo de muito boa vontade." (QUADROS — *Vida*, p. 8-9.)

A Frei Jacome chama o cronista uma universidade de virtudes ("das virtudes era elle só uma universidade") e informa que: "Completos os estudos [em Salamanca], veyo para a Custodia, e instituido Prègador, o foy tão insigne, e Apostolico, que as Igrejas onde se sabia que prègava, jà ao amanhecer se achavão occupadas de gente, e principalmente na Cidade de Lisboa, aonde intimando o desprezo do Mundo, na fórma do Habito tão vil, em que o vião vestido, e reprehendendo com fervoroso espirito os vicios, forão tantas as conversoens, que fez de peccadores errados, que muitos para perseverarem mais firmes no seu arrependimento, procuravão as Religioens, e só na Custodia mais de trinta tomarão Habito, parecendolhes mais conveniente sofrerem os seus nimios rigores, que atè então os intimidavão, do que servirem a hum Mundo, cujos enganos elle discretamente lhes affeava." (PIEDADE — *Espelho*, p. 269.)

[88] QUADROS — *Vida*, p. 7-8.

[89] Sobre o mesmo passo, Mendes dos Remédios observa: "Percebe-se nestas palavras o que quer que seja com pretensõis a responder a uma interrogação, que todos

que se seguiram não deixaram nunca de servir-se da obra do poeta para colmatar a ausência de informações *sobre os motivos da sua conversão* e, inclusive, para romancear a sua vida [90]. Comungando da facilidade de entendimento de José de Mesquita e Quadros, Hemetério Arantes dirá, com uma prontidão desconcertante, que "Não póde restar duvida de que Agostinho Pimenta abandonou o mundo por causa d'um amor infeliz e da guerra que, talvez por esse amor, lhe moveram." [91]. Para Arantes, Frei Agostinho

> "não tem, como os grandes penitentes, o horror instinctivo do mundo, dos seus enganos, das suas traições, do seu peccado [...] pelo contrario, Frei Agostinho da Cruz odeia-o e fugiu-lhe, porque o mundo o aggravou e lançou-se nos braços de uma ordem monática [*sic*] desilludido, como o naufrago se agarra a uma taboa de salvação." [92]

---

os espíritos a si próprios ham de fatalmente dirigir-se ao passarem êste váo da existência do famoso Arrábido. Duvido que alguem se dê por satisfeito. Sam vagas alusõis, que não explicam nada." (REMÉDIOS — *Fr. Agostinho*, p. 18.)

[90] Na mesma tentação cairá a recente edição crítica de António Gil Rafael [Cf. RAFAEL, António Gil — Filosofia e crítica textual. In CRUZ — *Sonetos*, p. 30-35], como muito bem notou, na sua recensão, Luís de Sá Fardilha: "O «esboço biográfico do poeta» (pp. 30-35) não faz mais do que repetir informações veiculadas pelos seus biógrafos setecentistas, caindo por vezes em interpretações biografistas da obra literária — uma atitude que está frequentemente na origem de equívocos e erros de interpretação. É este o caso da utilização que se faz de certos versos da écloga XII e do soneto II, nas páginas 30-31, os quais são objecto de uma montagem tendente a demonstrar que o jovem Agostinho Pimenta teria decidido ingressar na Ordem de S. Francisco bruscamente, «desencantado, talvez invejado, ou quem sabe, traído por aqueles que considerava seus amigos». Para lá da dificuldade — ou, até, impossibilidade — de datar com algum rigor as composições, as preocupações de rigor que o trabalho científico impõe aconselhariam a encarar de modo mais crítico as afirmações e as interpretações de José Caetano de Mesquita [...]". FARDILHA — [Rec a], 251. Na introdução à selecção que faz de poemas de Frei Agostinho, Augusto C. Pires de Lima já havia notado que "É sempre perigoso identificar as personagens e as situações bucólicas, e, nessa tarefa, tem-se praticado leviandades imperdoáveis." (LIMA — Prefácio, p. 11.) Mas, curiosamente, não encontramos, no restante do prefácio, as consequências de tal afirmação.

[91] ARANTES — *Frei Agostinho*, p. 34.

[92] *Ibidem*, p. 30.

E se se percorrerem as folhas dos jornais que, em Março de 1940, noticiaram a celebração do 4.º centenário do nascimento de Frei Agostinho da Cruz, ver-se-á que, apesar do tom encomiástico do espírito nacionalista e patriótico — "Ele é de Portugal inteiro. À Nação cabe, certamente, o dever de prestar homenagem à memória do lírico imortal, verdadeiro «Poverello» da península, glória da Igreja e das letras pátrias." [93] — esta questão não deixará de estar presente:

> "Na vida de Frei Agostinho da Cruz, há um ponto obscuro que ainda ninguém conseguiu esclarecer — o motivo que o levou a deixar o mundo e a refugiar-se na solidão, na contemplação da natureza, dos penedos da serra, das águas imensas do mar, da magestade infinita de Deus." [94]

Num poema publicado também por ocasião da celebração do IV Centenário, José Maria da Silva pergunta: "¿Que segredo haveria em sua vida?/ ¿Seria sua alma de dôr f'rida/ que a dar tal passo fosse então, forçado?// Se houve ele a ninguem o revelou/ só á serra é que um dia o confiou,/ e a serra bem avára o tem guardado." [95] Mas já antes se

---

[93] SETÚBAL vai festejar brilhantemente o 3.º centenário [*sic*, o jornal apresentaria a correcção no dia seguinte] do nascimento de Frei Agostinho da Cruz. *Novidades*. (13 Mar. 1940) 2.

[94] GAMITO, A. Manuel — O segrêdo de Frei Agostinho. *A Indústria*. (14 Mar. 1940) 1.

[95] SILVA, José Maria da — Poeta e monge, poema a Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense*. (27 Mar. 1940) 2. A propósito das comemorações do 4.º centenário do seu nascimento pode ver-se:

No jornal *Novidades*, para além da notícia já citada: uma antologia dos seus poemas, com anotações de Óscar Paxeco, publicada ao longo do mês de Janeiro: Cf. *NOVIDADES* (1; 4; 8; 10; 12; 13; 15; 19; 20; 22 Jan. 1940) 3-4; 5-6; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; e ainda: Cf. SETÚBAL e Frei Agostinho da Cruz. *Novidades*. (14 Mar. 1940) 1; Cf. FREI Agostinho da Cruz: letras e artes. *Novidades*. (17 Mar. 1940) 4.

No *Setubalense*, para além do poema de José Maria da Silva, já citado: Cf. POEMA (O) de Santos Cravina: em preito a Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense*.

podiam encontrar versos semelhantes, como é o caso do soneto intitulado *Fr. Agostinho da Cruz,* de António Carvalhal: "Poeta e monge! Triste fado o teu/ Fugir ao mundo em plena mocidade!/ Farto já de sofrer tanta maldade,/ Quiseste antes ficar perto do ceu.../// Longe dos homens, longe do ódio seu,/ Entre feras achaste só bondade.../ No doce amor divino e na humildade,/ Teu puro coração não mais sofreu." [96]

Esse *segredo*, esse *ponto obscuro*, de uma triste juventude farta de sofrer maldade, fugindo do ódio dos homens, se contraria a *facilidade de entendimento* de José Quadros, lança e continua a preocupação e o tentador desejo de tornar claros os tais *motivos da sua conversão*.

Para José Caetano de Mesquita e Quadros, como vimos, esses motivos foram a influência de Frei Jacome Peregrino, o *Tio*, e a ingratidão dos amigos. Para Teófilo Braga, curiosamente o único autor que se detém no primeiro dado apresentado por José Quadros, ignorando

---

(4 Mar. 1940) 2; Cf. CENTENÁRIO (O) de Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (6 Mar. 1940) 1; Cf. TAVARES, António — O IV centenário natalício do franciscano Frei Agostinho da Cruz: o lírico inspirado pela Musa Arrábida. *O Setubalense.* (6; 8 Mar. 1940) 2; 2. Cf. FERREIRA, João Maria — É preciso não esquecer. *O Setubalense.* (29 Fev.; 6; 7 Mar. 1940) 2; 1 e 6; 2. Cf. FREI Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (8 Mar. 1940) 1; Cf. FREI Agostinho da Cruz: as comemorações do seu centenário. *O Setubalense.* (9 Mar. 1940) 1; 6. Cf. FREI Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (12 Mar. 1940) 4; Cf. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de — Carta aberta ao Ex.mo Snr Juiz de Direito António de Magalhães Barros de Araújo Queiroz. *O Setubalense.* (12; 13; 14 Mar. 1940) 1; 2; 2. Cf. HOMENAGEM (A) a Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (14 Mar. 1940) 6; Cf. CONFERÊNCIA (A) do Prof. Vieira de Almeida. *O Setubalense.* (16 Mar. 1940) 4; Cf. CRAVINA, Santos — Padrão da Renascença, pró-IV centenário natalício de Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (19 Mar. 1940) 2; IDEM — A Cruz de Frei Agostinho, do poema «O místico da Arrábida». *O Setubalense.* (21 Mar. 1940) 2; AINDA Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (23 Mar. 1940) 2.

N'*A Indústria*, para além dos artigos de A. Manuel Gamito e F. Guerra, já citados: Cf. FREI Agostinho da Cruz. *A Indústria.* (9 Mar. 1940) 3; Cf. CENTENÁRIO (O 4.º) de Frei Agostinho da Cruz: programa das comemorações. *A Indústria.* (14 Mar. 1940) 7.

[96] CARVALHAL, António [et al.] — Esmeraldas & Rubins. *Arquivo literário.* Lisboa. 4: 13 (1926) 157. Publicado em 1927.

completamente o segundo, a sua conversão foi uma consequência do espírito sincero e impressionável de Agostinho Pimenta que, alucinado pelas pregações de Frei Jacome, se precipitou no vácuo:

> "O sincero e impressionavel Agostinho Pimenta maravilhava-se com as pregações de Frei Jacome, e allucinado por ellas, apresentou-se á Duqueza, padroeira do convento de Santa Catharina de Ribamar pedindo o habito de Capucho [...] Era triste vêr uma criança de vinte annos anullar uma vida ridente, e precipitar-se no vacuo." [97]

Para Arantes, a conversão de Frei Agostinho é o resultado de uma ferida aberta pela *Lança do Amor* e pela *Lança da Diffamação*. [98] Para Augusto Pires de Lima, que rejeita a primeira afirmação de Arantes, mas aceita a segunda: "Se não houve decepção amorosa, houve indubitàvelmente injustiças" [99]; uma opinião idêntica àquela manifestada por Manuel Gamito: "Da leitura da sua obra, rebuscando no íntimo do que o Poeta nos deixou de aspecto profano, encontra-se outra explicação [que não «os sentimentos fúteis do amor», a «paixão mal correspondida»]" [100] — e explica:

> "Um acto de provada deslealdade, a perversidade de uma traição, o veneno de uma calúnia, a mancha de uma grande ingratidão, deve ter produzido no espírito de Agostinho a crise que o determinou a deixar a vida do século e a refugiar-se na paz claustral, fugido do mundo e dos homens, em busca da verdadeira liberdade. [...] O poeta deve ter sido difamado, vencido, perseguido, desprezado, abatido injustamente [...]" [101]

---

97 BRAGA — *História dos*, p. 314.
98 Cf. ARANTES — *Frei Agostinho*, p. 40.
99 LIMA — Prefácio, p. 19.
100 GAMITO — O segrêdo, 1.
101 *Ibidem*.

Como estes autores, também Teixeira de Pascoaes hesitou em ver, no amor, a mágoa que "o exilou da alegria humana para as tristezas das solidões religiosas" [102], mas, surpreendentemente, não resistiu, nas mesmas páginas, a romancear a tristeza do poeta, num vasto salão frio, ao contemplar a dama fria e sorridente:

> "Pobre e divino Poeta! Estou a vê-lo na convivência dos fidalgos. Vejo-o alheado e triste, num vasto salão, à luz das tochas que sorri, como lábios de defunto, nos altos lustres lapidados. Vejo-o, entre figuras hirtas, que se movem e falam, abstracto e longe de si mesmo. É um silêncio aberto numa superfície de palavras ocas e lustrosas.
>
> Pobre e divino Poeta! A sua alegria falada de outros tempos, emudecera ante aquela dama fria e sorridente: — um bloco de gelo e formosura que se lhe cravou no coração. A imagem da primeira mulher amada e que não ama, petrifica, na nossa memória, em formas agudas e cruéis que a fazem sangrar eternamente.
>
> O poeta, desprezado e incompreendido, interiorizou-se nas cousas que o amaram, iluminadas de brandura e transparência, a suavizar-lhe as chagas abertas por femininas garras cor-de-rosa. Nestes momentos de queda redentora, em que *compramos a lágrimas quem nos vende*, — as árvores, as pedras e as estrelas têm para nós uma expressão de simpatia condoída. São nossas irmãs, vítimas da mesma indiferença que endurece as almas e os calhaus. As cousas, como velhas estátuas da dor, amam os que sofrem; amam e revelam-se, portanto. O mundo, através das lágrimas, é um globo de cristal e as sombras da noite liquifazem-se em luar. As suas fronteiras evaporam-se, rasgam-se os véus do Mistério, a infinita opacidade dilui-se numa infinita transparência, e Deus mostra-se ressurgido e esplendoroso, como na manhã da aleluia! Todo o espírito superior, na luta vencedora contra a materialização

---

102 PASCOAES — *Os poetas*, p. 114.

> ou se mata como Antero de Quental, ou, como Frei Agostinho da Cruz, força a barreira tenebrosa e ajoelha, rezando, aos pés de Deus..." [103]

Em 1957, Maria Eugénia Ferreira teceu justas e fundadas críticas às "interpretações românticas [da vocação e da vida] que vão desde a fragilidade e força do ambiente [...] ao velho conceito dum amor atraiçoado, ou, pelo menos, mal correspondido" [104], e foi a primeira autora e até agora, que saibamos, a única, ainda que de um modo pouco sistematizado, a ter observado que uma boa parte, diremos mesmo a maior parte, das queixas de perseguições e difamação, na obra de Frei Agostinho, se referem não aos *motivos da sua conversão*, mas a questões internas surgidas muito depois da sua *conversão* e entrada na Ordem dos Arrábidos, levantadas por aqueles que viviam no convento e que, zelosos da reforma, punham em causa a vida eremítica, isto é, fora do convento, que alguns frades seguiam, entre eles Frei Agostinho da Cruz que, em 1605, com 45 anos de Hábito, o mesmo ano em que tinha aceite ser Guardião do Convento de S. José de Ribamar, conseguiu a tão desejada licença para empreender vida eremítica na serra da Arrábida, no dia de S. José:

> "Ao outro dia, despedindo-se do Provincial, e dos Religiosos, que naquelle Convento havião sido seus subditos, a todos deixou

---

[103] *Ibidem*, p. 115. Esta hipótese, parece, de facto, ser de tal modo tentadora que, como bem reparou Maria Eugénia Ferreira (Cf. FERREIRA — *O sentimento*, p. 7), José Albino não hesitou em *inventar* um soneto de Frei Agostinho para provar que "devido a amores mal correspondidos, resolveu tomar o hábito [...]" (ALBINO, José Maria da Rosa — *Arrábida: publicação comemorativa do centenário da fundação do antigo Círio da Arrábida de Setúbal*. [S.l.]: [s.n.], 1956, p. 33.)

[104] FERREIRA — *O sentimento*, p. 7.

> saudosos; porèm elle muito alegre, não quiz prolongar mais o tempo à saudade, que tinha da eremitica habitação, para onde caminhava." [105]

Segundo a *Crónica*, esteve nesse isolamento da serra, onde desejava "cavar a sepultura", durante 14 anos, findos os quais:

> "Chegou o tempo, que Deos tinha determinado, para lhe premiar os merecimentos da sua penitente vida, e o chamou por meyo de huma aguda febre, em cuja disputa se sentio logo a natureza sem forças para lhe poder resistir. Foy conduzido à [...] Enfermaria da Villa de Setuval [...] Defronte do leito, onde estava o Servo de Deos, ficava o Oratorio, e nelle a Imagem de Christo Crucificado; e assim encostada a cabeça no traviceiro, despedido jà de todos, fixou os olhos na Sagrada Imagem, e bem mostrava não apartar tambem della o coração pelos suspiros, que se lhe ouvião [...] Foy seu ditoso transito na noite de 14 de Março do anno de 1619 [...] Tinha setenta e nove annos de idade, e cincoenta e nove de Habito, dos quaes quatorze empregou Eremita na Serra da Arrabida." [106]

Das ditas questões entre aqueles que moravam no convento e os que seguiam vida eremítica, dá-nos conta Frei António da Piedade, ao tratar das virtudes do servo de Deus Fr. Diogo dos Inocentes que

> "Sete annos viveo neste Ermo [na cella, que foy de S. Pedro de Alcantara, junto à Ermida da Senhora da Memoria na Serra da Arrabida], sem communicação com as creaturas, porque só a queria ter com o Creador por meyo da oração. Vivia neste mesmo sitio tambem solitario o Veneravel Fr. Agostinho da Cruz [...]" [107]

---

105 PIEDADE — *Espelho*, p. 926.
106 *Ibidem*, p. 930-933.
107 *Ibidem*, p. 899.

Diz então o cronista que

> "Não deixou de causar grande alteração nos que se prezavão zelosos da Refórma, o viverem estes solitarios fóra da Clausura, supposto que sogeitos à obediencia dos Prelados; e assim clamavão nos Capitulos, que ou os obrigassem a largar a habitação, ou se estendesse a Cerca do Convento de sorte, que tambem a comprehendesse. Soube Frey Diogo destes clamores, e por obviar alguns escrupulos, que o houvessem de opprimir, renunciou as Patentes nas mãos do Provincial Fr. Filipe da Purificação, para que dispozesse o que julgasse mais acertado, e conveniente aos lustres da Refórma." [108]

Não seria essa, no entanto, a razão mais forte para que o Provincial aceitasse a decisão de Frei Diogo dos Inocentes; é que

> "Tinha jà setenta annos de idade, e forão elles os que mais obrigarão ao Provincial a aceitarlhe a deixação, que fazia das Patentes, e a mudallo para hum Convento, onde a vida fosse menos aspera, e pudesse de algum modo restaurar ao corpo as suas attenuadas forças." [109]

E é essa também a razão que Frei Agostinho regista no soneto que compôs *ao Servo de Deos Fr. Diogo dos Innocentes* [110]:

> "Se vós me não deixais, Senhora minha,
> Seguro estou de nunca vos deixar,
> Porque se em mim não há que segurar,
> Assegura-me ter-vos por vizinha.
>
> Foi-se-me o companheiro, que aqui tinha,
> Enfermo sem poder mais aturar;
> E pois doença e morte hão-de chegar,
> Fazei que a morte chegue mais asinha.

---

108 *Ibidem*.
109 *Ibidem*.
110 Cf. *Ibidem*, p. 940-941.

Segura-me, Senhora, a confiança
Da vossa piedosa condição,
Tão liberal comigo aqui neste ermo,

Para não recear qualquer mudança;
Que quem de mim se serve quando são,
Não me lançará fora quando enfermo." [111]

Mas, se neste soneto não menciona os *clamores* que levaram Frei Diogo a, por escrúpulos, pôr-se nas mãos do Provincial para que este decidisse conforme o que fosse mais *conveniente aos lustres da Refórma*, a restante obra de Agostinho não deixará de lhes fazer abundantes referências. Na écloga VII, intitulada *Da mudança da Arrabida*, há um encontro e um diálogo entre Míncio e Limabeu, numa altura em que este se prepara para abandonar a serra, por ordens superiores, pois quando Míncio diz:

"Eu tenho para mim (segundo as queixas,
Que na Mata do Lobo me contaste),
Que não sem causa agora a Serra deixas.

Mas ha tão pouco tempo que chegaste,
Que darás que fallar lá na Ribeira
De quam cedo na Serra te enfadaste." [112]

Limabeu responde que já não o afecta o que possam dizer sobre ele, porque:

"Justa desculpa tem o que se obriga
A fazer a vontade do que manda;
Que quem bem obedece não periga." [113]

---

[111] CRUZ — *Sonetos*, p. 107.
[112] IDEM — *Obras*, p. 51.
[113] *Ibidem*, p. 52.

Perante tal resposta, Míncio, ainda que não descontente com ela, volta a interrogá-lo para saber a causa dessa ordem da mudança da serra. Limabeu responde-lhe que não é por lhe pesar a vida que aí leva que abandona a serra, até porque está certo de que "Não póde ser maior desaventura,/ Que não saber fugir de hum fugitivo/ Mundo, que em si não tem cousa segura" [114], e que ele, Míncio, e todos os demais, bem conhecem aquilo de que ele agora vive, aquilo que o ocupa e o detém. Longe de si está, por isso, a preocupação com o que dizem:

> "Bem sabem de que trato, e de que vivo;
> Com que folgo, que busco, e que pretendo,
> De cuja natureza me cativo.
> A causa, que perguntas, não defendo:
> Faça quem mais puder melhor seu fato,
> Que isso não me descose o meu remendo." [115]

Por outro lado, nada há que ele ou alguém possam fazer contra a ingratidão, porque das *cem mil virtudes* que existem para as *cem mil enfermidades*, nem uma só existe para curar um peito ingrato:

> "Cem mil virtudes tem hervas do mato
> Para curar cem mil enfermidades;
> Huma não podem só d'um peito ingrato." [116]

Ao que Míncio assente, dizendo que também ele é vítima desse *mal incurável* e pergunta a Limabeu se ele tivera desavenças com Lauro, "porque tambem sobre isso houve debate" [117]. Limabeu nega

---

[114] *Ibidem*, p. 53.
[115] *Ibidem*.
[116] *Ibidem*.
[117] *Ibidem*, p. 54.

essas desavenças, diz que nada disso está por detrás dessa ordem e que entre o seu *prazer* e o de Lauro não existe conflito, uma afirmação que não coincide com os versos da écloga do cancioneiro de Évora, a que já fizemos referência na introdução, em que dialogam Míncio e Limabeu: "Deixemos de cantar — diz Míncio — pois que não deixas/ de te queixar de Lauro nem de Liana!/ Um só te desterrou, d'ambos te queixas!/ Faltará noutra serra outra choupana?/ Falta donde pescar peixes á cana?/ donde possas cantar como naquela?" [118] Na écloga *Da mudança da Arrabida*, porém, Limabeu nega as desavenças, dizendo que deseja — e tem obrigação até — que Lauro e Liana logrem conformidade soberana, e atinjam grande fecundidade e perfeição:

> "De ter, ou não ter com Lauro dita
> Todos podem julgar a seu prazer;
> Mas o seu pelo meu não se limita.
> .....
> Obrigação lhe tenho em qualquer terra
> Para pedir a Deos que com Liana
> (Liana que lhe fez tão cruel guerra)
>
> Logre conformidade soberana,
> Ambos a gosto seu e tantos, tantos,
> Que excedam quantos ha na vida humana.
>
> Excedam seus intentos todos, quantos
> O ceo na terra apura; e em tal estado,
> Antes de lá subir se vejam santos."[119]

---

[118] *Ibidem*, p. 423.
[119] *Ibidem*, p. 54-55.

Quanto a ele, Limabeu, essa vida solitária sempre fora a vida que buscara:

> "Confesso que fui sempre affeiçoado
> A solitarios bosques do deserto,
> Que ensinam a viver desenganado." [120]

um gosto que Míncio bem conhece, assim como todos. E é por essa razão que Míncio o aconselha a dizer sempre o contrário daquilo que gosta e pensa, para assim conseguir, mais rapidamente, os seus intentos. Mas Limabeu responde-lhe que tal vai contra a sua natureza, por isso partirá. Porém, por onde quer que vá, irá com os olhos erguidos para o céu, para se consumir no fogo puro de amor, para vestir a alma de amor divino, e assim alcançará caminhar mais seguro do que se estivesse nas montanhas. Só olhando o céu ele estará savalguardado de, com o gosto da terra, perder os bens celestes, a visão de um céu tão belo em toda a parte que penetra até as mais duras entranhas:

> "Por donde quer que fôr, levantarei
> Os meus olhos ao Ceo, de cuja vista
> Aquellas saudades colherei,
>
> Com que possa fazer nova conquista
> Para me consumir no fogo puro
> D'amor, de cujo amor divino vista
>
> Est'alma, caminhando mais seguro,
> Que buscando repouso nas montanhas;
> Pois no gosto da terra me aventuro

[120] *Ibidem*, p. 55.

A não poder lograr cousas tamanhas
Do Ceo, em toda a parte tão fermoso,
Que póde penetrar duras entranhas." [121]

Esta écloga é, pois, um bom exemplo da justeza das palavras de Maria Eugénia Ferreira que alertou para o facto de a obra do poeta, mais do que a suposta dor causada por um amor mal sucedido, documentar aquilo a que chamou a *dor-desencontro* [122], salientando o quanto

> "importa não cair na miragem simplista que explica o pessimismo destes versos em função do carpir de melancólica paixão, deixada no mundo, quando, na realidade, o seu contacto com os Homens, — seus irmãos em Religião ou não — é a base desse desencontro." [123]

E não é o único exemplo, como teremos oportunidade de demonstrar, assim como não é a única referência à mudança ou às mudanças da Serra — um facto que tem sido ignorado ou desprezado — na obra do poeta. Num dos sonetos escritos *A Nossa Senhora da Arrabida*, dirigindo-se à Virgem, o sujeito poético diz que essa é a *terceira vez* que determina viver "Nesta Serra do Ceo vossa vizinha", um terceiro regresso que deseja definitivo e sem mais mudanças:

"Oh Virgem Mãi de Deos, Senhora minha,
A quem me socorri, por quem chamava,
A quem servir minha alma desejava
Nesta Serra do Ceo vossa vizinha.

---

121 *Ibidem*, p. 57.
122 FERREIRA — *O sentimento*, p. 68.
123 *Ibidem*, p. 66.

Tornar-me à saudade que me vinha,
Quando mais docemente contemplava,
Como com fervor vosso caminhava,
Daqui donde mais livre se caminha.

Esta terceira vez que determino
(Se Vós assim também determinais)
Sem mudança fazer a sepultura,

Mostrai-vos liberal de amor divino,
Arça neste meu peito tanto mais,
Quanto mais vos dotou de fermosura." [124]

E a propósito de um dos regressos à Serra foi, certamente, composto o soneto *A Nossa Senhora,* que começa: "Daqui, Senhora minha, fui forçado/ Da santa obediência à cidade;/ Mas mais forçado vim da saudade/ Vossa, que me tornou mais esforçado." [125]

Ao contrário do desejo do poeta, esse terceiro regresso, que pretendia o último, não foi ainda o definitivo. Na écloga *A mudança de Limabeu*, Galbano, conversando com Laurino, pergunta:

"Que torna Limabeu ao pasto antigo
destes campos do Teio que deixou
com ter gosto na serra e bom passigo.

Não foi piquena a causa q̃ aballou
Limabeu aonde estava aposentado
quatro ueses foi la quatro tornou." [126]

---

[124] CRUZ — *Sonetos*, p. 65.

[125] *Ibidem*, p. 85. O soneto V, outro soneto *A Nossa Senhora da Arrábida* pode, ainda que seja menos claro, ser interpretado dentro deste contexto das várias mudanças da Serra: Cf. *Ibidem*, p. 49.

[126] IDEM — Apêndice, p. 506.

Também esta quarta vez, diz Galbano, foi contra a vontade que Limabeu deixou a serra. Galbano sabe bem o quanto ele "folga de uer passer a braua fera [...] de uer lançar na agoa salgada/ a chincha que por força os peixes tira" [127]. Parece-lhe, no entanto, que Limabeu se deveria conformar com a sua sorte e perder as saudades da serra onde, se gosto teve, não teve ventura:

> "E de todas porem contrariado
> mas segundo o que emtemdo ia deuera
> de não porfiar mais contra o mao fado.
> .....
> Comformesse com o tempo como deue
> perca da serra alhea a saudade
> onde uentura não se gosto teue" [128]

Os conselhos de Galbano, para que Limabeu deixe essa *serra alhea*, continuam, por alguns tercetos, com ideias e termos semelhantes aos que aparecem na elegia XII: *A abzencia da Arrabida*, na qual o poeta escreve que "Quando de imgratos peitos me queixaua/ na serra de que uiuo desterrado/ queixozo uiuer della não cuidaua// [...] Tinha posto ia fim a meus cuidados/ cuidando de uiuer nella seguro./ Mas não mo consentiram meus peccados" [129]. Os versos ficam aqui comparados, e não comentados, interrogando essa facilidade de entendimento de que falava José Quadros e à espera de novos elementos que os possam iluminar:

---

[127] *Ibidem*, p. 506-507.
[128] *Ibidem*.
[129] *Ibidem*, p. 528-529.

"Comformesse com o tempo como deue
perca da serra alhea a saudade
onde uentura não se gosto teue

Deixe seu dono usar de liberdade
quer a queira colher quer arendar
saiba quanto lhe rende a sua herdade.

De outro se poderá mais comtentar
de partes diferentes e de mais graça
mas tal foro nenhum lhe hade pagar.

Achara quem milhor se comtrafaça
em mostrar q̃ na terra estar deseja
o q̃ Limabeu faz nenhum que o faça.

Ora demos que nella hum pouco esteia
hade ser cauoqueiro ou pescador
que do trabalho seu outros proueia.

Podera ser tamanho bem feitor
que corte do loureiro a seca rama
e sofra a reprehenção de seu senhor." [131]

"Não basta o não querer o senhorio
que tornes a morar na serra sua
e mostrar que tem ja de ti fastio

A choupana a que tu chamauas tua
já nella posto tem outro caseiro
tal he quem na fazenda alhea sua.

Que me prestou fazer nouo terreiro
no cume de tão altas penedias
e fazer de hum poeta cauoqueiro.

Eu por me não fiar das poesias
ouue por mais seguro andar suando
e fazer no casal bemfeitorias.

Destas a seu prazer se está logrando
quem seu dono mais quiz quizesse embora
que no foro lho fico descontando." [130]

Há uma outra composição de Frei Agostinho que talvez se possa, com algum proveito, aproximar destes versos, nem que seja para questionar o que é que, do que fica dito, tem ou não que ver com essa *guerra sem causa*, com a *peçonha* e a *cega malícia humana* que até de aparelhos de pescar faz *munições de guerra*, de que se queixa o poeta no vilancete composto *À desculpa de pescar, e fazer bordões*, onde diz já ter pago «pro rata», ao Duque, os direitos e pensões que devia — se devia — do mar e da mata.

---

[130] *Ibidem*, p. 529-530.
[131] *Ibidem*, p. 507.

"Em que parte, ou em que terra
Me deixarão repousar,
Pois que não pude escapar
Entre os penedos da Serra?

Que vai peçonha fazer
A cega malicia humana
De pescar peixes á cana
Pera lhe dar a comer.

Em que parte de que Serra
Se pudera imaginar,
Que aparelhos de pescar
Fossem munições de guerra?

Se cortando pela rama
Dos zimbros muito cortei,
Cuido que menos pequei,
Que cortando pela fama.

Em que parte, ou em que terra
Não fôra peor cortar
Homens, que Deos manda amar,
Que páos, que nascem na Serra?

Não sinto que culpa tenha,
Se lhe negam sêr louvado,
Tão longe do povoado
Pescar peixes, cortar lenha.

Em que parte, em que terra
Se pode vituperar
Quem pesca peixes no mar,
Ou corta lenha na Serra?

Disse Deos: não matarás
Homens, mas não disse peixes;
Nem tão pouco disse: feixes
De zimbros não cortarás.

Julgue-se agora quem erra,
Se quem quer homens matar,
Se quem peixes vai pescar,
Ou corta zimbros na Serra.

Se direitos, ou pensões
Devia do mar, ou mata,
Ó Duque, paguei «pro rata»
Peixes, cruzes e bordões.

Paguei ó Senhor da terra,
Paguei ó Senhor do mar,
Ó do Ceo ha-de pagar
Quem sem causa me faz guerra.

Eu se corto, ou se pesco
Peixes, ou bordões no mato,
Homens não corto, nem mato,
Senão páos e peixe fresco.

Que não pecca, que não erra,
Acabai [?] já de provar,
Que pescar não é peccar,
Menos cortar páos na Serra." [132]

A pergunta parece-nos tão possível quanto difícil uma resposta. Bem mais fácil é notar a coincidência entre este sujeito poético que não *corta pela fama*, e a figura de Limabeu sobre quem, respondendo às palavras de Galbano, Laurino diz:

"Limabeu nem se queixa nem difama
nem se agraua de alguem antes estroua
a quem ouue tocar na alhea fama.

[132] CRUZ — *Obras*, p. 337-339. Não estará incorrecta a forma verbal do segundo verso da última estrofe? Não deverá ler-se, em vez de *Acabai*, *Acabei*?

Da serra e mais da sua cella noua
algum tanto se mostra saudoso
por sahir sem entrar nella na coua." [133]

Galbano, pouco impressionado com esta saudade, acha que Limabeu não se deve deixar perder por essa serra tão "trabalhosa de subir", até porque, "Aqui [...] pode tanger e rir pode cantar [...] sem temer q̃ se lhe aja de acoimar." [134] "Nós o festejaremos de maneira/ que de se uir tão tarde se arrependa/ pois não lhe fica la q.^{m} lhe mais quiera.// [...] Nesta mudança sua emtenderão/ os que na serra deixa Limabeu/ que tem amigos cá de coração/ ainda q̃ lá deixou ficar o seu." [135]

Mas porque lá deixou o coração, Limabeu não consegue sobreviver nas *terras doentias*, regressando à Serra, doente, tal como o encontramos na écloga onde dialogam Limabeu e Almilão. Diz este:

"Se te foi mal ou bem junto do Tejo
donde por bem nem mal tornar querias
nas cores do teu rosto claro o uejo.

Guardete Deus de terras doentias
onde se cresse mais o nosso gado
mingão da uida nossos dias
.....
Dum tão soturno ualle doentio
não pudeste escapar tendo sabido
qual fosse de uerão Imuerno Estio." [136]

---

[133] IDEM — Apêndice, p. 507.
[134] *Ibidem*, p. 508.
[135] *Ibidem*, p. 510-511.
[136] *Ibidem*, p. 519-520.

CÂMARA MUNICIPAL BIBLIOTECA

Ao que Limabeu responde:
"A penitencia ja tenho comprido
se falta foi de mor meressimento,
o ter contra uontade obedessido." [137]

Cumprindo a sua penitência no sofrimento de intrigas e mudanças, não ficam claros, nos versos percorridos, os motivos que estão por detrás dessas ordens superiores às quais, contra a vontade, Limabeu e o poeta obedecem. Mas noutros passos da obra do capucho arrábido são evidentes os ecos desses *clamores* que, juntamente com a enfermidade, levaram Frei Diogo dos Inocentes a abandonar a serra, e que causaram um sério revés nas pretensões daqueles que viviam ou pretendiam seguir uma vida eremítica. Na écloga em que dialogam Laurino e Fontano, este pergunta àquele como se remedeia agora sozinho Limabeu, abandonado pelos seus três companheiros:

"Que novas me darás de nosso amigo,
De tres seus companheiros engeitado,
Como se remedea só comsigo?" [138]

Laurino responde que o primeiro partiu por necessidade (Frei Diogo dos Inocentes ?), o segundo e terceiro "constrangidos da santa obediencia do prelado", e que também aqueles que se tinham oferecido para lhe fazer companhia já estavam arrependidos:

---

[137] *Ibidem*, p. 520.

[138] IDEM — *Obras*, p. 328. Parece ter assim, o poeta, razão para se queixar do desamparo dos amigos, como o faz na já mencionada elegia *A abzencia da Arrabida*: "A dor que penetrou minhas emtranhas/ não foi soo dezemparo dos amigos/ mas o desterro justo das montanhas." (IDEM — Apêndice, p. 528.)

"O primeiro se foi necessitado,
O segundo e terceiro constrangidos
Da santa obediencia do prelado.

Outros amigos seus, offerecidos
Se tinham a fazer-lhe companhia,
Mas cuido que estam já arrependidos.
.....
Os ermos se sohiam povoar
Com rara penitencia, toda a vida,
Dos que nelles queriam contemplar.

Cuja imitação foi mal sofrida
E dos mais ociosos murmurada,
E doutros contrastada e perseguida." [139]

Desta imitação mal sofrida, murmurada, contrastada e perseguida, é exemplo, para além de Limabeu, Galapo, perseguido durante sete anos pelos seus próprios irmãos (de hábito), e assim saudado por Almilão que o visita:

"Alegre venho a vêr-te no teu ermo,
Onde, depois de sete annos passados,
Tuas perseguições fizeram termo.

Dizem que os estrangeiros vão pasmados
De vêr quam nesciamente os naturaes
Em perseguir-te fôram obstinados.

Digo, dos irmãos teus os principaes,
Com seus familiares cobiçosos
De serem no governo officiaes.

---

[139] IDEM — *Obras*, p. 328.

É muito natural dos preguiçosos,
Que querem merecer, não trabalhando,
O sêr dos diligentes invejosos.

Assi, da diligencia murmurando,
Acostumam dizer que, por ventura,
Merecem muito mais não trabalhando.

Não póde sêr maior desaventura,
Que não querer louvar o que trabalha,
E quer[er] sêr louvado o que murmura." [140]

A duração das perseguições (sete anos) sugere bem a dimensão do problema, uma questão que ganhou tais contornos que, se bem interpretamos, exigiu mesmo a intervenção do Geral da Ordem:

"A. E pois que já ficaste de vencida,
Dá-me conta de quanto o teu geral
Pastor passou comtigo nessa ermida.

G. Nosso geral pastor he pastor qual
O Senhor escolheo no seu rebanho
Antre todos, mais dignos, outro tal.

A mudança foi breve, o caso estranho,
Que se por nosso bem não succedera,
Succeder não pudera um bem tamanho.

Nasceo de novo aqui a primavera,
Ouviu-se a voz da rola em nossa terra,
O ferro converteo-se em branda cera.

Depois que com seus pés subio a serra,
Entrando nesta lapa e nesta cella,
A paz prevaleceo, cessou a guerra." [141]

---

[140] *Ibidem*, p. 323-324. O parênteses recto, no último verso, é da nossa responsabilidade, segundo nos pareceu ser pedido não só pelo sentido como pela métrica.
[141] *Ibidem*, p. 324-325.

Esta paz, alcançada por Galapo, foi também alcançada por Limabeu, uma paz de que Fontano lastima não poder participar, porque, confessa, traíu a amizade de Limabeu e não foi capaz de estar com ele no *tempo principal*:

"Certo, amigo Laurino, que me dera
Muita consolação vêr Limabeo,
Se desculpar meu erro me atrevera.

Que, sendo pontual amigo meu,
O achei amigo sempre no meu mal,
Não me achando comsigo no mal seo.

Assi, que sendo amigo pontual,
Faltei na pontual sua amizade
Com me afastar no tempo principal.
.....
Dilatou-se-lhe a morte vagarosa,
Escapou dos imigos encubertos,
Escapou da tormenta furiosa.

Escapou doutros muitos desconcertos,
Que consumindo foi o tempo largo
Da larga penitencia dos desertos.

De mim não posso dar outro descargo,
Por sêr contrario ó Ceo e contumaz,
Cuja contradição agora amargo.

Porque de tanto bem não fui capaz,
Perda que assi me turba, assi lastima,
Por não participar da sua paz." [142]

---

[142] *Ibidem*, p. 329-331.

A esta problemática e ao desamparo dos amigos se refere, também, a *Carta que o Autor escreveo à Duqueza d'Aveiro antes de se ir para o Ermo*, uma composição que, com maior propriedade, se deveria chamar *Carta que o Autor escreveo à Duqueza d'Aveiro enquanto esperava regressar ao Ermo*.[143] Depois de informar a Duquesa de que não pudera escrever-lhe pois "Taes correram os meses, taes os dias,/

---

[143] Esta composição não é a única que, em nossa opinião, apresenta um título que resulta de um leitura incorrecta do poema. O soneto intitulado *A S. Jacinto*, por exemplo, não parece ser nenhuma dedicatória a S. Jacinto, mas um soneto que festeja e assinala a entrada do filho dos Duques de Aveiro, D. João de Lencastre, na Ordem dos Pregadores, onde tomou o nome de Frei Jacinto. Frei Agostinho fala dessa mudança de vida, referindo a mudança no vestir, a mudança do nome para Jacinto, fazendo jogo da sua polissemia, e termina a recordar o quanto tal mudança foi festejada pelos homens, pelo Céu e por seus pais, o Duque e a Duquesa: "Jacinto já vestido de outras cores/ Diferentes daquelas, que vestido/ Tinhas no verde campo, onde colhido/ Colheste do Senhor largos favores.// Em que passos de amor, em que amores/ Teu brando coração foi derretido,/ O teu suave nome convertido/ Ora fosse de pedra, ora de flores?// De pedra preciosa rodeada/ De brandas, alvas flores na pureza,/ Das estrelas do ceo encastoada,/ Tal festejada cá nesta baixeza,/ Tal na maior alteza festejada,/ Tal na festa do Duque e da Duquesa.» (IDEM — *Soneto*, p. 68.)

Outro exemplo, é o título que os manuscritos BGUC 1237 e BPMP 1100 atribuem à elegia XI *De uma mãe à absencia de uma filha*. Chamam-lhe *Carta que compôs á Duqueza de Aveiro á absencia da madre Soror Mariana sua filha*. Mas a leitura do poema parece pedir a correcção do título. Se estes versos fossem escritos pela ausência de D. Mariana não faria muito sentido esse terceto onde a mãe lamenta o *quão longe* está a filha e o *quanto tempo* estaria desterrada dela: "Contudo, filha minha, se eu cuidara/ Quão longe e quanto tempo desterrada/ Estareis de mim, já me enterrara." (*Ibidem*, p. 169.) Ora, não só o Convento da Madre de Deus, em Lisboa, para onde entrou D. Mariana, sustenta mal esse *quão longe*, como a vida religiosa não é propriamente uma opção de vida temporária, nem um estado em que se esteja de passagem; e não parece muito plausível que por detrás dessa referência ao tempo esteja a esperança de que a filha passe do convento onde está *desterrada* para um convento em que deixe de estar *quão longe* está agora, de sua mãe; assim como um lamento pela ausência de uma filha que decidiu seguir vida religiosa não condiz de modo algum com o espírito devoto dos Duques de Aveiro. Este terceto já fará sentido se o título for: *Carta que compôs á Duquesa de Aveiro [D. Margarida Girão, segunda Duquesa de Aveiro] á absência de sua filha D. Juliana*. Segundo António de Sousa "quando ElRey D. Filippe II. no anno de 1581 passou a Portugal, e a elle o veyo visitar a Emperatriz D. Maria de Austria, lhe entregou D. Juliana, para que a levasse em sua companhia, e a creasse no seu Paço, em que assistio com grande estimação. Esta especial honra, com que ElRey distinguio o

Que ha muitos que não tive um de saude" [144], o poeta evoca as ondas do mar e as plantas sombrias "Cuja vista se doze annos logrei,/ Deviam de não sêr horas tamanhas,/ Como de um triste só que cá passei." [145] *Cá*, quer dizer: "Nestes campos do Tejo onde cheguei,/ [*onde*] Achei graça, bom rosto, e gasalhado,/ Que noutros meus amigos não achei." [146] E nesses campos, confessa, "Quantas vezes revolvo nas entranhas/ O mal que me forçou deixar a terra,/ Suave e natural pelas estranhas!// Deixei (que mais não pude) a branda Serra,/ Que per brandos peitos se criou,/ Quem com duros a dana, inda mais erra." [147] Confia, no entanto, ainda regressar à Serra, onde deseja acabar os seus dias:

> "E se não me impedirem meus peccados,
> A parte buscarei mais apartada
> Dos campos e dos valles povoados.
>
> Alli, quando vier menos pesada
> A morte, me será mais leve a vida,
> Ambas, uma por outra, registada." [148]

um desejo que ele alimenta "Enquanto se dilata esta partida", e que parece ter-se cumprido quase na íntegra, a acreditarmos nas palavras do

---

altissimo nascimento desta Princeza, custou muito à Duqueza sua mãy, o apartarse della [...]" (SOUSA — *Historia*, vol 11, p. 86.) A essa decisão do Rei parece referir-se o terceto que diz que ós seus rogos de mãe nada podiam face a quem mais podia, leia-se El Rei D. Filipe II: "Chorar e suspirar não me valia,/ Nem ter da minha parte a razão clara/ Que, enfim, prevaleceu quem mais podia." (CRUZ — *Sonetos*, p. 198.)

A figura de D. Margarida Girão e a sua história familiar podem ainda estar por detrás da elegia *De uma mulher à absencia de seu marido sendo partido p^a a guerra* (cf. *Ibidem*, p. 185-189), sendo esta ausência a de D. Jorge de Lencastre que partiu para Africa, onde veio a morrer, em combate, a 4 de Agosto de 1578.

144 IDEM — *Obras*, p. 319.

145 *Ibidem*.

146 *Ibidem*, p. 320.

147 *Ibidem*, p. 319.

148 *Ibidem*, p. 321.

cronista que nos diz que passou quatorze anos na serra, após os quais saiu para morrer na enfermaria de Setúbal.

Cremos, assim, apresentados estes dados, que ao procurarem-se os motivos da sua conversão e ao apontarem-se como tal perseguições, desamparo dos amigos, difamações, *pretensões com o sucesso menos feliz*, um *acto de provada deslealdade*, a *perversidade de uma traição*, a ingratidão, etc., se têm confundido, se não mesmo se têm tido sobretudo presentes, versos que uma leitura menos apressada mostra não se referirem a pretensos *motivos da sua conversão*, mas a acontecimentos que se sucederam já durante a sua vida de capucho arrábido e que não são, portanto, anteriores à sua opção de vida, nem a causa dela. Claro que não negamos nem nos estamos a esquecer de versos como os que ele dirige ao seu irmão, na carta resposta à que Diogo Bernardes lhe enviara, lamentando o facto de ele nada lhe ter dito dessa decisão de que teve conhecimento só *a posteriori*. Frei Agostinho, ao lembrar-lhe a "mininice bem gastada/ Após a tua grave mocidade", diz:

> "Assi tinhas de teu o que buscava
> Noutros, que se moveram de interesse,
> Cuja nodoa na vida mal se lava." [149]

nem ignoramos versos como esse terceto da elegia IV:

> "Cruel me foi a minha propria terra
> Em que nasci; cruel e desumano
> O sangue meu que nela me fez guerra." [150]

---

[149] *Ibidem*, p. 129.
[150] IDEM — *Sonetos*, p. 168.

A verdade é, porém, que essas queixas têm uma frequência e uma importância bem menores do que aquelas que se relacionam com os acontecimentos adversos, ou com os desencontros, para usar a designação de Maria Eugénia Ferreira, vividos pelo poeta ao longo da sua vida de frade capucho e eremita na serra da Arrábida; assim como é verdadeiro que a facilidade com que alguns quiseram ver nos seus versos os motivos da sua conversão padeceu de certa falta de rigor e de prudência, como aconselhariam factos simples, por exemplo, verificar que o seu irmão, Diogo Bernardes, apresenta queixas muito semelhantes às suas, sem que por isso tenha decidido entrar na vida religiosa:

"Tinha lá [nos largos campos do famoso Tejo], pera mim, que a vida tinha
Mais sossegada cá [na ribeira, pátria minha], e mais segura,
Antr'os meus, que com gôsto buscar vinha.

Foi de outro parecer minha ventura,
Discórdias achei cá, achei dureza,
Em lugar de sossêgo e de brandura.

Achei as boas leis da natureza
Vencidas de interêsse, e a gente cega,
Que, mais que o sangue seu, seu gado preza.
.....
Assi me aconteceu, a mim, comigo,
Seguro sempre, ao longe, sempre ledo,
Triste e tratado, ao perto, como imigo.
.....
Que, sendo assim, te digo
Que não espero mais
Nesta, pera mim, sempre ingrata terra.
Quem traz guerra consigo,
Antre naturais,
Não deve de estranhar estranha guerra." [151]

[151] BERNARDES — *O Lima*, p. 116-117; 135.

Uma razão que, só por si, poderia ser suficiente para uma maior precaução na *facilidade de entendimento*, e incentivadora de uma leitura menos apressada em descobrir os motivos de uma conversão, promovendo uma análise tão atenta ao que se descobre como ao que se procura, e evitando afirmações como a de Hemetério Arantes, para quem

> "Os versos de Frei Agostinho da Cruz, embora religiosissimos, não eram inspirados por uma disposição espiritual tendendo constitucionalmente ao mysticismo, nem mesmo vinham da contemplação d'um mundo — massa amorpha e replente de ignominias de toda a especie. Nada! Brotavam d'uma ferida funda e dolorosa que a lança do Amor e a lança da Diffamação rasgaram no seu peito de 20 annos e que ficou aberta pelos restantes dias da sua vida terrena.» [152]

Até porque, sem escamotearmos o tom individualizante de Limabeu — o dito *criptónimo*, *disfarce* e *alter-ego* de Frei Agostinho — o pormenor circunstancial e particularista, a insistência (quase) impertinente, ou o colorido específico e pessoal, afirmações como esta ignoram aspectos que justificam essa leitura mais cuidada dos versos, mais indagadora do que afirmativa.

2. Éclogas: *exempla* de um itinerário comum

Aquilo a que chamam a causa ou causas da decisão de Agostinho Pimenta, a partir da figura de Limabeu, perde, com alguma facilidade, um carácter especificador da personagem e torna-se uma recorrência ou

---

[152] ARANTES — *Frei Agostinho*, p. 40-41.

um tópico partilhado. Não é por acaso que Mendes dos Remédios põe a hipótese de, por detrás da figura de Gualbano estar, mais uma vez, o nome de Frei Agostinho da Cruz [153], hipótese que a écloga *A mudança de Limabeu*, publicada por Aguiar e Silva, parece questionar, uma vez que nela Galbano (Gualbano, supõe-se, a julgar pelos interlocutores da écloga V: Gualbano e Laurino) aparece como personagem distinta de Limabeu, pois não só o tema da conversa é este, como Galbano se apresenta como um dos amigos que o acolherão nessa mudança da Serra para os *campos do Tejo*, a que ele, Limabeu, se viu obrigado [154]. Por outro lado, também Almilão, uma figura que nos aparece nas éclogas piscatórias, parece ter que ser apontado como um criptónimo do poeta arrábido, em primeiro lugar, porque termina a écloga IX parafraseando o epigrama que a *Crónica* apresenta a propósito da tomada de Hábito de Frei Agostinho, no ano da sua aprovação, no convento de Santa Cruz da serra de Sintra, "por cuja causa delle tomou o apellido na Profissão":

Epigrama

"Nasci, e renasci na Casa em dia
De Santa Cruz, da Cruz o nome tenho;
Tenho que nella foy morto por guia,
Nas entranhas abertas me sustenho,
Que não pode serrar quem as abria,
E quando nesse passo me detenho,
Gemendo, e suspirando, não duvido,
Que me sare quem foy por mim ferido." [155]

Écloga (Almilão):

"Não cuides que rodeio, quando atalho
Neste breve caminho, em que me pus,
Alegre de me ver posto em trabalho

Eu por dia nasci de Santa Cruz:
Em Santa Cruz troquei o pobre fato:
Nella sem elle foi posto JESUS,
Com cujo nó de amor tudo remato." [156]

---

153 Cf. REMÉDIOS — Fr. Agostinho, p. 53.
154 Cf. CRUZ — Apêndice, p. 505-511.
155 PIEDADE — *Espelho*, p. 925.
156 CRUZ — *Obras*, p. 70.

e em segundo lugar, porque os pontos de contacto entre Limabeu e Almilão são por demais evidentes:

• tal como Limabeu, que na écloga I *antre huns penedos* revela os seus segredos, certo de que a natureza que o rodeia é mais sensível do que o peito das humanas criaturas,

> "Lançou-se Limabeu antre huns penedos
> Donde via correr hum claro rio,
> Acostumado a ouvir os seus segredos.
>
> — Aquillo (começou) que vos contava,
> Plantas, agoas, penedos, foi engano;
> Já me desenganou quem me enganava."[157]

também Almilão diz:

> "Aqui descobrir posso meus segredos
> Para desabafar meu triste peito:
> Que não tem peitos de homens os penedos!"[158]

e, noutra écloga, pergunta:

> "Mas eu a quem dou conta deste estranho
> Caso, senão a vós duros penedos,
> Que com lagrimas tristes triste banho?
>
> Seguro vos descubro meus segredos,
> De mim, como de vós, estou seguro,
> Que possam nunca ouvir corações ledos." [159]

---

[157] *Ibidem*, p. 18-19.
[158] *Ibidem*, p. 67.
[159] *Ibidem*, p. 79.

• tal como Limabeu se mostra indiferente às murmurações,

"A causa, que perguntas, não defendo:
Faça quem mais puder melhor seu fato,
Que isso não me descose o meu remendo." [160]

também Almilão já não se importa com o que possam dizer dele:

"Bem lhes pódes dizer, que não dependo
Daquillo que dirão; para que deixe
De remendar as redes, que remendo." [161]

• tal como Limabeu foge do convívio humano, como dizem dois pastores a Míncio, e o próprio confirma,

"He verdade que fujo, não to nego,
De conversar a muitos; porque sei
Quão mal no gosto seu meu tempo emprego." [162]

também Almilão diz, na écloga IX:

"Suspira est'alma minha, chora, e geme
Por não ver, nem ouvir quem falle, ou veja:
De qualquer sombra humana pasma, e treme." [163]

• tal como Limabeu abandona a vida de pastor e se recolhe numa lapa Oceana e se sustenta daquilo que lhe dá o mar

"Enfim lá se ficaram, cá me estou
Numa lapa, da qual o mar Oceano,
Depois de a ter lavrada, se afastou.

---

160 *Ibidem*, p. 53.
161 *Ibidem*, p. 66.
162 *Ibidem*, p. 81.
163 *Ibidem*, p. 68.

.....

Além disto me deixa o mantimento
Pegado nos penedos; .....

.....

Elle lavra, elle rega, elle semea.
Eu colho quando quero a sementeira;
Olha que amigo achei em terra alhea!" [164]

assim também Almilão, na écloga IX, ou Galapo, falando dele, na écloga X:

"Queres ouvir contar hum pescador
Pobre, que de marisco se sustenta,
E segund'o que dizem foi pastor?

Não sei donde, nem como, ou que tormenta
O lançou nesta praia ha poucos dias: [165]
Que nem sempre do norte o vento venta.

---

[164] *Ibidem*, p. 82.

[165] Esta ignorância de Galapo não é a nossa, porque na écloga XI, Almilão conta-nos, isto é, conta aos duros penedos aquilo a que chama um *estranho caso*. Narra que, na sua mocidade, tempo em que guardava ovelhas, conheceu um pastor, um pouco mais novo do que ele, com quem criou uma amizade muito estreita: "A mocidade minha me deteve/ No pasto das ovelhas, que guardei/ Ora do sol cortido, ora da neve:// Onde por muitas partes que notei/ Num pastor pouco atrás da minha idade,/ Com pureza de amor me transformei.// A taes termos chegou nossa amizade,/ Que fizemos de dois hum só rebanho,/ E de duas tambem huma vontade." (*Ibidem*, p. 79.) Aconteceu, porém, que apareceu uma pastora e: "O pastor, a pastora conhecidos/ Foram dos mais pastores naturaes/ Por jurados, ou quasi recebidos.// Ella, não sei porque, mostrou sinaes/ De lhe quebrar a fé: tinha razão;/ Pois nella só ficavam desiguaes.// Enfim ella foi dar, adonde dão/ Os que não tem remedio na ferida,/ Que se dá no constante coração.// Ella depois que vio ser homicida/ Do seu firme, leal, primeiro amante,/ Deu nas mãos da tristeza a propria vida." (*Ibidem*, p. 79-80.) E foi então que Almilão partiu dali, refugiando-se na serra onde acabará os seus dias suspirando por amor suave, doce e brando: "Eu dalli me parti naquelle instante,/ De valle em valle vim, de monte em monte,/ Até não poder mais passar avante:/ Que as agoas Oceanas não tem ponte:/ [...] Aqui com mais repouso acabarei/ O pouco que me fica, suspirando,/ Não pelo verde campo em que pastei,// Mas por amor suave, doce, e brando/ Daquelle Summo Bem, cuja lembrança/ Da terra o coração vai desterrando/ Confirmando no Ceo sua esperança." (*Ibidem*, p. 80.)

Naquellas solapadas penedias
Huma lapa buscou escusa, e escura,
Que não se deixa ver d'outras sombrias." [166]

essa lapa onde Limabeu promete interceder pelo amor de Lauro e Liana,

"Podera antre huns penedos amostrar-te
Huma Lapa redonda, ...
.....
Alli depois que deixo de accusar-me,
E de tomar da vida conta estreita,
Propondo na futura melhorar-me;

Diante de huma Cruz .....
.....
Primeiro que alguns outros encomende
A Deos, dous corações num convertidos
Minh'alma offerecer alli pretende." [167]

e onde Almilão "se vem regando de prazer", tangendo:

"Ouça-me quem quiser; veja-me quem
Folgar com bens de Lauro, e de Liana,
Que sempre dos seus bens contarei bem." [168]

Aliás, é justamente a propósito desses amores de Lauro e Liana, que ambos cantam, que encontraremos Limabeu e Almilão juntos [169], numa écloga publicada por Aguiar e Silva, a dialogarem entre si e a

---

166 *Ibidem*, p. 70.
167 *Ibidem*, p. 63.
168 *Ibidem*, p. 72.
169 O que prova que são personagens distintas e não dois nomes para a mesma personagem, isto é, enquanto pastor e enquanto pescador, como poderia supor-se da leitura das éclogas piscatórias sobre as quais Luís de Sá Fardilha observa: "Tem sido sublinhada como singular na obra de Fr. Agostinho da Cruz a presença de várias éclogas

cantarem aquilo "que te rogou Lianna que cantasses", diz Almilão a Limabeu, então desmotivado para tal tarefa e necessitado de ajuda: *L.*

---

piscatórias. Esta variante da écloga não é, no entanto, uma mera curiosidade literária, no contexto da sua poesia; há razões que se prendem com a vivência espiritual do frade arrábido que podem explicar a adopção deste subgénero bucólico. Tendo em conta a orientação das preocupações espirituais do autor, a transformação do pastor em pescador representa o vencer de mais uma estapa na via em que a alma se lança, na busca inquieta do Bem supremo." (FARDILHA — Natureza, 117.)

Ao contrário dos evangelhos, onde Jesus chama pescadores para lhes confiar o seu rebanho, para Frei Agostinho da Cruz o seguimento de Cristo passa pelo caminho inverso: passar de pastor, passar do mundo, da riqueza, do pecado, a pescador, isolado do mundo, pobre, lavado (da culpa). Também inverso do sentido bíblico é, em Frei Agostinho, o simbolismo do mar: espaço que alimenta a pobreza, o isolamento, o despojamento, a nudez do homem, com abundância de dádivas. Portanto, espaço que está cheio da bondade divina, e não do encarceramento das forças demoníacas, lugar da confusão, como o entende o simbolimo bíblico; nem é *el mar monstruoso* de Frei Luis de León (Cf. LEÓN, Luis de — *Poesias Completas.* Tradução, prólogo e notas de José Bento. Lisboa: Assírio e Alvim, 1992.) Ainda que Frei Agostinho use, por vezes, a imagem do mar que é comum aos poetas maneiristas: "O mar, revolto e ameaçador, semeado de perigos e ciladas, constitui uma das imagens preferidas pelos poetas maneiristas para significar o carácter proceloso e dramático da travessia humana." (SILVA — *Maneirismo*, p. 229.)

Com as figuras do pastor e do pescador, Frei Agostinho significa, na écloga número onze, *Da mudança de pastor em pescador*, o antes e o depois da conversão. Galapo vem ao encontro de Almilão, dizendo-lhe que fez uma aposta com dois pastores. Apostara com eles que Almilão fora criado na pescaria, como ele (Galapo), pois via-o pescar como um pescador. Os pastores, por sua vez, diziam que ele fora pastor até há pouco dias. Almilão conta-lhe que, de facto, fora pastor e enquanto o fora não perdera vez alguma cabra ou cabrito. Mas resolveu mudar de vida e por essa mudança bendiz a Deus: "Seja louvado Deos, seja bemdito!/ Que tal mudança fiz tão desejada/ Do solitario meu cansado esprito!" (CRUZ — *Obras*, p. 65). É que, enquanto fora pastor, caminhara "longo tempo pela estrada/ Mais larga, e mais seguida dos antigos/ Pastores, que não deixa de ir errada," e então desejara "escapar d'alguns perigos,/ Em que via cahir a meus vizinhos/ Cubiçosos do gado, e dos pacigos." (*Ibidem.*) Por isso, já fugido da ribeira "(Que da ribeira já tinha fugido,/ Trocando lirios seus pelos espinhos)" (*Ibidem.)*, determina nos vales montezinhos procurar um lugar de tal modo escondido "Que nem pudesse ouvir, nem ser ouvido" (*Ibidem.*) E assim aconteceu.

Almilão faz, entretanto, questão de acrescentar que quer que os pastores saibam que não se arrepende da decisão tomada e que nem o que possam dizer dele o fará deixar "De remendar as redes, que remendo" (*Ibidem*, p. 66), pois a vida que escolheu é uma "differente vida, mas segura;" (*Ibidem.*) Tais palavras de Almilão alegram de tal modo Galapo que "Não póde ser mór dita, mór ventura" pois as palavras de Almilão curam "Hum mal que não cuidei que tinha cura" (*Ibidem*), e explica: "Toda a quietação, todo o interesse/ Cuidei que consistia em ser pastor,/ Posto que de seu gado não tivesse;//

"E tu não ues em mim qual eu ando/ *A.* eu te ajudarey porq bem sabes/ que rogo dos senhores he hum mando" [170].

Ainda outros dados há que demonstram como o que parece específico de Limabeu se torna tópico partilhado por outras personagens: na écloga V, encontramos Gualbano e Laurino, tal como Limabeu, a

---

E que ser não podia outro pior/ Successo da fortuna dura, imiga,/ Que nascer junto d'agoa pescador." (*Ibidem.*) Por isso, diz que apostas como a que fez e perdeu não se importaria de fazer sempre, pois foi mais o que ganhou do que o que perdeu. Daquele dia em diante já não seguirá a sua errada opinião, mas a opinião acertada daquele pastor convertido em pescador. Em seguida, Almilão desenvolve a sua tese dizendo que, comparados pastores e pescadores "ficam sempre bem differençados/ No repouso, no gosto, e no descanso/ E no mais, os enxutos, dos molhados." E continua: "Que se pesco, ou não pesco no remanso,/ Ora seja com rede, ora com cana,/ Com cabra, ou cabrão ruivo, não me canso.// Se me desisca o peixe, e se me engana,/ Quando no torto anzolo se magôa,/ Não me magôa o trigo que se dana.// A voz do rouco mar que bravo soa,/ Quando romper se vem nestes rochedos,/ Não póde ser de lobo, que me roa.// Aqui descobrir posso meus segredos/ Para desabafar meu triste peito:/ Que não tem peitos de homens os penedos.// Nesta lavada areia, em que me deito,/ Versos diversos canto dos primeiros,/ Que como puerís agora engeito." (*Ibidem*, p. 67.)

Perante estas palavras, Galapo comunica-lhe a decisão de abandonar os seus companheiros para viver com ele, para quem promete pescar, para que ele, liberto dessa tarefa, possa dedicar-se ao que lhe pede o espírito: "Logra quietação, como te pede/ O teu suave esprito; tange, e canta:/ Que eu te matarei fome, frio, e sede." (*Ibidem*, p. 68.) E com isso espera que a sua vida seja remediada com a de Almilão, porque a boa planta dá boa sombra e o cego vai seguro quando tem guia. Almilão, porém, responde-lhe que não pode aceitar: "Com tudo eu t'agradeço essa vontade;/ Que não sou deshumano, nem despreso/ As mostras, que me mostras de amizade." (*Ibidem.*) Não pode aceitar porque: "Suspira est'alma minha, chora, e geme/ Por não ver, nem ouvir quem falle, ou veja:/ De qualquer sombra humana pasma, e treme." (*Ibidem.*) Para além disso, não precisa de ninguém, porque "D'inverno, e de verão sempre dão fruto/ Os penedos da praia regadios,/ Nos quaes mariscar posso a pé enxuto" (*Ibidem*), nem se sente constrangido pela necessidade de conversar com pescadores.

Com tal resposta, cresce em Galapo a admiração por Almilão, mas não tem outra alternativa que não seja aceitar a decisão que ele tomou. No entanto, decide tomar também para si a vida eremítica. E depois de um breve diálogo em que manifestam a estima mútua, Almilão termina revelando-lhe: "Não cuides que rodeio, quando atalho/ Neste breve caminho, em que me pus,/ Alegre de me ver posto em trabalho.// Eu por dia nasci de Santa Cruz:/ Em Santa Cruz troquei o pobre fato:/ Nella sem elle foi posto JESUS,/ Com cujo nó de amor tudo remato." (*Ibidem*, p. 70).

[170] CRUZ — Apêndice, p. 522.

lamentarem-se da lingua má, da murmuração que faz da honra iguaria, ou a queixarem-se dos vizinhos, dos parentes e daqueles com quem repartem o suor do rosto, já descrentes da terra que sustenta tão depravada gente:

G. Tu vês algum pastor, que senhor seja
De comer o cabrito, que lhe nasce,
Livre da lingua má lhe pôr vareja?

Do que dentro do seu serrado pasce,
Lhe faz pagar a coima quem inventa
Armadilha a seu gôsto com que cace.

A terra, já não sei, como sustenta
Tão depravada gente, tão malina,
Tão mal acostumada, tão praguenta.

Ora se fazem aves de rapina,
Ora lobos crueis, ora serpentes,
Monstros que dos bons tem fome canina.

Os vizinhos da porta, os meus parentes
No tempo em que tusqueio, ordenho, e queijo
Aguçam contra mim unhas, e dentes.

L. Tambem, amigo meu, eu como, e visto
Do suor de meu rosto, noite, e dia,
E reparto com quem murmura disto.

E já do mal o menos tomaria
Levarem tudo já por força ou manha,
Não façam da minha honra iguaria,

Deixem-m'aqui viver nesta montanha,
.....
Quero quietação, e não contenda." [171]

---

[171] IDEM — *Obras*, p. 43-44.

Os lamentos, na obra de Frei Agostinho, não são, pois, uma característica exclusiva de Limabeu, nem se restringem a Gualbano e Laurino. Na verdade, não há boca que, de um modo mais concreto e particular, ou mais abstracto e geral, não os profira: Míncio, depois de ouvir Limabeu dizer que das cem mil virtudes que curam as cem mil enfermidades, nem uma só consegue curar a ingratidão, replica:

> "Eu tenho padecido, e visto tanto
> Desse mal incuravel, que me contas,
> Que da torpeza delle me espanto." [172]

E noutro passo, ouvindo Limabeu enumerar tudo quanto o mar lhe dá, tratando-o, por isso, como o amigo que encontrou em terra alheia, comenta que esse seu amigo é

> "Bem differente doutros da Ribeira,
> Que sem nunca lavrar querem colher,
> Depois de limpo, e secco, o trigo n'eira." [173]

e acrescenta:

> "Eu não te posso mais encarecer
> O que vai pelo mundo cubiçoso
> De enganar, de danar, de mal fazer." [174]

---

[172] *Ibidem*, p. 54.
[173] *Ibidem*, p. 82.
[174] *Ibidem*.

Por isso, falando com Flávio, é um coração desenganado e sossegado pelo desengano que constata naquele a quem se dirige:

"Folgo de te ver já desenganado.
Ninguem me ha de tirar de meu juizo:
No mundo ninguem vive consolado.

Huma hora vejo pranto, outra hora riso,
E muito menos riso do que pranto,
Emfim rir-se de tudo será siso."[175]

Também Flávio, no diálogo com Míncio, não deixa de se lamentar do fim das suas alegrias e das grandes mudanças que lhe mudaram a cor e o rosto, e de Limabeu, seu amigo, que "fugindo foi de mim como de imigo":

"Acabaram-se as nossas alegrias,
Secaram-se os altivos pensamentos;
Quantas mudanças em tão poucos dias!" [176]

e, à semelhança de Limabeu e Almilão, só nos penedos encontra a amizade na escuta, a fidelidade no segredo, o carácter sem mudança, bem diferente da natureza traiçoeira dos homens:

"Sem ver, nem conversar mais que penedos,
Que só amigos da minha saudade
São firmes, e são mudos, não são tredos." [177]

E não é só Limabeu que se queixa de pagar por aquilo que não fez: "A coima, que não fiz, fez que paguei" [178], mas também Limiana:

---

[175] *Ibidem*, p. 22.
[176] *Ibidem*, p. 23.
[177] *Ibidem*, p. 29.
[178] *Ibidem*, p. 36.

"Da culpa que não tenho pago a penna/ da penna q.^{m} tem culpa está seguro" [179]. Nem é só ele, como tivemos oportunidade de ver, que "velho e calvo", consegue a paz depois de sofrer perseguições: também o "velho e calvo" Galapo viu cessar-se a guerra apenas após sete anos de perseguições.

Finalmente, e como Limabeu que diz: "Nasci para lavrar na terra alheia"[180], também Silvestre e Rodrigo, tal como Almilão [181], lamentam a sorte de apascentar "alheo gado"[182]. Mas, entretanto, o que fazem Silvestre e Rodrigo, depois de se queixarem da sorte que os obriga a apascentar o gado alheio? Respondem aos seus lamentos cantando versos em que:

- confessam a sua culpa:

R. "Que conta, ou que peso, que medida?
Inda que menos dias mal gastara
Que pena ás minhas culpas he devida?

S. Que pena ou que dôr me atormentara,
Se nunca Deos de mim fora offendido,
Quanto pouco temera, e quanto amara!" [183];

- louvam a Deus pelos seres criados:

S. "A quem bosques nos deu verdes, sombrios,
Louvores infinitos sejam dados
Dos brutos animaes, peixes dos rios.

---

179 IDEM — Apêndice, p. 516.
180 IDEM — *Obras*, p. 50.
181 Cf. *Ibidem*, p. 65.
182 Cf. *Ibidem*, p. 30.
183 *Ibidem*, p. 32.

R. Dos brutos, e das féras, e dos prados
Aprendamos a dar a Deos louvores,
Pois elles para nós foram creados." [184];

• (e porque, nessa confissão e nesse louvor, os importuna e fere ainda "um não sei que, que nunca cansa") pedem o auxílio divino:

R. "Ainda me importuna, inda porfia
Comigo hum não sei que, que nunca cansa:
Ora rosna, ora ladra, ora se invia.

S. Ora me fere a setta, outr'ora a lança;
Cansado vivo já de defender-me;
Mas ai que de ferir-me nunca cansa!

R. Não posso, meu Senhor, nem sei valer-me;
Peço-vos por quem sois que me ajudeis,
Pois sem vós está certo em mim perder-me." [185]

Lembra Aguiar e Silva, e convém não esquecê-lo — é outro dos dados fundamentais para uma leitura correcta da obra [186] — o quanto era próprio à visão maneirista

---

[184] *Ibidem.*

[185] *Ibidem*, p. 33.

[186] Talvez importe, também, recordar a longa tradição bíblica, nomeadamente a dos salmos, com que Frei Agostinho orava todos os dias, nos quais, sobretudo nos que fazem parte da família das súplicas e que constituem mais de um terço do saltério, a dor e o mal são, muitas vezes, personificados num *inimigo* que, entre outras coisas, pode ser um adversário que persegue, que odeia e calunia, um *inimigo* muitas vezes personificado nos próprios vizinhos, ou mesmo no amigo, e ao qual se contrapõe o poder e a fidelidade de Deus. Os exemplos são inúmeros (na citação dos salmos usaremos sempre a numeração hebraica): "Que não se alegrem à minha custa/ meus inimigos traidores,/ e nem pisquem os olhos/ os que me odeiam sem motivo!" (Sl 35, 19); "Meus inimigos sem motivo são poderosos,/ são muitos os que me odeiam sem motivo,/ os que pagam o mal pelo bem,/ e por eu procurar o bem me acusam." (Sl 38, 20-21); "Os que me odeiam cochicham juntos contra mim,/ e, junto a mim, consideram a minha desgraça:/ Até meu amigo, em quem eu confiava,/ que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim."

"o sentimento de insegurança existencial, de efemeridade das coisas e dos bens do mundo, de incoerência do universo, a visão pessimista do homem [que] haviam de gerar o sentimento do

---

(Sl 41, 8.10); "Se um inimigo me insultasse/ eu poderia suportar;/ Se o meu adversário se levantasse contra mim,/ eu me esconderia dele./ Mas és tu, um homem como eu,/ meu amigo, meu confidente." (Sl 55, 13-14); Ou: Sl 7, 2. 13-15; Sl 31, 14; Sl 38, 12-15; Sl 40, 5; Sl 56, 6-7; Sl 59, 4-5; Sl 62, 5; Sl 64, 2-5; Sl 71, 10; Sl 86, 14; etc.)

Ao lado dos salmos, existe, também, a figura de Job, explicitamente referido nalguns versos: "Foi Job de seus amigos affligido/ Quando mais consolado ser devera/ Eu dos meus acusado e perseguido" (CRUZ — *Obras*, p. 36. Cf. Jó 19, 13-19); "Não vejo Job lançado no monturo,/ Queixoso dos amigos carregosos,/ E como assi dos meus mais me asseguro[?]" (CRUZ — *Sonetos*, p. 210.) De resto, pela razões que se conhecem, Job foi sempre uma figura caríssima aos místicos e marcante na obra de Dionísio Cartuxo, sobretudo a partir do seu comentário ao livro de Job (Cf. STOELEN, Anselme — Denys le Chartreux. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1957, vol. 3, p. 430-449), um autor muito estimado pelos arrábidos, segundo leva a crer a abundância dos seus escritos na biblioteca destes capuchos, conforme documenta o *Catálogo da livraria do convento da Arrábida* (Cf. ROCHA, Ilídio — *Catálogo da livraria do convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo.* [S.l.]: Fundação Oriente, 1994, p. 112-114.)

E talvez valha a pena lembrar, ainda, o livro das *Lamentações*, de que a Liturgia faz uso na Semana Santa, e versículos como o segundo da primeira lamentação: "Passa a noite a chorar,/ pelas faces correm-lhe lágrimas./ Não há quem a console/ entre os seus amantes;/ todos os seus amigos a traíram,/ tornaram-se seus inimigos." (Lm 1, 2.) E recordar também que a *Imitação de Cristo*, intitulada *De contemptus mundi*, não deixa de relembrar, com insistência, a natureza humana tão dada à mudança, por isso, não merecedora de que nela se confie, como comprovam as murmurações, as injúrias, a ingratidão e as traições, etc. Não surpreende, pois, que o autor escreva: "Só Vós, Senhor, sois o amigo único e soberano, e ninguém há que mereça este nome senão Vós." (KEMPIS, Thomas de — *Imitação de Cristo.* Lisboa: Verbo, [s.d.], p. 128.) Uma lição que o autor, antes de mais, aprendeu pela sua própria experiência: "Vós, meu Deus, nos destes um sábio conselho, quando nos ordenastes guardar dos homens e nos dissestes que o homem teria por inimigos os seus próprios domésticos [...] Eu aprendi esta verdade por uma triste experiência, e Deus queira que ela sirva para fazer-me mais sábio de futuro do que para convencer-me da minha imprudência passada." (*Ibidem.*)

E claro que, para além de tudo isto, inútil seria lembrar o exemplo de Cristo, tantas vezes invocado, e o motivo da ingratidão na Paixão de Cristo, ao qual era, certamente, muito sensível Frei Agostinho da Cruz, ele que se lamenta da ingratidão dos homens para consigo quando "De tantos cuidados descuidado" apascentava junto do Tejo. Por isso, o verso, referindo-se à terra que condena Jesus, "Ah quanta ingratidão nela s'encerra!" (CRUZ— *Sonetos*, p. 74), é o de quem, também aí, se sente irmanado com Cristo, na boca do qual, com frequência, se gostam de colocar palavras como estas: "Vivi em pobreza extrema, ouvi frequentes queixas contra mim. Sofri murmurações e injúrias atrozes. Vi os meus benefícios pagos com ingratidão, os meus milagres com blasfémias, a minha doutrina com sátiras." (KEMPIS — *Imitação*, p. 95.)

> desengano, o arrependimento, o anseio dolorido de penitência e a busca de Deus, numa atitude onde se entrelaçam o senso do triunfo e o senso da miséria." [187]

Não é por acaso, pois, esse movimento do canto de Silvestre e Rodrigo, onde os lamentos se transformam num misto de louvor e súplica, assim como não é por acaso que a ideia expressa, logo no início da écloga IV, por Míncio, de que a decisão tomada por Limabeu — a de partir da Ribeira — nunca se teria dado *sem um grande bicho lhe ladrar*,

> "Mas comtudo não deixo duvidar
> Que nunca da ribeira te partiste,
> Sem algum bicho grande te ladrar.
>
> Conta-me, Limabeu, de que fugiste?
> Quem aos olhos te tem atravessado,
> Que bem se vê nos teus quanto sentiste?" [188]

se encontrará reformulada, de um modo aforístico e universalizante, na boca de Gualbano (écloga V), quando este interroga Laurino sobre os motivos da sua decisão:

> G. "Queres saber porque te perguntava?
> Por ver s'era conforme o meu desgosto,
> O que subir a Serra te forçava.
>
> L. Tão claro se descobre no meu rosto
> O que no coração trago encuberto?
> Pouco differe a tarde do sol posto. [189]

---

[187] SILVA — *Maneirismo*, p. 33.

[188] CRUZ — *Obras*, p. 35.

[189] A divisão que aqui nos é apresentada por Mendes dos Remédios parece-nos incorrecta. Este último verso é, sem dúvida, já fala de Gualbano que responde, e não de Laurino.

G. Quanto mais que ninguem busca o deserto
Em quanto lhe parece que a tristeza
Seu coração não mostra descuberto." [190]

Por detrás desta ideia está a de que o desengano tem sempre a antecedê-lo a descoberta de que o mundo nada é e nada vale. Uma descoberta a que se chega, inevitavelmente, através do sofrimento (ou da tormenta, como diz Galapo de Almilão [191]), provocado por um ou vários acontecimentos dolorosos para quem os vive, pois é sempre experiência da imperfeição do (amor) humano — seja por acção dos vizinhos, dos parentes, dos amigos, da/o amada/o, ou até do próprio — abrindo-se no coração experimentado pela dor a procura e a conversão ao único amor que o pode perfazer. Um dos exemplos mais nítidos do que acabámos de dizer é a história da conversão de Maya, uma história que a própria nos narra, na écloga de *Maya e Limiana conuertidas*:

"No principio dos meus mais tenrros annos
amei e fui amada cubiçando
o que ouuia louuar entre os humanos.

Amor se foi de dous senhoreando
e por nos sigurar as liberdades
a sua pella minha foi trocando.

Assi num coração duas uontades
ou em hũa conuerteo dous corações
tão brandos de dobrar nas moçid.es

---

[190] *Ibidem*, p. 41-42.

[191] "Não sei donde, nem como, ou que tormenta/ O lançou nesta praia ha poucos dias:/ Que nem sempre do norte o vento venta." (*Ibidem*, p. 70.)

E quando quis tentar nossas tenções
para nos comfirmar nas prisões sanctas
a sua recusou tantas prisões.

Finalmente que não sei por mais quantas
cabras q̃ e seu tinha outra pastora
tantas juras quebrou promeças tantas.

Então uendo qual fui qual elle fora
detreminei seruir a hum so pastor
cuja serua mais serua he mais senhora.

Aqui me trouxe seu Diuino amor
para q̃ esta serra erma e deserta
estando só pudesse estar milhor.

Que quem por descomcerto se descomcerta
na uida solitaria se deleita
onde a quietação está mais certa.

Ah que temos hum Dõ. que nos aceita
tão branda tão suaue e docemente
depois que o mundo falso nos emgeita." [192]

Do mesmo modo, também a vida de Limiana, que as éclogas narram, ao contrário da história de um amor mal sucedido, como poderia julgar-se, é a história de uma conversão. Aliás, não é sem razão que a écloga recolhida por Aguiar e Silva no manuscrito BNL FG 7691 se intitula: "Egloga a conuersão de hũa pesoa que outra conuerteo", uma composição que — até pela circunstância meramente ocasional de ter tido uma publicação posterior — aparece como uma analepse, em relação à écloga XII que narra um diálogo entre Limabeu e Míncio,

[192] IDEM — Apêndice, p. 513-514.

onde aquele manifesta o desejo de contar a este "hum caso estranho,/ Que dentro das entranhas trago escrito." Antes, porém, que lho conte, Limabeu pede a Míncio novas de Limiana:

> "Mas primeiro que a voz do peito saia,
> Dize-me que se fez de Limiana,
> Que chorando ficou ó pé da faia?" [193]

Míncio responde-lhe, informando-o sobre o seu desaparecimento e o desconhecimento do seu paradeiro:

> "Aquelle mesmo dia da semana,
> Em que tu te partiste, se partio,
> E partindo-se pôs fogo á choupana.
>
> Finalmente que nunca mais se vio,
> Por mais que em toda a parte se buscou,
> Nem sabemos adonde se sumio." [194]

Ele nada sabe de Limiana, mas Limabeu — a sua pergunta tinha sido apenas introdutória à sua narração — sabe que "Agora faz dois annos que chegou/ O silencio que rendeo seu espirito" e mostra a Míncio um soneto de Limiana:

> "Depois que conheci que não podia
> O nosso justo amor ser apartado;
> Como comigo a ti te tinhas dado,
> Me dei comtigo a quem dar-me devia.

---

[193] IDEM — *Obras*, p. 83.
[194] *Ibidem*.

E posto que da minha companhia
Tanto tempo viveste desviado;
Peregrino fui pobre agasalhado
De ti julgado tal, qual me fingia.

Foi vontade divina, rogo meu,
Minha consolação na vida humana,
Que vendo nosso amor posto no seu,

Visse nesta final praia Oceana,
Que sendo conhecido Limabeu,
De Limabeu não fôsse Limiana."[195]

E Limabeu conclui:

"Chamar-lhe deshumana não m'atrevo
Antes louvá-la devo além de santa;
Que tão mimosa planta, tão ditosa
Tanto como fermosa assi crescesse,
Que no Ceo se colhesse fructo della,
Não planta, mas estrella, cujos raios
Causam cem mil desmaios na leitura
Dos versos, que escrevi na pedra dura." [196]

Os versos que Limabeu escreveu na pedra dura são os versos de um *Epitafio de Limabeu e Limiana* que fecha a écloga:

"Eu vi do Ceo na terra a fermosura
No vestido dum pobre peregrino
Da terra para o Ceo voar segura,
Fôsse ventura minha, ou seu destino:
Por minha mão lhe dei a sepultura,
Pela sua a levou amor divino:
De Lima naturaes na Lapa Oceana
Se enterrou Limabeu com Limiana." [197]

---

[195] *Ibidem*, p. 84.
[196] *Ibidem*, p. 84-85.
[197] *Ibidem*, p. 85.

Em relação a esta, a écloga *a conuersão de hũa pesoa que outra conuerteo*, na qual dialogam Almina e Limiana, funciona, como dissemos, como uma analepse, fazendo-nos recuar um pouco atrás na história de Limiana e ajudando-nos a compreender melhor esse soneto da écloga XII e as palavras que, então, sobre Limiana diz Limabeu.

A écloga começa com uma confissão de Limiana: esta reconhece a culpa de ter ferido aquele que amava, desprezando por soberba, crueldade e ingratidão o amor daquele que, para ela, era brando, claro e puro, e confessa que o fez só porque lhe "paresseo que ser altiva/ paresser me fizesse mais fermoza":

> "Fui soberba cruel imgrata esquiua
> a quem me foi tão brando claro e puro
> que me obrigou a mais que ser captiua
>
> Aquelle coração q̃ fingi duro
> não posso emcobrir ja neste meu peito
> culpado magoado triste escuro." [198]

A esta confissão da culpa, de quem já não pode esconder o coração culpado, magoado, triste, escuro, Almina responde:

> "Quantas vezes te dixe que mal feito
> tinhas com hum pastor q̃ te seruia
> sem nunca achar em ty sequer hum geito." [199]

---

198 CRUZ — Apêndice, p. 525.
199 *Ibidem*.

Mas Limiana nunca pensara que lhe pudesse escapar esse coração escravo do seu governo:

> "Ah mofina de mim quão mal cuidaua
> que pudessem meus olhos uer mudança
> num coração q̃ eu mesmo gouernaua" [200]

e imaginava, como lhe diz Almina, que não podia "Soltarsse da prizão em q̃ penando/ em ves de te abrandar emduressia". Mas porque assim o imaginou preso, sem capacidade para se libertar, e porque, em vez de se abrandar, endureceu, Limiana viu não só arruinar-se a sua fama entre os pastores, como viu partir o pastor que a amava:

> "Que tal fama cobraste entre os pastores
> que nenhum folgará de te seruir
> pois folgas de matar teus seruidores
>
> Comfessote que temos q̃ sentir
> quantas pastoras ha nesta ribeira
> das lagrimas q̃ soltou ao despedir.
>
> Tocou a sua lira de sorueira
> que nos soruia nossos corações
> qual sizne na sua hora deradeira
>
> Cantou de amor agrauos sem razões
> desprezos dezumanas tiranias
> nascidas de sem mil ingratidoens
>
> Com tão nouas e tristes mellodias
> que não cauzou em nos piquena imueja
> de não nos suceder o que perdias

---

[200] *Ibidem*, p. 526.

Que estrella possa ser q̃ fado seja
tão ditoso não ui noutra pastora
o gado que a nós falta a ti sobeja

Quiseste desprezar o ser senhora
de quem com te seruir se contentaua
se menos rica foras melhor fora." [201]

Se menos rica fora, melhor fora, porque Limiana mantivera sempre a sua aparente indiferença, e mesmo quando o coração pareceu não resistir mais e ceder, a sua presunção não lho permitiu:

"E lembrame que hum dia não podendo
desimullar jamais detreminey
mostrarlhe como o fogo andaua ardendo

Mas nunca pude ja nunca acabey
e nunca jamais foi em minha mão
qual sempre fingi tal me fiquei

posto que brando fosse o coração
mais queria sofrer a penna sua
que desfazer a minha presunção.

Mostrauame tão liure isenta e crua
que tinha por desprezo compararme
quem cantaua de mim ao sol e lua" [202].

E quando esse pastor se foi embora, já o amor a obrigava "A mais que ser captiua". Por isso:

"Não me fica na uida q̃ pretenda
não tenho que esperar nem q̃ perder
sem gosto para q̃ quero fazenda

---

201 *Ibidem*, p. 525-526.
202 *Ibidem*, p. 526.

> Meus olhos ja não tem cousa que uer
> sua uida lhes mostra seu tormento
> que lagrimas não podem defender
> .....
> Não fui de amor uencida sendo amada
> uenceume puro amor desesperado
> justa uingança foi não imaginada." [203]

Então, sem nada que lhe reste na vida senão o sofrimento dessa vingança não premeditada, Limiana decide-se a seguir aquele a quem amava e a, como ele, mudar a sua vida, ou, como explica o soneto de Limiana, na écloga XII: "Como comigo a ti te tinhas dado,/ me dei contigo a quem dar-me devia."

> "Enfim elle acertou eu tenho errado
> comuem pois me mudou mudar a uida
> naquella em q̃ a sua tem mudado.
>
> A seguillo de todo estou rendida
> e assim descubrirey quam grande penna
> me daua emcobrir o andar ferida." [204]

Pergunta-lhe, então, Almina se "Hé possiuel tornarse Madalena/ por amores a nossa Limiana", ao que Limiana responde ser "possiuel tudo quanto Deus ordena." [205]

Ora, quer os tópicos partilhados, quer o procedimento de Silvestre e Rodrigo, quer esta apresentação das histórias de Maya e Limiana como histórias de uma conversão — que exigem que essas referências

---

[203] *Ibidem*, p. 526-527.
[204] *Ibidem*, p. 527.
[205] *Ibidem*.

ao carácter *confessional* e ao *auto-retratamento* da obra, não percam de vista a devida contextualização da mesma no ambiente estético e espiritual maneirista, isto é, dentro de um modo próprio de ver o mundo e de entender um itinerário de conversão — convidam à releitura das éclogas, numa aproximação menos interessada na biografia, como tem sido feito, e mais atenta ao movimento de conversão que, mais perfeita ou mais imperfeitamente, nelas se vai repetindo, ou que as vai estruturando. Assim, na écloga I, as referências de Limabeu ao seu engano e desengano, à liberdade do *deserto* e aos males do povoado, donde "Ainda que mais males não tivera,/ Quem bens na terra tem, que ser cativo/ Delles, por isso só fugir devera" [206], dão lugar, subitamente, a uma evocação da morte do *Redemptor*, à confissão da culpa, à manifestação da esperança,

> "Quebraram-se, meu Deos, as pedras duras;
> Mostrou o sol e lua sentimento;
> E não vossas humanas creaturas!
>
> Eu só, meu Redemptor, vos atormento!
> Eu fiz os vossos cravos, cruz, e lança,
> Por obra, por palavra, e pensamento...
>
> E Vós encheis minh'alma de esperança
> .....
> A alma, que em vossas mãos presa se entrega
> Não tem de que temer, nada recêa,
> A névoa deste mundo não na cega." [207]

---

206 IDEM — *Obras*, p. 19.
207 *Ibidem*, p. 20.

e ao ensinamento de que "Longe está de sentir suavidade/ Divina, cá na terra, quem não nega/ Pela vossa, Deos meu, sua vontade" [208], e de que "O vigiar escusa de perigo,/ O padecer levou muitos á glória" [209].

Na écloga II, Míncio e Flávio, depois de se queixarem da maldade do mundo e dos homens, depois de testemunharem o desengano um do outro e de concluirem que "A carne sempre da alma foi imiga" [210], ou que "Creou nosso Senhor alma liberta,/ Conforme as nossas forças nos obriga;/ Que para todos tem a porta aberta" [211], falam sobre Limabeu e da sua conversão, para que Míncio se interrogue sobre "quem leva/ Limabeu dantre nós, inflamma, accende,/ Que no divino amor todo se enleva?// Quem lhe faz tanta força, quem o rende?/Quem o rege, e governa? quem o ensina,/ Quem o sustenta cá, quem o defende?// Quem tal mudança fez tão repentina/ Dos seus, do seu, de si, de toda a vida?/ Quem de cousa mundana fez divina?" [212], interrogação que é aproveitada por Flávio para lembrar a Míncio — e ao leitor — de que o Senhor a todos chama, a todos convida, e de que "Por todos todo seu sangue derrama,/ Pregado numa cruz" [213]. E a écloga não terminará sem que Flávio reproduza os versos que Limabeu *agora* canta, os versos de um ser abrasado pelo amor divino.

Na écloga III, há esse diálogo entre Silvestre e Rodrigo, que já tivemos oportunidade de analisar, e a écloga IV, provavelmente a que

---

208 *Ibidem*.
209 *Ibidem*.
210 *Ibidem*, p. 26.
211 *Ibidem*.
212 *Ibidem*, p. 27.
213 *Ibidem*.

reúne mais queixas e, seguramente, a que tem o mais longo lamento de Limabeu, termina com uma fervorosa oração a Cristo:

"A cujo som levanto meu esprito,
Choro, suspiro, e grito: Meu Senhor,
Que morre por amor de quem o mata!
Ah! gente dura, ingrata, gente cega,
Que prende, accusa, e préga n'um madeiro
Hum tão manso Cordeiro, antre ladrões!
Ah! crueis corações! crueza minha!
Adonde triste tinha o pensamento
Qual outro sentimento, quaes aggravos
Se não Coroa, e Cravos, Lança, e Cruz,
Vossa morte, e paixão, doce JESUS." [214]

E deste amor de Cristo "que morre por amor de quem o mata", o que se pode imaginar ou aprender, senão que as "injustas cruezas" são instrumento para "apurar as graças divinas", sinais doutros sinais, caminhos abertos para o céu?

"Que posso imaginar do seu amor,

Se não que rosas são antre as boninas
As injustas cruezas dos mortaes,
Para mais apurar graças divinas?

Não vemos nós nos seus outros sinaes
Mais claros, mais seguros, nem mais certos,
Para de cada vez arderem mais?

Caminhos são do Ceo na terra abertos" [215]

---

214 *Ibidem*, p. 39.
215 *Ibidem*, p. 40.

Na écloga V, *Do tempo que trouxe hum a Religião*, uma composição paradigmática do itinerário e catequese de uma conversão, o extenso rol, a uma só voz, dos males do mundo, — que se segue a esse aforismo, segundo o qual "ninguem busca o deserto,/ Em quanto lhe parece que a tristeza/ Seu coração não mostra descuberto"[216] — acabará na conversão de Laurino que, nas *montanhas*, procurava *quietação* e o fim da *contenda*.

Momento fundamental e decisivo dessa conversão é o encontro com Gualbano que, para além de uma experiência semelhante à sua, lhe apresenta um caminho percorrido, um exemplo e um testemunho:

> "Se queres que fallemos mais de siso,
> Nota, Laurino, bem o que te digo,
> Olha por onde vou, que terra piso.
>
> Eu sou o que no mal sou mais comtigo;
> Os meus peccados são causa de tudo;
> Eu faço todo o mal a mim comigo.
>
> Se surdo me fizer, se cego, e mudo
> A quanto succeder, e no meu braço
> Trouxer a paciencia por escudo;
>
> Se do mundo quiser fazer retraço,
> E folgar que de mim o mundo faça,
> Que lingua temerei; que setta, ou laço?"[217]

Laurino resiste e duvida dessa *santificação* de quem se faz *cego*, *surdo* e *mudo*, livre do temor da (má) *língua*, *seta* e *laço*: "Assi me queres tu santificar/ Vestido nesta minha fraca pelle,/ Que não sinta

---

216 *Ibidem*, p. 42.
217 *Ibidem*, p. 44.

quem nella me picar?" [218] Mas Gualbano lembra-lhe que tudo pode quem que se entrega, por amor, ao que se deu em sacrifício, e que quem emprega os seus desejos Nele, colhe mesmo antes de semear:

"Não duvides que tudo póde aquelle
Que nas mãos d'um Senhor preso s'entrega,
Que preso, e morto foi por amor delle.

Quem todos seus desejos Nelle emprega
Sem querer mais fallar, vêr, nem ouvir,
Inda bem não semêa, quando sega." [219]

Céptico, Laurino responde que pode desistir de tudo quanto tem na vida, "mas não sei como possa não sentir" [220]. Ao que Gualbano contrapõe:

"Antes o que não sente isto, duvida,
E não quem já sentio quanta doçura
Nas suas cousas Deos tem escondida.

A dureza converte-se em brandura,
Florece em todo o tempo a primavera,
Torna-se em claro dia a noite escura.

Ah! se nesse teu peito s'accendera
Huma faisca só do amor divino,
Quão docemente em si te convertera!

Não cuides que máo fado, ou máo destino,
Estrella em que nasceste, alegre, ou triste
Faz hum pastor ditoso, outro mofino.

---

218 *Ibidem.*
219 *Ibidem*, p. 44-45.
220 *Ibidem*, p. 45.

Na vontade de Deos tudo consiste:
Quem não lhe resistir será ditoso,
Desditoso será quem lhe resiste." [221]

Mas Laurino, que nunca duvidou do poder de *nosso Senhor*, duvida de uma *mudança tão milagrosa*. Gaulbano recorda-lhe que "O que muito trabalha, muito alcança;/ E quanto mais alcança mais trabalha,/ E quanto mais trabalha mais descansa." [222] Laurino confessa, então, que bem vê aquilo que o engana, "E com muito mais claros olhos vejo/ Aquillo com que o mundo desengana" [223]. Há, porém, algo que o impede de cumprir os desejos de abandonar as saudades dos verdes campos do Tejo para experimentar a suavidade que Deus reparte *só com os seus amigos*: "São culpas, que plantou a mocidade" [224], "laços tão sutis, e tão antigos" [225] de que "só nosso Senhor póde livrar-me" [226] — e a ajuda de Gualbano, acrescenta, com as suas orações. Se assim for, Laurino não desconfia "Que venha comtigo a conformar-me// Não temendo soffrer calma, nem frio,/ Fome, sede, nem dôr, trabalho, ou pena,/ Pois basta herva do campo, agoa do rio." [227] Acabará, finalmente, por decidir-se a seguir o tipo de vida de Gualbano, pois, explica-lhe: "Amostras-me por obra o que tens dito,/ Porque deixar quiseste quanto tinhas/ De puro coração, firme, contrito.// Pisas com pés descalços as espinhas,/ Morde-te o corpo a lãa de varias côres,/ E não te dá que o

---

221 *Ibidem*.
222 *Ibidem*.
223 *Ibidem*, p. 46.
224 *Ibidem*.
225 *Ibidem*.
226 *Ibidem*.
227 *Ibidem*, p. 46-47.

ponto amostre as linhas.// Divinos pensamentos dos amores,/ De que teu coração anda ferido,/ Nos ramos dos salgueiros darão flores.// [...] Se tu, com ser qual vês, me aconselhares/ Que fique, eu fico, e faço o que me mandas,/ E muito mais de quanto me mandares" — e Gualbano — "Anda, que tu verás como desandas,/ No mal, e desandando, como corres,/ Correndo, como vôas, como abrandas/ A vida, com que vives, quando morres."[228]

Os movimentos de conversão continuam pelas éclogas restantes: na écloga VI, temos Limabeu em processo de auto-análise e fazendo propósito de maior vigilância sobre si mesmo: "Como posso chegar, se não começo/ Quando começarei como desejo;/ Ou como subirei, pois sempre desço?// Se qualquer leve cousa me faz pejo/ Para accender no peito amor divino,/ Porque de tudo já me não despejo?// Assi convém valer-me de contino;/ Assi fortalecer minha fraqueza,/ Que não sinta descuido repentino.// Assi soprar de novo esta frieza,/ Atiçar no madeiro, onde se atêa/ O fogo, que desfaz, todo em pureza" [229], e ainda a certeza de que se afastará de tudo o que "Tenta, move, perturba, afaga, incita// [...] pois a verdadeira liberdade/ Depende de trazer o pensamento/ Acceso na divina saudade" [230], e a evocação do exemplo de Maria Madalena que, depois de perdoada, foi para o deserto, onde de aspereza em aspereza se renovou; na écloga VII, o testemunho de humildade, obediência e devoção de Limabeu que aceita a mudança da Serra e decide não buscar "cousa, que o tempo possa andar

---

228 *Ibidem*, p. 47-48.
229 *Ibidem*, p. 49.
230 *Ibidem*, p. 50.

mudando" [231], manifestando o propósito de, por onde quer que vá, levar os olhos sempre postos no céu, para se "consumir no fogo puro d'amor", testemunho que merece, de Míncio, a exclamação: "Ditoso, Limabeu, ah! quão ditoso" [232]; na écloga VIII, as palavras de Lauro exaltando Limabeu de cujo exemplo aprende, porque: "Soubeste desprezar cousas humanas,/ Soubeste grangear cousas divinas,/ Desenganado assi nos desenganas.// Assaz claro, e seguro nos ensinas/ O caminho do Ceo, pois que não tiras/ Da propria mão do remo as disciplinas" [233]; na écloga IX, a mudança de pastor em pescador, toda uma alegoria e uma catequese de uma conversão; na écloga XII, o exemplo edificante da conversão de Limiana e o elogio de Limabeu a essa alma que viu da terra para o céu voar segura, porque, como dissemos, o percurso de Limiana está longe de ser uma história de um amor mal sucedido, ou se o é, é-o só na medida em que tal contribui para a economia do argumento principal: a história da "conuersão de hûa pesoa", a que não falta a moralidade final — é "possiuel tudo quanto Deos ordena" — lembrada por Limiana, ao cepticismo de Almina; finalmente, na écloga em que Galbano e Laurino falam sobre a mudança de Limabeu, o exemplo deste que serve, mais uma vez, para lembrar que "A lei do Redemptor manda sofrer/ e sobre tudo amar a quem nos conuida/ com males de que bens posso fazer." [234]

Das éclogas, portanto, se pode dizer que são uma catequese, uma história de conversões: a conversão de Limabeu e de Limiana, a

---

231 *Ibidem*, p. 56.
232 *Ibidem*, p. 57.
233 *Ibidem*, p. 62.
234 IDEM — Apêndice, p. 509.

conversão de Maya, a conversão de Gualbano e de Laurino, a conversão de Galapo, e a conversão de Almilão que termina a écloga XI, isto é, a história da sua conversão, manifestando o propósito de acabar os seus dias naquela Serra, suspirando "por amor suave, doce, e brando/ Daquelle Summo Bem, cuja lembrança/ Da terra o coração vai desterrando/ Confirmando no Ceo sua esperança." [235] São história de conversões e história de um sofrimento heróico, ao mesmo tempo inquieto e abnegado, edificante, exemplo de espíritos acrisolados por perseguições, murmurações e invejas sofridas por amor de Cristo e na imitação de Cristo, como é o caso do "velho e calvo" Limabeu, abandonado pelos amigos, e resistindo "só consigo" nas asperezas da vida eremítica: "As novas — diz Laurino — que do velho te daria,/ São conselhos maduros de viver,/ Que me deu pera vêr o que não via.// Nos quaes todos se vem a resolver,/ Que por muitas razões e perfeição/ Humana, só consiste em padecer.// Com muita paciencia e mansidão,/ Como nos ensinou o Redemptor,/ Na Cruz posto por nossa salvação;// Cujo suave, brando e doce amor,/ Tão valeroso faz um fraco peito/ Que seja, padecendo, vencedor" [236]; e como é também o caso do "velho e calvo" Galapo que, vencidas as perseguições, alcançou a paz dos que não seguem "a porta/ Mais larga e mais seguida dos mundanos" [237], mas que, através da penitência, chegam àquela "doce saüdade, alta, divina": "Ah! quanta saüdade está sentindo/ Aquella alma ditosa no deserto,/ De quem seu proprio Deos se está servindo.// Contemplando no Ceo

---

235 IDEM — *Obras*, p. 80.
236 *Ibidem*, p. 328.
237 *Ibidem*, p. 326.

caminho aberto,/ A força dos suspiros que lhe ensina/ O desejo de vê-lo de mais perto.// Ah! doce saüdade, alta, divina,/ Da visão de seu Deos, em que se accende,/E quanto accesa mais, mais se refina" [238] — são palavras de Galapo que suspendem Almilão e lhe pedem silêncio.

Atentos, pois, aos "conselhos maduros de viver" que as éclogas vão registando, torna-se não só útil, como necessário, observar que essa "linha catequética, de formação doutrinal, [que] parece divisar-se nítida ao longo dos séculos XV, XVI e XVII" [239], entre as *linhas de rumo da espiritualidade portuguesa*, atravessa também a poesia de Frei Agostinho, confirmando assim os seus propósitos, para os quais já chamaram a atenção Maria Eugénia Ferreira [240] e Lourdes Belchior [241]. Tais propósitos manifesta-os logo num soneto que marca uma viragem na sua escrita, prolongamento da sua mudança de vida, onde conta que queimara os versos que cantara na mocidade cega e chora ter tão mal cantado, dizendo que não lhe importa que os novos versos, que então escreve, não sejam bem aceites: "Pois não os escrevi para louvores/ Humanos, pelo menos perigosos,// Senão para plantar em tenros peitos/

---

238 *Ibidem*, p. 327.

239 BELCHIOR, Maria de Lourdes; CARVALHO, José Adriano de — Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa. In *ANTOLOGIA de espirituais portugueses*. [S.l.]: INCM, 1994, p. 11.

240 FERREIRA — *O sentimento*, p. 33. Numa dissertação de licenciatura sobre a écloga quinhentista, Maria Carolina Ferraz, lembra que "a sua finalidade não é já só distrair o leitor mas intruí-lo sobre assuntos de ordem literária, moral, e religiosa [...]" (FERRAZ, Maria Carolina Delgado — *A écloga quinhentista*. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1960, p. 6-7. Texto policopiado.)

241 "[...] Frei Agostinho da Cruz compôs os seus poemas com intenções pedagógicas de catequese que visasse à conversão dos homens, seus irmãos." (BELCHIOR — Poesia, p. 70.)

Desejos de colher divinas flores/ À força de suspiros saudosos."[242] E se esse propósito se concretizou de um modo mais evidente nas glosas de orações, como os sonetos: *Ao levantar da cama*; *À protestação da Fé*; *Ao Padre Nosso*; *À Ave Maria*; *À confissão geral*; *Ao anjo custódio*; *A todos os Santos*; *Ao sair de casa*; *Ao entrar na igreja*; *Ao levantar da Hóstia*; *Ao levantar do Cálix*; *Ao estar na Missa*; *À benção da mesa*; *Às graças depois da mesa*; *Ao tanger das Ave-Marias*; e *Ao recolher à noite para dormir*[243], ou nos poemas épico-hagiográficos: *Martyrio, e Vida de Santa Catharina*[244] e *Vida e Morte de S. Eustachio, mulher e filhos*[245], não deixou de se manifestar, igualmente, nas suas outras composições, como é o caso das suas cartas que, também por serem um género que permite e exige uma maior clareza na exposição de um pensamento, são uma sólida confirmação do desejo catequético e pedagógico com que Frei Agostinho escreveu parte dos seus versos.

Na carta resposta à do seu irmão Diogo Bernardes, e ao quanto este se lamentara por não ter sido informado da sua decisão, Frei Agostinho explica que não deseja que o irmão entenda tal procedimento como ofensa, pois bem sabia que a decisão que tomara era conforme ao parecer daquele, uma vez que trazia guardados no seu peito os conselhos que aquele lhe dera e a lembrança de uns versos antigos que seu irmão escrevera, nos quais muito encarecia a pobreza:

---

242 CRUZ — *Sonetos*, p. 46.
243 Cf. *Ibidem*, p. 114-129.
244 Cf. IDEM — *Obras*. p. 137-151.
245 Cf. *Ibidem*, p. 253-264.

"Tardar quero que julgues por offensa
E não (sem to dizer) pôr em effeito
Teu proprio parecer, tua sentença.

Que guardados trazia no meu peito
Muitos conselhos sãos, que tu me deste,
Para no torto andar sempre direito.

Lembram-me aquelles versos, que escreveste
Naquella Egloga antiga saudosa,
Onde tanto a pobreza enriqueceste." [246]

Por isso, ao dirigir-se a esse irmão cujos conselhos guardara no peito, àquele que cantara a pobreza e que agora "Outro fructo não tens, outro não colhes,/ Senão queixar-te em vão da esteril gente" [247], é com uma esperança saudosa que manifesta o desejo de o ter ali com ele, naquela serra, com a sua voz e a sua arte, para o ajudar a contar aos que buscam o amor divino na terra a experiência que então faria dessa paz e dessa guerra, dessas doçuras de tamanhas novidades, no esquecimento de si e mal podendo dizer as verdades tão mais difíceis de se comunicar, quanto mais experimentadas:

"Ah! claro, e charo irmão, quem te cá désse
Com essa tua voz antre esta Serra,
Que tão altos conceitos não perdesse!

Ora suave paz, outr'ora guerra
Cruel, mas necessaria, contarias
A quem divino amor busca na terra.

---

246 *Ibidem*, p. 130.
247 *Ibidem*, p. 129.

No pasto da tua alma sentirias
Doçuras de tamanhas novidades,
Que tu mesmo de ti te esquecerias.

Nascem no sentimento estas verdades,
Mal as póde dizer quem as não sente,
E pior quem sentir taes saudades." [248]

Noutra carta, dirigida *A Dona Branca*, Frei Agostinho afirma que nunca lhe faltaria a voz para dizer a falsidade do mundo e que Cristo será testemunha das verdades que, por amor dele, escreve nos versos:

"Mas nunca a fraca voz me faltaria
Para dizer do mundo a falsidade,
Como quem nelle andou cego sem guia.
.....
Testimunha me seja por quem chamo,
Da verdade que escrevo brevemente
Nos versos, que por seu amor derramo." [249]

Apostado, pois, em dizer a falsidade do mundo e as verdades do amor, como a poesia do poeta as éclogas vão repetindo, de um modo mais ou menos evidente, não só os lamentos, mas também o que essa repetição proporciona: um ensinamento feito a partir de uma experiência: "Amostras-me por obra o que tens dito", é assim que Laurino se converte [250]; de igual modo, se Lauro diz que Limabeu o desengana,

---

[248] *Ibidem*.
[249] *Ibidem*, p. 133.
[250] Escreve, na elegia XIV: "Experiencia tenho do que rende/ A palavra sem obra confirmada,/ Que em vão pera comigo se despende." (IDEM — *Sonetos*, p. 208.) Lembra Jorge da Silva nas suas *Meditações da Criação do Mundo* que Jesus Cristo, "porque a doutrina sem bom exemplo da vida aproveita pouco, começou primeiro a fazer

é porque foi ele primeiro desenganado, soube desprezar as *cousas humanas* e grangear as *cousas divinas*; e se Limabeu ensina de modo claro e seguro o caminho para o céu, é porque não tira "da propria mão do remo as disciplinas." Por isso, do conjunto das éclogas, se pode elaborar, sem dificuldade, uma síntese do movimento didáctico e catequético que as perpassa [251]: referência a um ou vários acontecimentos que se transformam em queixa do mundo (ou queixa de si), por sua vez transformada em desprezo do mundo (ou desprezo de si) e desengano. Esse desengano, necessariamente tempo de vazio e de deserto, alarga a fragilidade do homem e a visibilidade de Deus, companheiro no sofrimento e vitorioso sobre ele, em seu filho, *Redemptor* do mal — seja este a dor, seja a calúnia, seja a ingratidão, seja o pecado reconhecido e confessado — abrindo-se, nesse reconhecimento da falta, o caminho para uma experiência mais profunda de procura do absoluto e encontro com ele, no amor de Deus.

Esta síntese repetir-se-á ao longo das elegias.

---

e depois a ensinar." Por isso quis ser baptizado por S. João Baptista e retirou-se para o deserto, jejuando quarenta dias e quarenta noites, e aí foi tentado pelo demónio. Só então "sendo já tempo que a doutrina respondesse ao exemplo da vida, começou a pregar [...]" (SILVA, Jorge — Meditações da Criação do Mundo e vida de Nosso Senhor Jesus Cristo. In *ANTOLOGIA de espirituais Portugueses*. [S.l.]: INCM, 1994, p. 83-84.)

[251] Maria Teresa Martínez, na introdução à publicação das mesmas composições do manuscrito BNL FG 7691 que Aguiar e Silva publicara, a propósito das três éclogas que então apresentava, já observara que, nelas, "o desenvolvimento do assunto segue as mesmas etapas das que se publicaram em seu nome: introdução ao tema e descrição do ambiente, queixas mútuas dos personagens, conclusão moralizadora e consolação no amor divino." (MARTÍNEZ — Um cancioneiro, p. 8.)

3. Elegias: o testemunho de uma conversão

A elegia I, intitulada *À ingratidão*, é mais uma das composições, na obra do poeta, que regista essa *dor-desencontro* de que falava Maria Eugénia Ferreira, um desencontro entre aqueles que vivem "À sombra da divina fermosura" e os que não *atinam* com tal bem:

> "Pouco pode empecer lingua malina;
> Pouco pode morder o dente agudo
> Do mau, que com tal bem tão mal atina" [252]

Vítima dessa *língua malina*, desse *dente agudo*, o sujeito poético constata magoado o espaço de secura e de vida estiolada que foi criado à sua volta:

> "Secou-se para mim agoa no rio,
> Secou-se para mim erva no prado,
> Secou-se a folha no bosque sombrio.
>
> Quantas lagrimas tenho derramado
> Não poderão tolher esta secura,
> Que sem causa me tem tão lastimado." [253]

E porque secura sem causa e insistentemente ampliada pela repetição anafórica do verbo [254] no primeiro terceto e, ainda, pela construção

---

252 CRUZ — *Sonetos*, p. 155.

253 *Ibidem*.

254 "A acumulação anafórica aparece, efectivamente, com grande frequência e com apreciável desenvolvimento na poesia maneirista, em particular na poesia de temática religiosa e moral." (SILVA — *Maneirismo*, p. 376.) Para ilustrar esta sua afirmação, Aguiar e Silva sugere, em nota, um confronto com a poesia de Frei Agostinho: "Cf. Frei Agostinho da Cruz. *Obras*, pp. 5, 21, 28, 53, 85, 86, 90, 98, 115, 204, 205, 206, etc." (*Ibidem*.)

paralelística dos dois primeiros versos, secura, poderíamos dizer, total (secou o rio, o prado e o bosque), de nada lhe valem as lágrimas que derrama. Nessa impotência, intercede ao Deus que tudo vê e tudo sabe — à maneira do salmista, de Job, ou Jeremias que o invocam como defensor [255] — para que seja sua testemunha:

> "Um Deos que tudo vê, que sabe tudo,
> Me seja testemunha da verdade,
> Que eu não quero outro amparo, outro escudo." [256]

Amparado em Deus e "movido só da sua caridade", busca a solidão das montanhas:

> "Aqui quero fugir, quanto puder,
> De todas as humanas criaturas,
> Esses cansados dias que viver.
>
> Aqui conversar quero pedras duras,
> Os brutos animais, feras, serpentes,
> Que não sabem mudar suas figuras." [257]

ainda que bem saiba que o julgarão mal por isso:

> "Bem sei que julgarão por desatino
> Fazer em toda a vida tal extremo,
> Como na minha triste determino." [258]

É necessário, porém, que assim seja, porque, como diz em mais um terceto de construção paralelística e de acumulação anafórica:

---

[255] Cf. Sl 12, 7-8; Sl 18, 31; Jó 19, 25; Jr 20, 11-12.
[256] CRUZ — *Sonetos*, p. 155.
[257] *Ibidem*, p. 157.
[258] *Ibidem*.

"Eu mesmo fui a mim o desleal;
Eu mesmo fui a mim cruel imigo;
Eu mesmo fiz a mim tamanho mal.

Eu fui o que me fui pôr a perigo
De tanta ingratidão, tanta crueza;
Eu sou o que só choro a mim comigo." [259]

Ele, que invoca Deus como sua testemunha, amparo e escudo, é que foi para si mesmo o desleal e cruel inimigo, pois depositou a sua confiança nos homens que mudam suas figuras e naquilo que passa, na cedência ao seu gosto e aos seus afectos, empregando mal *amor tão puro*. Por isso,

"Se mal fundei a minha confiança,
Se tão mal empreguei amor tão puro,
Porque não tomarei de mim vingança?

Quanto mais cruel for, quanto mais duro
Contra mim, tanto mais serei mais brando;
Pois todo o mal em mim é mais seguro.

Assim me irei de todo acostumando
A ser tamanho imigo do meu gosto,
Que me fique esta magoa consolando." [260]

E neste tempo de *cruel guerra* consigo, como diria Limabeu, um tempo de exílio como sugerem os versos que parafraseam o versículo segundo do salmo 137, ("nos salgueiros que ali estavam/ dependuramos as nossas harpas", diz o salmista, "Os tristes versos meus depen-

---

[259] *Ibidem*, p. 156.
[260] *Ibidem*, p. 158.

durados/ Nos troncos deixarei [...]", diz a elegia), deixará escrito no tronco das árvores "além de quantas/ Cousas já padeci, quantas padeço,/ Por julgarem por mal cousas tão santas", mas não se esquecendo, nesse recordar e perpetuar da memória dos seus padecimentos, do exemplo de Cristo:

> "Contudo, meu Senhor, eu não me esqueço
> Que rogastes na Cruz por gente ingrata,
> Eu por ela também perdão vos peço.
>
> Se vós, meu Deos, rogais por quem vos mata,
> Como não rogarei a vós, Senhor,
> Que perdoeis a quem tão mal me trata?
>
> Bem claro vejo enfim quanto melhor
> É ser injustamente perseguido,
> Que poder ser de alguém perseguidor." [261]

Esta aproximação que aqui é feita entre o sujeito poético e a figura de Cristo, já será diferente — excepção feita à elegia V [262] — nas

---

[261] *Ibidem*, p. 158-159.

[262] A elegia V, *Da Ingratidão*, repete e continua, de certo modo, a elegia I: nesta, o sujeito poético começava por lastimar que tudo, sem motivo, tivesse secado para ele; na elegia V, começa por dirigir-se às águas que saem das duras entranhas: "Claras agoas nascidas das entranhas/ De tão duras, desertas penedias,/ No meio de tão asperas montanhas.// Se vós me segurais que estas sombrias/ Plantas não perderão sua verdura,/ Nem vós vos secareis, oh agoas frias!" (*Ibidem*, p. 173.)

Na elegia I, queixava-se de si mesmo, por se ter exposto ao perigo da ingratidão; na elegia V, diz: "Dum mal noutro maior a tanto veio/ A fera ingratidão dum noutro peito,/ Que deixou este meu de magoa[s] cheio.// [...] Ah quem não tivera olhos com que vira/ Tomar um coração ingrato, e duro,/ Armas com que de novo se ferira!// [...] Não sei para que quero ser amigo;/ Pois só pura amizade me faz guerra/ E nenhum outro mal pode comigo?// Falo da que no meu peito se encerra,/De que em lugar de fructo colho espinhas:/ Ah doudo, que tem mais que dar a terra!" (*Ibidem*, p. 174-175.)

Na elegia I, promete vingança sobre si mesmo, por não ter sabido em quem confiar; na elegia V, diz que não se deve espantar da dor de ter empregado mal a confiança,

elegias seguintes. Mais do que sublinhar-se a similaridade entre o padecer de perseguições e ingratidão do eu poético e de Cristo, sublinhar-se-á uma aproximação feita pela diferença, isto é, pela distância pressentida e reconhecida entre o amor de Deus manifestado no sacrifício da cruz e a resposta do homem pecador, resposta de que o homem só é capaz pela acção misteriosa da graça. Por isso, mesmo quando voltamos a encontrar um sujeito poético em choro pela guerra que lhe moveram e a consolar-se com o facto de encontrar, no meio da natureza, o que não encontrou no peito dos homens, porque destes recebera *secura sem causa* e da natureza recebe verdes plantas que não secam:

> "Quero agora chorar aqui cercado
> De plantas e penedos nesta Serra;
> Pois não tenho de quem seja chorado.
>
> Cruel me foi a minha propria terra
> Em que nasci; cruel e desumano
> O sangue meu que nela me fez guerra.
>
> Movido de tão claro desengano,
> Desconfiado vim de nunca mais
> Tornar a confiar em peito humano." [263]

encontramo-lo, não já a falar da *culpa sem culpa*, como faz na elegia I, mas da descoberta e confissão do seu pecado, e, no caso da elegia que

---

mas do facto de tão tardiamente se ter ressentido disso: "Quem tão mal empregou a confiança/ Não se espante da dor, que assi lastima,/ Antes de haver no mal tanta tardança."(*Ibidem*, p. 174.) E na última estrofe, repetindo a ideia da elegia I, segundo a qual o contacto com os humanos devia ser evitado, lamenta estar a despedaçar, com peitos humanos, a sua quietação: "Que com peitos humanos toda a minha/ Quietação estou despedaçando,/ Sem cura, sem proveito, e sem mezinha." (*Ibidem*, p. 176.)

[263] *Ibidem*, p. 168.

os tercetos acima transcritos introduzem, já nem fala da sua dor, mas da dor de uma alma que o Senhor lhe deu a graça de conhecer, e por quem intercede junto da Virgem, apresentando-se como um dos maiores pecadores:

> "O Senhor me quis dar além de tantas
> Graças numa alma só em terra alhea
> Nascida d'outras tais entranhas santas.
>
> Por isso se esta minha aqui prantea
> Com tão estranha dor, tão secos gritos,
> É pela ver de tantas magoas chea.
>
> Não me lembram meus males infinitos,
> Desgostos nenhuns já neste meu peito
> Trago, senão os seus agora escritos.
>
> Oh Virgem, se não foi meu rogo aceito
> Para a mim me livrar de tantas dores,
> [D]as lagrimas que choro havei respeito!
>
> Se Vós servos fazeis dos pecadores,
> Como não cuidarei que me fareis
> Vosso, posto que eu seja dos maiores." [264]

A sua oração dirige-se à Virgem, porque ela é quem oferece os suspiros daquele que a si se dirige ao seu filho, Aquele que ela viu morrer para dar vida a esse servo que, agora, junto dela, lhe pede que não se esqueça da alma que lhe confia, porque também ele não se esquece daquela por quem pede, pois, uma vez que funda as suas amizades tomando Cristo por guia, sabe que, mesmo estando longe, não há

---

[264] *Ibidem*, p. 168-169.

mudanças de tristeza ou alegria, de tempo ou de lugar, que perturbem essa lembrança. Depois, dirigindo-se à pessoa por quem intercede, diz:

"Quantas lagrimas cá neste deserto
Tenho por tua causa derramadas
Por te encerrar naquele peito aberto?

Naqueles pés, e mãos na Cruz pregadas,
Naquelas cinco Chagas do Senhor,
De quem tantas mercês tens alcançadas;

Que não podes teus olhos nela pôr,
Que não fique tua alma consolada,
Seja a tribulação quão grande for.

Enfim se viver queres descansada,
Da lança, cravos, Cruz, ou da Coroa
D'espinhos vive sempre trespassada." [265]

E conclui a elegia, dizendo:

"O Senhor te dê tantas alegrias,
Quantas aqui lhe peço de contino:
Ele nos faça arder noites e dias
No seu divino amor, amor divino." [266]

Ora, quem assim intercede com lágrimas pela pessoa com e por quem sofre, no desejo de que ela se encerre no peito aberto de Cristo, e que, unida aos pés, às mãos e às chagas traga a alma consolada, logrando descanso trespassada da lança, cravos, coroa de espinhos e cruz de Cristo, e que termina formulando tal desejo, é, necessaria-

[265] *Ibidem*, p. 170.
[266] *Ibidem*, p. 172.

mente, já alguém transformado, capaz de olhar para trás e ver a sua história com novos olhos:

"Piedoso Senhor, manso e benino,
Quem pode penetrar mercês tamanhas,
Recebidas de Vós desde menino?

Que prados, que ribeiras, que montanhas
Pastei, passei, subi com vossa ajuda
Por terras tão desertas, tão estranhas?

Oh como se converte, rende, e muda
Aquela alma ditosa, que trespassa
De amor celestial a seta aguda!

Quão leve, quão ligeira voa, e passa
Pelos laços sutis da vida humana;
E como na divina se compassa!" [267]

---

[267] *Ibidem*, p. 179. Os versos do último terceto fazem imediatamente pensar nos versos de Frei Luis de León: "con sólo Dios se compasa/ y a solas su vida pasa" LEÓN — *Poesias*, p. 138. De resto, muitos outros versos de Frei Agostinho nos lembram algumas características da poesia de Frei Luis de León: a referência à *invidia ponzoñosa*, à *invidia en rostro amigo*, ao *mal no merecido* [ainda que por razões e circunstâncias bem distintas, e em versos diferentes, porque são versos de quem sabe que à vida "Por más que se conjuren/ el odio y el poder y el falso engaño/ — y ciegos de ira apuren/ lo propio y lo diverso, ajeno, estraño —/ jamás le harán daño" (*Ibidem*, p. 96, 98.)] Ele que pede à Serra que lhe deixe o ar "mientras curo/ los daños del veneno/ que bebí mal seguro,/ mientras el mancillado pecho apuro;" (*Ibidem*, p. 92) porque "Los bienes más queridos y mayores/ se mudan y en mi daño se conjuran/ y son por ofenderme a sí traidores;/ mancíllanse mis manos, si se apuran;/ la paz y la amistad me es cruda guerra;/ las culpas faltan, mas las penas duran." (*Ibidem*, p. 102, 104).

Teófilo Braga notou justamente esta proximidade, no artigo *Poesia mystica portugueza*, num passo que suprimirá aquando de uma nova publicação do artigo, entretanto alterado por supressões e acrescentos, nos *Estudos da Edade Media*: (Cf. IDEM — Poesia mystica amorosa, p. 168-182.) Na primeira publicação do artigo, Teófilo Braga escreve: "Frei Agostinho da Cruz é o poeta da penitencia, cada strophe é um gemido de mortificação. Parece-se bastante com Fray Luiz de Leon, poeta espiritual de Hespanha, em cujas odes religiosas não ha aquella vehemencia, que faz com que a exegese piedosa procure o fervor na exaltação profana. A poesia de Fray Luiz de Leon inspira uma consolação intima, um regosijo inefavel, com a serenidade da alma do cantor." (IDEM — Poesia mystica portugueza, 642.)

Essa transformação foi, como diremos no último capítulo, uma *transformação da sede.* No afastamento de tudo, o sujeito poético aproximou-se do seu próprio rosto, aproximando-se de Cristo, e, por isso, de uma pergunta fundamental: "Que busco, porque espero, que pretendo" [268]:

> "Só na minha choupana, recolhido,
> No silencio da Serra me suspendo,
> Dos humanos agravos esquecido.
>
> Que busco, porque espero, que pretendo,
> Tanto monta no mar, como na terra,
> Onde com suspirar olhos estendo?" [269]

Neste encontro consigo, a natureza adquire uma nova função que redimensiona a posição do sujeito poético, o seu isolamento e a sua relação consigo e logo com tudo o mais. De uma natureza que servia de refúgio — porque desumana — e confidente — porque muda — das queixas do eu poético, como na écloga I, onde Limabeu "antre uns penedos" junto a "hum claro rio,/ Acostumado a ouvir os seus segredos", fala com as plantas, as águas e as pedras, passa-se a uma natureza epifânica e eloquente. Isto é, a natureza muda que escuta o que diz o eu poético, torna-se silêncio que revela, convidando-o à escuta e ao diálogo:

---

[268] A esta pergunta parece responder Limabeu, na écloga VII: "Bem sabem de que trato, e de que vivo;/ Com que folgo, que busco, e que pretendo,/ De cuja natureza me cativo." CRUZ — *Obras*, p. 53.

[269] IDEM — *Sonetos*, p. 218.

"Os olhos meus dali dependurados,
Pergunto ao mar, às ondas, aos penedos
Como, quando, por quem foram criados? [270]

Respondem-me sem segredo, mil segredos,
Cujas letras primeiras vou cortando
Nos pés de outros mais verdes arvoredos.

Assi com cousas mudas conversando,
Com mais quietação delas aprendo,
Que de outras, que ensinar querem falando." [271]

Esta nova função da natureza, que assinala um novo posicionamento do sujeito poético diante das coisas e diante de si, é momento de abertura para um novo e mais profundo *entendimento,* um tempo de *mais clara vista*, um tempo de revelação:

"Agora, que de todo despedido
Nesta Serra d'Arrabida me vejo
De tudo, quanto mal tinha entendido.
.....
Aqui com mais suave compostura
Menos contradição, mais clara vista
Verei o Criador na criatura." [272]

---

[270] Por detrás desta interrogação, vê A. Ambrósio de Pina a presença agostiniana: "Já S. Agostinho usou o mesmo processo literário de interrogar os seres em ordem a uma demonstração existencial do Criador: «Quem é Deus?» Perguntei-o à terra e disse-me: — «eu não sou». E tudo o que nela existe me respondeu o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: — «Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós»." [PINA, A. Ambrósio — Precursores da devoção ao Coração de Jesus em Portugal, V, Frei Agostinho da Cruz. In *Mensageiro do Coração de Jesus*, 79 (1961) 23.] Luís de Sá Fardilha faz a mesma constatação. (Cf. FARDILHA — Natureza, 121-123.)

[271] CRUZ — *Sonetos*, p. 161.

[272] *Ibidem*, p. 177.

Deste tempo de revelação e de descoberta surgirá o tempo do encontro. A visão do Criador não se ficará, no entanto, por essa contemplação da natureza[273], onde se vê o Criador na criatura, mas, como abundantemente expressará Frei Agostinho, acontecerá através da contemplação e do encontro com o Cristo crucificado. Para ele, a descoberta do rosto de Deus não é só a descoberta do Deus Criador,

---

[273] Luís de Sá Fardilha defende que a contemplação de Frei Agostinho é uma *contemplação agostiniana* da natureza, funcionando esta como a mediação entre o poeta e Deus. Para Luís Fardilha, a passagem de pastor a pescador, com o maior isolamento e despojamento do pescador em relação ao pastor, é a concretização poética de uma nova etapa na vida do poeta, facto que também se manifesta ao nível do espaço. A praia "não é mais do que o espaço físico que concretiza a *finisterra*, esse ponto a partir do qual não há mais caminho [...]" (FARDILHA — Natureza, 117-118.) Esse isolamento e esse espaço-limite conduzirão o poeta à descoberta de que "é impossível encontrar neste mundo terreno um espaço físico onde se possa viver sem inquietação, porque o inimigo do homem é a sua própria condição humana" (*Ibidem*, 119.) Ao poeta resta-lhe, por isso, elevar-se acima da condição humana até alcançar a união com o Criador. Ora, é esta união com o Criador, a contemplação e o repouso em Deus, o Sumo Bem, que a natureza mediará, através da «contemplação agostiniana». Em nosso entender, tal conclusão só é possível pelo facto de o autor ter ignorado aquilo que o enunciador do soneto, por ele próprio citado, tão claramente diz: que a quietação para a sua inquietude — que há-de passar pelo esquecimento de si e pela lembrança exclusiva de Deus — só a alcançará metido no lado de Cristo; não na mediação da natureza, mas na mediação do crucificado: "Mostrai-me, meo Senhor, em que deserto,/ Em que ribeira, valle, monte ou serra,/ Em quanto me deixas andar na terra,/ Do ceo me deixareis andar mais perto.// [...] Mas como, e donde posso defender-me,// [...] Senão sendo metido em vosso lado/ Pera todo de mim mesmo esquecer-me,/ E só de vós, meo Deus, ser alembrado?" (CRUZ — *Obras*, p. 207-208. Apud FARDILHA — Natureza, 119.)

É certo que poderão surgir algumas hesitações, suscitadas pela junção que Frei Agostinho parece fazer da meditação da Paixão e da meditação dos benefícios e perfeições divinos. Mas disso trataremos, com mais detalhe, no fim do terceiro capítulo. Veja-se aí, também, a propósito do que atrás dissemos, a ode IV.

Entretanto, e para além do que fica dito, parece-nos que Luís de Sá Fardilha cai numa espécie de panteísmo quando afirma que "Deus, pelo mistério da incarnação, fez com que as «coisas» terrenas possam falar ao Homem das realidades divinas." (FARDILHA — Natureza, 126.) Ora, não só Deus não incarnou nas coisas, como as coisas falam de Deus ainda antes da sua encarnação, assim como tudo o que é criado fala do seu criador (cf. Sb 13, 1-9; Rm 1, 20), tanto mais que Deus viu que *tudo era bom*, pelo que, se tudo é bom, as coisas não podem deixar de falar Daquele que é o sumo-bem e a suma-bondade. Por isso, como diz o salmista, desde sempre "Os céus contam a glória de

mas é também, e sobretudo, a descoberta do Deus Redentor. É nessa descoberta que Agostinho encontrará o verdadeiro rosto do homem e se encontrará com o seu próprio rosto, um rosto desfigurado pelo pecado, constantemente provocado e redimido pelo rosto de Cristo, desfigurado também, mas pelo sofrimento. Este é, porém, um percurso a acompanhar no último capítulo.

Por agora, resta recordar que, mesmo aceitando — descontado o que existe de criação literária e de criação literária situada, descontado o quanto a *facilidade de entendimento*, na avaliaçção da obra, ignorou a importância das repetidas mudanças da serra e do quanto nisso, ou para além disso, havia dessa *dor-desencontro* absolutamente distinta dos *motivos da sua conversão* — mesmo aceitando, dizíamos, que a decisão do poeta se tenha fundado em factores mais negativos do que positivos, e sabendo, evidentemente, que a história pessoal marca a obra e a vocação, a relação com as criaturas (mundo e homens) e com Deus, não compreendemos como se pode, a partir da obra, sustentar, como pretendeu Arantes, essa redução dos versos e da vocação de Agostinho da Cruz à purgação e aos *religiosíssimos versos*. Essa ferida aberta em queixume vitalício, fruto de interpretações românticas, como notou Maria Eugénia Ferreira, só pode ser sustentada por uma leitura *preconceituosa* dos seus versos e por quem ignora os singularíssimos

---

Deus,/ e o firmamento proclama a obra das suas mãos./ O dia entrega a mensagem a outro dia,/ e a noite a faz conhecer a outra noite." (Sl 19, 2-3.) Aliás, não resulta a utilização da simbologia heliomórfica e cosmológica, nos salmos, da contemplação de uma natureza que compendia as perfeições divinas? De resto, nem seria preciso lembrá-lo, ao encarnar, é o Verbo Divino que se faz carne, o que significa que mais do que nunca é através do homem que Deus fala ao homem e, em Cristo, de forma ímpar e definitiva.

caminhos da conversão, ou recusa a dor como abertura e razão de descoberta. Por isso, neste ponto, nos aproximamos mais de Pascoaes que no sofrimento vê uma ocasião redentora, uma ocasião para o amor das coisas e neste a sua revelação: "a infinita opacidade dilui-se numa infinita transparência". Por outro lado, e mais importante, para além da necessária distinção entre a *dor-desencontro* e os *motivos da sua conversão* e da constatação dos tópicos recorrentes, é necessário que os versos que registam *desencontros* e lamentos não sejam retirados, sem mais, do contexto em grande medida catequético e moralizante, nem do carácter pedagógico que os usa e tolera, nem do movimento de conversão que geram, nem do processo do desengano e da descoberta de si, início de um caminho orientado pela divisa socrática *conhece-te a ti mesmo*, sempre presente nos autores espirituais e místicos através dos tempos. É este *conhecimento de si* que levará Frei Agostinho a reconhecer-se pecador e nada, necessitado da Cruz redentora, e particularmente sensível aos "claros sinais de amor", aos "tão claros sinaes de piedade" que a Paixão e os instrumentos da Paixão lhe manifestam, na atitude de quem já só confia nas chagas de Cristo: "Confio só naquellas/ Chagas, que padeceu/ Por todos meu Senhor liberalmente" [274].

[274] CRUZ — *Obras*, p. 118.

CAPÍTULO II

A MEDITAÇÃO DA PAIXÃO NA DEVOÇÃO À HUMANIDADE DE CRISTO

No livro *Correntes de sentimento religioso em Portugal, (séculos XVI a XVIII)*, José Sebastião da Silva Dias escreve:

> "A fundação das províncias da Piedade e da Arrábida constitui [...] a expressão mais forte e radical do franciscanismo na sua luta pelo espírito das origens. Depara-se-nos aí a preocupação ascética no seu máximo vigor de penitência e pobreza." [275]

Escrita por um filho da província da Arrábida, a poesia de Frei Agostinho é, tal como a *Crónica*, espelho de penitência e dessa "ascese no seu máximo vigor", fruto do regresso "forte e radical do franciscanismo na sua luta pelo espírito das origens", luta até à fonte e luta do espírito da fonte nas exigências do presente, e, por isso, uma poesia que, também no seu forte cristocentrismo e no seu constante verso [276] à Paixão de Cristo, se coloca como herança recebida e transmitida desse espírito.

---

[275] DIAS — *Correntes*, p. 145.

[276] «Todo o verso é *versus*, isto é, regresso.» (COHEN, Jean — *Estrutura da linguagem poética*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, [s.d.], p. 63.)

1. De S. Bernardo e S. Francisco ao ascetismo arrábido

A devoção à Paixão de Cristo é um dos núcleos da devoção à Humanidade de Cristo [277] que se desenvolve com grande pujança a partir da segunda metade da Idade Média, segundo o impulso decisivo que, a partir dos séculos XII-XIII, receberia, depois de doutrinas e figuras precursoras como Orígenes, Gregório de Nissa e Santo Agostinho, de Guilherme de Saint Thierry, Santo Anselmo e, sobretudo, de S. Bernardo [278] e S. Francisco de Assis [279]:

> "[...] é o abade de Claraval que transforma a devoção à Paixão. [...] Neste ponto, os místicos da Idade Média, directa ou indirectamente dependem de S. Bernardo.
>
> No seu seguimento, S. Francisco é um impulsionador incomparável da devoção compassiva à Paixão. [...] O seu

---

[277] Cf. NOYE, Irénée; KANNENGIESSER, Charles; AGAESSE, Paul — Humanité du Christ (dévotion et contemplation): au temps des pères de l'Église. In *DSp.* Paris: Beauchesne, vol. 7, 1969, p. 1034-1053.

[278] "[...] haec mea sublimior interim philosophia, scire Jesum, et hunc crucifixum." (BERNARDUS CLARAE-VALLENSIS — Sermones in Cantica Canticorum. In *PL*, 183, p. 995.) "Vult ergo videri, vult benignus dux devoti militis vultum et oculos in sua sustolli vulnera, ut illius ex hoc animum erigat, et exemplo sui reddat ad tolerandum fortiorem. Enimvero non sentiet sua, dum illius vulnera intuebitur. Stat martyr tripudians et triumphans, toto licet lacero corpore; et rimante latera ferro, non modo fortiter, sed et alacriter sacrum e carne sua circumspicit ebullire cruorem. Ubi ergo tunc anima martyris? Nempe in tuto, nempe in petra, nempe in visceribus Jesu, vulneribus nimirum patentibus ad introeundum." (*Ibidem*, p. 1071.)

[279] "A corrente franciscana, afectiva como só ela, e tendo à frente o grande estigmatizado de Assis, veio engrossar êste vasto movimento da piedade cristã. Foi uma enchente. S. Boaventura escreveu a célebre *Árvore da Vida* ou *Lignum Vitae*, como se dizia em latim, para não falarmos da *Vitis mystica* ou *Planctus de passione Domini* e das *Meditationes de Passione Christi*. Ainda no séc. XIII, um franciscano anónimo da Toscana compunha, em italiano, as *Meditationes vitae Christi*. Traduzidas, logo depois, para latim, foram postas a circular, sob a autoria de S. Boaventura, juntamente com as suas meditações da Paixão. Esta compilação boaventuriana, parte autêntica e parte apócrifa, teve uma repercussão profunda na literatura espiritual da Idade-média. Ao

> ardente desejo de se unir aos sofrimentos de Jesus merece-lhe os estigmas. A ordem franciscana herda do seu fundador a ternura pelo Cristo sofredor e contribui, com toda a sua influência, para a sua difusão." [280]

Como um dos centros da devoção à Humanidade de Cristo, (do Cristo glorioso, passa-se ao Cristo doloroso — séc. XIII-XIV — e ao Cristo ensanguentado — séc. XV: "Do Cristo glorioso, do Cristo doutor, o homem dos fins da Idade Média passa ao Cristo menino, trabalhador, taumaturgo, sofredor, agonizante e vencedor da morte." [281]), a Paixão, juntamente com a Infância e a Eucaristia, desenvolverão, à sua volta, muitas outras devoções: a devoção ao Nome de Jesus; a devoção à Via-sacra; aos instrumentos da Paixão, à coluna, à lança, à cruz; a devoção à Santa Face; às Chagas; ao lado de Cristo; ao Sangue; ao Coração de Cristo; devoções fecundas — e por sua vez difundidas — na arte, na liturgia, nos livros de horas, nos livros de devoção, nos Mistérios, nas laudes, nas pregações, etc., e todas elas, como se verifica, acentuando o carácter sofredor e humano de Cristo e da sua Paixão. [282]

---

lado dêstes livros, surgiam as obras dos místicos renanos, sobretudo o pseudo-Taulero e Henrique Suso († 1365), assim como a célebre *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia († 1370), traduzida em português pelos monges de Cister, Fr. Bernardo de Alcobaça e Fr. Nicolau Vieira. Apareceu, em letra de fôrma, no ano de 1495 e foi o primeiro paleótipo impresso «em lingoagem portugues». E, para terminar, recordemos, ainda, a *Arbor vitae crucifixae*, do frade menor Ubertino de Casale († 1340)." (MARTINS, Mário — O pseudo-Taulero e Fr. Tomé de Jesus. *Brotéria*. Lisboa. 42 (1946) 24.)

[280] PICARD, Michel-Jean — Croix (chemin de). In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 2, p. 2578-2579.

[281] RAYEZ, André — Humanité du Christ (dévotion et contemplation): age d'or de la dévotion médiévale (14e-15e siècles). In *DSp.* Paris: Beauchesne, vol. 7, 1969, p. 1065.

[282] Cf. *Ibidem*, p. 1068-1084. Gertrudes de Helfta, essa monja "situada na encruzilhada das grandes linhas da espiritualidade da Idade Média" (CARVALHO, José Adriano Moreira de Freitas — *Gertrudes de Helfta e Espanha: contribuição para estudo*

Que esse impulso tenha partido de S. Bernardo[283], nada mais natural, ou não tivesse a Ordem cisterciense valorizado o corpo e o corpóreo contra a tendência de Cluny mais centrada no espírito e no espiritual. Depois, com S. Boaventura, a devoção à Paixão será introduzida, de modo definitivo, na doutrina mística.

Em S. Bernardo, é a meditação e a imitação de Cristo crucificado que conduzem, pela caridade, à íntima união da alma com Ele[284], uma

---

da história da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII. Porto: INIC, 1981, p. XI-XII) é um exemplo notável desta devoção à Humanidade de Cristo. À luz da união que é amor (*dulcem unionem, et unientem dulcidinem*) "a humanidade de Cristo e os seus mistérios representam a orientação mais marcada da vida interior de Gertrudes." (*Ibidem*, p. 20.) Tal orientação leva-la-á, para além de outras devoções, como a Ressurreição e a Ascenção de Cristo, a acentuar, sobretudo, a Encarnação e, muito particularmente, a Paixão: "A Paixão está, porém, mais presente em santa Gertrudes do que a Natividade, e se se tomar em consideração outras devoções que estão em estreita relação com os sofrimentos e a morte na cruz de Cristo, poder-se-á mesmo falar da omnipresença da Paixão na obra — *Legatus* e *Exercitia Spiritualia* — de Gertrudes de Helfta." (*Ibidem*, p. 24.) Uma dessas devoções em *estreita relação* com o sofrimento e a morte de Cristo na Cruz é a devoção às chagas e, principalmente, "à chaga do coração [à qual] é reservado um lugar central na espiritualidade afectiva de Gertrudes [...]" (*Ibidem*, p. 25.) Refira-se, finalmente, a Eucaristia, outra das grandes devoções desta santa. (Cf. *Ibidem*, p. 21.)

O que se disse de Gertrudes poder-se-ia ter dito, quase *ipsis verbis*, de Matilde de Hackeborn, companheira de Gertrudes, para quem a Humanidade de Cristo é "o cajado de todas as almas" . (Cf. *Ibidem*, p. 85-101.)

283 "No início do século XII, quando a implantação do cristianismo, na Europa, estava consolidada, um monge cisterciense conferiu à mística cristã uma nova direcção. Até então, a mística, tanto no Ocidente como no Oriente, tinha sido altamente intelectual, e mesmo a espiritualidade cristocêntrica de Simão o Novo Teólogo, representava principalmente o Cristo ressuscitado, o Senhor glorioso do céu e da terra.

Os novos cristãos da Idade Média Ocidental não estavam ainda preparados para as especulações místicas sobre a luz e as trevas, nem para uma concepção elaborada da transcendência divina. Para além disso, a mística da Igreja primitiva tinha dado pouca atenção à humanidade sofredora de Cristo, deixando assim uma lacuna no retrato completo do Filho do Homem, transmitido pelos Evangelhos. Foi este retrato que penetrou o centro da mística Ocidental e o seu primeiro representante de envergadura foi S. Bernardo [...]" (GRAEF, Hilda — *Histoire de la mystique.* Paris: Editions du Seuil, 1972, p. 137.)

284 Cf. DI BERNARDO, Flavio — Passion. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1984, vol. 12, p. 327-328.

vez que a Paixão de Cristo não é só eloquência e testemunho de amor no seu limiar e limite de obediência e dom, mas também exigência do amor aprendido na escola de Cristo, que é a escola da caridade. Daí a acentuação do martírio interior (nos começos da Igreja a forma perfeita de conformação à Paixão de Cristo foi o martírio) como caminho para a união com Cristo.

Em S. Francisco, esta interiorização cisterciense do Mistério de Cristo foi tão intensa que se manifestou em sinais exteriores, como foi o caso do aparecimento dos estigmas, em 1224, no monte Alverna.

S. Francisco foi o crucificado com o Crucificado, *quasi pictura Iesu*, síntese da consciência eclesial que, desde o período gregoriano, reencontra o laço estreito e indelével entre a pobreza evangélica e a Cruz, e, nesse despojamento de quem se despossui para a nudez do Calvário, ele foi *Il Poverello* e, como diz Lortz, a manifestação privilegiada da esplendorosa força da obediência viva e heróica. [285]

A espiritualidade franciscana, como corrente fecundada e fecundante da devoção e contemplação da Humanidade e Paixão de Cristo, bastaria, talvez, pois, para compreender a poesia de Frei Agostinho, mas isso seria ignorar que nesse recuperar do "espírito das origens" há um vasto ambiente de causas, consequências e contextos (Reforma Católica, Reforma Luterana, Contra-Reforma) que ajudam a situar os Arrábidos e, consequentemente, a obra de Agostinho da Cruz. Bastaria, tanto mais que a Paixão de Cristo é — com aquilo que a rodeia: a devoção aos intrumentos da Paixão: a coluna, a lança; a devoção às chagas,

---

[285] Cf. LORTZ, Joseph — *Historia de la Iglesia*. Madrid: Cristiandad, 1982, vol. 1, p. 459.

à cruz e ao lado aberto — o motivo central na poesia de Frei Agostinho, sempre contemplativo diante do Crucificado. Mas antes, é preciso refazer, ainda que breve e muito imperfeitamente, outros percursos que explicam que a devoção à Paixão, na Contra-Reforma, se tenha tornado o núcleo do ressurgimento do ascetismo [286] que marcará a segunda metade do século XVI, uma forma de o acautelar de uma piedade exteriorista e formalista e, ao mesmo tempo, de responder ao "misticismo quase idealista que se infiltrou na espiritualidade do século XVI" [287], (de que os arrábidos, aliás, não estarão de todo isentos).

Já dois séculos antes, a *Devotio Moderna* trouxera um regresso à vida ascética, respondendo à especulação e idealismo de raiz neo-platónica e agostiniana da mística renana, combatendo

> "o idealismo subtil e abstruso [...]. A reforma da Igreja andava na boca de todos: o *homo interior* de Eckhart e seus discípulos era demasiado complicado. Como meio de reforma, impôs-se em muitos espíritos o retorno a uma vida ascética de tipo medieval; a vida ascética implicava métodos e exercícios espirituais eficazes: o *homo devotus* será menos especulativo e mais realista do que o *homo mysticus* dos mestres renanos." [288]

No seguimento dos livros de piedade que, depois de S. Bernardo e S. Francisco, se estruturaram a partir da meditação da Vida e Paixão de Cristo, entendida como mistério de salvação e centro da experiência

---

[286] «Como em todos os momentos cruciais da história da Igreja, também agora esta força se manifestou numa nova e mais poderosa acentuação da *ascética* [...] Assim, chegou-se à prática de uma *theologia crucis* católica, com todo o rigor da expressão e sem mistificações espiritualistas.» (*Ibidem*, vol. 2, p. 171.)

[287] DIAS — *Correntes*, p. 450.

[288] HUERGA, A. — Devotio Moderna. In *Diccionario de espiritualidad*. Dir. Ermanno Ancilli. Barcelona: Herder, 1983, vol. 1, p. 576.

espiritual, e num contexto de exposição e desenvolvimento dos métodos que tinham por finalidade auxiliar essa experiência e, de modo particular, o exercício da oração mental, um discípulo de Ruysbroeck, Gerard Groot, principal fundador deste movimento devocional que se estendeu, sensivelmente, de 1350 a 1500, lutando pela reforma do clero e da Igreja, pelo ideal de desprendimento e humildade, não se esquecerá, na sua ascética, de recomendar à meditação metódica a Paixão de Cristo:

> "A sua ascética é voluntarista, prática e realista; ele desaconselha as austeridades excessivas das grandes Ordens, recomenda a meditação metódica dos fins últimos e da vida de Cristo, sobretudo da Paixão." [289]

Com Radewijns [290], fundador dos Irmãos da Vida Comum, em Windesheim, a quem deu forma e consistência, esse ascetismo será apenas prático e sem nada de místico, até mesmo mais atento ao exterior do que à prática interior, mais negativo do que positivo. Mais tarde, Kempis [291], nas suas obras, à luz da mística de Ruysbroeck e do *homo*

---

289 DEBONGNIE, Pierre — Dévotion – «Devotio Moderna". In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1957, vol. 3, p. 730. No seu ideal de humildade, abnegação e obediência, muitos outros não esquecerão a Paixão como contributo essencial: Zerbolt inclui-a nos seus exercícios de meditação (Cf. *Ibidem*, p. 731); Herxen desenvolve, com o passar dos anos, uma crescente devoção à Paixão (Cf. *Ibidem.*); Heusden, nas suas meditações para cada dia da semana recorre, em grande parte, aos episódios da vida e Paixão de Cristo (Cf. *Ibidem*, p. 732); Gansfort, no seu tratado *De sacramento eucharistiae et audienda missa*, insiste na meditação da Paixão (Cf. *Ibibem*, p. 734); etc.

290 Cf. *Ibidem*, p. 730.

291 A Thomas Kempis é atribuído o livro *Imitação de Cristo* que no século XVI, em Portugal, teve, ao todo, 8 edições: 1542; 1555; 1556; 1557; 1563; 1573; 1580 e 1589 (Cf. *BIBLIOGRAFIA cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal 1501-1700.* Dir. José Adriano de Freitas Carvalho. Porto: FLP-ICP, 1988.)

interior de Eckhart, fará uma síntese onde une os princípios austeros dos fundadores com a piedade mais afectiva. Tal contributo estará já presente em Herp, um franciscano atento a S. Boaventura e ao tom afectivo da piedade italiana. [292] Também ele propunha, aos que desejavam seguir a via mística, a meditação do amor de Cristo na Paixão e que, durante um período de seis meses, examinassem "passo a passo, como ensina S. Bernardo, o tema da Paixão que inflama Cristo de amor, os momentos da Paixão que lhe permitiram suportá-la, e a própria Paixão, que dá força para imitar Cristo." [293]

O seu livro, *Espelho de perfeição,* foi traduzido pelo jerónimo Brás Barros, e publicado no ano de 1533, em Santa Cruz de Coimbra. [294] Ao lado de Eschius e Tauler, tem sido apontado como um dos autores

---

Na obra, o autor recomenda que cada um ponha diante de si a imagem de Cristo crucificado pois «Na cruz está a saúde e a vida. Na cruz está o refúgio contra os inimigos, a doçura da graça, a força da alma, a alegria do espírito, a perfeição das virtudes, o cume da santidade. [...] Tudo consiste em amar a cruz e morrer nela. Nem há outro caminho para a vida e para a verdadeira paz interior senão o da cruz e o da mortificação contínua." (KEMPIS — *Imitação*, p. 63.)

Esta *mortificação contínua* é, no entanto, bem diferente do rigor ascético que a Contra-Reforma realça nesse regresso à pobreza primitiva, empreendida também pelos Arrábidos tão atentos e afoitos na sua exteriorização.

Para o autor da *Imitação*, o mais importante é o *homem interior e espiritual* de que tanto fala, porque mais importante deve ser o «interior do que aquilo que exteriormente se manifesta» (*Ibidem*, p. 27). Por isso, recomenda: "Converte-te a Deus de todo o teu coração [...]. Aprende a desprezar as coisas exteriores e a dar-te às interiores[...]» (*Ibidem*, p. 47), pois, "Se fosses puro, entenderias tudo." (*Ibidem*, p. 52), ou, como diz mais precisamente a tradução de 1674, de Giraldo Lopez: «Se tu foras bom, & puro no interior, logo verias, & entenderias bem todas as couzas sem impedimento» (IDEM — *Imitaçam de Christo*. Coimbra: Ioseph Ferreira, 1674, p. 105.) "Si tu esses intus et purus, tunc omnia sine impedimento videres et caperes bene.» ([IDEM] — *De imitatione Christi*. Edição crítica ao cuidado de Tiburzio Lupo, S.D.B.. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1982, p. 98.)

[292] Cf. GULLICK, Etta; DE VEGHEL, Optat — Herp. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1969, vol. 7, p. 346-366.

[293] *Ibidem*, p. 353.

[294] Cf. *BIBLIOGRAFIA*, p. 17.

que mais marcou a espiritualidade portuguesa [295], sempre mais ascética do que especulativa: "Afectivos e activos, somos, ao que parece, mais dados aos exercícios da imitação de Cristo do que a especulações de alta teologia." [296]

Exerceu, juntamente com Groot e Kempis, uma influência significativa sobre Eschius [297], outro autor franciscano, que no livro, *Exercicios Divinos,* publicado pela primeira vez, em Portugal, no ano de 1554, com tradução de Cristóvão de Abrantes, frade capucho da província da Piedade [298], no exercício número quatro, intitulado "De doze mortificações", escreve: "as quaes explica muy bem o Douto, & espiritual varão Hẽrique Harphio em o tratado das doze mortificações." [299]

Na sua doutrina, Eschius defende a mortificação dos cinco sentidos como mortificação de si mesmo, e por isso aconselha:

> "[...] quero dizer que te recolhas na Humanidade de Christo Crucificado com tão constante, & efficaz resignação, & negação de ti mesmo, como se ja fosses totalmente morto ao mundo [...]" [300]

---

295 Cf. GULLICK — Herp, p. 364; Cf. DIAS — *Correntes*, p. 245-285.

296 BELCHIOR — Génese, p. 12.

297 Cf. AMPE, Albert — Eschius. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1960, vol. 4-1.º, p. 1060-1066.

298 Cf. *BIBLIOGRAFIA*, p. 44.

299 ESCHIUS, Nicolas — *Exercicios divinos.* Lisboa: Bernardo da Costa, 1714, p. 77. Também no "Prologo de Frey Lourenço Surio Catuxano sobre os diuinos exercicios de Nicolao Eschio, varam de grande sanctidade em Barbancia", que acompanha a edição portuguesa de 1555, se pode ler: "E nã aproueitara pouco pera ho conhecimẽto de deos & de ti mesmo a atẽta & profunda cõsideração de hũ capitulo ou dous das meditações ou soliloquios de sancto Agostinho, ou doutros deuotos opusculos & liurinhos semelhantes. E pera os outros exercicios ẽ especial aproveitaram grandemente as cousas que nas obras de Hãrrique herp em muitos lugares sam tratadas cõ muita graça do Spũsctõ." (SÚRIO, Lourenço — Prologo de Frey Lourenço Surio Cartuxano sobre os divinos exercicios de Nicolao Eschio, varam de grande sanctidade em Barbancia. In *Ibidem*. Évora: Andre de Burgos, 1555, p. 10.)

300 ESCHIUS — *Exercicios*, p. 48-49.

Tal mortificação, visa a união com Cristo, união que aquele que aspira à via mística se habituará a pedir:

> "[...] te costumarâs a pedir a Deos, que te ensine a entrar, & estar metido dentro de Christo todas as horas, & momentos do dia, rogandolhe que por seu amor, por quem elle he, & por sua santissima Humanidade, & seus cinco sentidos [...], se sirva de enxertar, & meter em si, & em seus cinco sentidos os teus unindoos, & ajuntandoos a sua santissima alma, & fiques tão transformado em os de Christo como senão tivesses proprios sentidos, que possão dar lugar em ti à menor sensualidade, & que com esta inclusão, & união assim fiques enxertado, fixo, & encravado na Cruz de Christo [...]" [301]

Ora, esta união passa pelo exercício número sete, intitulado "Cruciforme às chagas de N. Senhor JESU Christo". Aí, escreve o autor:

> "[...] deves sempre, & em todo lugar crucificar com Christo o teu corpo [...] cõformandoo todo o possivel com o crucificado Corpo de Christo [...]. He cousa certa, que as santissimas chagas de teu Redemptor são os celestiaes canos, pelos quaes o Padre Eterno nos comunica todas as virtudes, dons, & graças, & que dellas, como de sua propria fonte, as avemos de beber & chupar." [302]

Seguidamente, fala das virtudes que hão-de ser bebidas das diferentes chagas. Das chagas dos pés a Humildade, donde nascem três filhas: a obediência, a paciência e o silêncio; dos espinhos a Sabedoria do pensamento, palavras e obras, que gera três filhas: temor filial de Deus, discrição e simplicidade; do lado trespassado a Caridade e Amor

---

301 *Ibidem*, p. 53-54.
302 *Ibidem*, p. 101-103.

a Deus que produzem três filhas: a fé, a esperança e a caridade; da mão direita a Justiça que gera a misericórdia, a verdade e o agradecimento; e finalmente, da mão esquerda a Fortaleza, donde nascem mais três filhas: a castidade, a temperança e a pobreza. E Eschius conclui: "Esta he a Mina donde os santos (em especial o Serafico Francisco & Melifluo Bernardo) tirarão todas as suas riquezas [...]" [303]

Estes exercícios de Eschius referem-se à via purgativa e iluminativa, porque na via unitiva, onde a "união requere a alma nua, & desapegada de toda creatura" [304], fala-se, já não da união com Cristo, mas da união com Deus, do morar em Deus e ser habitado por Ele. Note-se, no entanto, que o renovar cada dia esta união passa por prostrar-se diante do corpo nu e ensanguentado do crucificado e por afogar os pecados nas sacratíssimas chagas dos seus pés. [305]

O mesmo já não dirá o beneditino contemporâneo de Eschius, Luís de Blois, autor tão ligado à Península Ibérica, lido em certos círculos iluminados portugueses [306], citado nos *Motivos Espirituais* de Frei Rodrigo de Deus [307] e pelo seu confrade arrábido Afonso de Medina [308]. Na obra *Institutio Spiritualis,* no capítulo VI, intitulado: *De*

---

303 *Ibidem*, p. 116.

304 *Ibidem*, p. 167. No já citado prólogo de Lourenço Súrio, lê-se: "Recolheras tãbem teus sentidos dentro em ti & apagaras, imprimiras & alargaras tã profundamente em teu deos as potencias de tua alma, nuas de toda a ymagẽ criada, q̃ nenhũa criatura ponha meo entre ti & elle." (SÚRIO — Prologo, p. 5.)

305 Cf. ESCHIUS — *Exercicios*, p. 206-218.

306 Cf. DIAS — *Correntes*, p. 375-376.

307 Cf. CARVALHO, José Adriano de — Para a história da espiritualidade em Portugal: os «Motivos Espirituais» de Fr. Rodrigo de Deus e sua repercussão em Espanha. *Itinerarium*. Braga. 14 (1968) 81-91.

308 Cf. MEDINA — Tratado da oração mental. In DEUS — *Motivos*, p. 425.

la memoria y meditacion de la vida, y Passion, y llagas de Iesu Christo nuestro Señor, escreve:

> "El q̃ se exercita en la vida espiritual, tẽga siempre guardada en el cofre de su coraçon como vna piedra preciosissima la amable vida y passiõ de Iesu Christo.Y cõsidere al mismo Señor (como diximos arriba) no como hõbre puro, sino como à verdadero Dios y hõbre: porq̃ assi jamas estará sin Dios. Quãdo le fatiga, ocuparse mucho en meditaciones altas y soberanas, acuda de buena gana à la humilde humanidad del Señor: exercitãdose en la memoria de lo q̃ hizo, y sufrio por nosotros. Empero ha de huyr la imaginacion vehemente y dema-siada, no le dañe la cabeça. Põga su nido en la Cruz, ò en la imagẽ de Iesu Christo crucificado; la qual representa la suma se su vida y Passion. More y descanse en las sabrosas llagas del mismo benignissimo Iesus, y quando come ò beue (sino està ocupado) moge con vn deuoto pensamiento los pecados que come en su purissima sangre: y saque la beuida de sus rosadas llagas [309]. Vna platica si quiera humilde y amorosa, que se haga à las dulces llagas del Saluador, le es al mismo Señor mas agradable que toda la armonia, y suauidad de las vozes y musicas. Con razon auian de llorar, aunque fuessen lagrimas de sangre los especiales amigos de Dios, porque el dia de oy estan oluidadas en todo el mundo essas excelentissimas llagas de Christo. No es possible que pueda alguno con humildad leer, ò pensar algo de la Passion del mismo Señor (aunque à caso sea con poco afecto y deuocion) sin que de aì saque muy mucho fruto para su saluacion [...] Imprima pues intimamente el varon espiritual en las potencias de su alma, y en los sentidos de su cuerpo, la imagen excelentissima de la humanidad de Christo crucificado, y aneguese todo en ella: que al fin esta lo leuantarà admirablemente à la imagen sobreessencial, y desnuda de toda forma, digo al Verbo eterno, y sabiduria del Padre, a la altissima diuinidad de Christo. Porque la humanidad del dulcissimo Iesus, es vn camino seguro, y la misma puerta para

---

[309] "Quando comeres, molha o pão em suas santissimas Chagas: & quando beberes, em seu fel, & vinagre" (ESCHIUS — *Exercicios*, p. 123.)

> entrar à la diuinidad. Y realmente en vano aspira el varon espiritual a la mistica, y verdadera contemplacion, sino se quiere ocupar en la meditacion de la Passion del Señor, y en la verdadera humildad." [310]

Ao contrário de Eschius, para quem a união com Deus se renova "prostrado diante da Imagem de Christo crucificado", junto de quem se pede que despoje as potências e os sentidos humanos de todas as imagens e da lembrança das criaturas:

> "& finalmente pediras cõ grande humildade & fervor a JESU Crucificado, que pelas santissimas potencias de sua Alma, & sentidos de seu sagrado Corpo seja servido de despojar as tuas potencias, & sentidos de todas as imagens, & lembranças das creaturas" [311]

e para quem a união com Deus é feita com e em Cristo crucificado:

> "[...] sobe [...] âquellas santissimas Mãos de teu Redemptor, as quaes em sinal de amizade dá este Senhor a seus mayores amigos: & chegandote aqui mais junto a Deos como para lhe pedir sua amorosa união, & doces abraços [...] recolhendote dentro de ti, & lançãdo de teu coração todos os cuidados distrahimentos, & creaturas, te arroja em aquelles amorosos braços de Deos, em os quaes nenhũa cousa se pôde perder, & considerando a Deos presente, que ardentissimamente te ama, & deseja, o mete todo dentro de ti, & a ti dentro nelle, recolhendo teus sentidos, & potencias dentro daquellas sacratissimas Chagas." [312]

---

[310] BLOIS, Luís de — Institucion espiritual. In IDEM — *Obras*. Madrid: Imprensa de Juan de la Costa, 1605, p. 456-457.

[311] ESCHIUS — *Exercicios*, p. 214.

[312] *Ibidem*, p. 212-213.

para Blois, a Humanidade de Cristo é descanso para a fadiga das *meditaciones altas y soberanas,* é *camino* e *puerta* para chegar *à la imagen sobreessencial, y desnuda de toda forma,* porque

> "qualquiera imagen, ò pensamiento destas cosas transitorias, aũque sea de los mismos Angeles, y ni mas ni menos el pensamiento de la passion del Señor, y qualquiera pensamiento intelectual le impide al hombre en esta vida, quãdo se quiere leuantar à aquella mistica vnion con Dios, que es sobre toda sustancia, y entendimiento. Pues al pũto que quisiere hazer esto, se han de dexar, y despedir semejantes imagenes y pensamientos santos, q̃ en otra ocasion con grandissimo prouecho se reuerencian, y conseruan: porque ponen algun medio entre el alma y Dios. Y assi el varon contemplatiuo, que dessea llegar à esta vnion, al punto que siente que el amor diuino lo inflama y leuanta, corte qualesquiera imagines, y acuda cõ presteza al Santa Sanctorum, y à aquel silẽcio interior, adõde no es la obra humana, sino diuina: porque alli Dios es el q̃ haze, y el hombre el que padece." [313]

---

313 BLOIS — Instituicion, p. 475. E num passo da *Regla de la vida espiritual:* "Ocupate pues, conforme à las traças que arriba pusimos, segũ tu capacidad, en los mysterios da la humanidad de Christo. La qual assi possea tu alma, que deshaga luego qualquiera otra imaginaciõ viciosa que à ella acudiere. Esta escoge, que en ella descansaràs segurissimo, entretanto q̃ no fueres leuantado à cosas mas altas. Porq̃ es vna nao adonde sin peligro, podras passar la tempestuosa mar deste siglo, y llegar cõ bonança à aquella bienauenturada patria. Aunque tambien aqui, en medio de la nauegacion, porventura te leuantarà el Señor alguna vez, donde estaràs allà dẽtro desnudo de todas las imagines, y formas: àdõde cessarà en ti toda accion, y adonde finalmẽte saliendo de ti mismo, te passaràs venturosamente en Dios." (IDEM — Regla de la vida espiritual. In IDEM — *Obras*, p. 21-22.) Noutra obra, Blois aconselha a que se guarde a Paixão de Cristo, como pérola preciosa, no mais secreto do coração, e que se pinte a alma com as suavíssimas imagens da Paixão: "Ten guardada en lo mas secreto de tu coraçõ, como vna perla muy preciosa su sacratissima Passion, y rumia en ella cõ animo agradecido. [...] Pinta tu alma con las imagines suauissimas de su Passion, y en medio de tu coraçon planta el florido arbol de la Cruz del Señor. Escoge por Esposo muy querido de tu alma al mismo Iesu Christo, atormẽtado y consumido con llagas y heridas: y contempla en el, y abraçalo amorosamente. Porque de sus coloradas, y floridas llagas manan rios suauissimos de gracias. Verdaderamente gusta del vino de la vida eterna, y conoce muy bien quã deleytoso Parayso sea el dulcissimo Iesus: el que sabe llegar la boca de su alma al costado abierto, y morar en el, y llegar à lo intimo de su coraçon. No se puede escriuir,

Tal como Blois, nas *Instituciones* de (pseudo)Tauler [314], outra obra que, como ensina Silva Dias [315], conheceu grande apreço em Portugal, afirma-se:

> "En comenzando sus ejercicios puede el hombre proponerse santas imágenes y consideraciones, como es la Pasión del Señor y todas aquellas cosas que pueden encender su devoción; pero en la posesión de Dios solamente se ha de esperar la pureza de corazón sin ocupación de imagen alguna por sola la esencia de Dios." [316]

---

ni cõprehender con el pensamiento, quan grande sea el fruto que sea el hombre humilde y de buena voluntad, de la meditacion deuota de la Passion del Señor." (IDEM — Espejo espiritual. In IDEM — *Obras*, p. 74.) Mas, imediatamente a seguir, exorta a que ninguém se desconsole se Deus, nesta vida, não o levantar a um grau mais alto de contemplação e recomenda que se peça a capacidade de viver sempre segundo a agradável vontade de Deus, e que, porque necessitamos de asas para voar mais alto, nos recolhamos, como um pintainho debaixo da galinha, na santíssima humanidade de Cristo. (Cf. *Ibidem.*) E tratando "De la mistica vnion, y de reuelaciones" escreve: "Venturosa alma por cierto, aquella que leuantada sobre todas las cosas criadas, y aun sobre lo que pueden sus obras, en la memoria es despojada de todas las imagenes[...]" (*Ibidem*, p. 76), e diz que aqueles que são "Libres desta manera por la gracia de Dios, de todas las imagines y formas [...] son unidos à Dios sin ningun medio." (*Ibidem*, p. 77.) Blois teria escrito mesmo a *Explicação à paixão de Cristo*, para os que sentiam mais dificuldade em seguir a exposição das experiências místicas: Cf. PUNIET, P. de — Blois, Louis de. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, p. 1733.

[314] Tauler foi um dos autores que exerceu influência sobre Blois, sobretudo no acentuar do carácter anterior, primeiro e proeminente da acção de Deus em relação à acção-resposta do homem. De resto, na *Explicacion muy excelente de la Passion del Señor*, diz-se: "sacada de los muy deuotos exercicios de Iuan Taulero." (BLOIS — *Obras*, p. 518.)

[315] "A seiva mística do Norte correu também no nosso país pela mediação de uma compilação doutrinal muito conhecida, atribuída a Fr. João Taulero. São as *Instituciones Divinas*, escrito, no entanto, que só em parte mínima saiu da sua pena." (DIAS — *Correntes*, p. 258-259.) Ou não tão mínima assim, segundo levam a crer investigações posteriores ao trabalho de Silva Dias e, a partir das quais, Bernardino de Blasio conclui: "Não é, portanto, temerário defender que vários discursos e, sobretudo, muitas partes da edição de Colónia, que os hipercríticos não reconhecem como sendo de Tauler, sejam verdadeiramente dele." (BLASIO, Bernardino de — Introduzione. In TAULER, Johannes — *Opere.* [S.l.]: Edizione Paoline, 1977, p. 20.)

[316] TAULER — Instituciones, p. 220-221. In DIAS — *Correntes*, p. 559. Tauler num dos seus sermões escreve: «Por mais nobres e mais puras que sejam as imagens, elas são sempre um *écran* para a imagem sem contornos definidos que Deus é. A alma na qual

Este entendimento de Blois e de (pseudo)Tauler da meditação da Paixão de Cristo como preparação e aprendizagem para mais altas contemplações sem imagens, é o mesmo que tivera o autor da *Imitação de Cristo,* que aconselhara:

> "Se não sabes contemplar as coisas celestes[317], detém-te na paixão de Cristo e de boa-vontade abriga-te nas Suas divinas chagas. Se recorreres a esses preciosos e sanguinolentos sinais do Seu amor para connosco, sentirás grande ânimo nas tuas tribulações, não darás importância ao desprezo dos homens e sofrerás fàcilmente as suas murmurações." [318]

Esta doutrina da meditação da Paixão como exercício do primeiro modo de oração a ser abandonado e superado nos modos seguintes, num progressivo ascender até a um estado de perfeição, a uma união sem meio, foi uma ideia mal-amada e até desaconselhada por Santa Teresa[319]: no capítulo XXII do *Libro de la vida*, Santa Teresa narra

---

se deve reflectir o sol não pode ser perturbada por outras imagens, mas deve estar pura, pois a presença de uma só imagem faz de *écran* no espelho.» (TAULER, Johannes — *Aux «amis de Dieu»*. [S.l.]: Les Éditions du Cerf, 1979, vol 1, p. 28.)

[317] No latim: "Si nescis **alta** speculari **et coelestia**, requiesce in passione Christi et in sacris vulneribus eius libenter habita." ([Kempis] — *Imitatione*, p. 91). Na tradução de Giraldo Lopez: "Se não sabes contemplar **couzas altas, & celestiaes**, descança na Paixão de Christo, & habita de boa vontade em suas sacratíssimas chagas." (IDEM — *Imitaçam*, p. 96.)

[318] IDEM — *Imitação*, p. 48. Esta parece ser também a doutrina de Frei Rodrigo de Deus: Cf. CARVALHO — Para a história, 83-84. "A questão prende-se directamente com as teorias de Taulero, Hárfio, S. Boaventura, Luís de Blois, Serafino de Fermo e vários outros sobre a contemplação da essência divina sem figuras nem imagens, teorias retomadas entre nós por Luís de Granada, Tomé de Jesus, Sousa Tavares, D. Gaspar de Leão e, de certo modo, pelo próprio Fr. Bartolomeu dos Mártires." (DIAS — *Correntes*, p. 372.) Em Espanha, por autores como Osuna e Laredo: Cf. *Ibidem*, p. 373-374.

[319] Gertrude de Helfta, a monja que os séculos XVI-XVII gostaram de aproximar de Santa Teresa (Cf. CARVALHO — *Gertrudes*, p. 402), na sua doutrina, "ao contrário de muitos espirituais, não separa — nem mesmo por uma necessidade de método —

como caíu em erro ao deixar-se conduzir pelos livros que ensinavam que "la Humanidad de Cristo, a los que llegan ya tan adelante, [...] embaraza o impide a la más perfecta contemplación." [320] O ter seguido a opinião de tais autores era, para ela, causa de grande mágoa, e não se recordava disso sem que sentisse grande pena: "¡Oh Señor de mi alma y Bien mío Jesucristo crucificado! No me acuerdo vez de esta opinión que tuve, que no me dé pena, y me parece que hice una gran traición, aunque con ignorancia." [321] Por isso, ao padre Garcia de Toledo, aconselha a que "no quiera otro camino, aunque esté en la cumbre de contemplación; por aquí va seguro. Este Señor nuestro es por quien nos vienen todos los bienes. El lo enseñara; mirando su vida, es el mejor dechado." [322] E acrescenta:

> "Yo he mirado con cuidado, después que esto he entendido, de algunos santos, grandes contemplativos, y no iban por otro camino. San Francisco da muestra de ello en las llagas; San Antonio de Padua, [en] el Niño; San Bernardo se deleitaba en la Humanidad; Santa Catalina de Siena... otros muchos [...]" [323]

Nas *Moradas sextas*, capítulo VII, repetirá esta ideia:

> "También os parecerá que quien goza de cosas tan altas no tendrá meditación en los misterios de la sacratísima Humanidad de

---

a natureza divina da natureza humana de Cristo: ela vê-o sempre como o mais belo dos filhos dos homens que é Deus, uma síntese que a porá acima das polémicas dos séculos XVI e XVII sobre o lugar da humanidade de Cristo na vida contemplativa." (*Ibidem*, p. 21.)

[320] TERESA DE JESÚS, Santa — Libro de la vida. In IDEM — *Obras completas*. Burgos: Editorial «Monte Carmelo», 1977, p. 222.

[321] *Ibidem*, p. 224.

[322] *Ibidem*, p. 227-228.

[323] *Ibidem*, p. 228.

> nuestro Señor Jesucristo, porque se ejercitará ya toda en amor. — Esto es una cosa que escribí largo en otra parte [o capítulo XXII do *Libro de la vida*], y aunque me han contradecido en ella y dicho que no lo entiendo, porque son caminos por donde lleva nuestro Señor, y que cuando ya han pasado de los principios es mejor tratar en cosas de la divindad y huir de las corpóreas, a mí no me harán confesar que es mejor que es buen camino. [...] También les parecerá a algunas almas que no pueden pensar en la Pasión; pues menos podrán en la sacratísima Virgen, ni en la vida de los Santos, que tan gran provecho y aliento nos da su memoria. Yo no puedo pensar en qué piensan; porque, apartados de todo lo corpóreo, para espíritus angélicos es estar siempre abrasados en amor, que no para los que vivimos en cuerpo mortal, que es menester trate y piense y se acompañe de los que, teniéndole, hicieron tan grandes hazañas por Dios; cuánto más apartarse de industria de todo nuestro bien y remedio que es la sacratísima Humanidad de nuestro Señor Jesucristo." [324]

Em Portugal, foi Jorge da Silva — segundo Silva Dias "alta patente da Contra Reforma" e "temível adversário da escola pietista" — um dos mais activos opositores de tal doutrina, que contava com defensores como Diogo Paiva de Andrade e Frei Tomé de Jesus. [325]

---

[324] IDEM — Moradas. In IDEM — *Obras*, p. 965-966.

[325] Cf. DIAS — *Correntes*, p. 338-340. «Das suas reservas, quando não da sua total discordância relativamente aos sistemas unitivos, que facilitavam a união com Deus sem imagens e o acesso alargado à contemplação, temos notícia através de intervenções suas em processos da Inquisição» (RODRIGUES, Maria Idalina Resina — Jorge da Silva. In *ANTOLOGIA de espirituais portugueses*. [S.l.]: INCM, 1994, p. 79.) É também através desses processos que sabemos que pediu aos inquisidores que censurassem as proposições de Luís de Blois e o livro de Francisco de Sousa Tavares (Cf. DIAS — *Correntes*, p. 447), que, segundo nos diz a *Crónica*, foi um dos mais queridos devotos que teve o convento da Arrábida: «Muitos devotos teve este Convento desde o principio da sua fundação, em cujas casas achavão os Frades todo o bom agasalho, e neste merecimento se aventajarão a todos Francisco de Sousa Tavares e sua mulher Dona Maria da Sylva [...]» (PIEDADE — *Espelho*, p. 178.)

> "Se alguém, com desejo da simplíssima união divina, dissesse que não é necessário contemplar a humanidade de Cristo e que as imagens são impedimento desta união, a esse tal respondo que, ainda que haja outros modos de contemplar a essência, nenhum é tão seguro nem proveitoso como esta santíssima humanidade e respondo que não sabe quem é Cristo nem os proveitos que ao homem vêm por Cristo, nem os proveitos que nos vêm do seu glorioso nome e santíssimo sangue." [326]

A todo este problema se somava, como agravante, o facto de a defesa de graus de oração mais perfeitos, onde mesmo a Humanidade de Cristo e a meditação da Paixão eram entrave e impedimento à união com Deus, se confundir com ideias que percorreram alguns movimentos heréticos da História da Igreja, primeiro nos libertinos e begardos e, já no século XVI, no iluminismo, sobretudo nos *allumbrados* espanhóis.

Por detrás da doutrina dos libertinos e begardos esteve, muito provavelmente, uma corrupção interpretativa da mística renana, sobretudo de Eckhart que tinha, como algumas das suas ideias mestras, a do agir unicamente pela actividade interior e a importância da doutrina sobre Deus, Aquele que é para a alma o princípio, o caminho e o fim [327].

---

[326] SILVA, Jorge — Tratado dos proveitos que vêm aos homens de serem membros de Jesus Cristo, Nosso Senhor. In *ANTOLOGIA de espirituais portugueses*. [S.l.]: INCM, 1994, p. 94. Atente-se, no entanto, na justa observação de Silva Dias, requerida pela *exacta inteligência deste passo*: "[...] nem os pietistas nem os iluminados contestavam que se devesse começar pela «contemplação» da Santa Humanidade — e Silva, defendendo o que ninguém negava, procurava negar o que outros defendiam, isto é, que a vida espiritual e a contemplação da divindade são para todos." (DIAS — *Correntes*, p. 447.)

[327] Cf. OECHSLIN, Raphaël-Louis — Eckhart. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1960, vol. 4, p. 99-100.

Os libertinos identificavam a acção do homem perfeito com a própria acção de Deus [328] e afirmavam que os perfeitos estavam dispensados de várias práticas como a abstinência, jejuns, confissões, mortificações e a meditação da Paixão de Cristo, práticas que podiam até ser impedimento à perfeição.

Também os begardos defendiam que os perfeitos estavam dispensados dos actos de virtude e da meditação da Paixão de Cristo [329], até porque se tornavam tão perfeitos como Cristo. Vernet apresenta, assim, em oito artigos, a doutrina dos begardos:

> "O homem, defendem os begardos, pode, já nesta vida, elevar-se a um tal grau de perfeição que se torna absolutamente impecável e incapaz de novos progressos na graça, porque, dizem eles, aquele que pudesse progredir sempre poderia tornar-se, um dia, mais perfeito que Cristo (art. 1). Chegado a este grau de perfeição, o homem não deve nem jejuar, nem rezar, porque, neste estado, a sensualidade encontra-se de tal modo dominada pelo espírito e pela razão que ele pode consentir ao seu corpo tudo o que lhe apraz (art. 2). Os que chegam a este estado de perfeição e a este espírito de liberdade não estão sujeitos à obediência humana, nem obrigados por qualquer preceito da Igreja, porque «onde está o espírito do Senhor, aí está a liberdade» (art. 3). Já nesta existência

---

328 Vernet, apresenta, deste modo, os Irmãos do Livre Espírito (elidimos as referências às proposições em causa para maior facilidade de leitura): «A seita professava um panteísmo desenfreado, destruidor de toda a religião e de toda a moral. Defendia que a alma é tirada da substância de Deus, por isso, eterna; que toda a criatura é Deus; que todo o homem se pode tornar Deus, igual a Deus, Deus verdadeiro e não somente por adopção. O homem unido a Deus, pode elevar-se acima da santa Virgem e, com mais razão ainda, acima dos santos a quem não está obrigado a venerar. Ele é igual a Cristo, digno de veneração como ele, e mesmo superior a ele. Cristo não sofreu na sua Paixão; a divindade separou-se do seu corpo; ele não ressuscitou. Os homens também não ressuscitarão [...] Igual a Deus, o homem unido a Deus não tem necessidade dele, nem é obrigado a adorá-lo. Deus age nele, com ele, por ele [etc.]» (VERNET, Félix — Frères du libre esprit. In *DTC*. Paris: Letouzey et Ané, 1947, vol. 6-1.º, p. 800.)

329 Cf. DIAS — *Correntes*, p. 5-7.

> terrena, o homem pode aspirar a uma beatitude final de um modo tão perfeito como a que obterá na vida futura (art. 4). A criatura intelectual é naturalmente bem-aventurada em si mesma (subentendamos: pelo facto de ser semelhante a Deus), e, por isso, a alma não tem necessidade da luz da glória para ver a Deus e gozar dele beatificamente (art. 5). Exercitar-se nas virtudes é uma tarefa do homem imperfeito: o perfeito está isento disso (art. 6). Uma vez que o perfeito pode consentir ao seu corpo tudo o que lhe apraz, um acto carnal não é pecaminoso quando a natureza a ele convida, quando a tentação aí conduz; ao contrário, o *mulieris osculum*, de si menos reprovável, seria um pecado grave se a natureza a tal não arrastasse (art. 7). Resulta do artigo primeiro que o perfeito pode ser tão perfeito como Cristo; para ele, pois, seria humilhar-se abandonar as alturas da contemplação para deter o seu pensamento na Paixão de Cristo ou na eucaristia, e aí não é obrigado a levantar-se, nem a mostrar respeito no momento da elevação do corpo de Cristo (art. 8)." [330]

No século XVI, seriam os iluminados [331] que, exagerando o seu desejo e empenho na renovação interior contra a degeneração da Igreja, acabariam por, nessa busca de interioridade, valorizar exclusivamente a iluminação interior, favorecendo o subjectivismo e o desprezo pela hierarquia e formas exteriores de culto, com a consequente desvalorização da meditação da Humanidade de Cristo. Disto mesmo serão, de resto, acusadas, em Portugal, algumas pessoas supostamente iluminadas. O iluminismo, em Portugal, porém, no entender de Silva Dias, penetrou apenas em círculos sociais restritos e teve uma forma a que chama benigna (a que arriscaria mesmo chamar ortodoxa) [332]. Mas não

---

[330] VERNET, Félix — Béghards hétérodoxes. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, p. 1336-1337.

[331] Cf. INMACULADA, Román de la — Espagne: déviations spirituelles et Inquisition – Illuminisme. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1961, vol. 4-2.º, p. 1159-1164.

[332] Cf. DIAS — *Correntes*, p. 363-407.

deixa de ser assinalável que um desses restritos círculos de iluminados se reunisse na casa de Sousa Tavares, cuja ligação à Arrábida, há pouco, em nota, assinalámos, e que um dos mentores desses círculos tenha sido Frei Francisco da Porciúncula, arrábido, frade leigo, dado aos estados místicos, profecias, visões e revelações [333]. Notável é, ainda, o conjunto de leituras desses círculos:

> "Os escritos de Rusbróquio, Taulero, Hárfio e Luís de Blois tinham honras de leitura e de comentário nos ajuntamentos de Simão Lopes e Catarina Ribeiro. O mesmo sucedia com o *Terceiro Abecedário Espiritual* de Fr. Francisco de Ossuna. Os *Diálogos* de Santa Catarina de Génova mereciam também o maior apreço, tendo-se interessado pela sua publicação no idioma nacional o próprio Fr. Francisco da Porciúncula." [334]

Com o iluminismo a nascer nos começos do século XVI, doutrinando o *deixamento* e opondo-se a todas as formas exteriores de devoção, estamos já longe do *homo devotus* menos especulativo e mais realista com que a *Devotio Moderna* combatera o *homo mysticus* dos mestres renanos.

A *Devotio Moderna* morreria à entrada do século XVI. O seu declínio começara com o aparecimento de novas influências, como o caso de Gerson que, em França, soube unir a mística e a devoção. Ainda mais considerável foi a crescente influência do humanismo onde se destaca Erasmo e a sua doutrina. Finalmente, a Reforma protestante seria um golpe decisivo, atingindo grande parte dos Países-Baixos [335].

---

333 Cf. *Ibidem*, p. 397-403.
334 *Ibidem*, p. 375-376.
335 Cf. DEBONGNIE — Devotion, p. 744-745.

Dentro da cultura autónoma da Idade Moderna, onde se cruzam sujectivismo, individualismo, nacionalismo e laicismo, o humanismo lutava por um regresso ao cristianismo essencial, menos vocacionado para o formalismo, o exteriorismo, o culto cerimonial, em favor de uma prática em espírito, pessoal, cristocêntrica, interior:

> "O cristianismo, na maneira de ver da escola [humanista], deve ser vivido e concebido como um Humanismo Cristão, no qual o espírito prevaleça, em tudo e sempre, sobre a letra [... A doutrina de Erasmo] está dominada de alto a baixo pela preocupação de realçar a mensagem cristã nos seus valores essenciais e de essencial assimilação pelos fiéis. A hostilidade à Escolástica, ao monaquismo e às formas exteriores de piedade deriva desse ponto de partida. E não deriva de outro a reivindicação da prática interiorista, livre do jugo das cerimónias e das observâncias corporais, centrada na lei do espírito, que é a lei do amor, a própria lei de Cristo, segundo o ensinamento paulino." [336]

A piedade laical, o individualismo, o recolhimento interior, o culto em espírito, o valor da oração, a valorização da Bíblia como fonte, sobretudo da teologia paulina, foram importantes marcas de influência na rica espiritualidade do século XVI. Erasmo, como diria Silva Dias, foi um signo a deixar marcas bem visíveis na Europa do seu tempo e, em Portugal, são numerosos os homens e obras que lhe devem posições, argumentos, modos e conteúdos [337]. Com a Reforma

---

[336] DIAS — *Correntes*, p. 179-180.

[337] Cf. *Ibidem*, p. 179-243. No seu trabalho sobre o humanismo e erasmismo na cultura portuguesa, Pina Martins chamou a atenção para o facto de, por vezes, se apontarem como erasmistas *topoi* e *influências* que derivam não de Erasmo e suas obras, mas do pensamento humanista dos homens do *Quattrocento*. Por isso, propõe que, como metodologia, se fale apenas de erasmismo quando o contacto de um autor ou obra

de Lutero, no entanto, e o seu rápido crescimento, o erasmismo depressa se tornou doutrina suspeita. A acentuação do culto interior, o desdém pelas bulas, pelos jejuns e abstinências, pelas indulgências, as dúvidas sobre o modelo da confissão auricular e sobre o purgatório, a crítica ao clero e a hostilidade ao monaquismo, a desvalorização do poder pontifício (aliás, resultado da evolução da Baixa Idade-Média), a opinião favorável ao fim do celibato eclesiástico, a piedade anti-cerimonial, levavam à confusão do erasmismo com as teses de Lutero e à aparente coincidência das doutrinas.

O espiritualismo dos erasmistas passou, assim, a constituir um perigo. Daí que, como lembra José Sebastião da Silva Dias, tivesse havido a necessidade de, na estratégia de combate a Lutero, ligar a causa deste à de Erasmo. E Silva Dias conclui:

> "O rumo das ideias e dos factos na Europa, entre 1540 e 1560, parecia tornar inevitável o eclipse do erasmismo. A reforma católica tinha ido ao encontro das aspirações básicas do movimento, incorporando-as, em medida apreciável, na obra de neo-escolástica e nas resoluções do Concílio de Trento. E o êxito da reforma luterana tinha agravado a importância dos seus desvios doutrinais e o risco de certas expressões de choque. Os erasmistas não se aperceberam claramente da evolução, continuando a proceder mais como filósofos do que como políticos, cegos ao perigo das suas atitudes. Ora tal disposição de espírito não podia deixar de lhes criar suspeitas no campo católico, sobretudo na altura em que a preocupação do resultado imediato tendia a levar a palma ao sentido da eficácia a longo termo." [338]

---

com Erasmo e seus escritos possa ser cientificamente e rigorosamente documentável: Cf. MARTINS, José V. de Pina — *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*. Paris: FCG-CCP, 1973, p. 23-26.

[338] DIAS — *Correntes*, p. 243.

Procurou-se, então, com o regresso à ascese e a uma piedade em busca de sinais exteriores como manifestação e ajuda da renovação interior, responder ao que Jean de Guibert chama de *reacção anti-ascética* das *tendências paganizantes* do humanismo renascentista [339], às ambiguidades erasmianas [340] e, mais directa e radicalmente, à Reforma protestante que, com o seu princípio da justificação pela fé (*sola fides*) sem as obras, destruía o fundamento do ascetismo católico e o papel activo da vontade humana na sua cooperação com a graça.

Ora, é justamente neste ambiente contra-reformista que se inserem os Arrábidos. Aliás, é sobre eles que José Sebastião da Silva Dias escreve:

> "O Humanismo, com a sua inclinação para uma ascética positiva, centrada sobre o espírito evangélico e suspeitosa dos arrebatamentos místicos não chegou até eles. O seu caminho é o dos grandes contemplativos do Norte e das santas videntes medievais: Santa Gertrudes Magna, Santa Hildegarda, Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, a Beata Ângela de Foligno, Santa Catarina de Génova..." [341]

---

[339] Cf. GUIBERT, Jean de — Ascèse, ascètisme: l'époque moderne. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, p. 981-982.

[340] É, em certa medida, uma reacção contra o humanismo cristão já que, no dizer de Enrique del Sagrado Corazón, se o Humanismo não desprezava as práticas exteriores, nem as condenava, ao acentuar a interioridade acabava, por vezes, no desprezo das formas exteriores, não como consequência dos seus princípios, mas na adaptação às circunstâncias: Cf. SAGRADO CORAZÓN, Enrique del — Espagne: courants spirituels et sources. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1960, vol. 4-2.°, p. 1147.

[341] DIAS — *Correntes*, p. 152. Bem diferente da posição dos Arrábidos fora a posição do português Frei Hilarião Brandão, O.S.A., descrente dos arroubos místicos: «Nos arrebatamentos que agora acontecem, ditos espirituais, vemos uns movimentos exteriores tão desconcertados, sem nenhũa alteração da compleição, que os não tenho por cousas de Deus. Certo que, tomados seus princípios, meios e fins, mais parece obra do espírito mau que os quer enganar, que não toque do espírito santificador.» (BRANDÃO, Hilarião — *Voz do amado*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 267.)

A Ângela de Foligno[342], Brígida da Suécia[343], Catarina de Sena[344] foi comum um "realismo expressivo" (o sintagma é de Flavio di Bernardo) na devoção à Paixão, muito caro ao ambiente arrábido,

---

[342] «[...] como eu perguntasse a Deus o que poderia fazer para agradar-lhe mais, ele mesmo, compadecido, muitas vezes, em sonhos ou desperta, me apareceu crucificado. Dizia-me que contemplasse as suas chagas e maravilhosamente me mostrava como tinha sofrido por mim todas aquelas coisas. Isto aconteceu-me muitas vezes. E mostrando-me uma por uma todas as coisas que tinha sofrido, dizia-me: O que podes fazer para pagar o que fiz por ti? Deste modo me apareceu muitas vezes, estando desperta, mais agradável do que nos sonhos, ainda que se mostrasse sempre muito lastimável. Falava-me do mesmo modo que nos sonhos, dando-me a entender o que tinha padecido dos pés à cabeça. Indicava-me os pelos arrancados da barba, das sobrancelhas e da cabeça; contava todos os açoites, assinalando-os um por um. E dizia-me: tudo isto o sofri por ti.» (FOLIGNO, Ângela — *Libro de la vida.* Salamanca: Ediciones Sigueme, 1991, p. 35-36.)

Sobre a presença de Santa Gertrudes nos *Motivos Espirituais*, do arrábido Frei Rodrigo de Deus: Cf. CARVALHO — Para a história, 85-91; Cf. IDEM — *Gertrudes*, p. 396-401

[343] Frei Agostinho da Cruz tem um poema em oitavas, intitulado «Visão de Santa Brígida», em que trata da: «Visão que a Santa Brigida foi feita,/ Estando em Belem, já como lhe fôra/ Em Roma promettido da Senhora,/ Despois de já quinze annos mais perfeita,/Mostrando-lhe o successo daquella hora,/ A Deos e todo mundo tão acceita,/ Do parto virginal, puro, divino,/ No qual Deos, sendo Deos, se fez menino.» (CRUZ — *Obras*, p. 265.) Comentando este poema, Mário Martins escreve: «Mulher e mãe de oito filhos, S. Brígida fala-nos, com a maior naturalidade, de alguns pormenores físicos do parto [...] o anacoreta da Arrábida pôs tudo em verso, com a simplicidade dum santo [...]». E conclui: «Outras poesias dedicou Frei Agostinho da Cruz ao nascimento do Menino Deus. Porém, a noite longa e fria, o rio gelado, o vento e a neve, as palhas do presépio e a harmonia celeste dos anjos parecem-nos, sem menosprezo de tais versos, anódinos lugares comuns, ao pé do realismo poético da vidente sueca, cuja narrativa o frade arrábido traduziu em verso português.» (MARTINS, Mário — Uma visão do Natal em Fr. Agostinho da Cruz. *Brotéria.* Lisboa. 79 (1964) 557-559.) Do apreço dos arrábidos por Santa Brígida dá-nos conta, também, como um pouco mais à frente veremos, o *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma*, de Frei Rodrigo de Deus.

[344] A Idade Média conhecera, a nível religioso, uma certa promoção da mulher, com as casas femininas das Ordens Mendicantes: "Esta promoção acabava por dar à fé acentos mais humanos e familiares, levava a ver com os olhos do coração a pessoa de Cristo, a sua vida e Paixão, e favorecia, ao mesmo tempo, aquilo a que Hilda Graef chama «a mística feminina» [...] Seria a mística feminina mais humana do que a mística masculina, menos seduzida pela noite do espírito e do coração? Poderíamos acreditá-lo ao constatar a afeição dos autores espirituais femininos à humanidade de Cristo e, sobretudo, à Paixão, e a sua aguda sensibilidade por tudo o que diz respeito aos sofrimentos

empenhado no regresso ascético[345] "no seu máximo vigor de penitência e pobreza", como testemunham a sua vida e os seus estatutos, ou de que é caso emblemático — como já estava longe "O hábito e a tonsura pouco importam"[346]! — as sucessivas lutas por manterem os hábitos remendados.[347]

Em vários passos da *Crónica* podemos inteirar-nos desta preocupação ascética:

> "Reciproca era a alegria, com que vivião os devotos Anacoretas na Serra da Arrabida, sem lhes lembrar outra cousa mais que as que vião, que era o Ceo para suspirar por elle, e a aspereza da montanha, para lhes augmentar o merecimento, quando com os pès

---

corporais do Senhor. É certo que, também para eles, Cristo é mediador da contemplação, mas ele é, em primeiro lugar, objecto de compaixão e de amor, de veneração e de «devoção». Gertrudes e Mechtilde conciliam vida litúrgica e devoções pessoais, Ângela de Foligno desmaia diante do Crucificado, Juliana de Norwich vê em Cristo uma «Mãe» e Catarina de Sena inebria-se com o Sangue divino." (RAYEZ — *Humanité*, p. 1065; 1088.)

Sobre a relação das doutrinas de Gertrudes de Helfta com as obras de Blois, e a importância destas para a divulgação daquela santa em Espanha Cf. CARVALHO — *Gertrudes*, p. 150-182. Nas mesmas páginas se pode aprender sobre as ligações de Blois com Frei Luís de Granada e com as místicas Santa Brígida, Santa Catarina de Sena, Santa Hildegarda e Santa Matilde. Esta relação com as místicas pode ser testemunhada, como refere José Adriano de Carvalho, na obra *Monile Spirituale* (Cf. BLOIS, Luís de — Ioyel espiritual. In IDEM — *Obras*, p. 85-124.)

[345] BERNARDO — Passion, p. 329-330. Os capuchos nascem no final do primeiro quartel do século XVI, da prática e do desejo de alguns frades observantes de um maior rigor de vida reformada, para uma mais perfeita obediência à regra. Lembre-se que os observantes nasceram já desse desejo de cumprir as prescrições da regra sem qualquer espécie de atenuantes ou simplificações interpretativas, reformando o tipo de vida seguido pelos conventuais. Que os capuchos tenham sentido necessidade de uma reforma de um viver já de si reformado é, sem dúvida, esclarecedor do espírito penitente, rigoroso, ascético que os orientava: Cf. D'ALENÇON, P. Édouard — Frères Mineurs. In *DTC*. Paris: Letouzey et Ané, 1947, vol. 6-1.º, p. 809-863.

[346] KEMPIS — *Imitação*, p. 25.

[347] Cf. PIEDADE — *Espelho*, p. 171-172; 849-857. Os problemas começaram com a eleição de Frei André da Ínsua para Ministro Provincial da Província dos Algarves: "Ora fr. André da Ínsua em Paris e Lovaina cujas escolas frequentara, todo se

> descalços a pisavão. [...] cada qual com as proprias mãos ajudava a fabricar a sua cella, ou para melhor dizer sepultura, porque erão tão estreitas, e tão baixas, que nem podião estender-se, nem levantarem-se de todo em pè. A cama era a dura terra, e quando muito alcatifada do desabrido mato, que a Serra produz; a cobertura era nenhuma; quanto mais, que o fogo do amor Divino em que se abrazavão, a não podia consentir." [348]

E ainda:

> "[...] não comendo os Religiosos carne por Estatuto, muitos ainda de comer peixe se abstem por mayor mortificação. Os guarda-napos em que se alimpão, são de grosseira estopa, e os pucaros por onde bebem, são alcatruzes de tosco barro, e do mesmo são os pratos em toda a Provincia. Todos prostrados por terra, dizem todos os dias ao jantar a culpa, a que os Prelados não faltão com o arbitrio da penitencia." [349]

Os estatutos, elaborados pelo fundador Frei Martinho de Santa Maria, auxiliado por S. Pedro de Alcântara e Frei João de Águila, reflectirão e orientarão este ascetismo. Deles dá notícia a *Crónica*, informando que não eram multiplicados os mandatos "por não perigar a sua observancia, que o serem as leys multiplicadas, faz com que na sua guarda se vejão ordinariamente muito diminutas." [350] Aliás, facil-

---

imbuira da «douta piedade» que não acreditava no valor religioso das manifestações exteriores de penitência e humildade como as que os frades da Arrábida praticavam na descalcez, pobreza e feitio dos hábitos, e noutras parecidas observâncias." [LOPES, Fernando Félix — Um homem que acreditou no pecado original. *Itinerarium*. Braga. 8 (1962) 218.]

[348] PIEDADE — *Espelho*, p. 45.

[349] *Ibidem*, p. 65.

[350] *Ibidem*, p. 136. Existe, na B.N.L., uma cópia dos Estatutos da Província da Arrábida, aprovados em 6 de Julho de 1697: Cf. *ESTATUTOS da Provincia de Santa Maria da Arrabida da mais perfeyta observancia de nosso Seraphico Padre S. Francisco, feytos em virtude de hum Breve do Senhor Papa Innocencio XII. concedido à*

mente se resumem: ser em tudo e de tudo muito pobres; ter todos os dias três horas de oração mental; em cada dia do ano, excepto os dias santos, trabalhar uma hora no que o Prelado ordenasse:

> «Os Conventos, que se houvessem de aceitar, ordenavão, que fossem em tudo, e de tudo muito pobres, os materiaes de adobes, e as madeiras toscas, excepto as da Igreja, e Sacristia, na qual não haveria ornamentos de tèla, ou seda, senão de lãa, mas tratadas com tal limpeza, e aceyo, que causem mais devoção, que as outras ricas. No Coro se rezaria com pausa, e nelle terião os Religiosos em Communidade todos os dias tres horas de Oração mental; e tambem farião a disciplina, exceptuando os Domingos, e Festas de guarda [...] Para mayor observancia da santa pobreza mandavão que todos os Religiosos andassem descalços de todo, sem admittir nenhum genero de calçado, e que os Habitos fossem do mais grosseiro, e vil pano, que se achasse, os quaes no comprimento não passarião dos tornozellos dos pès, e na largura não excederião a de dez palmos em roda; como tambem os Mantos não passarião da ultima juntura das mãos, estando os braços estendidos. Para os Frades saons se não havia de pedir carne, nem peixe, e muito menos vinho, ou ovos; e se algumas cousas lhes mandassem os devotos, lhas aceitarião, excepto perdizes, gallinhas, e outras aves, nem pescado precioso, por serem manjares delicados, que servindo de lisonja ao gosto, servião tambem à natureza de estrago, e ao appetite sensual de incentivo; e que se contentassem com o que só fosse comer de pobres, e servisse para a conservação da vida penitente, que professavão [...] As cellas estarião sem ornato algum, e nellas dormirião os Frades sobre huma cortiça, ou esteira, e poderião usar de huma manta de fayal quatro mezes no anno, que erão Março, Abril, Setembro, e Outubro. Nos de Novembro, Dezembro, Janeiro, e Fevereiro poderião ter duas;

---

mesma Provincia, sendo Ministro Provincial o Irmão Frey Antonio da Apresentação Prègador, & examinador das tres Ordens Militares: aceytos, & approvados pelo Capitulo Provincial, que se celebrou em o Convento de São Joseph de Ribamar em 6. de Julho de 1697. em que foy eleyto Ministro Provincial o Irmão Frey Sebastião de Santo Antonio Prègador. Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, 1698.

> porèm nos outros quatro nenhuma terião. Todos os dias do anno, excepto os de guarda, se occuparião huma hora em trabalharem no que ordenasse o Prelado, para o que mandaria fazer sinal com a taboa do Refeitorio." [351]

Deste rigor ascético falará, também, a obra de Frei Agostinho. Na écloga II, Míncio descobrirá que Limabeu se tornou capuchinho pela austeridade com que Flávio descreve a nova figura e condição de Limabeu:

F. Disseram-me que estava cá mettido
Junto do mar Oceano numa serra,
Dum novo, não sei qual, amor ferido.

Por elle só deixou quanto na terra
Tinha, com tudo o mais que ter pudera,
Por elle anda comsigo em cruel guerra.

Se não chegara a vê-lo, não o crêra!
Quasi mudou de todo a natureza,
Que não he Limabeu, mas ferro, e cêra.

Nunca se imaginou tal aspereza,
Não digo dos penedos do deserto,
Mas da fome, do frio, e da pobreza.

Dos pés até á cabeça anda coberto
De lãa de alheas cabras, remendado
De mil cores, sem ordem, sem concerto.

Traz huma corda grossa, a que anda atado
Pelo meio, descalço, sem mais nada;
Sem bolsa, sem surrão, e sem cajado.

---

[351] PIEDADE — *Espelho*, p. 136-137.

Barba, e cabeça traz toda rapada.
Qualquer cousa que quebra, fende, ou fura,
No seu pescoço a leva pendurada.

Os pés se por compasso pôr não cura,
Quer gretados do frio, quer doentes,
Tambem nelles lhe põem huma atadura.

Não póde responder aos mal dizentes,
Nem dar razão de si, que se boqueja
Atravessado leva hum pao nos dentes.

Os olhos se alevanta, ou pestaneja,
Nem inda para quem falla com elle,
Hum panno lhe põem nelles que não veja.

Hum principal de seis nas costas delle
De tal maneira faz soar as varas,
Que não lhe queiras tu jazer na pelle.

Enfim se de me ouvir não te enfadaras,
Contara tanto mais do soffrimento,
Com que tudo padece, que pasmaras.

Porque não fica dôr, pena, ou tormento,
De cruel invenção, qualquer maneira,
Que deixe de soffrer hum só momento.

Debaixo de hum penedo na ladeira
Do monte todos tem cada hum seu ninho;
Mas o triste sempre anda na carreira.

M. Basta, não digas mais: esse caminho
Bem sei adonde vai, e donde pára:
O bom de Limabeu he Capuchinho." [352]

---

352 CRUZ — *Obras*, p. 24-25.

Esta situação, em que Míncio, pela descrição de Flávio, identifica o modo de vida dos capuchos, ilustra bem o que o cronista escreverá mais tarde: "hum Arrabido perfeito he o exemplar de toda a penitencia." [353]

A este rigor ascético, não é também alheia a influência de S. Pedro de Alcântara [354]. No *Tratado da oração e meditação,* escreve na oitava das suas "nove cousas, que ajudão a alcançar a Devoção":

> "Ajudão as asperezas, e abstinencias corporaes, a mesa pobre, a cama dura, o cilicio, e a disciplina, e outras cousas similhantes: porque todas estas cousas assim como nascem de devoção, assim tambem despertão, conservão, e acrescentão a raiz donde nascem." [355]

E nesta ascese, também ele, ao apresentar a obra, reconhece o lugar central da meditação da Paixão:

> "Estas meditações, humas são dos mysterios da sagrada Payxão, e Ressurreição de Christo [...] E quem não tiver tempo para recolher-se duas vezes no dia, ao menos poderá huma semana meditar huns mysterios, e n'outra outros, ou contentarse com os da Payxão, e Vida de Jesu Christo, que são os mais principaes." [356]

Aliás, a *Crónica* da província da Arrábida não deixa de referir a "grande devoção, que S. Pedro tinha à Cruz de Christo, e como collocou este Sagrado estandarte milagrososamente em varias partes":

---

[353] PIEDADE — *Espelho*, p. 92.

[354] LOPES, F. Félix — *Influência de S. Pedro de Alcântara na espiritualidade portuguesa do seu tempo*. Coimbra: FLUC-IEHDAV, 1964.

[355] PEDRO DE ALCÂNTARA, Santo — *Tratado da oração, e meditação*. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1760, p. 132.

[356] *Ibidem*, p. 8.

> "O Livro mais principal, por onde estudava para haver de prègar, era Christo Crucificado; e erão os tormentos de sua Sagrada Paixão, continuo despertador de suas meditaçoens: no mesmo exercicio queria ver occupados a todos os Fieis, desejando, que o imitassem na devoção, que tinha à Cruz do nosso Redemptor, para cujo fim nas terras onde prègava, logo induzia aos seus moradores, para que plantassem a Via-sacra de Cruzes, representativas dos Passos, que por nossa Redempção deu o Senhor desde o Horto atè o Calvario, e com elles corria as Estaçoens, e ausentando-se, lhes encomendava muito a perseverança na mesma devoção. O mesmo fazia nos Conventos onde morava, e com o seu exemplo se não descuidavão os Religiosos deste devoto emprego. Com tão cordeal affecto venerava a Santa Cruz, que atè a sua oração era nesta fórma, estando com os braços abertos, qual outro Moysés, e sem haver quem lhos sustentasse, perseverava deste modo por mais de tres horas, com admiração de todos os que o vião. [Etc.]" [357]

Noutro passo, refere como a sua contemplação assentava sobre dois pontos: o conhecimento de si mesmo e a meditação da grandeza e obras de Deus, sobretudo do mistério da redenção e da encarnação:

> "Em dous pontos fixos cifrava todo o harmonioso concerto de sua admiravel contemplação. O primeiro era o conhecimento, que tinha de si proprio, profundando-o humilhado atè o abysmo do nada: o outro consistia na consideração, com que elevado discorria pelas grandezas de Deos, expressadas em suas magnificas operaçoens, e especialmente na da Redempção do genero humano, em que o seu abrazado coração descobria tão vehementes incentivos para os seus amorosos incendios, que, ou rompia em pasmosos gritos, ou se transportava em suaves deliquios. Hum dia exhortando aos Religiosos à veneração dos Sagrados Euangelhos, lhes dizia: «Attendey, filhos, quando leres os Santos Euangelhos, e ponde as mãos juntas, mostrando toda a submissão, e reverencia, porque nelles està escrito o Soberano Mysterio, de como Deos

---

[357] PIEDADE — *Espelho*, p. 288.

> encarnou, e se fez homem por amor dos homens.» E causando-lhe a Soberania deste Mysterio, huma notavel intenção no affecto, rompendo o silencioso modo com que fallava, em mais alta voz pronunciou: «Que veyo Deos a encarnar!» Equivocando outra vez os suspiros com as vozes, repetio: «Que encarnou Deos!» E ainda com mayor brado terceira vez disse: «Que tomou Deos carne humana!» E apenas acabou de proferir esta ultima palavra, deu hum tão espantoso grito, que todos ficarão suspensos, e admirados [...]" [358]

Desta devoção à Humanidade de Cristo e da meditação da Paixão nos capuchos arrábidos dão-nos conta, ainda, as obras de dois frades daquela província, Frei Rodrigo de Deus e Frei Afonso de Medina, de que já trataremos. Antes, porém, gostaríamos de lembrar como Herp [359], no século XV e Eschius, no século XVI, dois franciscanos que marcaram de modo significativo a espiritualidade portuguesa, — particularmente as províncias da Piedade e da Arrábida, onde Eschius, no entender de Silva Dias, provavelmente pelo seu pendor mais ascético, logrou uma maior aceitação [360] —, souberam equilibrar o ascetismo com a valorização do afecto. Uma valorização bem mais característica de uma piedade italiana onde foi estruturante, e na qual sobressaíram, em número, os autores franciscanos [361], entre os quais, e acima de

---

[358] *Ibidem*, p. 342.

[359] O seu livro "*Espelho de perfeição* foi o livro-mestre da espiritualidade nos conventos reformados de S. Vicente, Santa Cruz e Grijó, e foi também assiduamente frequentado pelos frades da Piedade, em cuja província o divulgou Fr. Cristóvão de Abrantes, um dos seus religiosos mais eminentes» (DIAS — *Correntes*, p. 257.)

[360] Cf. *Ibidem*, p. 245-249; Cf. RICARD, Robert — L'influence des 'Mystiques du Nord' sur les spirituels portugais du XVI[e] et du XVII[e] siècle. In IDEM — *Études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal*. Paris: FCG-CCP, 1970, p. 205-240.

[361] A corrente intelectual que mantém a proeminência do entendimento sobre a vontade, está ligada à ordem dominicana. Um dos seus representantes que mais influência teve em Portugal foi Tauler, discípulo de Eckhart, para quem o exercício das virtudes

todos, S. Boaventura, que sistematizou os contributos de S. Bernardo e S. Francisco, e patrocinou decisivamente o equilíbrio entre mística e ascética. A influência deste autor nas diferentes obras de espiritualidade que se lhe seguiram foi enorme, e também Portugal frequentou com

---

deve recuar, deixando, em primeiro plano, a acção de Deus. A acção do homem é colocar-se nu e vazio para que Deus opere. Por isso, há que deixar-se a si mesmo para abandonar-se a Deus: Cf. TAULER — *Aux 'amis'*.

Em Itália, destacaram-se os dominicanos S. Catarina de Sena, S. Catarina de Génova, Savonarola, Battista de Crema... Note-se, no entanto, que estes autores são bem a imagem de uma piedade italiana que, mesmo na sua tendência mais intelectual, se diz em formas mais afectivas e poéticas. Não surpreende, por isso, que do ascético Savonarola, para quem a contemplação do redentor há-de ser sempre, noite e dia, o seu alimento, para quem o viver e morrer hão-de acontecer continuamente nas chagas e entranhas do Verbo incarnado — [«Anima mia, priegoti che mai non ti esca di mente la grandissima amaritudine del tuo sposo e dolce redentore Cristo Iesú. Questa contemplazione sarà il pane e il cibo nostro notte e giorno. El vivere nostro e il morire sia continuamente nelle piaghe e nelle viscere del dolcissimo Verbo incarnato. Contempla, adunque, anima mia, quanta è stata la sua passione e di quanto dolore. (SAVONAROLA — *La scure alle radici*. Padova: Edizioni Messagero, 1983, p. 80.] —, Bataillon escreva, a propósito da meditação sobre o *Miserere*: "Não há nada de mais comovente. Escritas na prisão, última mensagem de um mártir, estas frases têm um tom de eternidade. Elas ilustram o velho canto hebraico de miséria e de esperança com as mais belas palavras dos Evangelhos." (BATAILLON, Marcel — Une source de Gil Vicente et de Montemor: la méditation de Savonarole sur le «Miserere». In IDEM — *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974, p. 155.) Nem surpreendem textos como esta longa exclamação anafórica de Santa Catarina de Sena: «Ó paixão desejada! A tua eterna Verdade diz que nem é desejada nem amada por quem se ama a si mesmo, mas somente por quem se despoja e se veste de ti, levantando-se luminosa devido à tua luz até conhecer a altura da caridade. Ó paixão deleitável e dulcíssima, ó riqueza da alma, refrigério dos aflitos, comida dos que têm fome, porto e paraíso da alma, alegria verdadeira, céu e bem-aventurança nossa! A alma que em ti se gloria consegue o seu fruto. E quem se gloria em ti? Não o que submeteu a luz da razão ao afecto sensível, pois este não vê senão o terreno.

Ó paixão que saras toda a enfermidade, contando que o enfermo queira curar-se, pois o teu dom não nos privou da liberdade! Tu, paixão, dás vida ao que está morto [...]

Ó paixão! A alma que descansa em ti está morta para os sentidos. Pela paixão se experimenta o afecto da tua caridade. Ó, que doce e suave é esta doçura experimentada pela alma que penetra debaixo desta casca, onde encontrou a luz e o fogo da caridade, ao ver realizada a união da divindade com a nossa humanidade! [etc.] (CATARINA DE SENA, Santa — Oraciones y soliloquios. In *Obras: El Diálogo, Oraciones y soliloquios*. Madrid: BAC, 1980, p. 480-481.)

assiduidade as suas obras. No século XVI, foi significativo o número de títulos seus publicados entre nós [362], e mesmo indirectamente a sua doutrina não deixou de nos chegar, quer através de autores espanhóis, como os franciscanos Laredo e Osuna [363], quer através da tradução de obras de outros autores italianos [364].

O ascetismo — com o declínio da *Devotio Moderna* e o fortalecimento do Humanismo, com o erasmismo a deixar importantes contributos [365], como a atenção à dimensão interior do culto, a valorização da oração e do laicado, o uso e o estudo da Bíblia (em particular da teologia paulina) como fonte privilegiada e regra de vida, o renovar do estudo da teologia patrística e medieval; ao que acrescia a importância do socratismo que, na divisa *conhece-te a ti mesmo,* se tornou traço constante da espiritualidade, nomeadamente no recolhimento, no exame de consciência, no reconhecimento da condição de criatura,

---

362 Cf. *BIBLIOGRAFIA,* p. 1-170. Cf. CARVALHO, José Adriano de Freitas — Das edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma influência na história da espiritualidade portuguesa. *Archivo Ibero-Americano.* 47 (1987) 131-159. "[...] não deixa de ser relevante anotar que é entre os arrábidos que se poderão detectar sinais, por vezes até os primeiros, de interesse por obras e orientações espirituais que apareceriam como «novidades» nos finais desse século XVI — J. J. Lanspergio..., St.ª Gertrudes..., H. Suso... e — porque não? — até alguns textos de S. Boaventura..." (*Ibidem*, p. 149-150.)

363 Cf. ANDRÉS, Melquiades — Introducción general. In OSUNA, Francisco de — *Tercer Abecedario espiritual.* Madrid: BAC, 1972, p. 47-48. Herp foi também um dos influenciadores de Osuna, como na teoria do recolhimento ou na primazia da teologia afectiva sobre a especulativa: Cf. *Ibidem.*

364 Cf. DIAS — *Correntes*, p. 271.

365 "Liga-se ao nome de Erasmo um escandaloso rumor de irreverência e complacência com a heresia. Mas isto não obsta a que se reconheça, na sua obra, tudo o que é utilizável para uma reforma ortodoxa do catolicismo." (BATAILLON, Marcel — *Erasmo y España: Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI.* México: Fondo de Cultura Económica, 1950, vol. 2, p. 140.)

condição pecadora de quem nada é, "cinza de Cinzas", como disse Hildegarda [366], e a influência do estoicismo na espiritualidade da península, iniciada já por Martinho de Dume, ao adaptar vários escritos de Séneca [367] — marcava na Contra-Reforma o esforço empreendido para renovar as expressões formais e cerimoniais do culto e da piedade, necessitadas de sinais exteriores que ajudassem a compreender o que havia de redutor nos princípios luteranos (e nas ambiguidades erasmianas) que destruíam a colaboração humana com a acção salvífica sempre primeira de Deus e eliminavam a maravilha do reconhecer-se nada diante da experiência de que tudo é graça: Lutero fizera do homem um condenado da fé, diante da graça uma inútil liberdade. O ascetismo da Contra-Reforma é revalorização das obras frente à doutrina luterana da justificação, é salvaguarda de um equilíbrio que os equívocos do erasmismo pareciam pôr em causa, é resposta às críticas com que humanistas, místicos e reformadores denunciavam o estado do clero.

Neste ascetismo renovador e reformador se enquadram os Arrábidos e o espírito do seu viver. Na sua espiritualidade, como no ressurgir ascético, se manifestará "o lugar central que os mistérios e devoções da Paixão conquistaram na piedade cristã desta época" [368],

---

366 Cf. GRAEF, H. C. — *Os místicos*. Coimbra: Arménio Amado, 1958, p. 48.

367 Cf. MATTOSO, José — Portugal et Brésil: Portugal – de l'évangélisation au 15e siècle. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1986, vol. 12 (2.º), p. 1953; Cf. BARAUT, Cyprien — Espagne: période patristique. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1961, vol. 4-2.º, p. 1103-1104; Cf. OLPHE-GALLIARD, M. — Ascèse, ascétisme: l'ascèse païenne. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, p. 957.

368 DIAS — *Correntes*, p. 449.

como preocupação de dar maior intensidade e profundidade espiritual à prática religiosa [369], ao mesmo tempo que se procurava libertá-la (e para isso muito contribuía a experiência anterior) da ameaça limitadora do formalismo.

2. A Paixão nos arrábidos Frei Rodrigo de Deus e Frei Afonso de Medina, e a obra de Frei Agostinho da Cruz

Num artigo intitulado *Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630)* [370], José Adriano de Carvalho propõe-se analisar o modo como foi visto, contemplado e sentido Cristo sofrente, ao longo de quase um século: de 1538, ano do aparecimento do livro *Subida del Monte Sión*, de Bernardino de Laredo, a 1630, ano da publicação da *Arte de Orar*, livro do padre jesuíta Diogo Monteiro.

---

[369] Fruto deste espírito é também a obra de Frei Tomé de Jesus, os *Trabalhos de Jesus*, obra fundamentalmente ascética de quem sabe que «nestes nossos tempos [...] anda a linguagem do espirito mais geralmente sabida, e menos exercitada: muito na lingua, e pouco na obra, e experiencia» (JESUS, Tomé de — *Trabalhos de Jesus*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781, p. 1-2) e de quem defende que a substância da vida espiritual é a mortificação e o amor, porque «A mortificação, que não accende o amor de Deos, he suspeitosa; e o amor, que não mortifica, não merece tão divino nome» (*Ibidem*, p. 4); «aquelles que parece estarem mais alagados nas doces aguas de seu amor, e mais favorecidos, e mimosos com a suavidade de sua fervente caridade, ninguem (que o não experimente) póde imaginar as cruzes, e tormentos que padecem, nascidos do mesmo amor, o qual se muito dá, tambem muito crucifica.» (*Ibidem*, p. 7.)

[370] Cf. CARVALHO, José Adriano de — Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630). In *Homenaje a Elias Serra Ráfols*. La Laguna: Universidad de La Laguna, 1970, vol. 2, p. 47-70.

Com essa análise, pretende compreender e registar "como reagiram as almas, algumas almas, diante do mesmo objecto de meditação: Cristo sofrente"[371], lembrando que

> "toda a variação na evocação de Cristo na sua Paixão — uma espécie de iconografia literária — representará quase sempre uma variação de ângulo de visão, variação que resulta da preferência de vincar mais este traço, de aligeirar aquele." [372]

Entre essas *almas* escolhidas por José Adriano de Carvalho [373], conta-se o arrábido Frei Rodrigo de Deus e os seus *Motivos Espirituais*; a evocação que apresenta é um parágrafo (o sétimo) do oitavo capítulo da primeira parte:

> "A sebe tão dezejada de Deos, he aquella cruel coroa de espinhos, que aquellas sacrilegas mãos fabricàrão, & tecèrão sobre a sua veneravel cabeça, cujas estacas feytas de agudos juncos marinhos, tão tezos, como se forão de ferro, a penetravão muy cruelmente. Cujos sagrados cabellos empeçados, & decompostos por mãos daquelles crueis inimigos, forão muyta parte dos ramos com que tal sebe foy tecida ficando o seu sagrado rosto tão afeado & enegrecido, & ensanguentado com os rios de sangue, que arrebentavão das aberturas, & buracos, que as taes estacas fazião, & com os podres, & fedorentos escarros, que daquelles torpes peytos se arrancavão, que parecia hum leproso." [374]

---

371 *Ibidem*, p. 50.

372 *Ibidem*.

373 "Os escolhidos são poucos. Bernardino de Laredo (1482-1540), Juan de Ávila (1499-1569), Luis de Granada (1505-1588), Teresa de Ávila (1515-1588), Diego Estella (1524-1578), Juan de los Angeles (1536-1609), Rodrigo de Deus (1574-1622), Alonso Cabrera (1549-1598), Luis de la Puente (1554-1624), Luis de la Palma (1560-1641), Diogo Monteiro (1561-1641)." (*Ibidem*, p. 51.)

374 DEUS — *Motivos*, p. 40.

Ao analisar esta evocação, José Adriano de Carvalho relaciona-a com as evocações que, segundo um critério cronológico, apresentara anteriormente (de Laredo, Juan de Ávila, Luís de Granada, Teresa de Ávila, Diego Estella), para constatar, na evocação de Rodrigo de Deus, a não acentuação de nenhum traço em particular, a presença da crueldade, a anotação concreta e rápida das características dos intrumentos da Paixão (como em Estella), e a sensibilidade à transformação do aspecto de Cristo (como em Juan de Ávila: mas não o impressiona a cor; e como em Luís de Granada: mas não há referência explícita à juventude e à formosura transformadas em sofrimento). Para além disto, nota que é uma evocação parcial — apenas se refere à coroa de espinhos — onde aparecem os cabelos empeçados e descompostos e não arrancados e, no meio disto, um pormenor ausente nas evocações anteriores: os escarros. E conclui: "Foi esta evocação, sem os traços duma evocação muito pessoal diante de Cristo padecente, que divulgou uma obrita editada seis vezes em pouco mais de um século." [375]

Ora, juntamente com esta "obrita editada seis vezes em pouco mais de um século" corria *Hum Tratado que com poucas, breves, e claras palavras falla de todos os modos, & maneyras de Oração. E de como se ham de haver, & proceder nella para aproveytar, & tirar fruto della. E que cousa seja amar a Deos, & de como estaremos sempre, ou quasi sempre amando-o. E de outras cousas convenientes, & necessarias a estas materias. Composto por Frey Affonso de Medina Frade Menor Capucho da Provincia de Nossa Senhora da Arrabida.*

---

[375] CARVALHO — Evolução, p. 60.

Sobre este frade capucho da Província de Nossa Senhora da Arrábida e o seu livro "escondido" entre os *Motivos Espirituais* e as *Taboadas dos capítulos* a estes correspondentes — ao ponto de Frei António das Chagas, ao citar os *Motivos Espirituais*, segundo parece, não ter distinguido as obras e autores [376] — Frei Rodrigo de Deus escreve na segunda página das palavras *Ao pio leytor*:

> "Ajuntou-se a isto para fazer mais grata esta minha obra, & com mais vontade de a fazer imprimir, ir juntamente acompanhada de hum tratado utilissimo da Oração mental, que compoz o devotissimo, & espiritual Padre Frey Alonso de Medina, Religioso da minha Provincia, de tantas virtudes, & santidade, como podemos testemunhar os vivos, que o conhecemos, & muytas vezes nos admiràmos do incançavel espirito de sua altissima oração. Em o qual Tratado se pòde notar, que sendo o dito Padre de poucas, ou nenhumas letras humanas, continuos exercicios, & elevaçoens da alma, com tanta viveza penetrou os segredos Divinos da Mystica Theologia, que ninguem a escreveo mais facil, & claramente, & (senão me engana o amor que a este Padre tive) nem com mais utilidade, de quem se quizer exercitar, seguindo os documentos, & regras, que no dito Tratado aponta, especialmente nos tres ultimos Capitulos, que elle sempre em sua vida exercitou, & guardou, & com exercicio, & uso aprendeo, & ensinou." [377]

Frei Afonso de Medina falecera a 27 de Abril de 1606. [378]

---

376 Cf. IDEM — Para a história, p. 51-52; 54.

377 DEUS — *Motivos: ao pio leytor.*

378 PIEDADE — *Espelho*, p. 868. Sobre a vida de Frei Afonso de Medina: Cf. *Ibidem*, p. 866-869.

MUNICIPAL

2.1. O *Tratado da oraçam mental*, de Frei Afonso de Medina

No prólogo que deixou ao seu tratado [379], Medina dá a conhecer "porque causa escreveo este livro, & a utilidade delle", a saber, a sua experiência que lhe mostrara que muitos que tinham horas para a oração não sabiam orar e o facto de, falando algumas vezes da oração com alguns religiosos e seculares, estes lhe terem pedido que o pusesse por escrito. Assim compôs esse tratado "de oração da mais bayxa atè a mais alta", e tudo isto "com as mais poucas, breves, & claras palavras" que pôde, ou, para nos servirmos de uma outra expressão sua, com "palavras chans". E não escreveu tudo o que poderia dizer, mas somente um resumo do que podia ser dito. De resto, o que ali disse foi "como hum summario do muyto que os outros dizem". Isto é, para a parte da meditação, do que disse Frei Luís de Granada [380], e para a parte das coisas místicas, recolhimento e união, do que disseram S. Boaventura, Herp, Tauler, Ruysbroeck, Blois e Osuna:

> "Se alguem quizer ver isto mais copiosamente, quem se occupar na meditação, lea o livro da Oração do Padre Frey Luis de Granada, que a meu juizo ninguem atè hoje escreveo melhor desta materia. Quem se exercitar na mystica, recolhimento, união, &c.

---

379 MEDINA — Tratado, p. 261-262.

380 Maria Eugénia Pedro de Jesus Ferreira, na sua dissertação de licenciatura, aponta várias semelhanças entre o *Libro de la oración y meditación* de Frei Luís de Granada e alguns poemas de Frei Agostinho. Mas o acerto dessas observações, quanto a nós, só se verifica quando a semelhança é encontrada nas poesias escritas em castelhano, justamente as que, até hoje, carecem de confirmação de autoria. Cf. FERREIRA — *O sentimento*, p. 51-57. Sobre a presença de Frei Luís de Granada nos *Motivos Espirituais*: Cf. CARVALHO — Para a história, 70-78.

> Lea a São Boaventura, Henrique Herpio, Taulero Rusbrochio, Ludovico Blosio, a terceyra parte do Abecedario espiritual, que tratão muyto copiosamente destas materias." [381]

Este passo, precioso na informação ou confirmação que fornece sobre autores que directa ou indirectamente marcaram a espiritualidade dos arrábidos, mereceria uma atenção bem diferente da que agora lhe podemos dar, e que fica para um estudo específico que, tanto quanto sabemos, ainda não existe. Entretanto, deixamos em nota as referências explícitas que a estes e outros autores são feitas ao longo do Tratado, em expressões como: "segundo diz São Bernardo", "diz São Boaventura", "conforme diz...", "como diz...", a isto "chama Santo Agostinho...", "Santo Agostinho diz em hum Sermão", "& isto que fica dito he do Cartusiano", etc. [382]

Agora, porém, interessa determo-nos com algum pormenor nos capítulos sétimo, décimo e seguintes.

Até ao capítulo sétimo, Frei Afonso ensina "De quam necessario seja ter oração para a Salvação" (capítulo primeiro), "De como deve tomar tempo quem se ha de dar à oraçam" (capítulo segundo), divide e define os dois modos da oração: a vocal e a mental (capítulo terceiro)

---

[381] MEDINA — Tratado, p. 262.

[382] São Bernardo: p. 354, p. 372, p. 373 (duas vezes), p. 403, p. 454, p. 480, p. 512; Santo Agostinho: p. 292, p. 299, p. 370, p. 372, p. 373, p. 491; São Boaventura: p. 351, p. 360, p. 453, p. 474, p. 480, p. 517; "Padres do Ermo": p. 454, p. 479, p. 480; São Gregório Magno: p. 298, p. 438; São Jerónimo: p. 479; Santo Alberto Magno: p. 372; São Tomás de Aquino: p. 440; Henrique Suso: p. 446; Tauler: p. 515; Ludolfo da Saxónia: p. 370-371; Serafim de Fermo: p. 370; Luís de Blois: p. 425.

Quanto às citações bíblicas, registe-se a predominância das referências explícitas a S. Paulo: p. 266, p. 281, p. 307, p. 440, p. 459, p. 478, p. 499, p. 508.

e, a partir do capítulo quarto, começa a tratar exclusivamente da oração mental, explicando:

> "Alguns chamão oração mental, cuydar no inferno, na gloria, nos beneficios de Deos, em suas perfeyçoens, na Payxão de Nosso senhor Jesu Christo, & levantar a alma a Deos, desejalo, pedirlhe mercès, estar em Deos. Outros a tudo isto chamão contemplação. E a verdade he, que tomados os vocabulos em sua força, & no que significam, nem tudo o dito he oração, nem contemplação, mas são muyto diferentes.
>
> Pois he de saber, que ha tres maneyras de oração mental. À primeira, chamão meditação, à segunda, oração, à terceyra, contemplação: Meditação he tudo o que se cuyda com o entendimento, convem a saber, os peccados para os chorar, a Payxão de Nosso Senhor Jesu Christo, os beneficios de Deos, & suas perfeyçoens, &c. Oração he hum alevantamento de nossa alma a Deos, pedirlhe mercès, desejalo, &c. E a perfeyta, & verdadeyra oração he hum vivo, & continuo desejo de Deos. Contemplação he huma representação, & manifestação, que Deos faz de si mesmo à alma." [383]

Como se verifica desde já, a doutrina de Frei Afonso quanto ao lugar da meditação da Humanidade de Cristo e Paixão na oração mental é a de que se deve restringi-la ao grau da meditação, a partir do qual deve ser posta de parte. Ve-lo-emos, no entanto, a seu tempo, com mais pormenor.

Da meditação, Medina trata nos capítulos sete a onze. Antes, no capítulo quinto, fala da via purgativa que deve durar cerca de quinze dias a um mês, findo o qual se deve fazer uma confissão "bem e inteyramente", tomando, então, por costume o confessar-se o o comungar de

---

[383] *Ibidem*, p. 278.

oito em oito dias [384]; e no capítulo sexto ensina "que cousa he o movimento de amor", ou "movimento anagogico", ou "affeyção amorosa", ou "acto de amor", designações todas elas correspondentes às "aspirações" de Herp.

No sétimo capítulo, Afonso de Medina propõe, conforme se tornara hábito nos livros que ensinavam a orar, uns exercícios de meditações "que se hão de ter pelos dias da semana", nos quais, para a parte da manhã, seguindo o modelo de Granada e segundo a distribuição usada pelo mesmo autor [385], propõe a meditação da Paixão. Para a parte da noite, propõe que se medite num benefício e numa perfeição de Deus. Deter-nos-emos apenas nas meditações da manhã, procurando perceber, à semelhança do que fez José Adriano de Carvalho com essas *almas* que escolheu entre outras, o modo como Afonso de Medina apresenta e evoca o Cristo padecente.

A primeira preocupação de Medina ao apresentar a figura de Cristo durante a Paixão é a de colocar diante dos olhos, isto é, na imaginação e no coração de quem medita, da maneira mais viva possível, um homem que é o mais sofredor dos homens e sujeito às maiores dores, angústias e aflições. Para ele, Jesus Cristo foi o maior sofredor sujeito à maior dor, por quatro motivos que aponta: o primeiro, por ter a sua mãe assistido ao seu sofrimento, ou melhor, participado do seu sofrimento, o que não tornou a dor de Cristo uma dor partilhada, mas

---

384 Sobre a questão da comunhão frequente, e de como ela é tratada nos *Motivos Espirituais*: Cf. CARVALHO — Para a história, 55-64.

385 Cf. GRANADA, Luis de — *Libro de la oración y meditación*. Madrid: Administración del Apostolado de la Prensa, 1907, p. 180-185.

redobrada, pois sofreu em si, para além das suas dores, os sofrimentos de sua mãe: é um motivo muito caro a Afonso de Medina, e processo a que deita mão para sublinhar os padecimentos de Cristo. Maria vai estando presente ao longo da Paixão [386], multiplicando, aos olhos dos que a contemplam, os sofrimentos do seu Filho, acrescentando os motivos de dor no quadro que é apresentado, e acentuando, pelo seu carácter feminino e maternal, a violência, a figura e os gestos abomináveis dos agressores. O segundo motivo, é que Cristo via todos "os peccados do mundo, passados, presentes, & futuros pelos quaes padecia." [387] O terceiro, é saber Jesus de antemão as "innumeraveis gentes [que] não se havião de aproveytar de sua Santissima Payxão." [388] E quarto, e último, o pecado que os homens cometiam contra Deus matando-o injustamente. Tudo isto causava a Cristo "mayor dor sem comparação, que todos os tormentos no corpo" [389], por isso "mais padeceo elle só, que todos os martyres juntos" [390], porque estes ainda tinham alguma consolação na alma, mas Cristo nem no corpo nem na alma.

Cristo sofreu os maiores tormentos. E a tal ponto e de tal maneira, que Afonso de Medina se vê obrigado a um explicação que garanta a

---

386 "Considera, como a sacratissima Virgem estende seus braços para receber nelles a todo seu bem. Olha, como lho dão, & como lhe mette a mão na chaga do lado, & os dedos pelos buracos, que os prègos tinhão feyto nas mãos, & pés, & com muytos beijos os beija." (MEDINA — Tratado, p. 331.) "Cuyda, o que padeceo a Sacratissima Virgem Maria sua Mãy, quando o vio daquella maneyra." (*Ibidem*, p. 325.) "Considera, o que Sua Santissima Mãy padeceo vendo com seus olhos todas estas cousas." (*Ibidem*, p. 326), etc.

387 *Ibidem*, p. 301.

388 *Ibidem*.

389 *Ibidem*, p. 302.

390 *Ibidem*.

verosimilhança das suas afirmações: Cristo suporta sofrimentos infinitos, porque a divindade de Cristo sustenta a sua humanidade, permitindo-lhe sofrer muito para além da capacidade humana de sofrimento.

> "Foy tanto o que padeceo na alma, & no Corpo, em cada cousa, que qualquer dellas bastàra para lhe dar a morte, se com a Divindade não sustentàra, & déra forças à Humanidade para padecer, porque como era Deos, & Homem, em quanto Deos estava sustentando, & dando vida a si mesmo em quanto Homem para mais poder sofrer." [391]

À primeira vista pode parecer que estamos diante de um ponto extremo, onde a meditação da Humanidade de Cristo pela evocação dos seus sofrimentos chegava, num processo inverso ao pretendido, à desumanização de Cristo e à desencarnação — se o podemos dizer. Cristo tornara-se sobre-humano. Os homens podem reconhecer-se ainda nessa figura para além de toda a capacidade de sofrimento? Por aquele tempo, Afonso de Medina acreditava que sim, porque, para ele, essa desumanização não ia no sentido da sobre-humanização, mas, ao contrário, no sentido de uma inultrapassável sub-humanização, e, por isso, toda a sua meditação se esforça por mostrar, sem equívocos, esse Cristo que — é ele próprio que o dirá — já nem parece um homem.

A meditação da Paixão apresentada no sétimo capítulo começa, na segunda-feira, pela meditação da cena do lava pés (onde se sublinha a "profundissima humildade"), da instituição da eucaristia (onde se assinala a "infinita caridade"), e do discurso de Jesus "cheyo de palavras de amor".

---

391 *Ibidem*.

Para terça-feira, a meditação proposta é a oração de Jesus no Horto. Primeiro, evoca-se Jesus a orar, posto em grande agonia, o suor de sangue a correr-lhe em gotas: o sangue e a abundância do sangue são uma constante das suas meditações, porque, como explica, uma só gota derramada por Cristo na cruz bastava para nos salvar, mas ele quis derramar todo o seu sangue para testemunhar-nos o seu amor [392]. Depois, evoca-se a traição do malvado Judas:

> "Considera, como depois disto o malvado Judas com beijo de paz o entregou a seus inimigos, os quaes com grande crueldade o prendèrão, deytando-o no chão, pizando-o, passando por cima delle, arrastando-o, arrancandolhe seus cabellos, pelandolhe suas barbas, atandolhe fórtemente com cordas suas Divinas mãos, deytandolhe ao pescoço huma cadea, & assim prezo, com gritos, & alaridos, o levàrão por Jerusalem." [393]

Especial atenção, neste exercício, merece o texto que Medina introduz entre "o prendèrão" e "atandolhe fórtemente com cordas as divinas mãos", retrato de um Cristo por terra, de rastos, a ser pisado, calcado, a quem arrancam o cabelo e a barba. É um retrato de Cristo que muito interessa a Afonso de Medina; quando fala do desprezo de si mesmo ensina como se deve estar pronto a colocar-se debaixo dos pés dos homens, tal qual agora vemos Cristo espezinhado pelos seus inimigos. Outro aspecto que merece destaque — ao longo das suas meditações Afonso de Medina mostrar-lhe-á particular sensibilidade — é a atenção ao ambiente sonoro: "com gritos, & alaridos, o levàrão".

---

392 *Ibidem*, p. 302-303.
393 *Ibidem*, p. 315.

Na quarta-feira, medita-se a ida a Anás e Caifás, a noite de espera angustiada até ao dia seguinte, e a ida à presença de Pilatos. Descreve-se, em seguida, Cristo preso à coluna, os milhares de açoites, o corpo cheio de vergões e chagas, e os inevitáveis rios de sangue. No meio de tudo isto um Jesus Cristo calado, manso cordeiro, como nas evocações de Cristo sofrente de Alonso Cabrera [394].

Na quinta-feira, medita-se como o vestem de púrpura "velha e toda rota", e como o coroam com espinhos "tão agudos e duros como agulhas":

> "Olha que rios de sangue correm entre seus preciosos cabellos, & os fazem pegar huns com outros, & outro por seu Divino rostro, os quaes se misturavão com os cospinhos & escarros que nelle tinha, & assim ficou, que não parecia homem [...]" [395]

Assim ficou que não parecia homem. Não ficou "luz sem luz, vida sem vida" como dirá Frei Agostinho, muito mais contido, como veremos, ou com "outro ângulo de visão", como diria José Adriano de Carvalho, ao meditar a Paixão de Cristo. Ficou que não parecia homem. O *Ecce Homo* é um momento impressionante, o cúmulo dessa desfiguração:

> "Cuyda, como depois de tão escarnecido, & maltratado o mostra Pilatos ao innumeravel povo, que estava presente, dizendo: *Ecce Homo*. Olha, (& não sem lagrimas) como sahe teu Senhor com huma cana nellas, & na cabeça huma espantosa coroa de espinhos, vestido de huma purpura velha, & toda rota, de modo, que hia quasi nù, & Pilatos lhe levantou ainda aquella véste, para que pare-

---

394 Cf. CARVALHO — Evocação, p. 61-63.
395 MEDINA — Tratado, p. 320.

> cesse mais de seu corpo, o qual levava todo chagado que parecia esfolado, & cheyo de vergões, & sangue dos açoutes. O rostro de sangue, cospinhos, & escarros, tudo misturado. Tal figura levava, que não parecia homem [...]" [396]

Impressionante porque, justamente daquele que não parece um homem, se diz *Ecce Homo*: também por isso, o gesto de Pilatos, desnudando a nudez de Cristo à procura da verdade do que diz, é de uma ironia tragicamente cómica.

À dor do corpo todo chagado, que parecia esfolado, cheio de vergões e sangue misturado com cuspinhos e escarros, acresce a dor da alma: a vergonha por estar "daquella maneyra" diante dos inimigos, a dor do coração por ouvir vozes (mais uma vez o traço sonoro) a pedir a Pilatos que soltasse Barrabás ("que era Ladrão, & matador famoso") e que crucificasse "o dador da vida".

Depois medita-se a sentença "iniqua, & injustissima" de Pilatos; a Cruz colocada "sobre os ombros tão moidos de açoutes", e Jesus encontrando-se com sua mãe, a dor e angústia de ambos.

Para o dia da morte do Senhor, sexta-feira, a meditação proposta é a chegada ao Monte Calvário e a crucifixão:

> "Olha como deyxàrão seu corpo nù, alguns dizem, sem nenhuma cobertura em as partes da pureza. Considera como ficou todo esfolado, & como correu rios de sangue em muyta abundancia por todo o seu Corpo: & quanta vergonha, & confusão padeceo, vendo-se nù, & tão maltratado diante de tanta multidão de gente, como alli estava escarnecendo, & zombando delle, sem ter nenhuma compayxão. Logo lhe pregàrão com hum grosso prégo a

---

396 *Ibidem*, p. 320-321.

> mão direita, & querendo depois pregar a esquerda não chegou ao buraco, que tinhão feyto. E então lhe atàrão cordeis nos braços & com grande força tiràrão por elle, para fazer que chegasse. E assim desconjuntarão seus Divinos braços & peyto: depois não chegando os pès ao buraco, tambem lhe atàrão cordas nelles para os fazer chegar, & assim tirando, lhe desconjuntàrão todo o Corpo, dando grandes estrallos os ossos quando se apartavão huns dos outros." [397]

O momento em que deixam Cristo nu é de sobremaneira doloroso. Mais uma vez, há uma dupla dor: no corpo e na alma. No corpo, porque o arrancar das vestes é o arrancar da pele: devido aos ferimentos haviam-se confundido pele e túnica. Na alma, por causa da vergonha e da confusão do seu espírito diante dos olhares e escárnio dessa "multidão de gente". Este escárnio, além do mais, é a continuação da presença do doloroso traço sonoro que se repete nos "grandes estrallos" dos ossos e no momento em que o erguem na cruz: "Levantaram-no com gritos, rizos e injúrias e zombarias." [398]

No momento em que se ergue a Cruz, Afonso de Medina chega a requintes de dolorismo:

> "[...] & quando cahio de golpe a Cruz na cova, que tinhão feyta, seu Divino Corpo com o pezo pendeo para bayxo, & se abrirão aquellas Santissimas Chagas dos pés, & mãos, & as demais que por todo o seu corpo tinha." [399]

---

[397] *Ibidem*, p. 325-326. Sobre a presença deste pormenor, da mão esquerda que não chega ao buraco e da necessidade de esticar o corpo com cordas, nas obras *Exercitia super vita et passione Christi*, de pseudo-Tauler, *Trabalhos de Jesus*, de Frei Tomé de Jesus, e *Colaçam ou abreviaçam tirada do livro fasciculus myrrae*: Cf. MARTINS, O pseudo-Taulero, 27-28.

[398] MEDINA — Tratado, p. 326.

[399] *Ibidem*. Um pormenor presente noutros autores, um deles Jorge da Silva: Cf. SILVA, Jorge — Tratado em que se contém a Paixão de Cristo. In *ANTOLOGIA de espirituais portugueses*. [S.l.]: INCM, 1994, p. 87-88.

A meditação de sexta-feira acaba propondo a meditação das sete palavras de Cristo e da dor de Maria diante da qual os que matam Jesus já não são os inimigos sem compaixão, mas "perversos caens", uma zoomorfização bem demonstrativa do que dissemos sobre o uso que Afonso de Medina faz da figura de Maria:

> "Considera, o que ella sentio quando vio morto a todo o seu bem. Cuyda, como aquelles perversos caens, não fartos dos excessivos tormentos, & deshonra que lhe derão vivo, depois de morto lhe metèrão huma lança por seu Divino costado. Olha a abundancia de sangue: & agua que delle corre para te lavar de teus peccados. Considera, que quiz que lhe abrissem o lado, para que por alli entrasses a seu coração, & à sua divindade. Entra, & està dentro, & não sayas. Cuyda, como aquella abertura, & Divina Chaga nos abrio o Ceo, & deu virtude a todos os Sacramentos." [400]

No Sábado, propõe-se a contemplação de Jesus morto, chagado e afeado, que não parece um homem: "contempla, como estando o Corpo de teu Deos, & Senhor, na Cruz morto, & tão chagado, & affeado, que não tinha figura de homem, & a Virgem ao pè com mais pessoas devotas [...]" [401], uma contemplação que se faz, agora, preferencialmente, pela contemplação de Maria. Agora é ela o centro da dor e da abundância de lágrimas que substitui a abundância do sangue que, mesmo depois da morte, na descida do corpo de Cristo da cruz, jorra, deixando Maria "toda ensanguentada, a face, & mão".

Finalmente, no Domingo, medita-se a Ressurreição, a Ascensão e a vinda do Espírito Santo.

---

[400] MEDINA — Tratado, p. 327-328.
[401] *Ibidem*, p. 330.

Esta meditação da Paixão de Cristo pelos dias da semana repetir-se-á no capítulo décimo. Diz Frei Afonso de Medina que não se trata de uma repetição e que "quem com atenção ler hum, & outro, achará serem exercicios muyto differentes." [402] E até certo ponto, diz a verdade. Porque, enquanto nas meditações do capítulo sétimo seguiu o modelo de Granada, no capítulo décimo segue, parece-nos, o modelo de Juan de Ávila [403]: pelo menos a distribuição apresentada por Afonso de Medina é igual à de Juan de Ávila, e a isto acresce o facto de, nestas meditações, Medina usar um elemento que não tinha utilizado nas anteriores: a cor, traço essencial nas evocações de Cristo padecente de Juan de Ávila, como notou José Adriano de Carvalho. Numa expressão cheia de graça e de rigor — e uma vez que Ávila escrevia para uma mulher — diz aquele autor que Juan de Ávila apresenta Cristo como a "caixa de beleza da alma." [404]

Para além disto, e da novidade de um ou outro traço, que assinalaremos, a grande diferença entre estes exercícios e os anteriores é o carácter mais resumido, menos pormenorizado, destas meditações que, apesar disso, não ficam em nada a dever às primeiras na abundância do sangue.

A meditação da Paixão começa, segundo a nova divisão, não pela meditação da cena do lava-pés, instituição da eucaristia e discurso de

---

402 *Ibidem*, p. 360.

403 Baseamos este parecer no *Cuadro sinoptico sobre la meditacion de la Passion*, em que são confrontados Mombaer, Osuna, Orozco, Laredo, Juan de Ávila e Granada: Cf. ANDRÉS — Introducción, p. 20.

404 Cf. CARVALHO — Evolução, p. 54-56.

Jesus, como nos exercícios anteriores, mas pela agonia e oração de Jesus no Horto "cuberto todo de hum suor de sangue, que lhe corria em gotas espessas por todo o rostro, & corpo, atè regar a terra" [405], meditação que no capítulo sétimo era proposta para terça-feira.

O exercício de terça-feira traz um elemento novo em relação às meditações do capítulo sétimo. Atado à coluna, o corpo de Cristo, como na evocação de Bernardim de Laredo [406], é todo ele uma grande chaga:

> "Em te levantando cuyda, que ves a teu Redemptor atado à columna, nù, & todo cheyo de chagas, ou para melhor dizer, feyto huma chaga correndo rios de sangue por todo o seu Corpo dos cruelissimos açoutes que lhe tinhão dado." [407]

Na meditação de quarta-feira, surge outra novidade: o aspecto de Cristo "que quasi não tinha figura de homem":

> "Cuyda [...] que ves a teu dulcissimo Senhor assentado, com as mãos atadas, & huma cana nellas por escarneo, & huma coroa de espinhos na cabeça, que lhe entravão por ella, & os cabellos desconcertados, & pegados, do sangue que lhe corria, a face chea de escarros, & cospinhos, & rios de sangue misturado com outro que quasi não tinha figura de homem [...]" [408]

Este "quasi" a ajustar a expressão a um tom mais moderado não será, ainda, o último elemento que as meditações do capítulo sétimo

---

405 MEDINA — Tratado, p. 362.
406 Cf. CARVALHO — Evolução, p. 53-54.
407 MEDINA — Tratado, p. 363.
408 *Ibidem.*

não registaram. Na meditação de quinta-feira aparecem mais dois: a cor, como já dissemos, e a pressa:

> "[...] faze de conta, que ves a teu benignissimo Esposo com huma Cruz muyto grande, & pezada sobre seus hombros, cansado, afadigado, o rostro vermelho do cansaço, que não lhe alcança hum folego a outro, pela grande pressa com que o levão [...]" [409]

A primeira pincelada, a vermelho, do Afonso de Medina pintor da meditação de sexta-feira, é ensaiada aqui, nesta ida apressada e sufocante de Cristo para o Calvário. Depois, na contemplação de Cristo morto, já encontraremos não um começo de pintura, mas um quadro quase completo, pois era necessário fazer uma pintura mais fidedigna de Cristo padecente "bem differente de como o pintão".

O Cristo morto que Afonso de Medina pinta, na meditação de sexta-feira, tem os "beiços azùes" e os dedos também "azùes", os joelhos "verdenegros", e o corpo todo coberto do vermelho do sangue, sem "nenhuma carne branca". Está todo chagado e em sangue, rios de sangue. A Medina interessam também os volumes: os grossos pregos, a grande chaga e os grandes buracos; a pose: a cabeça inclinada, a boca pouco aberta; os matizes: um rio já seco, outro que corre ainda fresco:

> "[...] cuyda, que ves o Cordeyro innocentissimo, por teu amor posto na Cruz, todo desconjuntado, & muyto estirado, pregado os pés, & mãos com muyto grossos prègos, & no lado huma muyto grande chaga da lança. Olha, como està a cabeça coroada daquella cruel coroa de espinhos, & inclinada, os cabellos todos desconcertados com o sangue, que de sua Divina cabeça tinha corrido, a

---

[409] *Ibidem*, p. 364.

> face chea de sangue, & escarros misturados, a boca hum pouco aberta, & correndo della o sangue, os beyços azùes, dos narizes por cada venta lhe corria sangue, a barba, que lhe faltava muyto della, que lhe tinhão arrancado, & a que tinha toda chea de sangue, & escarros, os olhos mortos, o corpo todo chagado dos açoutes, os pès, & as mãos com huns grandes buracos dos prègos, & os dedos azùes, os joelhos esfolados das quédas que dava, quando com muyta pressa, & meyo arrastando o trazião de Juiz em Juiz, & de quando levou a Cruz, & verdenegros, & com muyto sangue nelles, todo seu Santissimo Corpo cheo de rios de sangue, hum já seco, & outro, que de novo corria fresco, & com aquelles cinco rios caudalosos, que do lado, pés, & mãos, corrião em abundancia: de modo, que em todo seu Divinissimo Corpo, não lhe aparecia nenhuma carne branca, mas chagada, ou cuberta de sangue. Tal estava, que não parecia homem, nem tinha figura de homem, bem differente de como o pintão."[410]

No rigor da sua pintura, Afonso de Medina volta a retirar o "quasi" e de novo Cristo "não parecia homem, não tinha figura de homem". Tal como nas primeiras meditações, Cristo continua a ser arrastado, mas agora com grande pressa, nem tem tempo para respirar, de juiz para juiz e a caminho da cruz. Vermelho, azul, verdenegro, assim o pinta Medina porque "sem duvida assim estava [...] & ainda muyto mais lastimoso, do que tenho declarado."[411]

Findas estas meditações do capítulo décimo (no Sábado contempla-se Cristo no regaço de sua mãe, lavado pelas suas lágrimas e, no Domingo, Cristo Ressuscitado), Afonso de Medina abre um novo capítulo para dizer "De quam excellente, & de quantos merecimento seja occupar-se nas meditações passadas". Comprovam-no o facto de "os

---

410 *Ibidem*, p. 364-365.
411 *Ibidem*, p. 365.

livros [estarem] cheyos disso" e as palavras de autoridades como S. Bernardo, Santo Agostinho, S. Alberto Magno, Ludolfo da Saxónia, de tal modo que

> "Se houvera de escrever, o que os Santos, & Doutores dizem sobre a excellencia, & proveyto, que se tira de cuydar na Paixão de Nosso Senhor Jesu Christo, & nas outras meditaçoens acima postas, fora necessario de só isso fazer hum livro [...]" [412]

E, porém...

> "Porèm ainda que seja tudo isto assim, não deves gastar toda a vida só nestes exercicios da meditação, mas passar a outras cousas melhores, & de mais utilidade, & proveyto, como eu daqui por diante te ensinarey." [413]

O que o autor daqui em diante ensina, do capitulo doze ao capítulo quatorze, é um outro grau de oração, mais elevado do que o da meditação, de que se ocupou do capítulo sétimo ao capítulo onze, ensina um modo de "cuydar ou estar em Deos" por meditação e por fé (capítulos XII-XIII), e por sentimento ou contemplação (capítulo XIV).

Logo no início, Medina começa por avisar que, para esta oração que consiste na vontade,

> "[...] se ha de deyxar todo o discurso do entendimento, que he todo o genero de meditação por altissimo que seja, & isto, não porque a meditação seja mà, mas antes he muyto boa: como fica dito no capítulo passado: porèm he impedimento para a oração ser feyta puramente." [414]

---

[412] *Ibidem*, p. 373.
[413] *Ibidem*, p. 373-374.
[414] *Ibidem*, p. 374-375.

Cuidar na Paixão de Nosso Senhor é bom para o grau da meditação, porém, agora deve ser abandonado, porque é impedimento para que a oração seja feita puramente. Como se vê, é a repetição da doutrina que encontrámos em Luís de Blois, Osuna, (pseuso)Tauler, Rodrigo de Deus e outros autores. A meditação da Paixão é excelente, mas apenas para o primeiro grau da oração mental, isto é, a meditação, a partir da qual se passa a uma oração mais elevada e denominada "oração pura mental" , ou "recolhimento", ou "amor activo", ou "amor unitivo", "porque [n]ella não ha de obrar o entendimento com discurso [...] nem figura." [415]

> "Pois neste estado, & modo de oração estando recolhido, como fica dito, não has de ter, nem te ha de ficar na memoria cousa nenhuma por altissima, & nobilissima, que seja, mas ha-te de ficar vazia de tudo, convem a saber, sem cuydar nada, & só com huma lembrança que Deos está dentro de ti, sem o representar no interior, nem nenhuma figura, nem imagem, nem em outra cousa alguma. Porque tudo quanto podemos cuydar delle, he muyto menos, que he. E posto que algumas representaçoens, sejão bonissimas, & altissimas, todavia não são para este modo de oração [...]" [416]

Mas também este grau de oração é um grau a ser superado, porque, acima deste modo de oração pura mental, existe ainda o grau da contemplação, ou do "estar em Deos por sentimento", onde já nada valem a "industria, & deligencia" daquele que ora, pois ninguém pode passar a este modo de oração se Deus não o levar, uma vez que, na

---

[415] *Ibidem*, p. 379.
[416] *Ibidem*, p. 380.

contemplação, já não é o homem que opera mas Deus, produzindo a união sem meio: "Està então a alma quietissima, não havendo entre ella, & Deos meyo algum, porque tudo quanto te offerece, queyma, & abraza este fogo, ainda antes que chegue." [417]

Encontraremos mais algumas palavras de Medina sobre este modo de oração ao longo deste trabalho, como comentário aos versos de Frei Agostinho da Cruz.

2.2. O *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma para resarem, ou cantarem os que os correm*, de Frei Rodrigo de Deus

Para além dos *Motivos Espirituais*, existe, também, da autoria de Frei Rodrigo de Deus, um breve *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma para resarem, ou cantarem os que os correm*. Tal como o nome indica, é uma *Via Sacra*, na qual Frei Rodrigo de Deus *representa* os passos da Paixão, não ainda segundo o modelo das 14 estações, estabelecido de modo definitivo, em Espanha, ao longo do século XVII, mas segundo o modelo de Adrichomius, isto é, dividindo a *via captivitatis* (6 Passos) e a *via crucis*, propriamente dita, (12 Passos).

Na *via captivitatis* aquele que segue os *Passos* acompanha Jesus desde que ele "sae do horto atè casa de Annàs: e dahi a Caiphàs: e dalli à de Pilatos a Herodes, e de Herodes outra vez a Pilatos." [418]

---

[417] *Ibidem*, p. 429.

[418] DEUS, Rodrigo de — *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma para resarem, ou cantarem os que os correm*. Lisboa: Na officina Joaquiniana da Musica, 1736, p. 20.

Passo I: *Representa o Senhor orando no Horto*; II: *Representa a prizão de Christo Senhor nosso*; III: *Representa a quando derão a bofetada a Christo N. Senhor em casa de Annàs*; IV: *Representa quando apresentarão o Senhor a Caiphàs*; V: *Representa quando o Senhor foy apresentado a Pilatos*; VI: *Representa quando o Senhor foy apresentado a Herodes*.[419] Segundo as contas "das medidas certas de todos os passos, que Christo nosso Senhor andou em toda Sua sagrada Payxão":

> "Somão estes caminhos onze mil e quatrocentos, e sinqoenta pès, que somão quatro mil, e quinhentos, e outenta passos, a dous pès, e meyo por passo, e cada pè destes tem hum palmo, e quatro dedos." [420]

Na *via crucis*, que começa na casa de Pilatos, acompanha-se Jesus "de casa de Pilatos até o monte Calvario" [421].

A *via crucis* apresentada por Rodrigo de Deus não tem, no entanto, 12 passos, conforme o modelo de Adrichomius, porque, explica ele:

> "Destes doze se ha de tirar o undecimo, conforme as revelaçoens de Santa Brigida, a que se deve muito respeito, pois por tantos Summos Pontifices; Concilios, Doutissimos, e Santos Varoens estão aprovadas, e agora de novo anotadas, e revistas por mandado do Mestre do sacro palacio Apostolico.
>
> Estando esta Santa em Hierusalem em oração na Capella do Santo sepulcro lhe foy revelado o como encravárão a Christo na Cruz, na qual revelação lhe mostrou o Senhor, como primeiro que o encravassem alçarão a Cruz em alto, e a fixárão na abertura da

---

419 Cf. *Ibidem*, p. 2-8.
420 *Ibidem*, p. 21.
421 *Ibidem*.

> rocha, e depois por degraos, que de taboado que fizerão, sobio o Senhor cõ os algozes, e assim em alto o encravarão.
>
> Pelo que pareceo que por descuydo fez mais hũ passo quem ao principio os ordenou de novo, pondo por undecimo onde encravarão a Christo: e por duodecimo onde o levantarão na Cruz, significando com isto que o encravarão estando elle estendido em terra. Constando por revelação tão aprovada que foy encravado depois de ella estar levantada." [422]

A sua *via crucis*, testemunhando, mais uma vez, o grande apreço dos arrábidos por Santa Brígida, apresenta, pois, não 12 passos, mas 11; VII: *Representa quando o Salvador foy atado à Coluna*; VIII: *Representa quando puzerão a Cruz às costas a Christo Senhor nosso*; IX: *O seguinte Hymno, Antiphona, e Oração se rezão no lugar, que andou quando o Senhor cahio a primeira vez*; X: *Representa-se quando o Senhor encontrou sua Santissima mãy*; XI: *Representa quando o Cyrineo tomou a Cruz ao Senhor para o ajudar alevala*; XII: *A Veronica que o Senhor deyxou impressa;* XIII: *Representa aonde o Senhor cahio com a Cruz*; XIV: *Representa quando o Senhor falla às filhas de Jerusalem que vão chorando*; XV: *Deste lugar começa a subir ao Calvario, e aqui se reza o seguinte Hymno, Antiphona, e Oração*; XVI: *O seguinte Hymno, Antiphona, e Oração se rezão onde os soldados despirão a Christo nosso Senhor*; XVII: *Representa aonde crucificão o Senhor*.

---

[422] *Ibidem*, p. 22. A edição de 1664 (a terceira, a primeira é de 1618), apresenta, nesta passagem, mais um parágrafo: "Deste parecer he S. Boaventura, S. Bernardo, e outros muitos, como claramente se póde ver no livro setimo, capitulo quinze das mesmas revelaçoens, nas anotaçoens novamente feitas sobre a mesma revelação." (IDEM — *Tratado dos Passos que se andam na Quaresma, para rezarem, ou cantarem os que os correrem*. Lisboa: Na Officina de Domingos Carneiro, 1664, p. 23.)

Destes passos, dá-nos também Frei Rodrigo de Deus as *medidas certas*:

> "[...] desde a casa de Pilatos atè o lugar da rocha onde foy metido o pè da Cruz, e o Senhor, depois de arvorada crucificado nella, ha mil trezentos, e onze passos, e meyo pè que fazem mil, e duzentos, e sessenta, e oyto pès. E cada hum pè destes, como está já dito tem hum palmo, e quatro dedos." [423]

O Cristo que este arrábido, Mestre de Noviços e Provincial eleito em 1601, nos *representa* no seu *Tratado*, ao longo dos passos da *via captivitatis* e da *via crucis*, é um Cristo muito semelhante ao que encontramos na obra de Frei Afonso de Medina: um Cristo cuspido e arrastado pelo cabelo, a quem arrancam a barba, a quem dão coices, pescoçadas e bofetadas, um Cristo sem fôlego, caindo pela pressa com que, de um lado para o outro, o arrastam, um Cristo injuriado, insultado, coberto de escarros e sangue:

> "Ouvida esta resposta [«Eu sou»] tão verdadeira, e tão digna de todo o Mundo com alegria festejar, e celebrar, arremetem com grande furia ao Senhor; e como se dissera: alguma grande blasfemia, lhe cospem no rosto, e lho cobrem para mais escarnecerem, e à sua vontade o afrontarem, dam-lhe muitos couces, arrastam-no pelos cabelos, arrancamlhe as barbas, dão-lhe muitas pescoçadas, e bofetadas, e escarnecendo delle lhe dizem; ò Christo adivinha quem te deu." [424]

É um Cristo manso e paciente, como propõe o versículo da antífona: "O brando, e humilde cordeiro não se queyxa, nem abre sua boca."

---

[423] IDEM — *Tratado dos Passos que se andão*, p. 21.
[424] *Ibidem*, p. 6.

E a resposta: "Mas com forte, e paciente animo sofre todas as injurias, e afrontas, que lhe fazem." [425]

Tal como em Medina, no Passo VII, "depois de em sangue banhado", Jesus é vestido com "huma vistidura de purpura suja vil, e esfarrapada" e coroado de espinhos que penetram cada vez mais, ao ritmo das pancadas que lhe dão com a cana; "e o enchem de escarros por amor de nòs". [426]

> "Christo nosso Redentor depois de crueis açoytes, e da coroação de espinhos, e da dolorosa demonstração, que delle fez Pilatos dizendo *Hecce Homo*, he condenado à morte de Cruz, e o entrega à vontade dos Judeos; e abraçando-se amorosamente com a Cruz a toma sobre seus delicados, e feridos hombros, começa a caminhar para o lugar onde ha de ser crucificado. Os crueis algozes o vão empuxando, e dando pancadas para que ande, e outros lhe vão tirando pela corda, e pelos cabelos." [427]

Puxado pela corda e pelos cabelos o

> "Levão os Judeos com muita pressa, caminhando ao Calvario Christo nosso Senhor com a Cruz às costas, com o qual aceleramento, e outros trabalhos cançado, e desfalecido, oprimido do pezo da Cruz cae juntamente com ella." [428]

Há-de ainda cair, de novo,

> "Christo nosso Redentor por grande pressa; e furia com que os soldados o levavão, e por os muitos empuxoens, e couces que

---

425 *Ibidem*.
426 *Ibidem*, p. 9.
427 *Ibidem*, p. 10.
428 *Ibidem*, p. 11.

> cruelmente lhe vão dando, cae outra vez junto da porta judiciaria, pela qual o fazem sahir, como se fora algum malfeytor muito infamado,e facinoroso [...]" [429]

E cairá uma terceira e última vez "desemparado das forças", tão cansado "que apenas pode recolher o folgo". [430]

Por fim, no Calvário, a esse Cristo "de espinhos coroado tão nojozo como hum leproso" [431], "todo banhado em sangue, e juntamente cuberto e afeado com muitos escarros, e tornado tal que parecia hum leproso" [432]

> "despem-lhe os algozes com muita furia suas vestiduras que vão pegadas à carne, sente grandissimas dores, porque se renovão as chagas com a crueldade com que lhas tirão. De suas feridas como de fontes correm de novo rios de sangue copiosamente [...]" [433]

Depois, crucificam-no na Cruz, onde fica nu, banhado em sangue. É assim e aí que é contemplado no último passo, como manso Cordeiro, sofrendo com "invencível paciência" — além do sofrimento físico — zombarias, escárnios, injúrias e blasfémias:

> "Está Christo nosso Redentor nù banhado de novo em Sangue pela furia com que os algozes lhe tirão as vestiduras que estavão pegadas na carne, mandando-lhe que se estenda na Cruz. Obedece o manso Cordeiro prontamente. Encravão-lhe nella os sagrados pès, e as mãos com grossos, e agudos cravos. Encravado assim na Cruz, e desconjuntados todos seus ossos, pede com lagrimas ao

---

429 *Ibidem*, p. 15.
430 *Ibidem*, p. 17.
431 *Ibidem*, p. 12.
432 *Ibidem*, p. 14.
433 *Ibidem*, p. 18.

> *Padre*, que perdoe àquelles que assim o tratão: escusando-os que não sabem o que fazem. Està ouvindo com invencivel paciencia; zombarias, e escarnios, que os Judeos delle estavão fazendo, e muitas injurias, e blasfemias com que estavão blasfemando." [434]

2.3. A poesia de Frei Agostinho da Cruz

O que ficou exposto, são os "ângulos de visão" que os dois autores arrábidos, companheiros de Frei Agostinho, adoptaram nas suas obras. E Frei Agostinho da Cruz?

Apesar do género dos seus escritos tornar muito mais complexa uma abordagem deste tipo, cremos que o poeta arrábido partilha esse outro "ângulo de emoção — talvez melhor que ângulo de visão" do Cristo sofrente, que José Adriano de Carvalho encontrou nas evocações de Luis de La Puente, e a propósito das quais pergunta:

> "Que impressiona mais — *impressiona mais,* porque se trata de ver um matiz — Luis de La Puente? Contemplar os sofrimentos de Cristo, ou contemplar-se fazendo sofrer Cristo?
>
> O acento parece ter mudado. Evocar os sofrimentos de Cristo? Sem dúvida, mas, sobretudo, evocar os sofrimentos que «eu», pecador, lhe causo. Os pormenores desse extenso retrato — pormenores que vão fazendo ressaltar a dor, o sofrimento, a crueldade, a transformação da beleza divina num «gusano» — emocionam principalmente, porque causados por quem os contempla. Mas, doutro ponto de vista complementar, daqui nasce o horror a si mesmo, uma visão da enormidade do pecador diante do comportamento exemplar, completamente interior, de Cristo sofrente." [435]

---

[434] *Ibidem*, p. 19.

[435] CARVALHO — Evolução, p. 65.

Em nosso entender, este "outro ângulo de emoção" diante do Cristo sofrente é também o de Frei Agostinho da Cruz nos seus versos, onde há sangue mas não há rios de sangue (com uma excepção, que apontaremos), nem escarros, nem cospinhos, nem cabelos empapados em sangue, nem o corpo esfolado, ou cheio de vergões, ou todo uma só chaga. Nem há um Cristo colorido com as cores do sofrimento e da morte, nem um Cristo empurrado à pressa, puxado pelos cabelos e já sem fôlego a caminho do Calvário.[436] Nem há um corpo leproso a desconjuntar-se, dando "grandes estrallos", e, sobretudo, não existe esse Cristo que "não tinha figura de homem, que não parecia um homem". Em Frei Agostinho, no Cristo crucificado não é a humanidade que fica irreconhecível mas a divindade, porque a cruz é para o poeta arrábido o cume da encarnação, lugar onde Cristo é desnudado mas não se desnuda da carne humana, como no capítulo seguinte veremos . Por isso, dirigindo-se ao crucificado, Agostinho não se dirige a uma figura que não parece um homem, mas a um Cristo onde, na aparência, deixou de se reconhecer, não o aspecto humano, mas o aspecto divino: a Luz, a Vida, a Fonte, a Imagem do Pai:

"Como estais luz sem luz, vida sem vida,
Sol sem curso, com sede fonte pura,
Imagem do pai eterno, sem figura
Do mesmo pai, palavra emudecida!

---

[436] Encontramos uma única vez Cristo pisado: "Pisado, preso, e nu entre ladrões" (CRUZ — *Sonetos*, p. 164); e uma única vez Cristo arrastado: "Arrastado vos levam para a Cruz" (*Ibidem*, p. 165.)

Vara santa de Arão, já não florida,
Belo espelho do ceo, sem fermosura,
Doce favo de Sansão, entre amargura,
Torre de David forte, enfraquecida!

Mas sem vida dais vida, luz sem luz,
Vossa sede farta ao mundo, e a imagem,
Que tendes, me faz ver onde vos pus.

Calando ensinais, imovel moveis
Mais duros corações que a dura lagem,
Morto, espelho mais belo pareceis." [437]

Porque o que mais impressiona Frei Agostinho quando contempla Cristo e sobretudo Cristo crucificado, as suas chagas, ou os instrumentos da Paixão: a coluna, a lança, a coroa de espinhos — não encontramos na sua poesia sonetos ao lava pés, à última ceia (apenas referida nos sonetos à eucaristia [438]), à agonia de Jesus no horto, à cena do *Ecce Homo* — é o serem manifestação e prova do amor de Deus pelos homens, mistério de redenção, e, por isso, os seus poemas ora se tornam um acto de júbilo, ora um acto de contrição, ou ambos, ao mesmo tempo.

É assim que, num dos sonetos à cruz não nos é apresentada uma cruz ensanguentada, cercada de gritos e zombarias, onde as carnes se rasgam, mas uma "suave cruz" onde se pendura a esperança, e um

---

[437] *Ibidem*, p. 135. Citamos este soneto com algumas reservas quanto à sua autoria. Note-se, no entanto, que se um dia for possível provar-se uma autoria contrária à que até hoje lhe tem sido atribuída, tal em nada invalida o que fica dito, pois, e como no capítulo seguinte se verá mais claramente, nem só sobre este soneto assentamos as nossas afirmações.

[438] Ou no soneto a S. João Evangelista. Cf. *Ibidem*, p. 52.

Cristo Jesus "doce penhor do penitente", onde "de piedade e de brandura" se dependura "a salvação do mundo"; uma cruz onde a tristeza se converte na alegria da nossa redenção:

"Em ti suave Cruz, posto que dura
Por ver sangue inocente derramado,
Pregado pés e mãos, aberto o lado,
Donde minha esperança se pendura.

Em ti de piedade e de brandura
Doce penhor do penitente errado,
Em ti Cristo Jesus dependurado
A salvação do mundo dependura:

Em ti se consumou toda a crueza,
Que em corações humanos se acendia
Contra todas as leis da natureza.

Mas em ti se tornou, em alegria
Da nossa redenção, toda a tristeza;
Oh Cruz defensão nossa, nossa guia." [439]

O mesmo acontece quando se dirige às chagas. O que o comove não são essas chagas jorrando sangue, nem os sofrimentos que elas provocam, mas os "claros sinais de amor" que elas manifestam e a que são devidos "outra fé, outro amor, outro cuidado":

"Divinas mãos, e pés, peito rasgado,
Chagas em brandas carnes empremidas,
Meu Deos, que por salvar almas perdidas,
Por elas quereis ser crucificado:

---

[439] *Ibidem*, p. 53.

Outra fé, outro amor, outro cuidado,
Outras dores às vossas são devidas,
Outros corações limpos, outras vidas,
Outro querer no vosso transformado:

Em vós se encerrou toda a piedade,
Ficou no mundo só toda a crueza;
Por isso cada um deu do que tinha:

Claros sinais de amor, ah saudade!
Minha consolação, minha firmeza,
Chagas de meu Senhor, redenção minha." [440]

E no soneto *À coroa de espinhos* é ainda esse "amor puro" que força o Senhor a descer do Céu à terra ingrata que o rejeita, aquilo que o toca mais profundamente:

"A que vindes, Senhor, do Ceo à terra,
Terra que sendo vossa vos enjeita,
E que tanto vos honra e vos respeita,
Que em vos não receber insiste e emperra?

Ah quanta ingratidão nela s'encerra!
Quão mal de vossa vinda se aproveita!
Pois se põe a tomar-vos conta estreita,
Mais brava contra vós, quanto [mais] erra.

E vós de vosso amor puro forçado
As malditas espinhas lhe pisais,
Das quais ainda sendo coroado,

A maldição antiga lhe trocais
Na benção, que lhe dais crucificado,
Quando morto d'amor, d'amor matais." [441]

---

[440] *Ibidem*, p. 48.
[441] *Ibidem*, p. 74.

Frei Agostinho apresenta, pois, um "outro ângulo de emoção" diante do Crucificado, uma particular sensibilidade à manifestação que Deus faz, na Paixão de Cristo, do seu amor pelos homens, um amor de tal maneira incalculável que se manifesta através dessa forma paradoxal, a Cruz, um amor que parece não deixar-lhe alternativa e o força, obriga a encarnar: Deus é *vítima* do seu amor pelo homem. E no outro lado desta sensibilidade, como não podia deixar de ser, e como José Adriano de Carvalho notou em Luis de la Puente, o inevitável reverso: uma aguda consciência do seu pecado e da indignidade do homem. [442]

Daí os já mencionados júbilo e contrição nos versos de Agostinho que, sem nunca ter o excesso de expressões como as de Suso ("Escuta, Senhor! mata-me, martiriza-me, não me poupes neste mundo!" [443]), ou de Frei Tomé de Jesus: ("[...] castiga-me, atribula-me, e crucifica-me, e faze de mim quanto quizeres; mas prende-me, possue-me, e cativa-me de ti, amor divino." [444]), é de uma contenção apenas aparente, porque o seu dizer constantemente procura ser o modo mais perfeito e capaz de cantar o mistério desses dois abismos que se encontram: o abismo de Deus e o abismo do homem.

Entretanto, esta diferença de "ângulo de visão" de Frei Agostinho em relação aos seus confrades não parece repetir-se quanto ao lugar reservado à Paixão de Cristo, na oração mental.

Ao escrever um poema em que se dirige ao *cristão*, e que aparece como proémio da primeira edição do *Tratado dos Passos que se andão*

---

[442] Cf. CARVALHO — Evolução, p. 63-65.

[443] SUSO, Heinrich — Grand livre des lettres. In *Ouvres complètes*. Paris: Editions du Seuil, 1977, p. 483.

na Quaresma, de Frei Rodrigo de Deus, Frei Agostinho parece advogar a mesma doutrina apresentada pelos autores dos *Motivos espirituais*, e do *Tratado da oração mental*:

> "Se queres, ó cristão, gozar da gloria,
> E fugir aos abismos do inferno,
> A afligida paixão de Deos eterno
> Traze sempre esculpida na memoria.
>
> Nela tens de tormentos longa historia,
> Um mar alto sem fim de amor interno,
> Despreza o livro antigo e o moderno,
> Que este lhes leva a palma e a vitoria.
>
> Verás o bom Jesus escarnecido,
> Derramando do horto ao Calvario
> Rios de sangue, dores de contino.
>
> Ó finezas de amor extraordinario,
> Que um Rei da terra e Ceo por povo indino
> Não descanse, senão na cruz subido!" [445]

À excepção deste último terceto, exclamativo das finezas de amor extraordinário, onde, segundo a teologia joânica, se evoca a cruz como trono onde descansa o Rei da terra e do Céu, as restantes estrofes do soneto, se são uma síntese e abertura da obra que acompanham, poderiam muito bem ser um resumo da obra de Afonso de Medina até ao

---

444 JESUS — *Trabalhos*, p. 109.

445 CRUZ — *Sonetos*, p. 137. Para S. Boaventura Cristo é esse livro do Apocalipse (Cf. Ap 5, 1) escrito por dentro e por fora, isto é, une em si o livro interior, que é a sabedoria eterna de Deus, e o livro exterior, que é a criação que fala do criador: "Lege ergo me, *librum vitae scriptum intus et foris*, et lectum intellige" (BOAVENTURA, santo — Vitis mystica. In IDEM — *Obras*. Madrid: BAC, 1968, p. 505.)

capítulo onze, isto é, até ao capítulo onde terminam os ensinamentos sobre a meditação, e se iniciam as lições sobre a oração pura mental e a contemplação. O primeiro terceto seria um resumo fidedigno das meditações sobre a Paixão propostas nos capítulos sétimo e décimo, e único em toda a poesia de Frei Agostinho. Em mais nenhuma estrofe dos seus poemas encontraremos esse Cristo escarnecido, derramando rios de sangue do horto ao Calvário e em dores contínuas. Aliás, a expressão "rios de sangue" não volta a aparecer e o horto, se não estamos em erro, só mais uma vez é referido [446]. O que existe de mais parecido com estes versos, na sua poesia, é uma estrofe do outro soneto que, juntamente com o que agora estudamos, serve de proémio ao *Tratado dos passos*: "Pelo rasto do sangue derramado/ O seu caminho iremos acertando,/ Pera o monte Calvario caminhando,/ Onde dele foi tudo consumado" [447], o último terceto do soneto LIII: "Cuja pena a velhice está pejando/ Para passar da morte o passo estreito,/ Se não se no seu sangue for nadando" [448], e dois tercetos da elegia XVI que falam das carnes atadas à coluna, açoutadas, pisadas e moídas, sem nenhuma parte por ferir. [449]

Os dois primeiros versos da primeira quadra do soneto, *Se queres, ó cristão, gozar da glória*, poderão ser aproximados das pala-

---

446 Na elegia XVII, ao evocar a Paixão, diz: "Alembrados de quanto lhe custou/ Ser preso dos Judeus, como ladrão,/ No horto, que de seu sangue regou.// Onde por Judas foi dado à prisão,/ E por imigos seus preso e levado/ A padecer por nós morte e paixão." (CRUZ — *Sonetos*, p. 219.) Note-se como o que é destacado não é a dor física, mas a dor da alma, o quanto lhe custou ser preso como um ladrão, pelos judeus.

447 *Ibidem*, p. 138.

448 *Ibidem*, p. 97.

449 *Ibidem*, p. 216.

vras com que Afonso de Medina praticamente abre o primeiro capítulo. Diz Agostinho: "Se queres, ó cristão, gozar da gloria,/ E fugir aos abismos do inferno"... Diz Medina:

> "Porque nenhum Christão se condena por falta de fé, senão por não cuydar o que crè. Porque se hum attenta, & profundamente cuydasse, que ha inferno, & que as penas delle são mayores do que se pòde imaginar, & que hão de durar sempre, & que nunca hão de acabar, & que se merecem por hum peccado mortal, quem haveria, que o ousasse commetter?" [450]

E os dois versos restantes, juntamente com os versos da segunda quadra, lembram o título do capítulo décimo e as palavras de S. Bernardo, citadas no capítulo onze. Recordemos Frei Agostinho: "A afligida paixão de Deos eterno/ Traze sempre esculpida na memoria" — e o título de Medina: "De como se trará sempre, ou quasi sempre na memoria a Nosso Senhor Jesus Cristo" [451]. De novo Agostinho: "Nela tens de tormentos longa historia,/ Um mar alto sem fim de amor interno,/ Despreza o livro antigo e o moderno/ Que este lhes leva a palma e a vitoria"; e S. Bernardo, através de Medina, no capítulo referido:

> "São Bernardo diz. A lição, que cada dia deve ter o Christão tão amavel, como o livro da vida, he a memoria da Payxão do Senhor:

---

[450] MEDINA — Tratado, p. 265-266. São, cremos, palavras mais devedoras do ensinamento dos seus irmãos do que do seu próprio. Na verdade, esta lembrança do inferno não parece ser muito do agrado de Frei Agostinho. Na carta *A Dona Branca*, diz: "Com penas immortaes do reino escuro/ Não te quero espantar; pois seguir queres/ A Cruz de teu Senhor por amor puro." (CRUZ — *Obras*, p. 132.)

[451] MEDINA — Tratado, p. 360.

> porque nenhuma cousa tanto encende o coração humano nos fogos do Divino amor como a Payxão, & humanidade do Cordeyro sem macula considerada, & trazida de contínuo na memoria." [452]

Ora, esta aproximação parece-nos não só possível, como necessária e clarificadora. Sem a aproximação entre o soneto de Agostinho e a obra de Medina, poder-se-ia pensar que o advérbio "sempre", reforçado pela sugestão de marca indelével que o particípio "esculpida" transporta consigo, negaria o que dissemos sobre a semelhança de pensamento quanto ao lugar da meditação da Paixão nos modos de oração mental entre Frei Agostinho e os arrábidos estudados. Mas Afonso de Medina também diz que se deve trazer a Paixão de Cristo sempre na memória, e a ressalva "ou quasi sempre" é apenas um matiz de compreensão e tolerância diante da exigência, o que permite moderá-la e fazer com que esse *trazer na memória* não seja o dia todo, mas "a mayor parte delle" [453], e não é (ainda) uma referência ao abandono da meditação da Paixão nos graus superiores da oração. Assim, o "sempre esculpida na memória" de Frei Agostinho, muito provavelmente, significa que, dirigindo-se ao cristão, lhe propunha o grau primeiro e mais acessível da oração, o grau da meditação e, de modo algum, que, implícita nessa expressão, estivesse a defesa do não abandono da medi-

---

[452] *Ibidem*, p. 372. "La vida de Christo es libro muy excelente, comun para los doctos è indoctos, para los perfectos è imperfectos, que dessean agradar à Dios. Quien bien passa este libro, se haze muy sabio, y alcança facilmente perdon de sus pecados, mortificacion de sus malas inclinaciones, lumbre para el alma, paz, y tranquilidad para la conciencia, y firme esperança en Dios, fundada en perfeto amor. Aunque se quitassen quantos libros ay en el mundo: la vida y passion de Christo bastaria à todos los Christianos suficientissimamente, para aprender muy bien toda virtud." BLOIS — Espejo, p. 73.

[453] MEDINA — Tratado, p. 373.

tação da Paixão em nenhum momento ou modo de orar, ainda que os seus versos manifestem bem mais a força de toda uma vivência e testemunhem uma experiência que se (re)fez sempre na meditação da Paixão. Mas este ponto estuda-lo-emos nas páginas que se seguem.

Por agora, gostaríamos ainda de mostrar algumas coincidências e divergências entre a obra de Frei Afonso de Medina e Frei Agostinho da Cruz. Primeiro, as coincidências.

Medina escreve: "E olhem que no caminho de Deos, & oração o descansar he cansar, & o cansar he descansar, & não ir por diante he tornar atraz, como diz S. Bernardo." [454] Escreve o poeta no soneto *Da oração*:

> "Então já de mais perto renovando
> O desejo lhe dá força sobeja
> Tanto, que mais penoso inda lhe seja
> Deixar de caminhar, que caminhando.
>
> Não sofre amor divino haver tardança,
> Por pequena que seja, em caminhar,
> Pois o que mais caminha, menos cansa." [455]

Diz e confessa Frei Afonso de Medina: "Vòs Senhor dizeis, que não viestes a buscar justos, senão peccadores, pois vedesme aqui o mayor de todos, recebeyme." [456] E assim escreve e se confessa Frei Agostinho:

---

[454] *Ibidem*, p. 272-273.

[455] CRUZ — *Sonetos*, p. 77. "O que muito trabalha, muito alcança;/ E quanto mais alcança mais trabalha,/ E quanto mais trabalha mais descansa." (IDEM — *Obras*, p. 45.)

[456] MEDINA — Tratado, p. 347.

"Que enfim Vós me dizeis que não chamais
Justos, mas miseráveis pecadores;
Inda que outro nenhum possa ser mais.

Eu confesso que sou o mor dos mores;
Acuso-me por tal, qual Vós sabeis;
Alembrai-vos da dor de vossas dores,
Vosso sou, meu Senhor, não me enjeiteis!" [457]

Afonso de Medina recomenda: "[...] se queres aproveytar no espirito, & ter oração quieta, & deves ser cego, surdo, & mudo." [458] E responde Agostinho da Cruz: "Assi que nem falar, ouvir, nem ver,/ Nem desejar me seja permitido" [459]; e noutro lugar: "Se surdo me fizer, se cego e mudo/ [...] Sem querer mais fallar, vêr, nem ouvir" [460].

Agora as *curiosidades*, ou talvez melhor, as divergências. No seu *Tratado*, Frei Afonso de Medina aconselha:

> "E muyto mais, & com mayor diligencia (sob pena de não teres oração) has de trabalhar por não te occupar em fazer brincos, ou curiosidades, como contas, cruzes curiosas, búzios, retalhos, papelinhos, & registos, & muyto menos cousas para se enfeytarem outras pessoas. Tambem has de guardar de andar com passarinhos, & cachorrinhos, & outras cousas, que não servem para ter oração, mas antes a impedem: & às vezes destas cousas, não resulta senão desenquietaçoens, desgostos, & enfadamentos. [...] Tambem has de trabalhar, por não te occuparem fazer trovas, nem versos, posto que sejão de Deos, & espirituaes, porque ocupão muyto o entendimento com curiosidade, & secão a affeyção, que he o principal instrumento para a alma amar a Deos, & sem affeyção, ou seca, mal o pòde amar." [461]

---

457 CRUZ — *Sonetos*, p. 167.
458 MEDINA — Tratado, p. 475.
459 CRUZ — *Sonetos*, p. 104;
460 IDEM — *Obras*, p. 44; 45.
461 MEDINA — Tratado, p. 487-489.

Ora, segundo o relato do Cronista — ao qual os versos do arrábido garantem verosimilhança — a vida de Frei Agostinho parece ter sido a contradição pura de todas estas recomendações:

> "[...vivia] vendo-se procurado dos animaes sylvestres, que na Serra se crião, os quaes se mostravão tão domesticos, que lhe vinhão comer à mão o que lhes dava. Todos os dias às horas de jantar, e em alguns tambem de tarde, não se descuidavão de virem assistirlhe huma cerva, e huma geneta, com as quaes repartia do pão, com que se sustentava, e algumas vezes, que huma queria preferir à outra no pasto, e querião mostrar a opposição dos naturaes, elle as compunha, mandando-lhes se soccegassem, e depois de comerem, as despedia, e se retiravão obedientes. [...] Estando muitas vezes sentado fóra da cella, vinhão tambem varias especies de passaros, e huns se lhe punhão no collo, e outros nos hombros, e todos à porfia se empenhavão a divertillo com a alternada melodia das suas musicas. [...] Por fugir [...] a toda a ruina, que lhe podia machinar o ocio, se a elle se entregasse, no tempo, que lhe restava das suas obrigaçoens, e devotos exercicios, se divertia em fazer bordoens, que dava aos Frades, e offerecia aos Duques, e Duquezas, quando o visitavão. Tambem pela inclinação, que tinha à Poesia, compunha a varios assumptos espirituaes muitos Sonetos, e outras variedades de versos [...]" [462]

Quando o *Tratado da oração mental* foi impresso, Afonso de Medina já não estava vivo e não pôde ver que, a abrir os *Motivos Espirituais*, a obra que o seu *Tratado* acompanhava, estavam um soneto de D. Manuel de Portugal [463] e dois sonetos de Frei Agostinho da Cruz, o mesmo frade que escreveu um vilancete *À desculpa de pescar*

---

[462] PIEDADE — *Espelho*, p. 929-930; 933.

[463] Sobre as relações e o afecto de D. Manuel pela Província da Arrábida: Cf. *Ibidem*, p. 212-214; Cf. MARTINS, Mário — A poesia mística de D. Manuel de Portugal. *Revista da Universidade de Coimbra*. 19 (1960) 4. Separata.

[e cortar páos na Serra], e fazer bordões [e cruzes][464], e que, para além dessa falta de diligência das curiosidades e dos versos, tinha ainda a pouca diligência de se ocupar com animais.

Entre coincidências e divergências registámos não só as continuidades que se geraram e transformaram na devoção à Humanidade e Paixão de Cristo, desde S. Bernardo e S. Francisco até ao ascetismo arrábido, mas também as semelhanças e diferenças entre frades arrábidos — documentadas pelas obras — quanto ao modo como se posicionaram diante da Paixão de Cristo, assim como quanto ao enquadramento que lhe deram dentro dos três modos da oração mental. E se, em relação a este ponto, parece haver coincidência entre Frei Rodrigo de Deus, Frei Afonso de Medina e Agostinho da Cruz, já no que se refere ao primeiro, o modo como se posicionaram diante da Paixão do Senhor, as diferenças são assinaláveis. Ao contrário dos seus irmãos de Hábito, Frei Agostinho não se detém, impressionado, na contemplação da variedade, crueldade e pormenores das feridas e sofrimentos de Cristo. Impressiona-o, sim, o Amor desmedido e inaudito que essas chagas e padecimentos manifestam.

Do maravilhar-se na contemplação deste Amor resulta, como bem notou José Adriano de Carvalho a propósito de Luis de La Puente, um *outro ângulo de visão*, onde há o verso e reverso, isto é, a contemplação da grandeza do Amor gera, inevitavelmente, uma mais funda

---

[464] Cf. CRUZ — *Obras*, p. 337-339.

e aguda consciência do pecado, abrindo-se, então, naquele que contempla, o drama do pecado e da graça, ou, como dissemos, uma atitude de contrição e de júbilo. Outra das consequências — de importância capital — deste diferente posicionamento diante da Paixão, é o facto de, em Frei Agostinho, Cristo nunca aparecer semelhante a um leproso, como em Frei Rodrigo de Deus, ou de tal maneira desfigurado que já nem parece um homem, como em Frei Afonso de Medina. Ao poeta arrábido interessa precisamente o contrário: sublinhar como Cristo, na cruz, assume, de modo excelente, a sua condição de homem, de tal forma que, crucificado, não é a aparência humana que se perde, mas o rosto divino que se esconde, uma vez que é aí, com uma evidência ímpar, que Cristo *veste* a nossa humanidade.

Finalmente, destas coincidências e divergências, registadas sobretudo entre Frei Agostinho e Afonso de Medina, resulta ainda a possibilidade e a urgência de uma leitura nova, mais profunda e justa dos versos do poeta. É o que tentaremos fazer no capítulo que se segue.

CAPÍTULO III

MEDITAÇÃO DA PAIXÃO E NATUREZA NO ITINERÁRIO ESPIRITUAL DE FREI AGOSTINHO

Há dois movimentos no percurso de Frei Agostinho da Cruz que se confundem entre si: um é o movimento que vai do conhecimento de Deus ao conhecimento de si próprio, o outro é o movimento que vai do conhecimento de si próprio ao conhecimento de Deus. Confundem-se, mas não se esbatem. Pelo contrário. É por isso que há uma significativa presença do monólogo que se dialogiza, ou vice-versa, e de um discurso interior que se exterioriza, ou o inverso.

Por outro lado, como nas cartas a seu irmão e a *Dona Branca*, Agostinho parece misturar aquelas duas meditações propostas para o grau primeiro da oração pelos manuais que ensinam a orar e, naturalmente, também por Afonso de Medina, no seu *Tratado de oração mental*, isto é, a meditação da Paixão (proposta para a manhã), e a meditação das perfeições e benefícios divinos (proposta para a noite). Ve-lo-emos mais adiante. Em Frei Agostinho, como veremos no fim deste capítulo, estas perfeições e benefícios parecem concretizar-se e manifestar-se na natureza que o rodeia e que, mais do que paisagem, se

torna interlocutor, elemento vivo, catequizador e vigilante. Só que, e também como esses manuais ensinam, a meditação da Paixão é sempre primeira em importância e ensinamentos, decisiva no progresso espiritual. Como diz Afonso de Medina, dos dois géneros de meditações, "o principal, he [Christo] fazer-se homem, & morrer por nòs" [465], ou seja, a meditação da vida e Paixão de Cristo. Também na poesia de Frei Agostinho esta é, sem dúvida, a meditação fundamental.

Ao contemplar a grandeza do amor de Deus, manifestado no sacrifício de Cristo, o poeta arrábido fará do seu itinerário um percurso de arrependimento e contrição pelo abundante pecado, e de louvor e cântico pela superabundância da graça; lavar-se-á nas lágrimas até se conformar com Cristo pela nudez e aniquilamento, e, uma vez conformado com o Crucificado, a imagem, por excelência, do Deus feito homem, experimenta a saudade de Deus e a inefabilidade do "Amor, que atrai o spirito e o suspende".

1. Papel fundamental da meditação da Paixão

Na elegia IV, *De uma pessoa atribulada*, Frei Agostinho, depois de aconselhar o seu interlocutor — se quer viver descansado — a viver sempre trespassado da lança, cravos, cruz e coroa d'espinhos, diz:

> "Não faças de outra cousa **fundamento**,
> Não deixes passar nunca levemente
> Outra nenhuma pelo pensamento" [466]

---

[465] MEDINA — Tratado, p. 311.
[466] CRUZ — *Sonetos*, p. 171.

E na elegia III, uma das várias composições do poeta que não parecem deixar dúvidas quanto a este papel fundamental da meditação da Paixão no itinerário do frade arrábido, é diante das cinco chagas que o sujeito poético reconhece o seu pecado, e é no reconhecimento da incapacidade de, por si só, estar à altura da grandeza desse gesto do amor de Deus, que a cruz manifesta, que pergunta onde repousará o pensamento, senão na meditação da sua Paixão (como pedra onde reclinar a cabeça), pois recordar-se da Paixão de Cristo é recordar-se daquilo que lhe garante a salvação que ele merece, não pelos seus méritos, mas pelos méritos do Redentor:

"Senhor, se minhas culpas me endurecem
Para me não valer do sentimento,
Que vossas cinco Chagas me merecem,

Donde porei, meu Deos, meu pensamento
Se não me meditar que esta dureza
Se abrandará com seu merecimento?" [467]

Por isso, imediatamente a seguir, ele recria e rememora, ou melhor, revive (porque "não cuydes estas cousas, como já passadas senão que de presente passão" [468]) os passos da Paixão:

"Armou-se contra Vós toda a crueza,
Malicia, ingratidão de gente cega;
Quebrantaram-se as leis da natureza.

Eis uma vos acusa, outra vos nega;
Outra diz: crucifica, crucifica!
Eis um dos vossos doze vos entrega.

---

467 *Ibidem*, p. 165.
468 MEDINA — Tratado, p. 351.

Eis um, eis outro falso testifica;
Eis à coluna dura vos apegam,
Que tinta de inocente sangue fica.

Dali meu redentor vos desapegam,
Arrastado vos levam para a Cruz,
D'espinhos coroado ali vos pregam." [469]

Neste passo, em que se narra a ida de Cristo arrastado para a cruz, a evocação da Paixão é subitamente interrompida. Ou melhor, dá-se uma mudança súbita da participação do narrador o que, num primeiro momento, provoca a ideia de que a narração foi suspensa. Ao iniciar a evocação da Paixão, depararamo-nos com um narrador heterodiegético, ou, quando muito, homodiegético. Chegado o momento da crucifixão, bruscamente, o narrador passa a autodiegético, isto é, torna-se personagem e personagem principal e, por isso, aquilo que parecia interrupção é antes uma mudança no plano do narrador: quando esperávamos que surgisse: *Eles* vos crucificaram, surge-nos a surpresa de uma voz que diz *eu*:

"Eu fui, eu sou, Senhor, o que vos pus
Nesse duro madeiro pendurado,
Donde morreis por mim, doce Jesus.

Por falta de não ter considerado,
Ou por falta de amor que [se] vos deve,
Não choro como devo meu pecado." [470]

---

[469] CRUZ — *Sonetos*, p. 165.
[470] *Ibidem*, p. 166.

E só então percebemos que no meio dessa gente cega que acusa e nega e diz: *crucifica, crucifica!* já se encontrava esse *eu*, porque: "Eu fui", diz, e é-o ainda, como confessa, aquele que põe Cristo na cruz. É, sem dúvida, um dos momentos mais conseguidos da poesia de Frei Agostinho que, com assinalável efeito dramático, centra toda a atenção no *Eu* pecador e no *doce Jesus*, contraste que continuará, por sinédoque, ao opor o seu duro peito mais frio do que a neve, ao peito aberto de Cristo; primeiro, num diálogo (monólogo) consigo e, depois, num diálogo com Cristo, no qual, pelo *a mim* que reunifica o sujeito, se percebe que, no monólogo, o desdobramento do sujeito poético não é artifício para se esquivar à culpa, atribuindo-a ao eu-outro (o duro peito), mas modo de acentuar a auto-acusação, fazendo-se acusador de si mesmo, deixando-se, por isso, a si próprio, sem defensor:

"Ah duro peito mais frio que neve!
Que entre diversas dores tão estranhas
Lhe falta sentimento em que se enleve!

Que vês por ti rasgadas as entranhas,
As brandas mãos, e pés atravessados;
E que em lagrimas tristes te não banhas!
.....
A mim que tantos erros tenho feito,
A mim tão cego, duro, seco e frio
Os braços estendeis, abris o peito?" [471]

[471] *Ibidem*, p. 166-167.

Pergunta cheia de perplexidade, de quem se espanta, confunde e maravilha diante de tão alto mistério, a reenviar para essa outra que ficara como remate de dois tercetos anteriores:

"Que fora, se não fora esta lembrança!
Ai que fora de mim, se não tivera
Tão firme posta em Vós minha esperança!

Se ver-vos nessa Cruz me falecera
Donde morrer quereis por quem vos mata,
Ai triste de mim, triste que fizera?" [472]

Se não fora essa lembrança, triste de si, o que fizera?! E no entanto, ainda que bem o saiba e recomende, como vimos, a uma pessoa atribulada que nenhuma outra coisa, ainda que levemente, deixe passar pelo pensamento, também reconhece e sente a exigência e a dificuldade em cumprir tal propósito:

"Mas a fraqueza humana costumada
A vaguear por partes perigosas
A memoria me leva derramada

Sem me deixar lograr as mais fermosas
Da coluna e da cruz ensanguentada,
Nos cravos, que sustem vermelhas rosas." [473]

Essa lembrança, que nem ao de leve deve ser afastada da mente, exige, pois, a vitória sobre si mesmo, que vença a natureza humana que lhe derrama a memória e o separa dessa lembrança das coisas mais

---

[472] *Ibidem*, p. 166.
[473] *Ibidem*, p. 110.

formosas: a coluna e a cruz ensanguentadas, os cravos, as chagas (vermelhas rosas). E nessa luta, nessa "cruel guerra" consigo próprio, vive a grandeza do drama do pecado e da graça, sabendo que a pequenez do primeiro acentua a maravilha do segundo e vice-versa [474]. Por isso, ao longo dos seus versos apresenta uma culpa, aparentemente irremediável — o *inivitável reverso* — pois, como diz: "Culpado fui primeiro que nascido" [475], culpa herdada no nascimento, que o atinge ainda antes do nascimento, e herança por si multiplicada ("E mal, por não chorar bem meus pecados,/ Que sendo sete, e cinco, meus sentidos,/ Por serem tantas vezes repetidos,/ Impossivel será serem contados" [476]) ao ponto de ter de se confessar como o maior dos pecadores:

> "Que enfim Vós me dizeis que não chamais
> Justos, mas miseráveis pecadores;
> Inda que outro nenhum possa ser mais.
>
> Eu confesso que sou o mor dos mores;
> Acuso-me por tal, qual Vós sabeis;" [477]

---

[474] "[…] a revolução religiosa do século XVI viveu de avivar o sentimento do pecado e da graça […]" (BATAILLON — Une source, p. 155.)

[475] CRUZ — *Sonetos*, p. 57. Cf. Sl 51, 7.

[476] *Ibidem*, p. 95.

[477] *Ibidem*, p. 167. Confronte-se esta confissão do poeta com as palavras de S. Paulo: "[…] quod Christus Iesus venit in hunc mundum peccatores salvos facere, quorum primus ego sum." ("Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro" 1 Tm 1, 15). Como se sabe, a auto-acusação hiperbólica, e o desprezo, sem medida, de si mesmo, são recorrentes nas obras de espiritualidade. Cita-se, a título meramente exemplificativo, um excerto da obra já referida de Luís de Blois, *Institutio Spiritualis*: "Vesme aqui Saluador mio dignissimo yo pecador abominable me pongo en el mas infimo lugar, y en el vltimo de todas las criaturas, porque no merezco, q̃ me sufra la tierra. A todos los hombres los prefiero à mi, à todos me sujeto, y me señalo por sieruo y de todos." (BLOIS — Institucion, p. 470.) Aliás, não alertara a *Imitação de Cristo*: "Não cuides que hajas feito progresso espiritual se não te avalias por inferior a todos"? (KEMPIS — *Imitação*, p. 50.)

Uma culpa aparentemente irremediável, como irremediável lhe pareceu a sua condição nesse primeiro momento de encontro consigo próprio, onde se perdera, onde os dias passavam e a sua noite (ou ceguez) parecia sem cura:

"Os dias mais fermosos amanhecem,
Não para mim, pois sou quem dantes era.

Espanta-me o porvir, temo o passado;
A magoa choro de um, doutro a lembrança,
Sem ter já que esperar, nem que perder.

Mal se pode mudar tão triste estado;
Pois para bem não pode haver mudança,
E para maior mal não pode ser." [478]

No escuro, crê, na procura do sentido, perdê-lo, e, de novo no irremediável, o da culpa, triste estado onde para pior mal não pode ser, desconcerta-se por a palavra omnipotente de Deus não o conseguir transformar, o que prova, não a ineficácia dessa palavra, mas a radical iniquidade que o atinge, a enormidade do seu defeito:

"Se bastou só dizer para ser feito,
E mandar para ser tudo criado,
O que tambem a mim me está mandado,
Como não tem em mim o mesmo efeito?

E que seja maior este preceito
De ser Deos sobre tudo mais amado,
E que em mim só não seja efeituado,
Que tal deve de ser o meu defeito!" [479]

---

[478] CRUZ — *Sonetos*, p. 47.
[479] *Ibidem*, p. 105.

É um defeito que parece total e sem remédio, hiperbólico, porque:

"Se sendo, meu Senhor, por vós formado
Adão, antes de ser o mal nascido,
Pecou, que fará quem foi concebido
Nas entranhas, que já tinham pecado?" [480]

E se a Adão só era proibido um fruto e se tal castigo mereceu por ter caído só uma vez, que será dele a quem muitas coisas não são permitidas, nas quais caiu sem poder já ser levantado? A sua natureza está fraca e condena-o ao peso que o prende à terra; é um animal que lhe ladra incessantemente, como esse *não sei quê* de Rodrigo "que nunca cansa:/ Ora rosna, ora ladra, ora se invia":

"Tão fraca ficou minha natureza,
Que levantar não deixa o pensamento
Da terra, a que está atada e presa,

Tão imiga do meu merecimento,
Que se morder não pode na pureza
Não deixa de ladrar um só momento." [481]

A hipérbole, no entanto, ainda que brotando da sua urgência de verdade e salvação, é também, e sobretudo, o instrumento possível e o mais justo para dizer a incomensurabilidade da incontável grandeza da acção salvífica do Redentor. A poesia de Frei Agostinho não é penitente na medida do seu lamento, mas na medida da sua conversão, isto é, da sua resposta à acção redentora da graça. Por isso, se diz, como vimos,

---

480 *Ibidem*, p. 108.
481 *Ibidem*.

que a culpa o atingiu antes ainda do seu nascimento ("Culpado fui primeiro que nascido"), também diz que antes de nascer já fora salvo, pois, "Inda vossa bondade me não tinha/ Formado, Senhor meu, quando morrestes/ Por me salvar na Cruz, que vos sustinha." [482] Quanto mais o poeta contempla o amor de Deus mais se sente indigno e quanto mais é acentuada a sua indignidade, mais se torna visível o indizível amor de Deus incarnado e incarnando na Humanidade de Cristo, radicalmente nova e luminosa na Cruz; amor que tanto o comove, já o dissemos, quando medita os passos da Paixão. De resto, esse será um processo recorrente na sua poesia: a hipérbole, o paradoxo, a antítese, o contraste. [483] Frei Agostinho sabe, como tantos outros antes dele, e

---

[482] *Ibidem*, p. 182.

[483] No breve, mas precioso estudo *Antíteses, oposições e contrastes na poesia de Frei Agostinho da Cruz*, Maria de Lourdes Belchior afirma: "A oposição, ondeando do contraste simples ao paradoxo, antítese quase irredutível, tem na obra de frei Agostinho um lugar muito importante. É rara a composição, quer seja écloga ou soneto, ode ou elegia, onde não haja duas ou mais oposições." (BELCHIOR, Maria de Lourdes — Antíteses, oposições e contrastes na poesia de Frei Agostinho da Cruz. In *CONGRESSO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA*, 1, 7-14 Agosto 1960. *Anais*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1964, p. 136.) E pudera ser de outra forma se, como diz mais adiante: "Todo o conteúdo da poesia dêste quinhentista é essencialmente oposição" ? (*Ibidem*, p. 138.) Por outro lado, como lembra Aguiar e Silva, "A antítese e o paradoxo são conaturais à visão cristã do mundo e ao cerne das crenças e doutrinas do cristianismo. [...] e é sobretudo necessário reflectir no paradoxo dos paradoxos, no mistério e no enigma supremos, que é a descida de Deus à terra: um Deus que nasce de uma mulher, vindo ao mundo na pobreza e na solidão de um estábulo, e que morre numa cruz, martirizado e vilipendiado, para redimir o género humano." (SILVA — *Maneirismo*, p. 341.)

Nota Belchior que: "O paradoxo, que é para muitos brinquedo de estilo ou jogo de intelectual a produzir efeito, é em frei Agostinho realidade vivida, verdade das coisas que quer comunicar. [...] Ao embrenhar-se em certos caminhos que se aproximam da terminologia mística, frei Agostinho utiliza então o paradoxo como forma de expressão, única plausível, de realidades paradoxais." (BELCHIOR — Antíteses, p. 132.) A isto há, no entanto, que juntar a observação de Vítor Manuel Aguiar e Silva, referindo-se ao estudo de Maria de Lourdes Belchior: "Cremos, efectivamente, que tal particularidade estilística [o emprego quase obsessivo de formas antitéticas] se reporta ao «estrato metafísico» da poesia de Frei Agostinho da Cruz, mas cremos também que o estudo de tal particulari-

como tantos poetas seus contemporâneos [484], que só dizendo e negando, que só construindo e desconstruindo sucessivamente o dizer, só opondo e decompondo, poderá conseguir no seu canto uma aproximação ao inefável.

1.1. Das lágrimas à nudez e ao aniquilamento

Um desses paradoxos, por excelência e por essência, são as lágrimas que, tal como para o salmista, são o pão de que se sustenta e o seu contentamento. Elas são a marca do seu pecado e o sinal da sua bem-aventurança. Por isso, Maria Madalena, pelas suas lágrimas de penitência e pelas suas lágrimas de amor, obtém na sua poesia um lugar de destaque, e não só na sua poesia, mas nos versos dos poetas maneiristas como demonstra Aguiar e Silva [485], ou, mais recentemente, o artigo de Luís de Sá Fardilha, *Maria Madalena: lágrimas, amor e*

---

dade estilística exige o enquadramento adequado do idiolecto poético de Frei Agostinho no estilo epocal que o abrange e o condiciona." (SILVA — *Maneirismo*, p. 342.) Porque, como lembra noutro passo: "Todos os episódios da vida de Cristo, mas em particular os episódios da Paixão, são tratados pelos poetas maneiristas com o recurso conceptista das antíteses e dos paradoxos." (*Ibidem*, p. 349.)

Exigiria, também, — e esse foi o desafio que nos foi lançado pelo Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, tal como explicámos no Prefácio — o enquadramento desse uso do paradoxo e da antíteses (junte-se-lhes a aculumalção anafórica, a paranomásia e as frases plurimembres) por parte de Frei Agostinho e dos poetas maneiristas, na literatura espiritual onde esses processos são recorrentes

[484] "Na nossa lírica maneirista, as antíteses, os paradoxos e os oxímoros acumulam-se predominantemente em duas áreas bem distintas: na poesia profana de temática psicológico-moral e amorosa [...]; e na poesia ao divino, difusamente impregnada de elementos ascéticos e místicos e orientada do ponto de vista temático sobretudo para uma contemplação ou meditação cristocêntricas." (*Ibidem*, p. 327.) "[...] tais factos estilísticos constituem caracteres distintivos e imprescindíveis dos poemas maneiristas de temática cristocêntrica." (*Ibidem*, p. 344.)

[485] Cf. *Ibidem*, p. 317-321.

culpa, ao tratar da fortuna literária deste motivo espiritual na poesia portuguesa dos séculos XVI a XVIII, confrontando-a com a polémica da Maria Madalena, um nome para uma única figura em todas as narrações evangélicas, como defendeu S. Gregório Magno, ou um nome para três figuras evangélicas distintas, como propôs Lefèbvre d'Étaples. [486]

Como para Maria Madalena, as lágrimas são para o poeta momento e caminho de conversão. [487] Nelas se renova, se redescobre purificado, recriado, redimido:

"A puro sangue vosso se resgata
A minha salvação; custa-vos cara,
E Vós ofereceis-ma tão barata!

---

[486] Cf. FARDILHA, Luís de Sá — Maria Madalena: lágrimas, amor e culpa. *Via Spiritus*. Porto. 2 (1995) 7-46. Frei Agostinho, no entanto, e segundo este autor, já não se insere nesse primeiro conjunto de poetas que poderão ter escrito os seus poemas motivados por essa polémica, ou como eco dela, mas deve enquadrar-se no conjunto dos autores que compõem no ambiente criado "na sequência das deliberações do Concílio de Trento [...] No contexto da reforma católica, a figura de Maria Madalena assume uma importância central. Susan Haskins considera-a uma presença fundamental na estratégia delineada pelo concílio de Trento, no sentido de suster e derrotar os avanços do protestantismo" (*Ibidem*, p. 15.) Maria Madalena, diz Susan Haskins, foi um *símbolo da Igreja Triunfante*, ou, para voltarmos às palavras de Luís Fardilha, "arma ideológica contra o discurso protestante, em defesa dos sacramentos da penitência e eucaristia, da devoção aos santos e da necessidade da justificação pelas obras." (*Ibidem*, p. 45.)

[487] Na edição de Mendes dos Remédios há umas oitavas intituladas *Beati qui lugent* (Cf. CRUZ — Obras, p. 268-270), sobre cuja pertença a Frei Agostinho da Cruz temos sérias dúvidas. Quem comparar, com um mínimo de atenção, estas oitavas com as três composições quase imediatamente seguintes atribuídas a Martim de Crasto do Rio (*Canção a Nossa Senhora*; *Hymno á Cruz*; *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*, p. 273-289), com facilidade verificará as semelhanças, as palavras e imagística comuns, e concordará que estamos perante um vocabulário que não é o de Frei Agostinho da Cruz.

Nas seis oitavas que constituem o poema *Beati qui lugent*, todos os versos terminam com o vocábulo *lágrimas*. Através desta reiteração vocabular pelo uso da epístrofe, multiplica-se o copioso arrependimento, a abundância da benção dada àqueles que choram, e a abundância da purificação dos que se lavam nas lágrimas. Por outro lado, como que se faz crescer o número daqueles que nas lágrimas triunfaram do pecado e

Novo caso de amor quem penetrara
Quanto se encerra em passo tão estreito!
Fere-vos, meu Senhor, o que me sara." [488]

---

que nos são apresentados por um conjunto de referências a personagens e a situações bíblicas que, significativamente, só têm comparação com os *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora*, um poema que, pelas razões que apresentamos no Apêndice 1, dificilmente pertencerá a Frei Agostinho, e, embora em menor grau, com as *Chansonetas ao nascimento de Nosso Senhor*, uma composição de Martim de Crasto do Rio. O uso da epístrofe é, ainda, o modo possível de dizer a inesgotável fecundidade e vitalidade da fonte donde as lágrimas nascem: a pedra viva que é Jesus (outra referência que a poesia de Frei Agostinho não voltará a registar!)

Assinalável, nesta composição, é uma passagem que muito impressionou António Salvado: "Uma influência muito mais lata, porém, atribui Frei Agostinho da Cruz às «lágrimas». Se por um lado as lágrimas representam o começo da salvação, por outro definem a lenta conquista da total redenção. Porque as lágrimas são, também, «princípio da luz», «**setas que penetram o peito a Deus**», «tiros que batem o Céu e o rendem», «chaves da celestial cidade». Detenhamo-nos na expressão «tiros que batem o Céu e o rendem». Toda ela é vivamente significativa desde o nome «tiros» até às formas «batem» e «rendem». Mais uma vez nos surpreende a intensidade penetrante alcançada pelo uso de determinadas palavras." (SALVADO — Itinerário, 209.) Ora, a intensidade destas expressões, particularmente a que deixamos a negrito, já se encontra no terceiro capítulo da terceira parte dos *Motivos Espirituaes* de Frei Rodrigo de Deus, onde se manifesta e declara a influência de Gertrudes de Helfta, conforme chamou a atenção José Adriano de Carvalho: Cf. CARVALHO — *Gertrudes*, p. 399.

Falando Frei Rodrigo daquele que reza, diz que, pronunciando ou ouvindo pronunciar cada palavra, ou letra, vá "juntamente apresentando ao coração do Padre o seu muyto amado Filho, naquella figura que antes de começar a rezar imaginou. E isto como quem lhe está (com cada palavra em que lhe offerece a Christo) **atirando com settas de amor com que o está ferindo**.

Da bemaventurada Virgem Gertrudes se lé no seu terceyro livro das insinuaçoens da Divina piedade, no capitulo vinte & quatro, que na festa de hum Santo, esforçando-se ella quanto podia a cantar as Horas Canonicas com devoção para louvor de Deos, & do mesmo Santo, apparecèrão todas as palavras que hia cantando à semelhança de huma muy aguda lança, que sahindo do seu coração, hia dar no coração de Christo, & penetrando-o profunda, & amorosamente, o movia com inestimavel deleytação." (DEUS — *Motivos*, p. 180.)

A mesma expressão será repetida por Medina: "As palavra amorosas, que se fallão com Deos [...] são humas **settas que lançamos ao coração de Deos**, & huns açopros com que açopramos o fogo do amor Divino, & o fazemos arder em nossos coraçoens." (MEDINA — Tratado, p. 299.)

Como se verifica, a referência às setas atiradas ao coração de Deus é comum: o poema *Beati qui lugent* acrescenta os tiros que batem e rendem o céu; Medina acrescenta os sopros que avivam o fogo do amor de Deus.

[488] CRUZ — *Sonetos*, p. 167.

É por isso que a sua penitência não termina no lamento, mas na confiança: "Aqui se fortifica a confiança,/ Aqui se certifica meu desejo,/ Que quem muito deseja, muito alcança."[489] A confiança de quem, no epigrama que assinala a sua tomada de hábito, dissera "não duvido", e o reafirma nestes tercetos:

"Não duvido Senhor que meus pecados
Com gemer e chorar, com pôr emenda
Diante de Vós sejam perdoados.

Quereis do pecador que se arrependa;
Quereis que ponha em Vós a confiança,
E que peça perdão por mais que ofenda."[490]

É a confiança na força transformadora do amor divino, pois se *Gutta cavat lapidem* como diz em título, se a natureza lhe ensina que o que é brando continuado pela perseverança vence a dureza, quanto mais na sua "alma renovada" não fará a "faisca do amor divino":

"A fonte, que de seu curso murmura,
Caindo do mais alto do rochedo,
Nos mostra que cavando no penedo
A dureza se vence com brandura.

Assi quem persevera, espera, atura,
Com seus olhos banhados, tarde, ou cedo
Achega a penetrar este segredo,
Com o ver o figurado na figura.

Se contra toda a lei da natureza
A brandura com ser continuada
Basta para vencer toda a dureza,

---

489 *Ibidem*, p. 72.
490 *Ibidem*, p. 166.

Que não fará nesta alma renovada
A faisca de amor divino acesa
Para ser nela toda transformada?" [491]

A faísca do amor divino acesa na alma renovada pela força regeneradora das lágrimas — pois é o trazer os "seus olhos banhados" que os limpará e os fará penetrar o segredo "com o ver o figurado na figura" — transformará toda a alma em amor, através de um *perseverar, esperar e aturar* feito da contemplação do Crucificado a quem deve imitar na nudez e no aniquilamento.

Frei Agostinho aprendeu com S. Francisco que há que seguir e imitar nu a Cristo nu [492], reconhece, como Eckhart, que "Quanto nudius, tanto capacius", e sabe, como Eschius, que "Se queres que Christo te receba com gosto, poemte nû entre seus braços nùs." [493] Por isso, na écloga piscatória XI, Almilão diz:

"Entra no mar de noite, entra de dia
Descalço o pescador, entra despido
Por segurar melhor a pescaria.

O que dos vicios d'alma anda cingido,
Como nescio responde, que tambem
S'ha de salvar calçado, e mais vestido.

---

[491] *Ibidem*, p. 79.

[492] Cf. CELANO, Tomás de — Vida segunda. In FRANCISCO DE ASSIS , Santo — *Fontes franciscanas: escritos – biografias – documentos*. Braga: Editorial Franciscana, 1982, p. 336. Cf. BOAVENTURA, santo — Legenda maior. In *Ibidem*, p. 545; 644. Cf. IDEM — Legenda menor. In *Ibidem*, p. 656.

[493] ESCHIUS — *Exercicios*, p. 79. Cf. *Ibidem*, p. 125; 148. Também o autor da *Imitação de Cristo* aconselha: "Aspira a este grande bem com todo o esforço; pede-o em todas as tuas orações e deseja-o com toda a ânsia, a fim de que, despojando-te de tudo, possas caminhar nu em direcção a Jesus nu sobre a cruz [...]" (KEMPIS — *Imitação*, p. 120.)

Bem póde ser que seja; mas porém
O que mais leve vai, melhor caminha,
E mais póde inda mais passar além." [494]

É este despojamento, é esta nudez que lhe permitem alcançar uma liberdade, diríamos extrema, a liberdade para lá do que limita, porque liberdade de quem pode *passar além*, liberdade completa de quem se *enterra* vivo com Cristo, e a tal ponto última que o eu poético diz que se fica satisfeito sem a terra, mas também sem o céu [495], aqui naturalmente referido a abóbada celeste por oposição a terra, mas suficiente e significativamente polissémico para obrigar à estranheza e à leitura mais atenta do verso que se lhe segue:

"Que quem por vós de tudo se desterra,
Trazendo-vos só dentro no seu peito,
Sem terra, e sem ceo fica satisfeito
E nu, convosco só, vivo se enterra." [496]

É uma nudez total, *sem terra e sem ceo,* porque o unir-se com Cristo é tudo. É ainda e sempre o cristocentrismo expresso de forma inequívoca e mais absoluta, no limite da metáfora e do possível. O seu

---

[494] CRUZ — *Obras*, p. 77-78.

[495] A expressão não é nova. Já Frei Heitor Pinto, na *Imagem da vida cristã*, a propósito dos perfeitos na contemplação (perfeição da filosofia cristã), escrevia que esses são os "alheios de si e transportados em Cristo de tal maneira estão com ele ligados e unidos que os suaves liames do amor que nem há tormento nem alegria, fome nem fartura vida nem morte, **céu nem terra**, grandes alturas nem profundos abismos que os possam da caridade de Cristo apartar." [PINTO, Heitor — Imagem da vida Cristam. [S.l.]: Tipografia Rollandiana, 1843, p. 80. Apud CARVALHO, José Adriano de Freitas — A «ars orandi» de Fr. Heitor Pinto e as raízes culturais da «Imagem da vida cristã». *Humanística e Teologia*. Porto. 5 (1984) 311.]

[496] CRUZ — *Sonetos*, p. 102.

desejo é ver-se *enterrado vivo* com Cristo, uma expressão que entendemos melhor ao ler o soneto *Da quietação*:

"No silêncio da noite, em que vigio,
Desterrado da terra o pensamento,
No que dentro nest'alma represento,
Ora me aquento mais, ora me esfrio.

E pera temperar fogo com frio,
Em que m'esfrio mais, ou mais m'aquento,
Dos efeitos do puro sentimento,
Na minha saüdade choro e rio.

Depois destes contrarios temperados
Na mor quietação, na mor brandura,
Meus pensamentos ficam sepultados.

Temperada a frieza na quentura
Do meu divino amor tão apurados,
Que me deixam em paz na sepultura." [497]

Enterrar-se vivo com Cristo é, pois, temperar-se no divino amor, equilibrar os sentidos, sepultar os pensamentos, alcançar, assim, a mor quietação, a maior paz.

1.2. Conformação com Cristo.
A cruz, ponto culminante da encarnação

Até a essa quietação, até à mor brandura de quem tempera os contrários e os apura no amor divino, achando a paz de estar sepultado,

---

[497] *Ibidem*, p. 148.

morto para si mesmo, encerrado (ou enterrado) no corpo de Cristo, há o trabalho de conformar-se com o crucificado, de pôr-se com Ele e como Ele, na cruz, despido e nu, ainda que saiba que lhe é impossível pagar a morte de Cristo (o Senhor que morreu pelo seu servo) com a morte própria, pois morrer por Cristo é alcançar a vida: é que Cristo venceu a morte e a sua vitória é definitiva. Como Santa Teresa, ou S. João da Cruz, e tantos outros, Agostinho sabe que só morrerá se não morrer, mas se morrer por Cristo, viverá:

"Assi como vos vejo nessa cruz
Nú, despido, de todo assi me veja,
E como vós estaes, meu Deos, esteja,
Sem haver em mim mais, que o meo Jesus,

Que pois eu fui aquelle, que vos pús
Despido nessa cruz, despido seja
De quanto me desvia, turba e peja,
Pera não contemplar a vossa luz.

Quisestes vós morrer na cruz despido,
Sendo vós senhor meu, eu servo vosso,
Não pago vossa morte com morrer.

Que, pois, por mim já tendes padecido,
Nem com morrer por vós pagar-vos posso,
Pois o morrer por vós é mais viver." [498]

---

[498] CRUZ — *Obras*, p. 194. Adoptámos a edição de Mendes dos Remédios, pois a edição de António Gil Rafael conclui o soneto com o verso: «Pois o morrer por vós é mais seguro.» Ora, tal verso não só é perturbador do sentido, como não justifica a sua falta de propósito ao quebrar a rima interpolada dos tercetos. Em vez de c/d/e-c/d/e, como acontece na versão de Mendes dos Remédios, aparece: c/d/e-c/d/f, esquema para o qual não se discerne nenhuma razão ou propósito. Além do mais, tal processo não encontra nenhum paralelo que o apoie nos restantes sonetos do autor. O que é estranho é que António Gil Rafael siga esta lição sem qualquer nota explicativa.

Frei Agostinho quer desnudar-se de tudo e de si mesmo: "Nú, despido, de todo assi me veja,/ [...] Sem haver em mim mais, que o meo Jesus", tal como Cristo que, por amor, se pôs nu na Cruz, vestindo a carne humana: "Por ele [nu] na Cruz vos fostes pôr,/ Por ele nossa carne em vós vestida" [499], e contempla a nudez de Cristo, nudez essencial à união do humano com o divino. Cristo despoja-se de Si próprio, para unir o humano e o divino numa coisa só:

> "Contemplando nas vossas carnes nuas
> Com que fogo de amor quereis formar,
> E fazer uma só cousa de duas." [500]

Na Cruz, Cristo cumpre entre Homem e Deus essa união e unicidade que em Si mesmo fora e era realizada. A Cruz é o cume, o ponto mais alto — e, não fosse sujeito a equívocos, diríamos mais perfeito — da encarnação; porque nu, na Cruz, Cristo é, por excelência, a carne com que se vestiu para vestir de Si a criatura. Cristo morreu despido para nos vestir da sua formosura, sem despir o nosso e seu roto vestido, isto é, sem eliminar a nossa e sua humanidade, mas assumindo-a, incarnando *até à morte e morte de Cruz*:

> "Como se pode ver nesta figura,
> Em que da carne nossa foi vestido,
> Por vestir de si mesmo a criatura,
>
> Por cujo amor morreu na cruz despido,
> Vestindo-nos da sua fermosura,
> Sem despir nosso e seu roto vestido." [501]

---

499 IDEM — *Sonetos*, p. 109.
500 *Ibidem*.
501 *Ibidem*, p. 102.

Este vestido não é, como se pode avaliar, algo de acessório mas de essencial, porque é o seu corpo, a sua carne nua, uma nudez que passa pela *kenose*, pelo aniquilamento de Si. É a este aniquilamento que Frei Agostinho aspira. Ele quer imitar Aquele "Que se quis a si mesmo desfazer" e "Nos deu divino ser por nosso ser." [502] Quer despossuir-se, por completo, negar-se, ausentar-se de si, como diz Galapo: "Que tambem viver só quero comigo,/ E sem mim (se podesse!) melhor fôra" [503], apartar-se de si (ode IV), porque "minha alma de mim mesmo cansada" pede-lhe que se esqueça de si ao ponto de todo se transformar em lembrança de Deus, ou seja, até todo se transformar na sua saudade, que é saudade divina, saudade de Deus:

> "Mas como, onde posso defender-me,
> Enquanto for de mim acompanhado,
> Com tanta experiencia de perder-me,
>
> Senão sendo metido em vosso lado
> Para todo de mim mesmo esquecer-me,
> E só de vós, meu Deos, ser alembrado?" [504]

Este aniquilamento é abdicar de si, é não ser de si acompanhado, é estar ausente de si, esquecido de si, para, metido no lado de Cristo e todo transformado em lembrança de Deus, defender-se vencendo a sua experiência de perder-se e prender-se, "pois a verdadeira liberdade/ Depende de trazer o pensamento/ Acceso na divina saudade" [505].

---

[502] *Ibidem*, p. 90.
[503] IDEM — *Obras*, p. 69.
[504] IDEM — *Sonetos*, p. 93.
[505] IDEM — *Obras*, p. 50.

As palavras dos tercetos acima citados ressoarão ainda na sua velhice, essa certeza e essa pergunta, numa elegia que, a nosso ver, é escrita com a ternura e serenidade de quem redige um testamento espiritual.

1.3. União com Deus, ou contemplação, o modo mais perfeito da oração mental

No cabo da jornada, envelhecido, à espera do desejado fim que, quanto mais vizinho, mais demorado, Frei Agostinho começa a elegia XVI com a sua biografia, breve, como é próprio de um homem que toda a vida procurara os gestos da humildade:

> "Na ribeira do Lima fui nascido,
> Na do Mondego e Tejo fui criado,
> E na serra, em que vivo envelhecido,
>
> Onde esperando estou o desejado
> Fim dos meus longos anos mais vizinho,
> Quanto de cada vez mais alongado." [506]

De resto, para quê uma extensa biografia se as suas palavras o apresentam melhor do que os seus dados biográficos? É sobretudo por elas que o conhecemos e descobrimos: um homem sereno e seguro no seu caminhar pouco a pouco, um homem verdadeiro que não oculta as "queixas da dura natureza", um homem sincero ao reconhecer a difi-

---

[506] IDEM — *Sonetos*, p. 215.

culdade em alcançar vitória sobre si mesmo, um homem transparente na confissão da sua fragilidade. E confiante:

"Assi vou, pouco e pouco, meu caminho,
Não sem queixas da dura natureza,
Em cuja companhia ainda me espinho.

Que mais custa abrandar sua dureza
Importuna, cruel, que padecer,
Quanto sofrer se pode de aspereza.

Pois tantas quantas vezes cometer,
Não basta ser de todas resistida,
Se não que em todas sempre hei-de vencer.

Que te posso fazer, alma ferida,
Que em tanto se dilata tua cura,
Enquanto te sentir endurecida.

Olha, de cujo Deos és criatura,
Olha, em cujo sangue resgatada;
Ah! não se perca em ti sua feitura!" [507]

Confiante porque, se mais dura de vencer é a natureza humana do que sofrer todas as mortificações e asperezas, não ignora que tudo há-de vencer olhando para Aquele que lhe resgata a alma através do Seu sangue. E porque:

"Ainda que no cabo da jornada,
Com poucas forças vamos caminhando,
A porta do Ceo nunca está serrada.

---

[507] *Ibidem.*

Do pouco que podemos trabalhando,
Não deixamos do pouco que podemos
De acrescentar no muito desejando.

Enfim, que em não poder, não reparemos
Da fraqueza da carne aconselhados,
Pois não pode tolher, que desejemos." [508]

Não lembrava Medina "o que diz São Gregorio, que quem dezeja a Deos, já o tem" [509]? Nem a fraqueza da carne pode impedir o desejo de Deus, e os desejos de amor continuados e regados com o sangue de Cristo criam novas forças. Não é por acaso, pois, que o maior número de versos e estrofes desta elegia se detêm na evocação e meditação da Paixão de Cristo. Ela é o alimento e garante da fortaleza e do vigor, o sarar das feridas, a clemência do perdão:

"Que desejos de amor continuados,
De novo criam forças, reverdecem,
Com sangue do Senhor na Cruz regados.

Os cravos, que nas rosas aparecem,
Daqueles pés e mãos atravessados,
Esforçam, dão vigor, e fortalecem.

As carnes à coluna dura atadas,
Açoutadas, pisadas e moidas,
Nunca das minhas sejam desatadas.

---

[508] *Ibidem*, p. 215-216.

[509] MEDINA — Tratado, p. 298. Noutro poema, Agostinho escreve: "Donde vem, Senhor, que de vós aprendo,/ Que entre ambos não sofreis apartamento,/ Pois só com vos querer me estais querendo." (CRUZ — *Sonetos*, p. 104.)

Pois por querer sarar as nossas feridas,
Nelas não ficou parte por ferir,
Nem dor de que não fossem consumidas.

Mas não que se pudesse consumir
No Senhor a clemência do perdão,
Que para os malfeitores quis pedir.

Ouvindo, que em lugar de galardão,
Não deixaram ali de blasfemar,
Do que morre por sua salvação.

Que nem bastou na Cruz pregado estar,
Coroado d'espinhos, o Senhor,
Pera sua crueza se fartar.

No meio dos ladrões o foram pôr,
Que buscando lugar mais afrontoso,
Não puderam achar outro peor;

Onde seu brando peito piedoso,
Depois de morto, abriu o povo imigo,
Por não ficar da morte duvidoso." [510]

A esse amor onde não se consome a clemência do perdão, pede o sujeito poético o esquecimento de si mesmo para viver com o pensamento atado à coluna e pregado com ele à árvore da cruz. E uma vez aí, pode ser que alguma hora o sentimento — na carta ao seu irmão emprega a palavra *sentimento* num contexto semelhante — dentro da sua alma se eleve tanto que o aparte docemente de si. Uma referência, cremos, à contemplação que, diz Afonso de Medina, "he estar em Deos por sentimento" [511] apartado de si, isto é, olhando as coisas sem as ver,

---

[510] *Ibidem*, p. 216-217.

[511] Cf. MEDINA — Tratado, p. 404-437.

porque só se vê a representação e manifestação de Deus no interior de si e nas coisas, e fica a alma toda "alagada, & somergida em Deos" [512], quieta e sem movimento interior e exterior, porque então é Deus que tudo opera.

> "Não me deixe ficar amor comigo,
> Sem à coluna atar meu pensamento,
> Ou na arvore da Cruz pregar consigo.
>
> Pode ser que alguma hora o sentimento,
> Dentro desta alma minha suba tanto,
> Que faça de mim doce apartamento." [513]

E quando (e também este quando parece confirmar a nossa hipótese que, doutro modo, poderia ser posta em causa pelo argumento de que esse subir alto até ao doce apartamento não era mais do que uma referência ao *desejado fim* expresso logo nos primeiros versos da elegia), e quando não puder chegar a quanto se deve, isto é, a essa contemplação, porque

> "nenhuma pessoa por sua industria ainda que seja grande, nem por sua diligencia, ainda que seja quanta puder ser, poderà, chegar a este bemaventurado estado se Deos lho não conceder, nem poderà ter mais delle do que elle lhe der." [514]

então ficará consigo fazendo pranto a tal Senhor e ao seu amor, a quem cabe conceder o *quanto se deve*, renovando nas lágrimas o seu desejo de união, pois que mais pode ele desejar que não seja o dar-se todo a

---

[512] *Ibidem*, p. 409.
[513] CRUZ — *Sonetos*, p. 217.
[514] MEDINA — Tratado, p. 404.

quem todo se entrega por ele, ou, como diz noutra elegia, pagar a vida a quem lha empresta [515]?

"E quando não puder chegar a quanto
Se deve, a tal Senhor, tal amor seu,
Comigo ficarei fazendo pranto.

Que quero aqui neste ermo mais de meu,
De quanto esta alma minha mais deseja,
Que dar-me a quem por mim todo se deu?" [516]

E se não se pode fiar no seu desejo, confia-se ao desejo de Deus que nunca foi indiferente no amor pelos homens, como provam as suas maravilhas: o paralítico perdoado e curado, os pobres pescadores chamados para espalharem a Boa Nova de um Deus que tomou carne humana para salvar-nos, e que se fez, para o homem, caminho, verdade e vida:

"Que se saber não posso qual esteja
No meu, de todo seu, lhe ser aceito,
O seu não pode ser, que alheio seja.

As maravilhas vejo que tem feito,
Sarando d'alma e corpo pecadores,
Dos quais um leva às costas o seu leito.

---

515 "De que me serve a mi, ou que me presta,/ Tudo quanto ter posso em toda a vida,/ Senão pera pagar a quem ma empresta?// Qual branda cera ao fogo derretida,/ No fogo do meu Deos minha alma seja,/ Quer sarada por ele, quer ferida.// Onde quer que estiver com ele esteja,/ Esteja com seu Deos, sua cativa,/ Sem ele só um momento se não veja,/ Com ele morra, só com ele viva." (CRUZ — *Sonetos*, p. 220.)

516 *Ibidem*, p. 217.

Chamou do mar os pobres pescadores,
Pera fazerem de homens pescaria,
Nos fins da terra toda pregadores.

Ele diz que é verdade, vida e via,
Que tomou, por salvar-nos, carne humana,
Da rainha dos Ceos, Virgem Maria,
De cujo bem dos bens todo bem mana." [517]

Ao lado desta última parte da elegia, e auxiliando na confirmação da interpretação que dela temos feito, gostaríamos de colocar dois outros passos da obra do frade arrábido: um excerto da elegia X, a segunda de Frei Agostinho à morte do seu irmão Diogo Bernardes, e a oitava estrofe da ode IV. Na elegia, Frei Agostinho depois de falar da *doce via* que escolheu,

"Onde se faz mais claro o mais escuro,
Onde muito mais leve o mais pesado,
Onde muito mais brando o que mais duro.

Onde só pé descalço, e magoado,
Se cura com saber que seu Senhor
O foi nos pés, e mãos, cabeça, e lado" [518]

escreve uns tercetos que deixamos, depois, comentados pelas palavras de Afonso de Medina:

"A tanto se estendeu o Redentor,
Que pelo meu trocou seu amor, sendo
O seu de Deos, o meu de pecador.

---

[517] *Ibidem*.
[518] *Ibidem*, p. 197.

Daqui não sei passar, aqui suspendo,
Quanto posso alcançar, quanto sentir;
Pois que me vejo amar de quem ofendo.

Donde posso acabar de concluir,
Que quando não puder chegar amando,
Suprirei com desejos de servir.

Pode ser que se abrande, desejando,
Tanto no peito meu minha dureza,
Que de duro se venha a fazer brando.

Para que sinta esta alma em fogo acesa
Tanto quanto mais nele arder deseja,
Sem mais contradição da natureza,
Da que o divino amor quiser que seja." [519]

Diz Frei Afonso de Medina:

> "Este modo de oração [oração pura mental], que neste Capitulo tenho tratado he o ultimo, em que te pòdes occupar por tua industria, & diligencia, ajudado do Senhor, que nunca falta, & daqui por diante não podes passar se Deos não te levar: por isso te has de dar, & exercitar nelle atè que o Altissimo tenha por bem concederte o modo de oração, que no capitulo seguinte direy [o estar em Deus por sentimento ou contemplação], o qual serà quando a elle aprouver [...] & em quanto não te for concedido terás sempre dezejo de te ser dado, que he grande parte para que o Senhor Deos te conceda [...]" [520]

Comparando os tercetos e as palavras de Medina, deixadas como seu comentário, podemos ver facilmente que, à excepção da divisão entre o grau da meditação e o da oração pura mental, que eles não

---

519 *Ibidem.*

520 MEDINA — Tratado, p. 402-403.

parecem distinguir, a divisão entre o grau da oração pura mental e o grau da contemplação, o "estar em Deos por sentimento", as características que os distinguem e o modo como se estabelece a passagem de um ao outro estão neles referidos: a impossibilidade humana de, por sua própria indústria e diligência passar ao grau da contemplação se tal não lhe for dado, se não lhe for concedido pela graça divina, conforme aprouver a esta — ou conforme esta quiser que seja, usando as palavras de Agostinho — e a afirmação de que quando o acesso a esse grau da contemplação não for concedido, então se o há-de ficar desejando, pois desejá-lo é já condição para que Deus o conceda.

A ligação entre este excerto e os tercetos da elegia XVI parece-nos evidente e é sublinhada pela existência de construções semelhantes para situações idênticas: "Que quando não puder chegar amando" (elegia X); "E quando não puder chegar a quanto/ Se deve[...]" (elegia XVI); e: "Pode ser que se abrande, desejando [...]" (elegia X); "Pode ser que alguma hora o sentimento,/ Dentro desta alma minha suba tanto,/ Que faça de mim doce apartamento." (elegia XVI).

O outro trecho que gostaríamos de deixar, aqui, aproximado destes é, como dissemos, uma estrofe da Ode IV, uma composição que, segundo cremos, permite uma mais clara compreensão e interpretação do sentido e alcance do termo *apartamento* de que se fala na elegia XVI. Diz a Ode:

"Se acabara comigo
Fazer apartamento
De mim, como fizera
Se mais força pusera

Na decomposição do pensamento
Quamanho bem lograra?
Em quantos graos d'amor me levantara?"[521]

Nestes versos, parece-nos não restarem dúvidas sobre o significado de *apartamento* e do quanto ele é condição necessária para que (se) logre *quamanho bem*, isto é, para que (se) chegue ao mais alto grau da oração. Para tal, para se levantar aos mais altos "graos d'amor", há-de aumentar as suas forças na "decomposição do pensamento", ou seja, na busca da *quietação* pelo esquecimento e aniquilamento de si. Até porque, o que é o homem e o que vale o homem se mesmo o desejo que tem de amar a Deus é superado pelo desejo Dele que não se limita na medida do desejo do homem e o ultrapassa incomensuravelmente? Aliás, o homem que nada pode, tão pouco pode desejar se isso não lhe for dado por Deus, e o que alcança, e há-de alcançar, não é fruto do seu desejo, mas da graça, do que Deus lhe dá e dará.

A esse amor de Deus que é puro dom, acima do mal e do bem da criatura, pede o poeta que lhe crie um coração limpo (como um *pensamento decomposto*), abrasado na formosura divina, desfeito no amor:

"Se desejo, meu Deos, de vos amar,
E sei que desejais de ser amado,
Como tendes amor tão limitado,
Que no desejo meu possa parar?

Que posso fazer mais que desejar,
Nem tanto, se de vós me não for dado?
E pois de mim não basta o desejado,
O que vós desejais, me haveis de dar.

---

[521] CRUZ — *Obras*, p. 127.

E se de lib'ralidade e brandura
Quereis mostrar de amor maior afeito
Sem mal, nem bem de vossa criatura,

Criai coração limpo no meu peito,
Abrasado na vossa fermosura,
Onde todo de amor seja desfeito." [522]

Um coração limpo, puro, sem pecado e despojado, livre de afectos e paixões. Um coração limpo até do desejo de Deus, porque este não pertence ao coração do homem, mas à generosidade da graça: e tudo é dom, é Deus que tudo dá. Por isso, é também a este Deus que Frei Agostinho pede a graça de ser desfeito pelo e no amor que

"[...] accende, inflama, amor tem tudo
Setta, lança, escudo; dá vida, e mata,
Cativa, desbarata, solta, e prende.
Amor livra, e defende, planta, e rega;
Amor fréta, e navega, amor segura;
Amor cria brandura na dureza,
E converte a tristeza em alegria;
A noite escura em dia fresco, e claro.
Amor he meu amparo, e meu descanso
Amor he brando, e manso, piedoso,
Suave, e saudoso, doce e puro.
Forte, firme, e seguro, verdadeiro.
Amor pôs num madeiro meu Senhor,
Trespassado de dôr, aberto o lado;
De mãos e pés pregado: ai! e quão tarde
Senti de amor, que amor por amor arde!" [523]

---

522 IDEM — *Sonetos*, p. 106.
523 IDEM — *Obras*, p. 28-29.

Tarde sentiu [524]. E cedo que fosse, não seria tarde? Mas uma vez experimentado esse amor brando, manso, piedoso, suave, saudoso, doce, puro, forte, firme, seguro e verdadeiro, quem o poderá separar do Amor [525], quem o apartará do Senhor que não só o criou como o remiu?

"Quem me pode apartar de vosso amor,
Emprimido por vós neste meu peito,
Que além de ser por vós, meu Senhor, feito
Feito quisestes ser meu Redentor?

Em que tribulação, tormento, ou dor,
Em que passo da morte tão estreito,
Me posso ver em cinza e pó desfeito,
Que cada vez maior não seja o amor.

Das penas, meu Senhor, que padecestes
Do berço até ser na cruz pregado,
A dureza em brandura convertestes.

O ferro, com que fostes trespassado
Frio, por nós [depois] doce fizestes,
No sangue do amor vosso temperado." [526]

Se até o frio e duro ferro o sangue de Cristo temperou que temerá o homem, por mais fria e dura que seja a sua natureza, uma vez metido no lado de Cristo? Nada é mais forte do que a divina saudade. [527] Nada

---

[524] Os dois últimos versos são, evidentemente, eco de Santo Agostinho: "Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei!" (AGOSTINHO, Santo — *Confissões*. [S.l.]: Livraria Apostolado da Imprensa, 1984, p. 266.)

[525] Cf. Rom. 8, 35-37.

[526] CRUZ — *Sonetos*, p. 100.

[527] «Meu Deos, que cousa póde ser tão forte,/ Que genero de morte, que tormento./ Que dôr, que sentimento, que tristeza,/ Que pena, ou que aspereza em toda a vida,/ Que numa alma ferida de verdade/ Da vossa saudade, causa espanto?» (IDEM — *Obras*, p. 28)

vencerá esse amor "que cada vez maior não seja o amor", um amor que ele não consegue dizer senão de forma imperfeita. Pois, que pode dizer o eu poético mais do que o desejo de dizê-lo? Que pode dizer mais do que o desejo de ter por língua um raio ardente, para que o dizer seja queimar, abrir, arder? ("Mal se pode escrever o que se sente,/ No meio do silencio sepultado,/ Consumido de amor em fogo ardente." [528]) Mas o Amor escapará sempre à palavra, porque "só se a[d]quire amando":

"Quem me dera por lingua um raio ardente,
Que os corações abrira e abrazara,
E os derretera, unira e transformara
No amor, que arde e inflama suavemente.

Amor, que tudo quer, nada consente,
Amor que se não vê, sendo luz clara,
Amor, que do ceo vem, e no ceo pára,
Amor, que quem o sente, não se sente.

Amor que n'alma imprime um ser divino,
Que alumia[n]do abre, abrindo acende,
Derrete unindo, e une transformando.

Amor, que cá na terra é peregrino,
Amor, que atrai o spirito e o suspende,
Amor, enfim, que só se a[d]quire amando." [529]

Manifestação e expressão da fecunda violência de quem, chegado à união com Deus, não pode conter esse fogo de Amor que se derrama, "arde e inflama suavemente", um Amor que não pode "repousar senão

---

[528] IDEM — *Sonetos*, p. 212.
[529] *Ibidem*, p. 146.

ardendo" [530]? Ou só expressão do desejo de união mística com Deus, como defende Maria de Lourdes Belchior? [531]

Porque esse amor que tudo quer, nada consente, e onde não se sente quem se sente só pode ser eco desse "estar em Deos por sentimento" onde nenhuma indústria humana, nem nenhum movimento, nem nenhum desejo são consentidos, mas só o que Deus quer e obra.

---

[530] IDEM — *Obras*, p. 131.

[531] Cf. BELCHIOR — Poesia, p. 41-71. Segundo Belchior, «S. João da Cruz, ao querer transmitir, por meio de palavras, a ciência e a experiência de Deus, dizia: «Quien podrá escribir lo que a las almas amorosas, donde El mora, hace entender y quien podrá manifestar con palabras lo que las hace sentir». Em Frei Agostinho não ocorrem passos semelhantes ou equivalentes [...]" (*Ibidem*, p. 55-56.) Ou ocorrem? É que logo mais adiante escreve: «Em vão, creio, se procurarão nas composições de Frei Agostinho da Cruz expressões do inefável, alusões a uma incapacidade para dizer de qualquer experiência que se possa classificar de mística. Fá-lo, parece-me, uma única vez: «Mal se pode escrever o que se sente/ No meio do silêncio sepultado/ Consumido de amor em fogo ardente», etc.»(*Ibidem.*) [Nestes versos, António Salvado viu a razão pela qual "Frei Agostinho da Cruz não nos deixou textos comprovativos do estado da união e da identificação com Deus." (SALVADO — Itinerário, 219), contradizendo, assim, a opinião que ele próprio, nas mesmas páginas, manifestara de que a "consumpsão [...] continua a ser um desejo, um incessante desejo que, incertamente realizável na vida humana do Amante, poderá efectivar-se, em todo o seu esplendor, pela morte [...] Morrer representa, pois, para Frei Agostinho da Cruz, o meio (talvez o único) de ver Deus." (*Ibidem*, 218-219.)]

Para Belchior, a questão parece, de certa forma, ser um problema de quantidade, isto é, do quanto o poeta exprime ou não a incapacidade para dizer a experiência mística de Deus, até porque, doutro ponto de vista, a autora quase afirma a existência dessas experiências através de uma espécie de silogismo estranho pelo qual conclui: "a) que Frei Agostinho experimentou, provàvelmente, estados de natureza mística, dadas as tendências da Ordem em que professou; b) que a reserva e a discrição obrigatórias ou aconselháveis, entre os Frades Capuchinhos, no que respeitava a graças místicas, talvez explique o silêncio de Frei Agostinho e a ausência de alusões ou descrições, ligadas a uma experiência mística, de que a sua obra poética contém escassos ou nulos indícios." (BELCHIOR — Poesia, p. 52-53.)

Nesses *indícios*, Belchior inclui o monólogo final de Limabeu, na écloga II, a que chama um "quase arroubo", "ainda apenas um apelo", "iniciação nos primeiros graus da oração mental" (*Ibidem*, p. 55); inclui, também, o soneto, acima citado, «Voto de ardente amor divino», mas entende que "As vias iluminativa e unitiva da vida mística estão aqui aludidas, mas longe de implicarem qualquer confissão de experiência mística ou de impotência para a descrever." (*Ibidem*). Não o lê, pois — e é difícil perceber porquê —

E o amor que não se vê sendo luz clara não é eco desse estado de contemplação onde se vê Deus sem o ver?

> "Está então a alma com muyta quietação vendo o seu Deos em um modo ineffavel, o qual com rayos de amor penetra: & este ver a Deos não entendas, que vem, assim como he, porque isso só na outra vida se concede, & em esta a ninguem, mas ve-o num certo modo, como se ele quer representar." [532]

---

como manifestação dessa incapacidade de cantar o inefável, e não entende o desejo de uma língua que fosse qual um raio ardente, como urgência de cantar o que está para além da possibilidade do canto e da linguagem humana. Assim como não se percebe por que é que Lourdes Belchior esquece, por exemplo, as palavras com que Gualbano conclui a écloga V, ou esses tercetos já citados da carta que dirige ao seu irmão, lamentando que ele não estivesse com ele nessa Serra para que "tão altos conceitos não perdesse!// Ora suave paz, outr'ora guerra/ Cruel, mas necessaria, contarias/ A quem divino amor busca na terra.// No pasto da tua alma sentirias/ Doçuras de tamanhas novidades,/ Que tu mesmo de ti te esquecerias.// Nascem no sentimento estas verdades,/ Mal as póde dizer quem as não sente,/ E pior quem sentir taes saudades." (CRUZ — *Obras*, p. 129.) Não é expressão de um canto que sempre que se abeira da sua possibilidade se impossibilita? A não ser que se entenda isto — e esta é uma questão que talvez pudesse ser colocada antes das demais — como, e tão somente, uma redundante, e apesar de tudo necessária, confirmação de Frei Agostinho como (mais) um dos poetas maneiristas portugueses — de que é apenas "o exemplo mais conhecido [de] conversão poética" (SILVA — *Maneirismo*, p. 304) — de modo algum único (e singular?) na "utilização frequentíssima de antíteses e paradoxos nos poemas consagrados à meditação dos mistérios de amor divino. Se o amor humano é predominantemente expresso, nas suas complicadas contradições, por vasto conjunto de antíteses e paradoxos, como não o haveria de ser o amor divino, incomparàvelmente mais complexo, mais belo e mais enigmático?" (*Ibidem*, p. 352.) E daí a utilização do tópico da dificuldade ou impossibidade de cantar as excelências do Amor, que Frei Agostinho repete diante da Virgem: "Que graças dar-vos posso? Que louvores?/ Pois quanto posso mais, tanto mais devo,/ E quanto devo mais, tanto mais rico.// E mais rico, mais devo dar maiores;/ Mas quando no que devo mais me enlevo,/ Libertado do amor, mais preso fico" (CRUZ — *Sonetos*, p. 76), e no soneto a S. João Baptista: "As graças infinitas, os favores,/ As forças que lhe deu divino amor,/ As novas liberdades, os poderes,// Mal os podem cantar os pecadores" (*Ibidem*, p. 50.) Veja-se, ainda, a primeira estrofe do soneto *A santo António*: Cf. *Ibidem*, p. 64; ou a terceira estrofe das glosas do mote *A Nossa Senhora «Antes de parir»*: Cf. IDEM — *Obras*, p. 364.

[532] MEDINA — Tratado, p. 408.

Para chegar a esse grau da contemplação, ou ao Sumo Bem de que fugia e que deixava de lograr mais docemente, quanto menos quieto, Frei Agostinho diz, cantando, que deixou de cantar, como soía, nuns tercetos que ficam, mais uma vez, comentados pelas palavras de Medina:

> "Deixei já de cantar como soía,
> Por ver se poderia, não cantando,
> Seguir o sumo bem de que fugia.
> .....
> De contemplar procede o sentimento,
> Que deixo de lograr mais docemente,
> Quanto menos quieto, o pensamento.
>
> Mal se pode escrever o que se sente,
> No meio do silêncio sepultado,
> Consumido de amor em fogo ardente." [533]

---

[533] CRUZ — *Sonetos*, p. 212. É esta, pelo menos, a nossa leitura destes versos. Luís de Sá Fardilha, (que não faz caso do segundo terceto do excerto que citámos), defende que a causa principal pela qual o poeta deixa de cantar é a desvalorização da utilidade e eficácia da eloquência humana, contraposta à eloquência da natureza, e entende-a como provável eco da "polémica que ocupou longamente os chamados humanistas cristãos, em oposição aos humanistas *civis*, na qual se enfrentaram os argumentos dos que defendiam o valor do trabalho retórico e da erudição face aos que os condenavam, em favor de uma anti-retórica *natural*" (FARDILHA — Natureza, 129), e apresenta, como causa secundária, o facto do trabalho literário poder "na sua opacidade característica, constituir um ruído que perturba — e tantas vezes impede — a comunicação com as realidades divinas" (*Ibidem*, 128.) Mas para nós, aquilo que é apresentado como causa secundária é, na verdade, a principal. Por detrás da decisão do poeta de deixar de cantar está, antes demais, e como se diz logo na primeira estrofe, essa exigência de seguir o Sumo Bem que, no grau da contemplação, não permite movimentos, nem dos sentidos, nem do desejo, nem do pensamento e, por isso, impede qualquer trabalho, mesmo o literário que, aliás, (causa segunda) de pouco vale "nos ouvidos de quem não tem brandura", e é muito menos capaz de falar de Deus do que as coisas da natureza que "falam sempre mais caladas."

Por outro lado, se alguns tercetos desta elegia podem ser eco dessa polémica entre humanistas, não será tão ou mais verdadeiro que essa desvalorização do trabalho poético

Escreve Medina:

> "Este modo de oração [*estar em Deos por sentimento, que he a contemplação*...] nenhum dos homens pòde ensinar [...], nem tampouco poderá dizer com palavras claras, de modo que sejão entendidas, que cousa he, porque he cousa que se pòde sentir, mas não dizer [...] Quãdo Deos se te representar, & manifestar como tenho dito neste Capitulo, o que tu então has de fazer, & obrar, he não fazer, nem obrar cousa alguma, mas deyxar a Deos, que elle obre em ti, & nota, & entende bem isto, porque te vay muito nisso, & por isso o quero dizer mais claro. Quando Deos te encher de si, com a representação, & manifestação dita, tu então não has de accrescentar, nem diminuir, convem a saber, não has de fazer nenhum movimento interior, nem exterior, nem de desejo, nem de amor: porque ha alguns, que como se vem tão cheyos de Deos não querião já perdello, & assim fazem movimentos amorosos interiores, & quando se precatão, acham-se privados daquelle tamanho bem, & sem-no sentir, se lhes desaparece Deos, e a causa he, porque quizerão elles obrar; porque neste modo de oração Deos obra, & ha de obrar, & quer que nós estejamos quietos, & como ociosos sem fazer, nem obra de nossa parte." [534]

Entretanto, e apesar de ter feito tal propósito, e porque "consumido de amor em fogo ardente", do Amor nomeado (em mais uma reiteração vocabular e acumulação anafórica) nove vezes, em nove dos quatorze versos, que pode dizer o sujeito poético senão nomeá-lo ainda e outra e outra e outra vez? Porque o Amor quer, mas nada

---

reflecte a desvalorização da oração vocal em favor da oração mental que "he a que só se trata no coração sem estrondo de palavras"? (MEDINA — Tratado, p. 274.) E também dessa recomendação, de que temos notícia no *Tratado da oração mental*, do quanto é pouco diligente compor versos, sob pena de não se ter oração? (Na elegia, lembra como, ao cantar, fica "perdendo quanto mais sinto calando.") A recomendação aparece no capítulo XVI, *Do que cada hum deve ter, guardar, & evitar para ter Deos, & oração: serve este Capitulo a todo o Christão, especialmente a pessoas Religiosas.* (*Ibidem*, p. 487.) Justamente um desses *tres ultimos Capitulos* que Frei Rodrigo de Deus não quis deixar de destacar nas suas palavras *ao pio leytor*.

[534] *Ibidem*, p. 404; 411-412.

consente; não se vê, mas é luz clara, vem do céu, e no céu pára, e quem o sente não se sente. Fora ao menos a sua língua como um raio ardente, um clarão no meio da noite, uma luz que rasga sem ferir e força veloz a abrir uma fenda-ponte-passagem de luminosidade entre terra e céu; um raio que fosse tal e qual o Amor "que alumia[n]do abre, abrindo acende/ Derrete unindo, e une transformando."

Neste Amor, deitou âncora o poeta, na sua velhice. Nesse "mar Oceano" que, mais uma vez, serve como imagem de um Deus que é Amor e graça, o poeta já não tem que andar remando, palavras que nos remetem, de novo, para essa quietude própria da altura da contemplação onde não é o homem que age, mas Deus que tudo opera, e que nos deixam perceber no *lograr já o bem que ter se espera* esse ver sem ver, da visão que antecipa e espera a visão do face a face eterno:

"Ancorou-me a velhice no remanso
Deste mar Oceano, largo e brando,
Onde não tenho já que andar remando,
Nem querer noutra parte melhor lanço.

Neste repouso meu, em que me lanço,
E me levanto sempre desejando,
As forças se me vão acrescentando
Para alcançar um bem, que não alcanço.

E tendo já no mar ferro lançado,
A confiança minha não se altera,
Por mais que o bravo mar vejo alterado.

Antes mais firme e forte persevera,
Que quem só em Deos tem ancorado,
Do bem se logra já, que ter espera." [535]

---

[535] CRUZ — *Sonetos*, p. 81.

Eis o fim do caminho de quem, meditando os passos da vida de Jesus, "o nascer, o morrer, o ressurgir" e o "subir ao ceo", construiu o seu itinerário, experimentando o quanto *tudo tem muito em si que contemplar*:

"Lá vos tornais, Senhor, onde subistes
Pera lá nos subir, donde descestes;
Nascestes para nós, por nós morrestes,
Morto por nos dar vida ressurgistes.

A nossa humanidade, que vestistes,
Vestida para o ceo levar quisestes;
E tudo quanto nela merecestes,
Connosco livremente repartistes.

O nascer, o morrer, o ressurgir,
O subir [des] ao ceo por nos mostrar
O caminho, por onde havemos d'ir;

Tudo tem muito em si que contemplar;
Mais muito mais em mim ver-vos partir,
Sem vos poder, meu Deos, acompanhar." [536]

Eis o ponto de chegada de alguém que descobriu e experimentou o quanto fora triste, se não fora essa lembrança da Paixão do Redentor, a contemplação desses "claros sinaes de amor" que o conduzem ao pranto e ao espanto, à penitência que liberta porque crucifica na mesma nudez e aniquilamento redentores do Deus "que de graça nos sustenta".

---

[536] *Ibidem*, p. 71.

2. Natureza e meditação das perfeições e benefícios divinos

Feito este percurso, retomemos, então, o problema que já no final do primeiro capítulo deixámos enunciado: será realmente à natureza, na poesia de Frei Agostinho da Cruz, que cabe o papel de mediação entre o poeta e Deus, segundo uma "contemplação agostiniana" da mesma? [537] A resposta que agora continua a que, então, deixámos resumida, e no seguimento lógico daquilo que até aqui temos vindo a expor, aponta noutro sentido. Porque, em nosso entender, na obra de Frei

---

[537] Sobrevalorizando e errando o papel da natureza, não só em Frei Agostinho, mas na *mística portuguesa*, em geral, Dalila Pereira da Costa, no livro *Místicos portugueses do século XVI*, defende a existência de uma mística nacional, que se diferencia por ser naturalista "forma que a caracterizará entre todas as demais no contexto ocidental a que pertence" (COSTA, Dalila Pereira da — *Místicos portugueses do século XVI*. Porto: Lello & Irmão-Editores, 1986, p. 28-29), opondo-se à mística do espírito, em particular à mística renana. E para ilustrar esta especificidade portuguesa de um conhecimento empírico oposto ao conhecimento intelectual, discursivo e racional, próprio do pensamento nórdico, elege dois autores portugueses, explicando: "Elejamos assim dois místicos do séc. XVI português, que nos poderão dar o exemplo especificamente nacional desta diferença: Em Fr. Tomé de Jesus, a mística, na sua forma cristológica, se fará sobre a meditação da Vida, Paixão e Morte do Redentor, levando o místico ao último percurso do seu caminho, como aproximação da vida unitiva, aqui usufruída em termos vivíssimos, carnalmente, ardentemente, e em que a palavra humana é transmutada no fogo do Verbo divino: tal como foi o místico. Em Fr. Agostinho da Cruz, a identificação do místico com a Realidade absoluta, se fará preferentemente com Nossa Senhora da Assunção." (*Ibidem*, p. 41.) Ou seja, como esclarece noutro passo, há "Duas formas que estarão representadas no séc. XVI, simultânea e paralelamente, pela mística cristológica de Fr. Tomé de Jesus e pela mística mariana de Fr. Agostinho da Cruz." (*Ibidem*, p. 30.) E conclui: "Depois da marcada cisão efectuada entre estes dois pensamentos [conhecimento pelo sentimento, experimental e directo *versus* conhecimento racional, indirecto, sistemático], no séc. XVI, o [pensamento] português se mostrará fechado e inatingível ao europeu." (*Ibidem*, p. 89.)

Desnecessário nos parece explicar aqui o desacerto destas afirmações e o quanto é despropositada esta pretensa especificidade da mística e do pensamento português, ao ponto de se tornar *inatingível* ao pensamento europeu! Pensamos que o capítulo anterior já esclarece o suficiente sobre o desajustado e infundado desta teoria. A valorização da afectividade e do afecto como via do conhecimento, a eleição da natureza como espaço

Agostinho, a natureza funciona como realização e manifestação concretas das perfeições e dos benefícios divinos, esses mesmos que são propostos, como exercício de meditação, aos que se iniciam no primeiro modo da oração mental. Ora, essa meditação das perfeições e benefícios divinos, ou da bondade, generosidade, beleza e grandeza de Deus, que a natureza manifesta, é um exercício que conduz ao Amor que se diz, excelentissimamente, na Paixão de Cristo, em Jesus Crucificado; conduz, pois, até à única mediação entre Deus e o homem, a do *Redemptor*; as perfeições e benefícios divinos falam do amor divino e conduzem à mais extrema e inultrapassável manifestação desse amor: a Cruz. [538]

Numa carta ao seu irmão, o poeta diz:

> "Nesta nossa christã filosofia,
> O Senhor, que de graça nos sustenta,
> Diante foi de nós por nosso guia.

---

de revelação e comunhão, onde a contemplação do criado manifesta o Criador, ou onde se *vê o Criador na criatura*, para dizer com as palavras que Frei Agostinho adopta de uma longa tradição, não é nem específico nem exclusivo, nem no seu desenvolvimento nem na sua origem, dos místicos portugueses.

Igualmente desajustado é classificar a poesia de Frei Agostinho como mística Mariana. Mas disso trataremos, em nota, um pouco mais adiante.

[538] O mesmo movimento, de resto, se pode encontrar nas meditações de Afonso de Medina. Na meditação de um benefício divino, proposta para sábado à noite, escreve: "Considera, quanto te ama Deos, que fez todas as cousas para ti, o Sol, Lua, Estrellas, Ceos, Mar com todos os peyxes, a terra com todas as cousas que nella estão, a prata, o ouro, pédras preciosas, &c. Finalmente, tudo criou para ti: porque elle de nenhuma cousa tem necessidade, & tudo te serve cada cousa em sua maneyra, & ainda aos Anjos mandou, que te guardassem, & servissem. E que digo Anjos? Elle mesmo se fez homem para se te dar, & servir. Pois cuyda quanto deves a quem tanto te deu, & com tanto amor sem ter de ti nenhuma necessidade, & não quer de ti outra paga, senão que o ames, & ainda isto para teu proveyto, que elle não ha de mister teu amor." (*Ibidem*, p. 334.)

Quem após elle vai na mór tormenta,
Maior quietação, forças maiores
Para mais o seguir mais accrescenta.

Verdes plantas sombrias, alvas flores,
Agoas, que mansamente is murmurando,
Fermosos orizontes, novas côres;

Amor, que por amores suspirando
Não podes repousar se não ardendo,
Amor, divino amor, meu amor, quando

Em ti, por ti, comtigo irei sustendo
Nos hombros da minh'alma minha cruz,
O Lima no Lethêo convertendo,
Chamarei por MARIA, e por JESUS?" [539]

E é verdade que nesta carta o primeiro momento é para lembrar que Jesus, na experiência da dor, do sofrimento e da tormenta, foi à nossa frente e nos serve de guia, causa pela qual quem após ele vai logra quietação e forças tanto maiores quanto mais o segue; uma lembrança a partir da qual, depois, irrompem palavras que se dirigem às plantas, às flores, às águas, aos horizontes, mas, note-se, para terminar, de novo, numa espécie de aspiração ou palavras jaculatórias que são desejo de repousar ardendo no divino amor, nele, por ele e com ele (segundo a fórmula paulina), chamando por Maria, a advogada

---

[539] CRUZ — *Obras*, p. 131. O Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, chamou-nos, gentilmente, a atenção para o facto de, muito provavelmente, haver um erro na lição conhecida desta carta, acreditando que o texto aparece truncado entre a antepenúltima e a penúltima estrofes. A ser assim, terá então, e neste caso, que se pôr em dúvida essa passagem da evocação das plantas à evocação do amor, o que aumentaria ainda mais a fragilidade dessa (hipó)tese da *contemplação agotiniana* da natureza, na poesia de Frei Agostinho da Cruz.

dos homens, e Jesus, por cuja mediação o homem alcança a redenção e em, por e de cuja graça se sustenta — Ele é quem vai adiante, é Ele quem guia.

Também numa outra carta, que o autor dirige a Dona Branca, depois de lhe falar da vanidade do mundo e do acerto do desengano:

> "Que podes esperar, por mais que esperes,
> Do mundo, que te tem desenganada,
> Que te póde faltar, se a Deos te deres?
>
> Se vires que por tudo deixas nada,
> Por nada deixarás o que descansa
> No curso desta vida tão cansada." [540]

aconselha-a, como a seu irmão, a ir após Aquele que *à custa sua*, isto é, com a sua própria morte, nos conduz ao céu donde ressuscitado nos chama:

> "Que vás após de quem á custa sua
> Por nos levar ó Ceo, donde nos chama,
> Na terra padeceu morte tão crua." [541]

e dirige-se, depois, *ex abrupto*, a Cristo, lembrado do seu próprio processo de conversão:

> "Hum firme coração, que em Vós se inflamma,
> Ardendo por se ver de Vós amado,
> Por vos amar, Senhor, tudo desama.

---

[540] *Ibidem*, p. 132.
[541] *Ibidem*.

Do tempo, que gastei tão mal gastado,
Dera melhor razão, do que daria
De vos seguir, Senhor Crucificado;" [542]

Feita esta confissão de fé e confissão de culpa — a que não é alheia, certamente, essa preocupação, de que tratámos no primeiro capítulo, de ensinar com o seu próprio exemplo — feita referência à morte tão crua e ao Senhor crucificado, Frei Agostinho convida Dona Branca a levantar os olhos até Àquele que é o Sumo Bem dos bens:

"Levanta os olhos teus á saudade
Do Summo Bem dos bens, e nella aprende
Aquillo, que mais fôr sua vontade." [543]

não para se deter na contemplação dos bens ou benefícios divinos, mas para que veja que sem ele, o Sumo Bem, não pode ser feliz, sem Aquele que — misericórdia por mil gerações — aumenta para si mesmo o castigo para não negar o perdão ao penitente, recomendação que termina numa exclamação aos braços estendidos e ao lado aberto de Cristo:

"Que não pódes sem elle ser contente,
Sem elle, que dilata seu castigo,
Por não negar perdão ao penitente.
.....
Ah! braços estendidos, Lado aberto!
Quanto se sentem mais as vossas dôres
Nesta quietação deste desejo!" [544]

---

[542] *Ibidem.*

[543] *Ibidem*, p. 133.

[544] *Ibidem.* Não haverá, no último verso, um erro de leitura? Talvez, em lugar de *desejo*, devessemos ler *deserto*, mantendo-se, assim, a rima consonântica de todo o poema.

Também numa elegia de carácter epistolar que escreve a *uma alma espiritual*, segundo os manuscritos BGUC 1237 e BNMP 1100 *Dona Marianna, filha do Duque de Aveiro, incitando-a e animando-a a ser religiosa*, Frei Agostinho apresenta essa natureza onde tudo parece apontar para o céu: os golfinhos dão saltos para o céu, há plantas que mostram ser celestes vias e os passarinhos são mais cobiçosos do céu do que da terra. Por esta natureza epifânica, propõe-se conduzir essa *alma espiritual*, levando-a, em pensamento, pela Serra, "por parte donde o Ceo mais perto vejas":

"Que posto que de mim absente estejas,
Daqui te levarei por esta Serra
Por parte donde o Ceo mais perto vejas.

Verás ondas marinhas fazer guerra,
Combatendo penedias encorvadas,
Que defendendo estão a fraca Serra.

Verás no mar Oceano alevantados
Os golfinhos dar saltos pera o Ceo,
Da fermosura dele convidados.
.....
Verás tanto abraçar plantas sombrias,
Que façam proprios seus braços alheios,
Mostrando o ser reais, celestes vias.
.....
Verás dos baixos vales saudosos
Alevantar, cantando os passarinhos,
Do Ceo mais que da Serra cobiçosos." [545]

[545] IDEM — *Sonetos*, p. 206-207

Mas onde termina esse percurso pela Serra? Nos passos da Paixão, nos quais, como quem se afasta — é esse o apagamento próprio de quem é guia e mediador de alguém que chega ao seu destino — a deixa contemplando:

"Verás junto da casa da Senhora,
Por cima dos rochedos retorcidos,
Os passos da Paixão pintar agora.

Contados, meditados, e medidos
Do Senhor desta Serra, renovando
Aqueles com que nós fomos remidos,
Nos quais te deixo agora contemplando." [546]

De igual modo, no soneto intitulado *Na Serra da Arrabida*, ao ouvir a melodia do passarinho e ao ver o bosque vestir-se de verde, o sujeito poético sente "variar-se no ceo outra pintura" e varia-se ele próprio em vários sentimentos, pasmado de quão mal se gasta a vida dos que querem subir ao céu sem escolher a vida estreita que foi escolhida e seguida, não só por Cristo que morreu na Cruz, mas também pelos seus escolhidos:

"No meo desta Serra, onde se cria
Aquela saudade d'alma pura,
Que no duro penedo acha brandura,
Ardente fogo dentro n'agoa fria,

Ouço do passarinho a melodia,
Vejo vestir o bosque de verdura,
Variar-se no ceo outra pintura,
Que em varios sentimentos me varia.

---

[546] *Ibidem*, p. 207.

Pasmando de quão mal se gasta a vida
De quem da terra quer subir ao ceo,
Pois caminhar enfim ninguem duvida,

Menos da vida estreita, que escolheo,
Dos seus mais escolhidos, mais seguida,
Cristo Jesus, que numa cruz morreo." [547]

Dessa mudança da *pintura do céu* que o conduz à descoberta de si mesmo e à evocação de um Deus crucificado, fala também a elegia XIV. O eu poético conta como a contemplação da natureza lhe mostrou (o pretérito não é insignificante) no céu uma nova pintura que lhe despertou o desejo de uma alma que, em puro fogo acesa, não sentisse, nem consentisse, outro desejo que não fosse o de ficar presa do amor divino:

"Passando os olhos meus pela verdura
Das plantas, que plantou a natureza,
Me mostraram no Ceo nova pintura.

Onde minha alma em puro fogo acesa,
Não sinta, nem consinta, outro desejo,
Se não ficar do amor divino presa." [548]

É nesse desejo do puro fogo do amor divino "Em cuja [clara] luz mais claro vejo" [549] que ele descobre "Por onde caminhar posso seguro,/ Enquanto agora a terra não despejo" [550], fazendo o propósito

---

547 *Ibidem*, p. 66.
548 *Ibidem*, p. 209-210.
549 *Ibidem*, p. 210.
550 *Ibidem*.

de se emendar e seguir, sem desvios, pelo caminho mais certo para o céu:

"Determino emendar pelo mais certo
E mais breve caminho, caminhando.

Sem me desviar já neste deserto,
Por atalho nenhum, nenhum rodeo,
Senão pelo que for do Ceo mais perto." [551]

Um caminho que é um itinerário de penitência. Não de uma penitência qualquer, mas da penitência arrábida, extrema, de quem faz cruel guerra consigo, *imigo* de si mesmo, e indiferente aos que lhe vêm dizer que *in medio virtus*:

"Não me venha turbar o gosto alheo,
Que menos penitencia diz que basta,
Porque a virtude, diz, consiste em meo.

Em vão para comigo o tempo gasta,
Quem mais quer alongar meus longos dias,
Que a morte, inda que tarda, não se afasta." [552]

É uma penitência que se sustenta no amor divino em que quer arder até repousar em Deus, um Deus que "por mi pregado foi na Cruz":

"Deixe-me o coração arder um Credo
Naquele amor divino a que[m] me dei,
Enquanto vivo aqui neste degredo.

---

[551] *Ibidem*.
[552] *Ibidem*, p. 210-211.

No meu Deos, em quem só me confiei,
E que por mi pregado foi na Cruz,
Confiado só nele acabarei,
Chamando por Maria e por Jesus." [553]

Parece, pois, que a *Natureza* (a Serra cercada de mar), que o poeta encontrou na sua mudança do *mundo* (entenda-se *mundo* como tudo o que é terreno e humano, por oposição ao celeste e ao divino, e inclua-se também aí a sua vida no convento e o contacto com os seus irmãos de hábito) para o *deserto*, foi uma mediação para a Mediação, ou uma mediação até ao Mediador, proporcionando uma primeira aproximação do poeta a Deus, através do silêncio desvelador e epifânico das criaturas naturais que o conduziu à primeira aproximação de si próprio, tanto mais profunda quanto mais o foi abrindo ao encontro do Deus descoberto, mais do que pela mediação limitada do criado, pela mediação única do Verbo que revelou e revela de modo completo e inaudito o coração do Pai. [554]

---

[553] *Ibidem.*

[554] Dalila Pereira da Costa ignora este papel central de Cristo e classifica a poesia de Frei Agostinho como *mística mariana*. É verdade que na poesia do arrábido, seguindo a tradição franciscana, Nossa Senhora tem um lugar de relevo. Limitando-nos aos sonetos, por exemplo, 2 são dedicado *A Nossa Senhora da Arrábida* (p. 49 e 65), 2 *A Nossa Senhora da Memória* (p. 76 e 107), 2 *À Imaculada Conceição* (p. 130 e 131) e 1 *A Nossa Senhora* (p. 85). Mas que significam, então, 7 sonetos *A Nosso Senhor* (p. 55; 56; 57; 72; 93; 104 e 106), 3 sonetos *À Paixão* (p. 103; 137 e 138), 2 sonetos *A Cristo na Cruz* (p. 134 e 135), 1 *A Cristo Crucificado* (p. 73), 1 soneto *À Cruz* (p. 53), *Às chagas* (p. 48), *À coroa de espinhos* (p. 74), *A Cristo preso à coluna* (p. 133), *Ao ferro da lança que abriu o lado de Christo* (p. 139), *Ao nascimento, paixão e ascensão* (p. 92), e ainda mais 2 sonetos cujos versos iniciais são: "Com cordas à coluna foi atado" (p. 82), e: "Se não posso pregar meu pensamento/ Na Cruz, em que, meu Deos, foste pregado" (p. 110)?

Dalila Pereira da Costa prefere, no entanto, catalogar Frei Agostinho como místico mariano, para o apresentar como manifestação mais elevada de uma Natureza sublimada de forma "divina e ortodoxa", ao ponto de se hipostasiar na figura da Virgem

Cremos que a ode IV documenta com clareza o que acabámos de dizer e que ajuda a desfazer possíveis hesitações quanto ao papel da natureza e de Cristo no itinerário espiritual do poeta.

Num primeiro momento, a natureza onde ele se isolara — realização viva e permanentemente presente das perfeições e benefícios divinos — a quem se confessara desenganado dos homens e do mundo,

---

(Cf. COSTA — *Místicos*, p. 188), chegando mesmo a afirmar que a "união, como celebração gloriosa, entre terra e céu, se fará na mística de Fr. Agostinho da Cruz, marcadamente pela Assunção da Virgem" (*Ibidem*, p. 237), ou a classificar a sua poesia como "reabsorção da Natureza, agora na Virgem, elevando-se em Assunção" (*Ibidem*, p. 103), fundamentando-se, para isso, no soneto *À Assumpção de Nossa Senhora*, que Aguiar e Silva apresenta como atribuído a Martim de Crasto do Rio (Cf. SILVA — *Maneirismo*, p. 59) e que, na sua edição crítica, António Gil Rafael, seguindo Aguiar e Silva, recomenda que se coloque nos sonetos a excluir da obra de Frei Agostinho da Cruz (Cf. RAFAEL, António Gil — Sonetos e elegias a excluir da obra de Frei Agostinho da Cruz. In CRUZ — *Sonetos*, p. 229.) Mas ainda que o dito soneto fosse da autoria de Frei Agostinho, não é aceitável a afirmação de que a união entre terra e céu, na mística do poeta, se faça marcadamente pela Assunção da Virgem, ignorando o papel centralíssimo de Cristo na obra do frade Arrábido. Mais, o papel centralíssimo do Cristo Crucificado, do Cristo da Cruz, onde a Sua condição humana se revela em toda a sua verdade e a Sua condição divina em toda a sua glória: que união maior *entre terra e céu?* [António Gil Rafael que, no seu trabalho, vai copiando Aguiar e Silva, Lourdes Belchior, José Sebastião da Silva Dias e Mendes dos Remédios, teve a infeliz ideia de repetir Dalila Pereira da Costa e escreveu que "o frade pretende ligar a Natureza humana à divina, servindo-se como elo de ligação ou ponte da Virgem Maria, sustentáculo ou intermediária entre Deus e os homens." (IDEM — Filosofia, p. 33.)]

A obra de Frei Agostinho não deixa sequer lugar a ambiguidades que possam servir tal teoria: Cristo é o único mediador, a Aliança entre terra e céu, Deus e o homem. É, por isso, que Teixeira de Pascoaes pôde escrever: "Mas o Deus lusíada, o Deus longínquo e nubloso, o *Deus das Alturas*, como cantou Gil Vicente, aproxima-se de nós, comovido, na alma de Frei Agostinho da Cruz. Cristianizou-se, humanizou-se, através da canto mais sincero e puro que se ouviu em terras de Portugal." (PASCOAES — *Os poetas*, p. 111.)

De facto, o Deus de Agostinho da Cruz é o Deus incarnado, o Deus que se despe para se vestir da carne humana, é o Deus que se coloca nas mãos de Santo António: "Quando nas mãos de Antonio Deos esteve,/ E nelas se quis pôr, e se sostinha" (CRUZ — *Sonetos*, p. 140); é o Deus que, enamorado do desejo que tem S. Francisco — *o amante* — de se transformar n'Ele — *a cousa amada* — quer (é este o verbo) encerrar-se no hábito de S. Francisco, encarnar no amante transformando-o em Si, *a cousa amada:* "Como é proprio de amante desejar-se/ Na cousa amada todo transformado,/ E vós com

culpa-o, acusa-o, afronta-o, repreende-o e faz-lhe inveja, pois toda ela louva o criador que ele ofende:

"Ai triste que desculpa!
Ou qual fingida escusa
Darei da vida minha mal gastada!
Eis o mar que me culpa;
A terra, que me accusa,
Mostrando merecer pena dobrada.
Toda cousa criada
Me afronta, e me reprende

---

tanto amor o desejastes,// Deos, de vosso ardor santo namorado,/ Quis também nesse habito encerrar-se,/ E vós no proprio Deos vos transformastes." (*Ibidem*, p. 143.)

Deus *namorado* do ardor santo de S. Francisco, ao ponto de se encerrar no seu hábito para que ele se transforme no próprio Deus, só é possível porque S. Francisco se torna crucificado com o Crucificado, ícone de Cristo, corpo das cinco Chagas, pregado com Cristo na cruz: "Serafico Francisco, assinalado/ Naquelas cinco partes, onde estava/ Amor, quando por si te trasladava/ Para mostrar em ti o seu traslado:// Assi como na Cruz fora pregado,/ Assi consigo mesmo te pregava:/ Das chagas de que nela se chagava,/ Dessas mesmas te deixa a ti chagado." (*Ibidem*, p. 67.)

Ora, este é também, como vimos, o percurso de Frei Agostinho, onde Maria é companheira diante da cruz, diante do Filho e ao lado de todo o discípulo que contempla o crucificado. Mãe ao mesmo tempo do Filho e do discípulo, a ela o poeta, na sua insegurança, se confia: "Se vós me não deixais, Senhora minha,/ Seguro estou de nunca vos deixar,/ Porque se em mim não há que segurar/ Assegura-me ter-vos por vizinha." (*Ibidem*, p. 107.)

Mas, por outro lado, e apesar da companhia da Virgem lhe ser muito cara, o eu poético não esconde que estará disposto a sofrer tudo (e este *tudo* inclui o separar-se da Virgem), desde que isso não signifique o apartamento de Cristo. No soneto *A Nossa Senhora*, diz: "Eu não posso encobrir o sentimento/ De tão suave a branda companhia,/ Serviço vosso, meu contentamento.// Mas tudo sofrerei com alegria,/ Contanto que não haja apartamento/ Do meu doce Jesus, Virgem Maria." (*Ibidem*, p. 85.) A forte presença de Maria é, não protagonismo, mas, ao contrário, testemunho do cristocentrismo da obra, isto é, do lugar central de Cristo a convocar a presença de Maria.

Recordamos, também, o que já foi dito a propósito da presença de Maria nas meditações da Paixão de Cristo, apresentadas por Afonso de Medina. Maria aponta para Cristo crucificado, ela que foi a primeira que adorou a cruz: "Então a Rainha do mundo se poz de joelhos, & adorou aquelle precioso madeyro, no qual o Redemptor do mundo com sua morte matou o peccado, & nos livrou do cativeyro, & assim a preciosa Senhora foy a que primeiro adorou a Cruz." (MEDINA — Tratado, p. 332.)

Com justiça sobeja.
Toda me faz inveja,
E toda finalmente me suspende
Vendo-me, e nella vendo
Que louva o Creador, a quem offendo." [555]

Por isso, nesse *deserto* se agrava a sua confusão e a sua culpa, pois quando julgava encontrar sossego nesse isolamento, nessa fuga dos homens e do mundo, encontrou o desassossego de se encontrar consigo:

"Oh! quanto mais se aggrava
Aqui neste deserto
A triste confusão da culpa minha!
Pois quando imaginava
Tamanho desconcerto
Poder remediar, quamanho tinha;
Deste lugar me vinha
Huma doce lembrança,
Que me dava seguro
Deste meu peito duro,
Que como dantes inda aqui me cansa.
Que lugar, ou que parte
Acharei, que de mim mesmo me aparte!" [556]

E porque ele mesmo se transforma no seu próprio mal, no seu próprio inimigo, do qual não se consegue apartar ("Donde fui, andei e vim,/ Fui e vim e andei comigo,/ Comigo, de mim imigo,/ A mim sigo, a mim persigo,/ Por sêr imigo de mim." [557]), resta-lhe voltar-se para

---

555 CRUZ — *Obras*, p. 126.
556 *Ibidem*, p. 126.
557 *Ibidem*, p. 340.

o pai piedoso, em tudo liberal, que vestido da nossa humanidade, foi pregado num madeiro como manso cordeiro entre cruéis ladrões, e pedir-lhe graça, favor e ajuda:

"Mas pois que tal me sinto,
Que não sinto resguardo
Em mim para escapar do que mereço,
Que se prometto, minto;
E se não minto, tardo;
E tardando, de todo desfaleço.
A Vós, meu Senhor, peço
Graça, favor, ajuda,
No que tanto me vai;
Pois a folha, que cahe
No chão, da verde planta, não se muda
Sem vossa permissão,
Quanto mais hum pesado coração!

Como pai piedoso
Em tudo liberal,
Facil em perdoar, manso, benigno,
De mim tão vicioso,
Fero bruto animal,
De cada vez mais fero, e mais maligno,
De toda pena dino,
Vos mova á piedade
O muito que soffrestes
Vestido desta nossa humanidade,
Pregado num madeiro,
Antre lobos crueis manso cordeiro." [558]

Itinerário semelhante, testemunha a elegia VII. Numa evocação do percurso da sua vida:

---

[558] *Ibidem*, p. 127.

"Eu do Lima me vim pastar ao Tejo;
Depois detrás da Serra nas salgadas
Agoas, que para mim tão doces vejo." [559]

assinala a presença da natureza (águas e penedos) que o ajuda a chorar as culpas passadas e o provoca a criar remordimentos:

"Ajudam-me a chorar culpas passadas;
Das que se representam me defendem
Nas lapas, que por tempo tem lavradas.
.....
Provocam-me a criar remordimentos
A limpeza daquelas penedias,
Mais limpas do que são meus pensamentos.

Em quantas cousas mais por tantas vias
Acho tantos motivos de afrontar-me
Por ser saidos cá de entranhas frias?" [560]

Então, afrontado por todos os lados e consciente da sua indignidade, dirige-se a quem tudo pode, desejoso de se abrazar naquele suave e doce Amor que o remiu, e que ele revive na evocação da Paixão de Cristo:

"Pode quem tudo pode melhorar-me,
Tanto no que pretendo, inda que indigno,
Que sinta no amor seu todo abrazar-me.

Suave, doce meu amor divino,
Aqui donde vim ter, como sabeis,
Acabar suspirando determino.
.....

---

[559] IDEM — *Sonetos*, p. 181.
[560] *Ibidem*, p. 181-182.

Bem vos posso alegar merecimento
Da morte, e paixão vossa, antes da minha,
Da minha redenção, vosso tormento.

Inda vossa bondade me não tinha
Formado, Senhor meu, quando morrestes
Por me salvar na Cruz, que vos sustinha.

Ali, manso cordeiro, oferecestes
Nas mãos dos crueis lobos vossa vida,
Que tirada, tirar-lha não quisestes.

Abriram-vos no peito uma ferida;
Quatro nos pés e mãos, depois que estava
Vossa carne de açoutes já delida.

A piedade então donde morava
Aquela, que quebrou as pedras duras,
Que corações humanos não quebrava?

Eis o sol perde a luz, fica às escuras:
Rompe-se o véu do Templo, a terra treme;
Os mortos, vivos saem das sepulturas.

Quem não chora, meu Deos, suspira e geme!
Ó quem de pura dor não arrebenta!
Quem toma mais na mão remo, nem leme!" [561]

Outro testemunho e exemplar síntese do que temos vindo a expor é a elegia II, em que o sujeito poético, uma vez na Serra que descreve, se dirige ao mar e aos penedos, perguntando como, quando e por quem foram criados. Deles obtém uma resposta, sem segredo, dos mil segredos, uma resposta dita numa conversa muda que ensina mais do

---

[561] *Ibidem*, p. 182-183.

que as conversas que pretendem ensinar falando: assim também os seus argumentos nada valem, perante o silêncio iconográfico das coisas:

> "Se pelejo, se grito, se contendo
> Com armas, com razões, com argumentos,
> Elas só com calar ficam vencendo." [562]

Esse silencioso, mas expressivo ensinamento que, desde logo, põe em causa as palavras, instrumento tão caro a um poeta, é ferida que o expõe e o transporta para fora de si. Neste *ficar fora de si*, abre-se para o sujeito poético um momento especialíssimo, porque é ocasião em que se desdobra, se afasta e, afastando-se, ganha distância e capacidade para se olhar a si mesmo:

> "Ferido de tamanhos sentimentos
> Fico fora de mim, fico corrido
> De ver sobre que fiz meus fundamentos." [563]

É o momento de crise e de crescimento. O olhar sobre si é vertiginoso, pois onde se pode sustentar quem se põe fora de si? Não admira, por isso, que o deíctico "ali", em processo ao mesmo tempo de reiteração vocabular e de acumulação anafórica, surja nove vezes em três tercetos: é o desejo e a necessidade de achar um ponto fixo, um lugar onde se reencontre. Mesmo que o deíctico já não localize nenhum espaço, mas tão somente esse momento de encontro e desencontro, de lucidez e confusão:

---

[562] *Ibidem*, p. 161.
[563] *Ibidem*.

"Ali me chamo cego, ali perdido,
Ali por tantos nomes me nomeio,
Quantos por culpas tenho merecido.

Ali gemo, suspiro, ali pranteio;
Ali geme, suspira, ali prantea
O monte vão dos meus suspiros cheio.

Ali me faz pasmar, ali me enlea
Quanto colhendo estou da saudade,
Que por toda a serra se semea.

Ora me ponho a rir da vaidade,
Ora triste a chorar com quanto estudo
Erros solicitei da mocidade.

Tudo se muda enfim, muda-se tudo,
Tudo vejo mudar cada momento,
E eu de mal em pior também me mudo." [564]

Nessa descida abismal, em que a visão dos erros o parece enclausurar num caminho sem saída, onde o mal em pior se muda, constrói-se, entretanto, o tempo para um caminho novo, o tempo de se erguer:

"O livre passarinho, que voava
Cantando para o ceo, deixando a terra,
Da terra para o ceo me encaminhava." [565]

um caminho que começa pela confissão da culpa:

"Confesso minha culpa, bem conheço,
Que por mais graves males que padeça,
Menos padecerei do que mereço.

---

564 *Ibidem*, p. 162.
565 *Ibidem*, p. 163.

Mandais, Senhor, que busque, bata, e peça,
Eu busco, bato, e peço, a vós, Senhor,
Sem haver cousa em mim que vos mereça." [566]

um caminho que o conduz a um ponto firme, um lugar de acolhimento e repouso, de *quietação*: os braços abertos e o lado aberto de Cristo, por onde, uma vez fora de si, chegará ao centro de si próprio, como diz

---

[566] *Ibidem*, p. 164. (Cf. Mt 7, 7-8.) Este processo de acumulação (busque/bata/peça//busco/bato/peço) de verbos, adjectivos, substantivos, etc., como tentativa de esgotar a possibilidade do dizer até ao limite e sua superação, originando não só versos plurimembres como desenvolvendo a *derivatio*, é muito caro a Frei Agostinho: "Sinto, suspiro, rego, colho e planto"; "Não teme, não duvida, não receia"; "Que se temia dor, tormento ou pena"; "Casa, berço, lugar, nem cobertura"; "O nascer e morrer, o ressurgir"; "Doce, quieta, branda, livre, isenta"; "De que serve, que presta, que aproveita"; "Por obra, por palavra, ou pensamento"; "Coluna, espinhos, cruz, cravos e lança"; "Abre, apura, reforma, vence, apaga"; "abrira e abrazara/ E os derretera, unira e transformara"; "A principe real, claro, excelente"; "Noite, dia, manhã, tarde, sol-posto"; "Se pelejo, se grito, se contendo"; "Quão firme, quão quieto, e quão seguro"; "O que geme, suspira, grita e brada" (*Ibidem*, p. 56; 58; 60; 63; 71; 76; 91; 104; 133; 142; 146; 151; 158; 161; 163; 214); "Mas da fome, do frio, e da pobreza"; "Sem bolsa, sem surrão, e sem cajado"; "Que dôr, que sentimento, que tristeza"; "dá vida, e mata/ Cativa, desbarata, solta, e prende/ Amor livra, e defende, planta e rega"; "Amor he brando, e manso, piedoso,/ Suave, e saudoso, doce e puro,/ Forte, firme, e seguro, verdadeiro"; "Ora rosna, ora ladra, ora se invia"; "Cabras, pasto, pastor, cabana, e fato"; "Fome, sede, nem dôr, trabalho, ou pena" (IDEM — *Obras*, p. 24; 25; 28; 28; 29; 33; 40; 47); etc.

É, de resto, um processo comum nas obras de espiritualidade: "Não há no Céu nem na Terra coisa mais doce, mais forte, mais ampla, mais sublime, mais agradável, mais completa, nem melhor que o amor." (KEMPIS — *Imitação*, p. 77); "O amor é diligente, sincero, pio, alegre, agradável, forte, sofredor, fiel, prudente, constante, varonil, [...] é circunspecto, humilde, recto, [...] é temperado, casto, firme, quieto, vigilante [...]" (*Ibidem*, p. 78); "Escreve, lê, canta, geme, cala, ora e sofre [...]" (*Ibidem*, p. 132); "Adorote, alabote, glorificote, bendigote, y doyte gracias [Señor Iesu Christo...]" (BLOIS — Institucion, p. 470); "[... colgado en vna Cruz] desnudo, despreciado, llagado, y afligido [...]" (*Ibidem*); "[Dame] humildad, obediencia, mansedrumde, paciencia, y caridad [verdadera...]" (*Ibidem*, p. 471); "[Hazme interiormente] puro, simple, desnudo, y libre." (*Ibidem*, p. 472); "[...] assim me resigne, desfaça, negue, derreta e transforme em vós [...]" (ESCHIUS — *Exercicios*, p. 205); "Olha como ainda es soberdo, ambicioso, e irado; altivo, vanglorioso, invejoso, malicioso, regalado, mudavel, leviano, e sensual; amigo de tuas recreações, e conversações, rizos, e zombarias." (ALCÂNTARA — *Tratado*, p. 11.)

Finalmente, é um recurso frequente na poesia maneirista, como demonstrou Aguiar e Silva (Cf. SILVA — *Maneirismo*, p. 371-383).

Blois: "Meteme por tus sacratissimas llagas al desnudo centro de mi alma, y trasladame en ti Dios mio, y principio mio[...]" [567], e entrará no fogo do amor, numa saída de si, numa despossessão de si, que só poderá terminar no completo aniquilamento de si mesmo:

"Com os braços na Cruz, meu Redentor,
Abertos me esperais com lado aberto
Manifestos sinais do vosso amor. [568]

Ah quem chegasse um dia de mais perto
A ver com os olhos d'alma essa ferida,
Que esse coração mostra descoberto!

---

[567] BLOIS — Institucion, p. 471.

[568] No artigo *El tema de Jesús Crucificado en la obra de algunos escritores españoles de los siglos XVI y XVII*, Robert Ricard refere esta atenção de Frei Agostinho aos braços abertos de Cristo, abertos para receber, para acolher. (RICARD, Robert — El tema de Jesús Crucificado en la obra de algunos escritores españoles de los siglos XVI y XVII. In *Estudios de la literatura religiosa española*. Madrid: Editorial Gredos, 1964, p. 232-233).

Ao contrário dos outros autores estudados, não há, em Frei Agostinho, a referência à cabeça (inclinada para nos ouvir e nos beijar), às mãos (abertas para nos dar os seus bens), aos pés (fixos para nos esperar e nunca se separar de nós). As referências aos pés que aparecem na sua obra — e que, de qualquer modo, Ricard não mencionou — surgem em composições atribuídas a Martim de Crasto do Rio, no *Hymno á Cruz*: "Cos olhos em Jesus, que por levar-me,/ Espera tanto, ah! c'os pés detidos,/ Que só Iesu e a Cruz podem salvar-me!" (CRUZ — *Obras*, p. 281); e na elegia *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*: "Ah! Rei dos reis, Senhor sobre os senhores,/ Que até a Iudas cego, ingrato, imigo,/ Dás de perdão e amor tantos penhores!// Porque se o coração leva comsigo,/ Ao menos os pés fiquem damor prêsos,/ Mas a cobiça não quer Deos por amigo." (*Ibidem*, p. 283.) Em Frei Agostinho há a referência aos braços abertos e ao lado aberto, pelo qual Jesus nos recebe nas suas entranhas. O lado aberto é a porta para se penetrar no coração de Cristo, como escreve S. Boaventura: "Tandem accedendum est ad cor illud humillimum altissimi Iesu, per ianuam videlicet lateris lanceati; [...]" (BOAVENTURA, santo — Vitis, p. 507.)

Esta atenção aos vários membros do corpo de Cristo crucificado, comum nos autores espanhóis do século XVI e XVII é, como notou Ricard, no modo próprio de cada autor, "eco de uma longa tradição cristã, na qual [...] S. Bernardo e o Pseudo-Boaventura figuram, provavelmente, como elementos essenciais." (RICARD — El tema, p. 239.) E não só o pseudo-Boaventura, como S. Boaventura, ele mesmo, como reconhece Ricard. Na *Vitis mystica*, S. Boaventura escreve: "Talis ac tantus complexus tuos desiderat, talis

Esse, que por salvar gente perdida,
De tanta piedade quis usar,
Que deu nas suas mãos a propria vida.

A sangue nos quiseste resgatar
De tão cruel, tão duro cativeiro,
Vendido fostes vós, por nos comprar.

Padecestes por nós, manso Cordeiro,
Pisado, preso, e nu entre ladrões,
Ardeu o fogo posto no madeiro:
Arçam posto[s] no fogo os corações." [569]

Cristo, esse que em suas próprias mãos se entregou para salvar gente perdida, é a resposta para essa situação de aparente ausência de saídas, o ponto firme para quem, fora de si, necessita de abrigo, porque,

---

te, ut complectatur, exspectat; caput floridum, multis spinarum aculeis confixum ad te inclinat, ut ad pacis osculum te invitet, [...]" (BOAVENTURA, santo — Vitis, p. 507.) De resto, na segunda *adición* ao seu estudo, Ricard, seguindo uma indicação de Jean Orcibal, apresenta como ponto "de onde arranca este tópico", um excerto de um Solilóquio de S. Boaventura: "Revertere adhuc, o anima, Christus in cruce te exspectans habet caput inclinatum ad te deosculandam, habet brachia extensa ad te amplexandam, manus apertas ad remunerandum, corpus extensum ad se totum impendendum, pedes affixos ad commanendum, latus apertum ad te in illud intromittendam." (BONAVENTURA BALNEOREGIENSIS, santo — Soliloquia. In IDEM — *Opera omnia*. [S.l.]: Quaracchi, [1898], 8, p. 41. Apud RICARD — El tema, p. 244-245.)

Como contributo para um idêntico estudo, para a literatura portuguesa, deixamos transcrito um soneto que anda atribuído a Gregório de Matos. O soneto reúne todos os elementos: os braços abertos para receber, os pés pregados para não abandonar, a cabeça inclinada para chamar, o lado aberto para a união. Acrescenta os olhos abertos para perdoar e fechados para não condenar: "A vós correndo vou, braços sagrados,/ Nessa cruz sacrosanta descobertos,/ Que, para receber-me, estaes abertos,/ E, por não castigar-me, estaes cravados.// A vós, divinos olhos, eclypsados/ De tanto sangue e lagrimas abertos,/ Pois, para perdoar-me, estaes dispertos,/ E, por não condemnar-me, estaes fechados.// A vós, pregados pés, por não deixar-me,/ A vós, sangue vertido, para ungir-me,/ A vós, cabeça baixa, p'ra chamar-me.// A vós, lado patente, quero unir-me,/ A vós, cravos preciosos, quero atar-me,/ Para ficar unido, atado e firme." (MATOS, Gregório de — *Se souberas falar também falaras: Antologia poética*. [S.l.]: INCM, 1989, p. 42.)

[569] CRUZ — *Sonetos*, p. 164.

como diz o segundo verso do excerto citado, na sua palavra inicial e final, ele é o espaço *Abertos/aberto*, por isso, ilimitadamente libertador, superabundante no acolhimento, inultrapassável na acessibilidade.

E é deste fogo que ardeu posto no madeiro onde, agora, se apoia, que lhe vem uma nova sede.

Já no primeiro capítulo chamáramos a atenção para esta transformação da sede: já não o queima essa *secura sem causa* dos prados, dos bosques e dos rios, de que se queixava na elegia I. Porque, lavado e alimentado nas lágrimas, queima-o, agora, o fogo divino, e a sua sede é *sede amorosa*, como diz ao parafrasear o salmo 42, no qual o salmista se compara ao veado que anseia pelas correntes das águas:

Salmo 42

Quemadmodum desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus.

"Como a corça bramindo
por águas correntes,
assim minha alma está bramindo
por ti, ó meu Deus!

Sitivit anima mea ad Deum fortem, vivum; quando veniam, et apparebo ante faciem Dei?

Minha alma tem sede de Deus,
do Deus vivo;
quando voltarei a ver
a face de Deus?

Fuerunt mihi lacrymae meae panes die ac nocte, dum dicitur mihi quotidie: Ubi est Deus tuus?

Elegia XVIII

"Como o cervo cansado e ferido
Busca as fontes de agua deleitosa,
Remedio a seu animo afligido;

Assi a minha alma saudosa,
Dessa vossa divina fermosura,
Toda ardendo em sede amorosa;

Busca a vós, ó fonte de doçura,
Fonte viva, aonde achará
Remedio e toda sua fartura.

Ó Deos! quando aparecerá
Diante de vosso rosto divino?
Este ditoso dia quando virá?

Estas lagrimas minhas de contino,
São o meu pão de que eu me sustento,
À tarde e no tempo matutino.

As lágrimas são o meu pão
noite e dia
e todo o dia me perguntam:
"Onde está o teu Deus?"

As lagrimas são meu contentamento,
As lagrimas mitigam minha dor,
E fazem mais sofrivel meu tormento.

Já me consumira de tanto amor,
Quando todos me dizeis cada dia
— Aonde está teu Deos e teu Senhor?

Haec recordatus sum, et effudi in me animam meam, quoniam transibo in locum tabernaculi admirabilis, usque ad domum Dei, in voce exsultationis et confessionis, sonus epulantis.

Começo a recordar as coisas
e minha alma em mim se derrama:
quando eu passava, sob a Tenda do Poderoso,
em direcção à casa de Deus,
entre os gritos de alegria, a acção de graças
e o barulho da festa.

Tendo isto sempre na fantasia,
Derrama minha alma de pura vontade
Ante vós, Senhor, a quem tanto queria.

Quando passarei desta saudade
Ao tabernaculo maravilhoso,
Morada de vossa eternidade?

Onde tudo é suave e deleitoso,
Ó vozes d'alegria e [confiança],
Ó banquete eterno e glorioso!

Quare tristis es, anima mea? Et quare conturbas me?
Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi, salutare vultus mei, et Deus meus.

Por que te curvas, ó minha alma,
gemendo dentro de mim?
Espera em Deus, eu ainda o louvarei,
a salvação da minha face e meu Deus!

Pois alma minha, porque rezão
Andas triste e descontente,
Porque assi entregue à paixão?

Ainda que o teu mal seja presente,
Viva sempre a dor e a lembrança,
E o teu sono seja mui ausente.

Espera em Deos, tem nele confiança,
Põe nele teu desejo e teu amor,
E não será em vão tua esperança.

Porque ainda confessarei ao Senhor,
Que é ele minha gloria desejada,
O meu ultimo fim, meu Salvador.

Ad meipsum anima mea conturbata est: propterea memor ero tui de terra Iordanis, et Hermoniim a monte modico.

Minha alma de mim mesmo cansada,
Chora sua miseravel condição
Vendo-se de vós longe, desterrada.

Minha alma curva-se em mim,
e por isso eu me lembro de ti,
desde a terra do Jordão e do Hermon,
de ti, ó pequena montanha.

Mas desta terra do rio Jordão,
E deste Hermonio monte pequeno,
Levantarei a vós o coração.

Ainda que seja vil e terreno,
Todo cheio de baixas afeições,
Espera de se ver no Ceo sereno.

Abyssus abyssum invocat, in voce cataractarum tuarum;
Omnia excelsa tua, et fluctus tui super me transierunt.

Grita um abismo a outro abismo
com o fragor das tuas cascatas;
tuas vagas todas e tuas ondas
passaram sobre mim.

O abismo de minhas aflições,
Chama o abismo de vossa piedade,
Que vence as ondas das tentações.

Aqui em muito grande cantidade
Me cercam, como mar embravecido,
Mas sobre tudo é vossa bondade.

In die mandavit Dominus misericordiam suam, et nocte canticum eius,
Apud me oratio Deo vitae meae.

De dia Iahweh manda o seu amor,
e durante a noite
eu vou cantar uma prece
ao Deus da minha vida.

Não sois vós, Senhor, de mim esquecido,
Não tem esquecimento quem tem amor,
Ah! Deos! e sois de mim tão mal servido!

A misericordia mandais, Senhor,
De dia e noite em contemplação,
Cantar vossas maravilhas e louvor.

Assi a vós será minha oração,
A vós, a vós, ó Deos de minha vida,
Meu Redentor, e minha salvação.

Dicam Deo: Susceptor meus es; quare oblitus es mei? Et quare contristatus incedo, dum affligit me inimicus?

Vou dizer a Deus, meu rochedo:
por que me esqueces?
Por que devo andar pesaroso
pela opressão do inimigo?

Pois, Senhor, porque será tão esquecida
A minha alma de vós, que está chorando
Ver-se de seus imigos perseguida?

Dum confringuntur ossa mea, exprobraverunt mihi, qui tribulant me inimici mei,
Dum dicunt mihi per singulos dies: Ubi est Deus tuus?

Esmigalhando-me os ossos
meus opressores me insultam,
repetindo todo o dia:
"Onde está o teu Deus?"

Olhai, meu Jesus, se vão gastando
Meus ossos e se consumem com dor,
E meus imigos estão triunfando.

Dizendo: — onde está o teu Senhor,
E o teu Deos por que suspiras,
A quem amas com tão firme amor?

Quare tristis es, anima mea? Et quare conturbas me?
Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi, salutare vultus mei, et Deus meus.

Por que te curvas, ó minha alma,
gemendo dentro de mim?
Espera em Deus, eu ainda o louvarei,
a salvação da minha face e meu Deus!"

Ó alma, porque me dás tu tormento,
Espera e terá o teu mal cura,
Espera e verás teu contentamento.

Espera e verás sua fermosura,
Verás sua eterna majestade,
Verás a sua divindade pura,
E assim fartarás tua vontade." [570]

Em *sede amorosa*, o poeta vive o tempo da saudade, esperando a passagem "ao Tabernáculo maravilhoso/ Morada da vossa eternidade// Onde tudo é suave e deleitoso." E enquanto vive nesse tempo de saudade "assi a vós será minha oração", isto é, será cântico de misericórdia e de louvor, ou, como dizíamos ao terminar o segundo capítulo, de contrição e de júbilo, pois o "Deus da minha vida" é "meu Redentor, e minha salvação".

Ora, nesta contrição e neste júbilo, que a natureza patrocina, é, como vimos, à meditação da Paixão que cabe o papel fundamental. Ela

---

[570] *Ibidem*, p. 211-224. Apresentamos, na coluna da esquerda, o texto latino da Vulgata, logo seguido do texto hebraico, segundo a tradução proposta pela *Bíblia de Jerusalém*.

é que é a base, o alicerce do itinerário que começou no modo mais rudimentar da oração mental — o modo da meditação, onde a natureza é concretização das perfeições e benefícios divinos — e o instrumento mais importante, indispensável até, para que se alcance um modo de oração mais perfeito.

De como essa *sede amorosa*, em Frei Agostinho, se tornou vivo desejo de contemplação e necessidade ardente de encontrar um canto capaz de dizer a força e a novidade do Amor contemplado, foi o que tentámos demonstrar no ponto anterior.

No desejo da contemplação ou na contemplação do desejado, aí e assim se completa o percurso do eremita e poeta arrábido, um itinerário que começou no modo mais rudimentar da oração mental, o modo da meditação. Nesse e para esse primeiro grau do orar, Agostinho teve a companhia e a ajuda da natureza, manifestação e concretização das perfeições e benefícios divinos, os quais, tal como a vida e Paixão de Cristo, deveriam ser meditados tendo em vista a passagem a um modo de oração mais elevado. Meditando nas perfeições e benefícos divinos, que ele encontrou revelados e actualizados na natureza que o rodeava, Frei Agostinho foi conduzido à meditação principal, isto é — e como ensinavam os tratados que versavam sobre os modos de orar —, à meditação da Paixão de Cristo.

Quando dissemos que à Paixão coube o papel fundamental, quisemos não só dizer que lhe coube o papel principal, mas sobretudo, como agora mais facilmente se pode entender, que a Paixão foi o *fundamento* (o termo e a ideia são, de resto, do prórpio poeta) sobre

o qual o frade arrábido construiu todo o seu itinerário. Pois, se não fora essa lembrança — diz ele — se não fora essa contemplação da "Coluna, espinhos, cruz, cravos e lança", a contemplação dos braços e do lado abertos de Cristo, "Manifestos sinais do [seu] amor", o que fora de si? É que nessa contemplação do amor meditado e experimentado na memória revivida dos passos e instrumentos da Paixão, o poeta sente e representa o drama do pecado e da graça, transformando a sua vida e o seu canto em acto ao mesmo tempo de contrição pelo pecado que crucificou e crucifica Jesus Cristo, e de júbilo pelo Amor que, nos braços estendidos e no lado aberto, o acolhe na graça e no perdão.

Necessariamente expressão e parte dessa contrição e desse júbilo, são o desejo e o percurso de conformação com o Crucificado, um desejo purificado e renovado nas lágrimas, um percurso feito na nudez e no aniquilamento.

Desnudando-se, aniquilando-se, para se enterrar vivo com Cristo, para se sepultar no seu corpo, morrendo na sua morte para viver na sua ressurreição, Agostinho maravilha-se com a nudez de Cristo vestindo, na cruz por excelência, a carne humana. Aquele que sendo Deus é verdadeiro homem, homem até à morte e na morte da cruz, é Aquele que é o único e excelente mediador entre o céu e a terra, entre o homem e Deus.

E é por isso que, também para ele, só o lado de Cristo é a porta, porque só metido no lado aberto alcança o fogo daquele Amor onde *se repousa ardendo*.

CONCLUSÃO

DA PENITÊNCIA À GRAÇA

Na vida de Cristo "tudo tem muito em si que contemplar", mas sobretudo a "afligida paixão de Deos eterno" que se há-de trazer "sempre esculpida na memoria", para se "gozar da gloria" e se "fugir aos abismos do inferno". Para se viver descansado, deve-se viver sempre trespassado "da lança, cravos, Cruz, ou da Coroa/ D'espinhos", tendo sempre a Paixão do Senhor na lembrança, o Cristo atado à coluna, o Cristo açoitado, o Cristo coroado de espinhos, o Cristo trespassado pela lança, o Cristo na Cruz, essa lembrança que, na fraqueza humana, muitas vezes "a memoria me leva derramada".

No seguimento da espiritualidade franciscana e da devoção à Humanidade e Paixão de Cristo que a Idade Média divulgou e que o século XVI, no seu processo de reforma católica e contra-reformista, tanto acarinhou e cultivou, Frei Agostinho coloca no centro da sua vida ascética a evocação da Paixão do Senhor. Mas na sua meditação, ou na evocação dos instrumentos ligados à Paixão de Cristo, o que mais o impressiona e o que mais o abre a uma atitude de penitência e de louvor é, não tanto o sofrimento que essa meditação lhe recorda, mas

o amor de Deus pelos homens que os momentos e os intrumentos da Paixão lhe manifestam. Eles são "manifestos sinais do [seu] amor", que o levam à contrição e ao júbilo, ao desejo de responder com entrega total a quem todo se dá. Por isso, contempla a cruz, desprezando o mundo e desprezando-se, desejoso de imitar essa nudez e esse aniquilamento, certo de que só pregado com Cristo, só metido no seu lado aberto, *porta* que o introduz no seu sacrifício e no seu triunfo, se aquietará no fogo desse amor que só repousa ardendo.

Fazendo guerra consigo e com a sua natureza, traz o pensamento atado à coluna e preso à cruz, sempre *alembrado* da acção redentora de Deus, em Cristo, a solicitar a reacção amorosa do homem, trazendo-o cativo na verdadeira liberdade que é a daqueles que se prendem e acendem da saudade de Deus. E então, pode ser que, suspendendo quanto pode alcançar, não podendo nem sabendo por seus próprios meios passar adiante, o sentimento o faça elevar-se, por graça divina, a um doce apartamento de si, à contemplação onde tudo é o que o divino amor quiser que seja, amor que não se vê, sendo luz clara, e que ele cantara se para tal lhe fora dado, como língua, um raio ardente que abrasara, unira e transformara, numa performatividade sonhada, onde a palavra que diz e o amor que é dito seriam uma e mesma coisa.

Neste elevar-se a um grau mais elevado de oração e de união, também para Frei Agostinho a meditação da Paixão parece ser uma modo de oração a superar, segundo os ensinamentos, antes de mais, dos seus irmãos de hábito, e de outros autores que tivemos oportunidade de referir. Não que Frei Agostinho se preocupe, na sua poesia, em esclarecer esta questão. Se o adivinhamos é, sobretudo, pela comparação

dos seus versos com os ensinamentos que Frei Afonso de Medina compendiou no seu *Tratado da Oração Mental*, um livro que o poeta arrábido, pelas correspondências que apontámos, certamente conheceu e usou. Aliás, um caso raro na poesia de Frei Agostinho, onde escasseiam referências explícitas ou implícitas a leituras e fontes. Aparentemente, Frei Agostinho não é mais do que um vulgarizador, um poeta que, mesmo nas sua referências a esse grau da contemplação que "he estar em Deos por sentimento", não parece ir além da piedade *comum*, e que apresenta dificuldades (outros diriam recusa) em utilizar e integrar a riqueza de uma tradição na singularidade da sua experiência. Por isso mesmo, surpreende como é que, sabendo nós o que, apesar de tudo, sabemos hoje sobre a autoria de alguns poemas, puderam andar confundidas com os versos de Frei Agostinho composições como a *Canção a Nossa Senhora*, *Hymno á Cruz* [571], a elegia *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*, (ou os *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora* e as oitavas *Beati qui lugent*, acrescentamos nós), hoje atribuídas a Martim de Crasto do Rio.

O tímido ou inexistente uso que o poeta capucho faz (ou não faz) de conceitos, expressões, imagens, referências bíblicas, etc., que com certa facilidade encontramos em poetas seus contemporâneos, ou em

---

[571] Luís de Sá Fardilha, numa nota ao seu artigo *Natureza e retórica* (Cf. FARDILHA — Natureza, 131), continua a apresentar este hino como sendo de Frei Agostinho. Certamente por distração, pois atribui a Agostinho não só composições que os estudos de Aguiar e Silva e António Gil Rafael retiram das obras de Frei Agostinho da Cruz, atribuindo-as a Martim de Castro do Rio: sonetos X "À mesma [À Cruz]", p. 7; soneto XLVI "À Cruz", p. 198 (Fardilha cita pela edição de Mendes dos Remédios), como também lhe atribui a elegia "A Jesus na Cruz", p. 308-311, que, como o próprio Mendes dos Remédios informa em nota, é da autoria do seu irmão Diogo Bernardes: Cf. REMÉDIOS — *Obras*, p. 441.

tratados como o de Medina que vulgarizavam formas e conteúdos, deve-se, em nosso entender, a um modo próprio que Frei Agostinho encontrou para exercer a sua *docência da cruz*, uma razão diferente da tese segundo a qual a "simplicidade de construção literária que a poesia do arrábido patenteia" [572] e a "quase completa ausência de referências eruditas que não sejam de origem bíblica" [573] seriam um acto deliberado "em favor de uma anti-retórica *natural* que se aproximaria mais da matriz do discurso bíblico" [574]. Tal perspectiva exige um acto de fé de que não nos julgamos capazes e ergueria Frei Agostinho como caso raro, senão único. Pois não é verdade que Frei Heitor Pinto, cujas posições supostamente "os tercetos do arrábido lembram" [575], não é aquele de quem já foi dito ostentar na sua *Imagem da vida cristã* uma "apavorante erudição" [576]?! E o autor que diz: "Antes quero sentir a compunção do que saber defini-la" [577] deixa, por acaso, de fazê-lo? E Agostinho que informa que deixou de cantar e desvaloriza o canto, deixou de cantar para o dizer? Os exemplos podiam multiplicar-se.

De resto, é dentro desse *modo próprio* que enquadramos essas queixas de Limabeu (e seus companheiros) que, como pensamos ter demonstrado, falam mais das mudanças da serra e da *dor desencontro*, do que dos *motivos da conversão* do poeta. E mesmo podendo tratar-se de uma "questão baixa", como a dada altura lhes chama Míncio, o

---

572 FARDILHA — Natureza, 130.
573 *Ibidem*.
574 *Ibidem*, p. 129.
575 *Ibidem*.
576 RAMOS, Feliciano — Meditações históricas: As tendências mentais de Fr. Heitor Pinto. *Labor*. Porto (1940) 28. Apud CARVALHO — A «Ars orandi», 295.
577 KEMPIS — *Imitação*, p. 9.

poeta não se coíbe de insistir nelas, porque, e de novo é Míncio que o explica, é necessário que sejam "professores da Cruz". Numa época em que a escola carmelita aprendia com Santa Teresa e S. João da Cruz a tirar as suas lições doutrinais da própria experiência, em que a Companhia de Jesus e os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio alcançavam a importância que se conhece, em que, em espírito contra-reformista, se fazia a revalorização da ascese e das obras, por oposição aos princípios reformistas e ao perigo do espiritualismo — enquadrada na valorização dessa longa tradição que conhecera o seu impulso decisivo na Idade Média, da devoção à humanidade de Cristo e, dentro desta, muito especialmente à Paixão — num ambiente com estes contornos, não admira que essa *docência* se houvesse de realizar através da própria vida, e em éclogas que são verdadeira história de conversões. E com as abundantes referências das personagens e sujeitos poéticos às perseguições, à ingratidão, às injustiças de que eram ou foram vítimas? Também, pois não dissera Frei Agostinho a dona Branca que nunca lhe faltaria a voz para cantar a falsidade do mundo? Não era ele, à maneira do profetismo bíblico, de Job, e segundo a imitação de Cristo, chamado a testemunhar, a partir da sua própria vida, a *verdade que escrevia brevemente nos seus versos*, e, desde logo, sendo e expondo-se como vítima — mas vitorioso — sobre esse mundo a ser desprezado? Essas queixas contra o *mundo* que, como lembrámos, não só é o *mundo* que ele deixou ao fazer-se capucho, mas também o *mundo* que, ao longo da sua vida de arrábido e caminho de conversão, era constantemente chamado a abandonar, essas queixas que estão um pouco na boca de todas as personagens das éclogas, que aparecem em elegias e sonetos antecedendo o

desejo e decisão de se afastar do povoado e do contacto humano, são a prova e aviso da iniquidade do mundo e dos homens, ou da sua fragilidade e vanidade, para o que não resta senão o desengano e a fuga desse "fugitivo mundo" para, isolado e não fugindo, repousar na firmeza do único amor que não trai: o amor de Deus. As queixas e lamentos, convertidos em fórmulas genéricas de desprezo do mundo e desengano, e em exemplos edificantes desses que souberam desenganar-se e trocar o *povoado* pelo *deserto*, advertem e exortam tanto quanto as exclamações e suspiros em que se transformam aqueles que se acenderam na suavidade e doçura do amor divino. Fazem parte dessa história de conversões e convertidos que *amostram* com factos o que dizem, ao mesmo tempo que acentuam, por contraste, o acerto da escolha daqueles que se converteram.

E qual o papel da natureza neste desengano e caminho de conversão? Em nossa opinião, um papel mais e menos significativo do que aquele que lhe tem sido atribuído. Frei Agostinho foi muito menos e muito mais do que "o lírico inspirado pela Musa Arrábida" [578] e o seu itinerário não é exactamente esse percurso: da *contemplação da Natureza* à *contemplação de Deus*. Da Natureza muda que ouve e da Natureza muda que lhe fala do Criador, da Natureza manifestação concreta, viva e sempre presente das perfeições e benefícios divinos, ocasião para a meditação dessas perfeições e benefícios que se propõe

---

[578] TAVARES — O 4.º centenário, 2. "Frei Agostinho da Cruz foi o cantor glorioso da Serra da Arrábida, foi um dos maiores, senão o Maior lírico quinhentista; os seus versos são de ouro, a sua fé tem a pureza do cristal, a sua bondade quási atinge a santidade. Amemo-lo, cantemo-lo, exaltemo-lo." FERREIRA — É preciso, (7 Mar. 1940) 6.

para o primeiro modo de oração, o poeta há-de ainda, e obrigatoriamente — porque "querer ir lá por outro é desatino" — passar pelo único caminho, pela única mediação, a de Jesus Cristo, e de Cristo Crucificado, num itinerário que poderíamos esquematizar:

- Da Natureza (Serra cercada de mar, espaço todo ele revelação do Criador, porque espaço de manifestação da beleza divina — Serra — e da graça — mar),
- ao Criador e a si,
- da sua fragilidade e pecado ao Redentor,
- e de Cristo, pelo seu lado aberto, ao repouso no amor divino, ou ao desejo de ser desfeito no fogo de Deus.

Claro que um esquema como este traz tanto de luz quanto de empobrecimento e diz pouco da complexidade de um itinerário que nunca é linear, nem fixo, mas que acontece no encontro da liberdade de Deus e do homem, nos limites da natureza e no infinito da graça, e em diferentes tempos e contextos. Tem, no entanto, a vantagem de, na esquematização, dar conta do que é estruturante no seu itinerário para Deus, e de como mesmo a natureza é, em Frei Agostinho, ocasião para o encontro com o Crucificado.

Por outro lado, também não explica, mas assinala, como é que justamente um elemento da natureza — o mar, essas "salgadas/ Agoas, que para mim tão doces vejo" — traduz o especial significado que a experiência da graça adquire nos seus versos: o mar é símbolo da graça, do próprio Cristo e de Deus. Porque o mar é o amigo que ele encontra

na "terra alheia" (e que terra, neste mundo, não era estrangeira, ou *degredo*, ou *cativeiro*, para aquele que de "terra em terra alheia" foi conduzido pelas saudades, até se transformar em saudades de Deus?); o mar é o sinal da graça porque tudo lhe dá, é sinal do lado de Cristo, porque nele entra, de noite e de dia, o pescador descalço e despido para melhor segurar a pescaria, e é sinal de Deus onde o poeta ancora a sua confiança, como mostra o soneto que o manuscrito BGUC 1237 intitula "À sua inalteravel confiança em Deos".

É esta inalterável confiança em Deus, de quem faz a experiência do perdão e da graça na contemplação dos sinais de amor que são a Paixão e os seus instrumentos, a marca mais permanente e mais funda dos seus versos. Frei Agostinho vai além desse "poeta da penitencia [onde] cada strophe é um gemido de mortificação" [579], tem uma alma mais larga e luminosa do que essa alma "torturada,/ interrogante, trágica" [580], e a sua poesia não é exactamente esse "doloroso canto de agonia, que só na morte se aquietará." [581] Diferente foi já a percepção de Aguiar e Silva quando escreveu que Frei Agostinho "medita com magoada serenidade sobre os erros e culpas do passado, na atitude de quem já reencontrou o caminho" [582]. E porque encontrou o caminho, Frei Agostinho é penitente na medida da sua conversão, ou seja, na medida da sua descoberta e da sua exaltação do amor de Deus que o salva na morte redentora de Cristo. É essa a sua grande descoberta, a descoberta

---

579 BRAGA — Poesia, p. 642.
580 GAMA, Sebastião da — *Campo aberto*. Lisboa: Edições Ática, p. 65.
581 BELCHIOR — *Poesia*, p. 70.
582 SILVA — *Maneirismo*, p. 316.

de Deus no rosto humano de Cristo, sofredor e desfigurado, um Deus que na incarnação "Vestir-se vem da nossa humanidade,/ E dando-nos a sua divindade,/ Em nós fica, e nós nele eternamente!" [583], um Deus "que da carne nossa foi vestido,/ Por vestir de si mesmo a criatura,// Por cujo amor morreu na cruz despido,/ Vestindo-nos da sua fermosura,/ Sem despir nosso e seu roto vestido" [584], e um Deus que, ainda na subida ao Céu, foi vestido da nossa humanidade, repartindo livremente connosco tudo quanto nela mereceu: "A nossa humanidade, que vestistes,/ Vestida para o ceo levar quisestes;/ E tudo quanto nela merecestes,/ Connosco livremente repartistes." [585]

A sua poesia é, pois, como já outros tinham dito, cristocêntrica e de um cristocentrismo profundamente enraizado na contemplação da humanidade e Paixão de Jesus, pois "se não fora essa lembrança" que seria dele posto "fora de si"? É que, e para usar uma imagem de Frei Agostinho na paráfrase ao salmo 42, e tão cara a místicos como Tauler [586], o abismo das aflições do homem só se vence no abismo da piedade de Deus. "Fora de si", em labirinto e deserto, o lugar onde se sustenta é a Cruz de Cristo; o lugar onde repousa e se aquieta, o seu lado aberto.

A sua penitência diz mais do amor do que da "agonia". A sua "agonia" diz mais da graça do que da penitência. À maneira das suas éclogas, a sua poesia é a história de uma conversão, a narração de uma

---

583 CRUZ — *Sonetos*, p. 90.

584 *Ibidem*, p. 102.

585 *Ibidem*, p. 71.

586 Cf. GNÄDINGER, Louise — Tauler, Jean. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1991, vol. 15, p. 61-71.

aprendizagem, a convição de um testemunho, um exemplo que ensina. E é por isso que dos seus versos, mais do que a penitência, retemos a descoberta maravilhada do Amor e esse "não duvido" confiante de quem, como ele escreveu de S. João Evangelista, "A dormir se lançou no fogo puro,/ Ardendo repousou no meio dele,/ Como quem tudo o mais tinha seguro." [587]

---

[587] CRUZ — *Sonetos*, p. 52.

APÊNDICE I

Os *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora* e as oitavas *Beati qui lugent* só muito improvavelmente serão de Frei Agostinho. Em nossso entender, estes poemas podem ser atribuídos ao mesmo autor das composições *Canção a Nossa Senhora*, *Hymno á Cruz*, elegia *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*, *Chansonetas ao Nascimento de Nosso Senhor*, isto é — e segundo as conclusões do estudo de Vítor Manuel Aguiar e Silva — a Martim de Crasto do Rio. [588]

As razões que apresentaremos prendem-se não com a análise dos manuscritos que, como dissemos na introdução, não efectuámos, mas com aspectos de forma e conteúdo. Ainda antes de as expormos, porém, e como pontos prévios, lembramos que:

a) As éclogas, elegias, odes e cartas, composições que não têm levantado, nem parecem susceptíveis de levantar, dúvidas quanto à sua autoria [589], constituem mais de metade dos versos (conhecidos) com-

---

[588] A partir daqui poderemos designar abreviadamente: *Tercetos* (Tercetos à Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora); *Oitavas* (Beati qui lugent); *Canção* (Canção a Nossa Senhora); *Hino* (Hymno á Cruz); e *Elegia* (Á Quinta-feira da Cea do Senhor).

[589] Eventualmente poder-se-ia admitir alguma suspeita em relação à paráfrase do salmo 42, feita pela elegia XVIII, uma vez que não é muito frequente em Frei Agostinho

postos pelo arrábido. De resto, no seu conjunto, é notória uma unidade de temas, motivos, conceitos, linguagem, ambiente e itinerário.

b) Dentro deste conjunto podem, sem dificuldade, ser incluídos os sonetos que pertencem ao manuscrito 7691 BNL FG (são os sonetos que constituem o ponto 1, da parte II, da edição de António Gil Rafael[590]). O manuscrito é do século XVII e tem especial importância para o estabelecimento crítico do texto e da obra de Frei Agostinho, uma vez que, como refere Aguiar e Silva, é "uma cópia de obras poéticas [cento e vinte e oito composições, ao todo] de Frei Agostinho da Cruz, sem intromissão de obras de outra autoria" [591] — exceptuados os quatro sonetos que Aguiar e Silva atribui a Martim de Crasto do Rio (três), e um a Fernão Rodrigues Lobo Soropita. É sobre sonetos que não se encontram neste manuscrito (ponto dois, parte II, da edição de António Gil Rafael [592]) que recaem as nossas suspeitas quanto à atribuição de autoria, dúvidas que deixaremos expressas e, tanto quanto possível, fundamentadas.

c) Não ignoramos que "no campo da literatura ascético-mística, as influências e as coincidências entrecruzam-se como fios que entretecessem um delicado e matizado tecido." [593] Nem o que existe de partilhado e de comum entre diferentes poetas, nas composições em

---

a citação dos salmos, ao mesmo tempo que é o único exemplo (conhecido) na poesia do poeta que retoma e continua a longa tradição das paráfrases de salmos. Um critério, como se constata, muito insuficiente.

590 Cf. CRUZ — *Sonetos*, p. 45-110.

591 SILVA — *Maneirismo*, p. 68.

592 Cf. CRUZ — *Sonetos*, p. 113-151.

593 BELCHIOR — Poesia, p. 51.

que cantam *a lo divino*.[594] Mas também não desprezamos a distância que existe entre uma escrita que se situa, predominantemente, na memória e exposição de uma experiência singular/universal de vida e conversão, e uma escrita que, mais do que partir de uma experiência pessoal, se enraíza no domínio da linguagem e imagística de uma tradição, por isso, uma escrita muito mais impessoal. Ora, é justamente esta escrita que encontramos nas composições de Martim de Crasto do Rio e naquelas que, segundo cremos, lhe podem ser atribuídas.

d) Nos ditos sonetos ausentes do manuscrito 7691 BNL FG, apresentados por Gil Rafael como de "atribuição segura a Frei Agostinho da Cruz"[595] (uma segurança que aqui questionamos), estão, de facto, alguns composições de autoria indiscutível, como os dois sonetos que aparecem a abrir a primeira edição do *Tratado dos Passsos que se andão na Quaresma*, os dois que servem de proémio aos *Motivos espirtituais*, e o soneto composto *Ao seu irmão Diogo Bernardes*, por ocasião da edição d'*O Lima*, acompanhando a publicação.

Entre os restantes sonetos, destacámos, para já, a presença dos sonetos II a XVII, paráfrases ou glosas de orações litúrgicas e não litúrgicas, para recordar que, pela sua natureza — tal como acontece na elegia que parafraseia o salmo 42 — encontramos nesses versos uma linguagem não vulgar na obra de Frei Agostinho, ou que só se

---

[594] Bastaria comparar a *Canção a Nossa Senhora* com a canção *A nossa Senhora* de Sá de Miranda (Cf. MIRANDA, Sá de — *Poesias*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. [S.l.]: INCM, imp. 1989, p. 87-92. Reprodução em fac-símile da edição de Halle: Max Niemeyer, 1885), em que este segue a canção VIII de Petrarca *Vergine bella, che di sol vestita*. (Cf. PETRARCA, Francesco — *Le rime di Francesco Petrarca e la vita scritta da lui medesimo*. Firenze: Adriano Salani, 1892, p. 261-264.)

[595] CRUZ — *Sonetos*, p. 111.

repete, em alguns termos e imagens, nos poemas épico-hagiográficos *Martyrio, e vida de Santa Catharina* [596] e *Vida e morte de S. Eustachio, mulher e filhos* [597], composições que terão sempre um valor relativo na avaliação da linguagem do poeta, uma vez que, como demonstrou Mário Martins, repetem, em verso, as narrativas e relatos hagiográficos existentes [598]. O mesmo se diga *mutatis mutandis*, para as oitavas *Visão de Santa Brigida* [599].

f) Claro que se pode perguntar: se Frei Agostinho, nestas paráfrases e versificação de narrações hagiográficas, se mostra capaz de lidar com a carga doutrinal e formal elaborada pela tradição, porque não admitir como suas as composições onde essa tradição (de modo sistemático e não relativamente esporádico) é recapitulada? Mas as diferenças, mesmo sem a leitura dos textos, são fáceis de se adivinhar: uma situação é partir de textos pré-existentes, outra elaborar um texto sem ter, por detrás, elaborações anteriores, ainda que contando com material herdado, símbolos, imagens, ligação de temas a referências bíblicas, fórmulas etc. Por outro lado, as orações e relatos hagiográficos fazem parte do dia a dia de qualquer crente da época, e muito mais do quotidiano de um frade capucho, enquanto que uma preparação teológica, conforme parecem pressupor composições como os *Tercetos*, por exemplo, não é a normal preparação de todos os crentes, nem da maioria, nem mesmo a preparação de todos os frades ou de um

---

[596] Cf. IDEM — *Obras*, p. 137-151.

[597] Cf. *Ibidem*, p. 253-264.

[598] Cf. MARTINS, Mário — Frei Agostinho da Cruz e a lenda Oriental de Santo Eustáquio. *Brotéria*. 117 (1983) 149-158.

[599] Cf. CRUZ — *Obras*, p. 265-268.

arrábido como era Frei Agostinho. Frei António da Piedade, ao longo da *Crónica*, vai dando notícia daqueles que estudaram a Sagrada Teologia, os Sagrados Cânones, os que eram Doutores em Mística. De Frei Agostinho nada diz, e a não erudição e simplicidade que lhe têm apontado podem bem iluminar e/ou ser iluminadas por essa ausência. Já tivemos oportunidade de nos mostrarmos descrentes dessa discrição de uma pobreza franciscana vivida até ao fim, isto é, até a uma *escrita pobre*, humilde, pelo apagamento dos traços da erudição. Lembre-se, por exemplo, que Frei Agostinho não se coíbe de citar, no original, versos de Petrarca, nem deixa de fazer referências, por mais que isso possa ser uma recorrência na poesia do seu tempo, a Eneias que "de Cartago se partio/ deixando a triste Dido" [600], a Teseu, aos filhos de Medeia, a Progne [601], a Marfida e Trezana (ou Trezena) [602], ao *Lethêo* [603], aos Alciões [604], a Galeno [605], ao "carro dourado" governado pelo "filho de Latona o mais formoso" [606], ou ao filho do *filho de Latona*, Faeton, que já governava "o carro de seu pai" [607].

g) Porque as dúvidas que deixamos expostas sobre alguns sonetos dependem, em boa parte, da demonstração da legitimidade com que questionamos a autoria de Frei Agostinho atribuída ao *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora* e às

---

600 IDEM — Apêndice, p. 518.
601 Cf. *Ibidem*.
602 Cf. IDEM — *Obras*, p. 61
603 Cf. *Ibidem*, p. 71.
604 Cf. *Ibidem*, p. 73.
605 Cf. *Ibidem*, p. 320.
606 *Ibidem*, p. 27.
607 *Ibidem*, p. 120.

oitavas *Beati qui lugent*, o ponto de partida das nossas observações será sempre a comparação entre estas duas composições e os poemas atribuídos a Martim de Crasto do Rio, acima mencionados, uma comparação a que será contraposta a obra de Frei Agostinho da Cruz.

1. Em 9 de Julho de 1568, com a Constituição *Quod a nobis postulat*, o papa Pio V promulgava um novo breviário: "Neste novo breviário a festa da Conceição figurava no calendário e no Próprio dos Santos sem a oitava e com o Ofício da Natividade adaptado, como outrora, à Conceição, pela substituição de uma palavra pela outra." [608] A este acontecimento se parecem referir os *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora*, nas estrofes em que se informa que:

> "Isto [a Imaculada Conceição de Nossa Senhora]
> confirma e testemunha agora
> A Igreja universal e o Pastor della,
> Vigario do Senhor, que o mundo adora.
>
> Pois entre as festas, que celebra nella
> Quis, que a da Conceição tivesse dia
> Particular, e dedicado a Ella." [609]

A ser assim, este poema teria sido escrito em 1568, ou pouco depois disso. Portanto, numa altura em que Frei Agostinho tinha sete anos de Hábito (entrara para a Ordem em 1560, e tomara Hábito um

---

[608] LE BACHELET, X.; JUGIE, M. — Immaculée Conception. In *DTC*. Paris: Letouzey et Ané, [s.d.], vol. 9, p. 1170.

[609] CRUZ — *Obras*, p. 245.

ano depois), e vinte e oito anos de idade. Claro que não é de modo algum impossível que com essa idade e essa experiência de vida religiosa se escrevesse um poema como os *Tercetos*, com a competência teológica que eles manifestam, com a habilidade e facilidade demonstrada na utilização de fundamentos bíblicos como suporte do louvor e defesa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, ou ainda com as menções à opinião de autoridades como Santo Anselmo, São Bernardo e Dionísio Cartuxo. Mas já é mais difícil compreender como é que, escrevendo-se deste modo aos vinte oito anos de idade, se muda completamente (e deliberadamente, defenderiam alguns), não só o tipo de escrita, como, de certo modo, de sensibilidade, ou como é que se oculta a preparação teológica, ou se esquece e abandona, por uma espécie de desaprendizagem súbita, determinado tipo de vocabulário, fórmulas, conceitos e imagens.

2. Na *Canção a Nossa Senhora*, de Martim de Crasto do Rio, o sujeito lírico manifesta na primeira, segunda e sétima estrofes, num total de dez, a sua incapacidade, que é incapacidade humana, para cantar o louvor que é devido à Virgem, reconhecendo que sem um *favor soberano* todo o desejo de louvar se torna apenas ofensa. Por isso, como dizer o que na alma se sente? Àquele que ama, porém, (eis um motivo que se repetirá) não são necessárias as palavras e basta o amor que chama mais eficazmente por Nossa Senhora do que a voz humana. Além disso, como poderia o *engenho pobre e rudo* do eu poético tratar de quem é tudo, sendo que ele é nada?! Então, é *dentro*

n'alma que diz em *espanto mudo* que Nossa Senhora é mais que santa, mas não deusa, que a tal não se atreve — nem lho permite a ortodoxia de doutrina. (*Sublinharemos a negrito todos os termos, com os seus correlatos, flexão e derivação, que se repetem ao longo dos excertos citados neste ponto*):

> "Que **estylo** ou suavidade
> De prosa, ou **verso humano**,
> Sem **favor soberano**,
> Te quererá **louvar**, que não te offenda?
> .....
> Ah! quem dizer **soubera** o que a **alma** sente!
> Mas se não **falar**, baste-me que **amo**,
> E mais efficazmente,
> Com **amor**, que com **vozes**, por ti chamo!
> .....
> Meter numa gotta o mar,
> Pesar o **fogo** e o ar,
> É menos que o meu pobre **engenho** e **rudo**,
> Sendo **nada** tratar de quem é **tudo**,
> Só digo **dentro n'alma**, que te devo,
> Por têr-me o **espanto mudo**,
> Que és mais que **santa**, e deosa não me **atrevo**." [610]

Esta incapacidade humana para cantar as maravilhas do divino aparece também confessada na elegia *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*.

Nenhuma língua, saber, estilo ou arte pode abarcar a grandeza divina. Por isso, é mudo que o sujeito poético se entrega à aprendi-

---

[610] *Ibidem*, p. 273-274; 275-276.

zagem de um saber louvar que só se alcança com o amar e ser amado por Cristo, pois apenas o amor entende:

"Que **lingua**, que **saber**, que **estylo ou arte**,
Comprenderá, Senhor, vossa grandeza,
Pois nunca foi capaz de toda a parte?
.....
Mudo parecerei, por mais que prégue,
Que **saber**-vos **louvar**, de vós se aprende,
E sempre **alcança** mais, quem mais vos segue.

E pois, só quem vos **ama** vos **entende**,
E não há **amar** sem sêr de vós **amado**;
Amai, a quem só **dar**-se-vos **pretende**.
.....
Ó **ineffavel**, **santo** sacramento,
Onde o **juizo** pára e perde o **tino**,
E a **fé** triunfa em nós, do **entendimento**!

Mysterio incomprensivel e só **dino**,
Da sapiencia do Padre, que elle encerra,
Diluvio universal do **amor divino**." [611]

Nas *Chansonetas*, ainda de Martim de Crasto do Rio, diante do mistério da Ecarnação, volta-se a insistir nessa incapacidade humana para dizer e entender o inefável:

"Commercio admiravel,
que o **amor** descubrio;
mysterio inefavel,
que o Ceo nos abrio!

---

611 *Ibidem*, p. 281-282; 282-283.

Como em um supposto
caiba esta união,
não é presupposto
de **humana** rezão.

Senão obedece
o **juizo** á fé,
nada se conhece
daquelle, que é.
.....
Toma o que em nós há,
dá-nos o que é seu:
que **lingua** dirá
que toma, e que **deu**?" [612]

Ora, todos estes elementos, com coincidência de vocabulário, estão presentes nos *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora* que, como dissemos, revelam a pena de um autor com uma consistente formação teológica, e uma atitude reflexiva bem diferente de um Frei Agostinho que em éclogas, elegias, odes e cartas adopta uma atitude narrativa, descritiva, exortativa, que brota mais da devoção do que da reflexão teológica.

Os *Tercetos* repetidamente expressam o tópico da incapacidade humana para cantar e entender tão alto(s) mistério(s). Por outro lado, usam — como a *Canção a Nossa Senhora* — os *adynata* (*ver versos sublinhados*): querer falar de tão alto(s) mistério(s) é tão absurdo como um cego querer falar da luz e um morto falar da vida, a escuridade querer falar dos resplendores da glória e a neve empedernida do fogo

---

[612] *Ibidem*, p. 351-352.

ardente: é de tal forma impossível que seria menos soberbo e menos temerário querer esgotar o grande Oceano e medir a imensidade dos céus, ou, como diz a *Canção a Nossa Senhora*, meter o mar dentro de uma gota e pesar o ar e o fogo. Para tal empresa, isto é, para cantar o sagrado e alto mistério que é a Imaculada Conceição da Virgem, o engenho humano é incapaz se não lhe for dada uma particular luz do sol divino. E mais uma vez, no espanto da alma que não ousa usar as potências, no vacilar do entendimento, na impotência da vontade, no confuso destino da memória, no limite do discurso humano, é o amor que renova o espírito e o impele a cantar, porque ele é a razão e prova que as razões não provam. E se tudo o que Deus criou, uma vez transformado em línguas, não pode louvar Nossa Senhora quanto ela merece — ainda que excedessem em estilo e arte os pensamentos — como se atreveu ele, com os seus versos, a louvá-la? Por isso, é de novo *dentro na alma*, como se dizia na *Canção a Nossa Senhora*, que comporá outros versos, onde a língua seja o amor e os conceitos as lágrimas:

"Cantar **pretendo** aquelle alto **mysterio**,

.....

A pura Conceição da Virgem pura,
Que pera mãi de Deos foi escolhida,
No eterno tribunal da empyria altura.

Mas **falar** cego em luz e morto em vida,
Em resplandor da gloria a escuridade,
Em **fogo** ardente a neve empedernida,

É mór soberba, é mór temeridade,
Que emprender esgotar o grande Oceano,
E que medir dos ceos a immensidade.

Não é empresa enfim d'**engenho humano**,
Sem luz particular do sol **divino**,
Que se escondeo no ventre **soberano**.

Esta me **alcança**, ó Virgem, inda que **indino**,
Pois **tudo** te entregou quem pode **tudo**,
De teus merecimentos premio **dino**.

Ilustra o **entendimento** deste **rudo**,
Alumia o esprito deste cego,
Desata e abraza a **lingoa** deste **mudo**.

Pois **rudo**, cego e **mudo** a ti me entrego,
Reforma **tudo** em mim pera **louvar**-te,
E não perder-me em tão profundo pégo.

Que o que pode a natureza e **arte**,
Não basta para tão alto sujeito,
Se de ti não recebo o que hei-de **dar**-te.

E pois só gloria tua é o respeito,
Que move esta **alma** do teo **amor** roubada,
Enche de teo **favor voz**, penna e peito,
Que sem elle não sou nem posso **nada**.
.....
Aqui [no mistério da encarnação] a **alma**
enlevada em novo **espanto**,
Das potencias não usa, acha-se **indina**,
Que em finito **saber** não cabe tanto.

Vacila o **entendimento**, e não **atina**,
A vontade não pode o que o **pretende**,
A memoria confusa **desatina**.

Nenhum discurso **humano** te **comprende**,
Mas se elle para o **amor** a **lingua** move,
A publicar o ardor, que o peito accende,

O mesmo **amor** o esprito me renova,
Pera tal te cantar qual te contemplo,
E o que razões não provam, elle o prove.
.....
Maria quer dizer (ah! que não ousa
A **lingua indigna** e **ruda** ir por diante!)
Mas declare-o o Senhor, que em ti repousa.
.....
Se os membros todos **linguas** se tornaram,
De quantos Deos creou os elementos,
As plantas, animaes, e aves **falaram**.

Igual **louvor** a teos merecimentos
Dar não podiam, inda que excederam,
Na copia, **estylo e arte**, aos pensamentos.

Como logo meos **versos** se **atreveram**,
Formados em tal peito e tal sentido?
.....
Dentro na alma por elle alumiada
Comporei outros **versos** mais acceitos
Fazendo (pera sêr melhor **louvada**)
Do **amor lingua** e das lagrimas conceitos." [613]

3. Propositadamente, nesta última citação, avançámos uns tercetos que merecem uma atenção à parte. São versos que de todo destoam desse Frei Agostinho pretensamente avesso, senão mesmo empenhado em ocultar a sua suposta erudição. Neles, encontramos repetida a ideia expressa nos versos, já citados, da *Canção a Nossa Senhora*: "Só digo dentro n'alma, que te devo,/ Por têr-me o espanto mudo,/ **Que és mais que santa, e deosa não me atrevo**". Os *Tercetos* dizem que ela é *quasi*

613 *Ibidem*, p. 233-234; 238; 249; 251-252.

um sêr divino, e dir-se-ia mesmo mais que humana, isto é, divina, se tal fé e tal doutrina não repugnassem:

"Quanto imagino mais, menos me atrevo,
Vendo Anselmo, Matheos, Lucas, Bernardo,
O que de ti escreveram, e o que escrevo.

Pois como calo, ou pera quando guardo,
O que Dionisio diz chegando a vêr-te
Tão cheia d'humildade e de resguardo?

Diz quasi um sêr divino conhecer-te,
Que se a fé e doutrina não repugnaram,
Cuidára de, por mais que humana, haver-te." [614]

Esta ideia pode ler-se, ainda, numa quadra das *Chansonetas*:

"Virgem soberana,
se a fé me deixára,
sêrdes mais que humana
de vós affirmára." [615]

4. Outro elemento que denuncia um autor comum para todas as composições referidas, pode encontrar-se na comparação destes quatro excertos:

Canção a Nossa Senhora

"Tu foste medianeira
Do despacho fermoso,
Do **ladrão** venturoso.
Magdalena, por ti, a graça achou;
Paulo se converteu, **Pedro** chorou." [616]

Hymno á Cruz

"Tu levaste o Baptista ao Ceo do ermo,
Paulo do cego horror, **Pedro** da rêde,
Magdalena da culpa, a amar sem termo." [617]

---

[614] *Ibidem*, p. 251.
[615] *Ibidem*, p. 357.
[616] *Ibidem*, p. 277.
[617] *Ibidem*, p. 279.

Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora.

"De **Pedro** a fé, de **Paulo** a caridade,
Do bom **ladrão** o lume, a esperança,
De Francisco a pobreza e humildade.

Do Centurio fiel a confiança,
As lagrimas, o amor, e a penitencia,
Com que a paz da alma **Magdalena** alcança." [618]

Beati qui lugent

"**Magdalena** tornada um mar de lagrimas,
As culpas affogou vencendo em lagrimas,
Quem antes a venceo fóra das lagrimas,
Que o que tudo não póde, pódem lagrimas.
Pedro, que o mór milagre foi das lagrimas,
Nos diz, depois de estar cego de lagrimas,
Que não há luz sem Deos, nem Deos sem lagrimas,
E que do mesmo Deos triunfam lagrimas." [619]

A poesia de Frei Agostinho, para além desse "verdadeiro adagio antigo/ Que quando Paulo enferma, Pedro sara" [620] e do soneto que é paráfrase de um *acto de contrição*: "A Pedro, a Paulo, Apostolos sagrados" [621], não volta a apresentar um conjunto de figuras semelhante: nem com as quatro figuras juntas: Pedro, Paulo, Madalena e o bom ladrão (que Agostinho refere uma única vez: "Tenho com meu Senhor na cruz [...]/ Onde o ladrão contrito não se enjeita" [622] — na evocações da Paixão prefere falar no plural, nos ladrões entre os quais foi posto Jesus); nem com Pedro, Paulo e Madalena; nem com Pedro e Madalena.

Para além disso, a figura de Pedro (tirando o adágio e a paráfrase mencionados) só volta a ser evocada em poesias atribuídas a Martim de Crasto do Rio: na elegia *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*, onde,

---

618 *Ibidem*, p. 252.
619 *Ibidem*, p. 269.
620 *Ibidem*, p. 55.
621 IDEM — *Sonetos*, p. 118.
622 *Ibidem*, p. 95.

em vinte tercetos, se glosa o diálogo entre Pedro e Cristo durante o lava-pés [623], e as oitavas *Sobre o "Flevit amare"*. [624]

5. Nos *Tercetos à Immaculada Conceição* há um encadeamento argumentativo e, sobretudo, um paralelismo estabelecido entre situações e personagens do Antigo Testamento e a situação de Maria, figura do Novo Testamento, que nunca são igualados, nem sequer de forma aproximativa, na restante poesia de Frei Agostinho. É o caso do paralelismo estabelecido entre o Templo de Salomão e Maria, entre a Arca da Antiga Aliança e Maria. Argumenta-se a dada altura que se Deus quis que o rei Salomão fizesse um **templo** para a oferta do sacrifício e para se traçar nele um **sacrário** onde se guardasse a **arca** da antiga aliança, e se Deus ornou com tal riqueza o *templo material*, muito mais não deixaria de ornar, com maior e inigualável riqueza, o *templo spiritual da graça*, isto é, aquela que daria à luz o seu filho, concebendo-a sem mancha, imaculada, sem pecado original, tornando-a "**Custódia da lei viva, santa e pura**":

> "Quís Deos que o sabio Rei fundasse um templo,
> Que na forma, grandeza e artificio,
> Não teve, nem terá no mundo exemplo.
>
> O intento principal deste edificio
> Tão rico, sumptuoso e admiravel
> Foi fazer-se a Deos nelle sacrificio,

---

[623] Cf. IDEM — *Obras*, p. 285-287.
[624] Cf. *Ibidem*, p. 151-158.

E traçar um sacrario inextimavel,
Onde esteja em lugar santo e decente,
A arca do testamento veneravel.

Se d'ouro puro, pedras do oriente,
Prata fina, riquissimos metaes,
E dos cedros do Libano eminente

Ornou Deos com mercês tantas e taes
O templo material, onde se faça
Sacrificio de brutos animaes,

Como ornaria o spiritual da graça,
Custodia da lei viva, santa e pura,
Em quem comnosco Deos se une e abraça?"
.....
"Que grande agravo a si mesmo fazia,
E injuria aos Anjos, que em graça creára,
Dar-lhe Senhora em quem faltado havia." [625]

Por isso, também Maria é sacrário: "Sagrado tribunal, limpo **sacrario**" [626].

Ora, todos estes termos que qualificam e identificam Maria, encontrámo-los também na *Canção a Nossa Senhora*. Maria é "**Sacrario** da mais alta maravilha" [627], é templo de Cristo: "Que o Verbo eterno, amando, concebeste/ No ventre virginal, **templo** divino" [628], é arca: "Virgem, visão de paz, **arca** segura" [629] e é "**Custodia da lei, santa,**

---

[625] *Ibidem*, p. 239.
[626] *Ibidem*, p. 238.
[627] *Ibidem*, p. 273.
[628] *Ibidem*, p. 274.
[629] *Ibidem*.

immaculada." [630] (Nas *Chansonetas* diz-se que Maria é "**Custodia** segura/ da sabedoria" [631].)

Ela é "Virgem do eterno Rei, [...] fim de toda a celeste architectura" [632], porque, como se diz nos *Tercetos*, para essa *obra soberana* todas as pedras "vinham justas no assento e na grandeza." [633]

5.1. Da comparação entre a *Canção* e os *Tercetos* resultam mais duas observações:

5.1.1. O uso raríssimo, senão exclusivo destas duas composições, das metáforas minerais de gosto barroco:

Tercetos: "[O templo de Salomão, templo material] **d'ouro puro**, **pedras do oriente**,/ **Prata fina**, **riquissimos metaes**,/ E dos cedros do Libano eminente." [634]

Canção: "[Maria, templo do espírito da graça] Teu muro é de fortissimo **diamante**,/ [...] As torres, cuja altura/ Só medem mãos divinas,/ São d'**esmeraldas** finas,/ Donde tua esperança a Deos namóra;/ Teus passos de **rubis**, em que elle mora." [635]

5.1.2. Na *Canção* chama-se a nossa Senhora *orvalho crystallino*, provável evocação do paralelo estabelecido entre a prova do velo, feita

---

630 *Ibidem*.
631 *Ibidem*, p. 357.
632 *Ibidem*, p. 275.
633 *Ibidem*, p. 240.
634 *Ibidem*, p. 239.
635 *Ibidem*, p. 275.

por Gedeão [636], e a Imaculada Conceição da Virgem, comparação feita expressamente numa das estrofes dos *Tercetos*: "Figura disto proprio o vélo era,/ Que vira Gedeão d'orvalho cheo,/ Sem se molhar a terra em que estivera." [637]

Como o velo de Gedeão cheio de orvalho e toda a terra seca, assim Maria cheia de graça, entre a natureza humana marcada pelo pecado original, porque "a graça original só á Virgem veo." [638]

5.2. Outros dados há que poderão, eventualmente, no contexto dos restantes argumentos, ter algum relevo:

5.2.1. A referência ao episódio da doença e cura de Ezequias aparece nas oitavas *Beati qui lugent* e também nas *Chansonetas*, e não volta a aparecer em mais nenhum poema:

Oitavas: "A Ezechias, ao cego, ao ladrão, lagrimas" [639];

Chansonetas: "Lá figurou isto/ Deos por Isaias,/ no relogio visto/ delRei Ezechias.// Pera o segurar/ da mercê, que fêz [640],/ o sol fêz tornar/ dez linhas atrás." [641]

---

[636] Cf. Jz 6, 36-40.

[637] CRUZ — *Obras*, p. 241.

[638] *Ibidem*, p. 242.

[639] *Ibidem*, p. 269.

[640] Deve existir um erro de cópia. Por motivos de rima (e sem nenhum prejuízo para o sentido, antes pelo contrário) deveríamos ter *faz* e não *fêz*.

[641] *Ibidem*, p. 355.

5.2.2. Atente-se na comparação destes dois excertos:

Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora.

"[Maria] Dos Patriarchas honra e alegria,
Dos Profetas saudade, objecto e zêlo,
Dos Apostolos sol, conselho e guia.

De Evangelistas mestra, penna, e sello,
Dos martyres valor, fôrça, e victoria,
Dos pontifices luz pera bem sê-lo.

Dos doutores favor, lingua, e memoria,
Dos confessores certo e doce amparo,
Das virgens palma, flôr, corôa e gloria." [642]

Hymno á Cruz

"[Cruz] Columna dos apostolos, doctrina
D'Evangelistas, santa e verdadeira,
Que alma guia, arrebata, accende, afina.

Dos gloriosos Martyres bandeira,
E justificação dos Confessores;
Das Virgens guarda, luz, firmeza inteira." [643]

Na obra de Frei Agostinho, o uso destas fórmulas aparece exclusivamente no soneto *A todos os Santos* que retoma os hinos latinos da Liturgia das Horas para as Laudes e Vésperas do dia 1 de Novembro, repetindo, assim, os elementos que os compõem, como de resto fazem outros autores em composições escritas ao mesmo assunto (veja-se o soneto do seu irmão: *A todos os Sanctos no seu dia* [644]).

6. Deixamos, neste ponto, um breve registo de algumas ideias e termos — contando com os termos correlatos, flexão e derivação — que são, ao mesmo tempo, comuns às composições de Martim de Crasto do Rio e/ou exclusivos delas (em relação com a obra conhecida

---

642 *Ibidem*, p. 247.
643 *Ibidem*, p. 280.
644 BERNARDES, Diogo — *Obras completas: Rimas várias; Flores do Lima*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1945, vol. 1, p. 107-108.

de Frei Agostinho, naturalmente). Entre essas composições, para além das que mencionámos no início deste apêndice, e da inclusão, nesse grupo, dos *Tercetos* e das oitavas *Beati qui lugent*, contamos com as oitavas *Sobre o "Flevit amare"* (que designaremos, abreviadamente, *Flevit*), a ode *Acerca do tempo* (que designaremos, abreviadamente, *Ode*), e os sonetos (excluindo: *Ó cegos, que buscaes na morte vida*, que aparece, com variantes, atribuído também a Soropita; *Quem podesse mostrar o que tem n'alma*, também atribuído a Paulo Cruz; e os sonetos *Lembranças de meu bem, doces lembranças*, e *Que cousa seja amor, não se comprende*, também atribuídos a Estevão Rodrigues de Castro).

No final de cada ponto apresentaremos os versos da obra de Frei Agostinho — caso existam — onde os mesmos termos ou ideias aparecem. Recordamos, entretanto, que estamos a comparar 16 composições de Martim de Crasto do Rio, com 104 sonetos (com as reservas que apontaremos), 18 elegias, 20 éclogas, 4 odes, 4 cartas, oitavas, epigramas etc., de Frei Agostinho da Cruz: uma diferença enorme quanto ao número de palavras e de versos em confronto.

6.1.

Tercetos: "[Maria] Sagrado tribunal, limpo **sacrario**" (p. 238)
Oitavas: "E seu peito **sacrario** fez de lagrimas" (p. 270)
Canção: "[Maria] **Sacrario** da mais alta maravilha" (p. 273)
Hino: "[Cruz] **Sacrario** em que ficou viva a memoria" (p. 277)

6.2.

Tercetos: "[Maria] A **custodia** do Verbo desejado" (p. 238)
"[Maria] **Custodia** da lei viva, santa e pura" (p. 239)
Canção: "[Maria] **Custodia** da lei, santa, immaculada" (p. 274)
Chansonetas: "[Maria] **Custodia** segura/ da sabedoria" (p. 357)

6.3.

Tercetos: "Maria é de David gloriosa **chave**" (p. 250)
Oitavas: "**Chaves** da celestial cidade, lagrimas" (p. 269)
Canção: "Por vêr aberto o Ceo com **chave** humana" (p. 273)
Hino: "[Cruz] **Chave** do Ceo, penhor da eterna gloria" (p. 277)
Chansonetas: "já vimos a **chave**/ do jardim cerrado" (p. 354)

6.4.

Oitavas: "Virgem **nuvem** do Ceo que com taes lagrimas" (p. 270)
Canção: "[Virgem] **Nuvem** que os justos rega" (p. 275)

6.5.

Tercetos: "[Maria] **Piscina**, onde Deos quer, que a alma se lave" (p. 250)
Oitavas: "[Lágrimas] **Piscina** milagrosa dalma" (p. 269)
Hino: "E na sacramental **piscina** a laves" (p. 280)

6.6.

Tercetos: "Das **potencias** não usa, acha-se indina" (p. 238)
Hino: "Em ti prendo as **potencias** e os sentidos" (p. 281)

6.7.

Tercetos: "Da eterna e rica **mina** da sua graça" (p. 252)
Elegia: "Ó inacessivel **mina** de riqueza" (p. 281)

6.8.

Tercetos: "Que **centro** póde achar, onde assossegue" (p. 246)
Oitavas: "Só nelle [Cristo] como em **centro** param" (p. 269)
Elegia: "Se no **centro** da terra me puserdes" (p. 287)

6.9.

Tercetos: "[Maria] **Arca** em que do diluvio nos salvamos" (p. 249)
Canção: "Virgem, visão de paz, **arca** segura" (p. 274)

6.10.

Tercetos: "Que move esta alma do teo amor **roubada**" (p. 234)
Chansonetas: "Sol, que apparecendo/ almas **rouba** e inflamma" (p. 354)
Sonetos: "Magdalena de amor toda **roubada**" (p. 201)
"**Rouba-me** o sprito a saudade sobeja" (p. 212)

Em Frei Agostinho: no soneto *À mesma Santa [Madalena]*: "A nova e grave dor lhe tem **roubada**/ (Sinal do que padece) a voz queixosa" [645]; no soneto *À mesma no sepulcro*: "Se donde vos deixei não me apartara,/ Não me **roubara** a mim, quem me **roubou**" [646].

6.11.

Oitavas: "[Lagrimas] **Pregoeiras** do amor divino" (p. 269)
Hino: "Ó Cruz, **pregão** da paz, amor, e liga" (p. 278)
Elegia: "[Cristo] Dos thesouros do Ceo mór **pregoeiro**" (p. 282)
Chansonetas: "vam dando **pregões**,/ que a salvar é vindo" (p. 352)
"São tudo mysterios,/ que nos **apregoam**,/ que honras[...]" (p. 362)

Em Frei Agostinho: nas oitavas *Martyrio, e vida de Santa Catharina*: "Palavras com **pregão** de morte crua" [647]; e no soneto *À Degolação do Baptista*: "Glorioso Baptista e **pregoeiro**" [648].

6.12.

Tercetos: "Unir ao **Verbo** nossa humanidade" (p. 235)
"A custodia do **Verbo** desejado" (p. 238)
"Do **Verbo** que encarnou do Esprito Santo" (p. 238)
"E que do **Verbo eterno** e della diga" (p. 245)
Oitavas: "E o **Verbo** a vós desceo, porque houve lagrimas" (p. 270)
Canção: "Que o **Verbo eterno**, amando, concebeste" (p. 274)
"Orvalho crystallino,/ Do **Verbo** milagroso" (p. 275)

---

645 CRUZ — *Sonetos*, p. 59.
646 *Ibidem*, p. 60.
647 IDEM— *Obras*, p. 150.
648 IDEM — *Sonetos*, p. 141.

Hino: "Com esse Redemptor, **verbo** divino" (p. 280)
Elegia: "A todos deu remedio o **Verbo eterno**" (p. 285)
Chansonetas: "Hoje os homens vem,/ o **Verbo** encarnado" (p. 359)

Em Frei Agostinho: no soneto que parafraseia a oração feita *Ao tanger das Ave-Marias*: "O **Verbo eterno** foi nela encarnado" [649].

6.13.

Tercetos: "Em vêz de te louvar, me **rendo** e humilho" (p. 250)
Oitavas: "Jacob chega a **render** anjos com lagrimas" (p. 269)
"Tiros que batem o Ceo e o **rendem**" (p. 269)
Canção: "Que enche o Ceo, salva o mundo, o inferno **rende**" (p. 275)
Elegia: "O tempo de **render** a omnipotencia" (p. 282)

Em Frei Agostinho: na elegia VI: "Oh como se converte, **rende**, e muda" [650]; na écloga II: "Quem lhe faz tanta força, quem o **rende**" [651]; nas oitavas *Martyrio, e vida de Santa Catharina*: "Eu, disse, buscar quero quem te **renda**" [652]; na écloga *A conversão de hũa pesoa que outra converteo*: "A seguillo de todo estou **rendida**" [653].

6.14.

Tercetos: "Cantar pretendo aquelle **alto mysterio**" (p. 233)
"Fôsse mãi ó **mysterio** inexplicavel" (p. 235)
"Deste **mysterio** tão prodigioso" (p. 243)
"Merece achar este **mysterio** escuro" (p. 244)
"Quem cousas tratará tão **mysteriosas**?" (p. 249)
Canção: "Por sobrenatural modo ineffavel,
Mysterio só de Deos e de ti dino" (p. 274)
Hino: "Ó soberana Cruz, onde se encerra
O mais **alto mysterio**" (p. 280)

---

649 *Ibidem*, p. 128.
650 *Ibidem*, p. 179.
651 IDEM — *Obras*, p. 27.
652 *Ibidem*, p. 141.
653 IDEM — Apêndice, p. 527.

Elegia: "**Mysterio** incomprensivel e só dino,
Da sapiencia do Padre" (p. 283)
Chansonetas: "Commercio admiravel/ [...] **mysterio** inefavel" (p. 351)
"São tudo **mysterios**,/ que nos apregoam" (p. 362)

Em Frei Agostinho: no soneto que parafraseia a oração feita *Ao estar à Missa*: "Do **misterio** tão alto e tão profundo"[654].

6.15.

Tercetos: "E de sciencia **infusa** o enriqueceo" (p. 237)
"E ao conceber a graça te **influiram**" (p. 240)
"Qual o seo nome o diz e o que elle **influe**" (p. 249)
Hino: "Leva-me, após meu Deos, todo **influido**,
Nas chagas de Iesu" (p. 280)
Elegia: "A esta, com que em vós fique **influida**" (p. 281)

Em Frei Agostinho: No soneto que parafraseia a oração feita *Ao sair de casa*: "Sendo-lhe do Ceo a graça **influida**" [655].

6.16.

Tercetos: "Que se a fé e **doutrina** não repugnaram" (p. 251)
Hino: "[Cruz] Columna dos apostolos, **doctrina**
D'Evangelistas" (p. 280)
Elegia: "A **doctrina**, milagres, vida estreita" (p. 285)
"Os avisa e **doutrina** e nelles fica" (p. 287)
"Até que veja/ O fructo em si, que dá vossa **doutrina**" (p. 288)
Flevit: "Que assi me aproveitei de huma **doutrina**" (p. 154)

Em Frei Agostinho: nas oitavas *Martyrio, e vida de Santa Catharina*: "desn'o berço **doutrinada**;/ Mas logo desprezei a tal **doutrina**" [656]; nas oitavas *Vida e morte de S. Eustachio, mulher e filhos*: "Me deram panno, e pão, e mais **doutrina**" [657]; num dos sonetos que serve de proémio aos *Motivos espirituais*: "Aqui nesta **doutrina** claramente" [658].

---

654 IDEM — *Sonetos*, p. 125.
655 *Ibidem*, p. 121.
656 IDEM — *Obras*, p. 141.
657 *Ibidem*, p. 261.
658 IDEM — *Sonetos*, p. 149.

6.17.

Tercetos:	"Quís Deos que o sabio **Rei** [Salomão] fundasse o templo" (p. 239)
	"Falta fôra em um **Rei**, nota e deshonra" (p. 241)
	"O **rei** celeste a mãi pura elegendo" (p. 241)
	"E por limpa te approva o **Rei** eterno" (p. 248)
Canção:	"[Virgem mãe] do **Rei** da eternidade" (p. 273)
	"Que o **Rei** profeta via" (p. 274)
	"Virgem do eterno **Rei**, santa cidade" (p. 275)
	"O **Rei** que a ti desceu te sobio tanto" (p. 276)
Elegia:	"Ah! **Rei** dos reis, Senhor sobre os senhores" (p. 283)
Chansonetas:	"[Os Anjos] Feitos esquadrões/ O seu **rei** seguindo" (p. 352)
	"**Rei**, vida, luz, graça" (p. 357)
	"neste Senhor/ ha três que adorar,/ Deos, **rei** e pastor" (p. 361)
	"pobre o **Rei** dos Reis" (p. 362)

Frei Agostinho da Cruz parece muito pouco sensível a esta realeza de Cristo. Nas elegias não encontramos atribuído a Jesus este título, nem nenhuma referência (directa, pelo menos) à sua realeza. O mesmo acontece nas éclogas, odes, cartas, epigramas...

Nos sonetos, há uma referência a Cristo como Rei e à Cruz como trono, no terceto final do primeiro dos sonetos que servem de proémio à primeira edição da obra de Frei Rodrigo de Deus *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma*: "Que um **Rei** da terra e Ceo por povo indino/ Não descanse, senão na cruz subido!" [659]; há outra referência, no soneto que parafraseia a oração feita *Às graças depois da mesa*: "E reconheçam **rei** o que lhe destes" [660]; finalmente, no soneto *A Cristo na Cruz* volta a falar-se em Cristo como "Supremo **Rei**", e na Cruz

---

[659] *Ibidem*, p. 137.
[660] *Ibidem*, p. 127.

como trono: "No trono dessa cruz estais jurado." [661] Só que, este último soneto é, em nossa opinião, um poema estranho na obra de Frei Agostinho: em que outro lugar se encontra a referência e/ou (os ecos d)essa doutrina, colhida na carta aos Hebreus, de um Cristo "Eterno sacerdote" que se oferece a si mesmo em sacrifício ("A Deos em sacrificio oferecestes/ A vós mesmo" [662]) "na grande ara da cruz" [663]? E não é estranho à obra do arrábido — que invoca preferencialmente Jesus Cristo como o *Redentor*, o (manso) *Cordeiro* [664] — esse Cristo "Guerreiro capitão" [665], com a lança ao ombro, vitorioso sobre a morte, convidado a entrar na alma para tomar "os titulos [...], que hoje ganhastes" [666]?!

6.18.

Tercetos:	"Maria é nome grande, **triunfante**" (p. 250)
Oitavas:	"E que do mesmo Deos **triunfam** lagrimas" (p. 269)
Canção:	"Rica, nobre, fermosa, e **triunfante**" (p. 275)
	"D'anjos acompanhada, **triunfando**" (p. 275)

---

661 *Ibidem*, p. 134.

662 *Ibidem*. A referência a Cristo como Sacerdote aparece mais uma vez, mas nos *Tercetos*: "Christo, mór Sacerdote" (IDEM — *Obras*, p. 242.)

663 IDEM — *Sonetos*, p. 134.

664 *Redentor*: sonetos, 5 vezes (Cf. *Ibidem*, p. 55; 59; 78; 92; 100); elegias, 5 vezes (Cf. *Ibidem*, p. 164; 165; 197; 206; 223); éclogas, 2 vezes (Cf. IDEM — *Obras*, p. 20; p. 328. Cf. IDEM — Apêndice, p. 509); cartas, 1 vez (Cf. IDEM — *Obras*, p. 128.) *Cordeiro*: sonetos, 3 vezes (Cf. IDEM — *Sonetos*, p. 82; 132; 138); elegias, 2 vezes (Cf. *Ibidem*, p. 164; 183); éclogas, 1 vez (Cf. IDEM — *Obras*, p. 39); odes, 1 vez (Cf. *Ibidem*, p. 127.)

665 IDEM — *Sonetos*, p. 134.

666 *Ibidem*. É oportuno notar que as referências à *majestade* de Deus, surgem naquelas composições que parafraseiam orações, ou salmos, ou metrificam narrações e relatos hagiográficos já existentes. Nos sonetos que parafraseiam orações: "Louvando vossa eterna **majestade**"; "Da **majestade** sua o imenso ser"; "Vossa eterna **majestade** e louvarei"; "Seja vossa **majestade** ofendida"; "Que sirva e louve a eterna **majestade**";

Hino:	"Insignia **triunfal**, honrosa e santa" (p. 277)
Elegia:	"E a fé **triunfa** em nós do entendimento" (p. 282)
	"De tam raro **triunfo** de humildade" (p. 283)
	"Pasma das mãos divinas, **triunfantes**" (p. 285)
Chansonetas:	"Aqui a humildade/ de Deos **triunfou**" (p. 356)
	"**Triunfo** e lucerna/ da Cidade santa" (p. 356)
Sonetos:	"Mas ainda da culpa **triunfaste**" (p. 7)
	"Por que iguale o **triumpho** a dignidade" (p. 200)
	"Faz hoje mais fermosa a **triunfante**" (p. 200)
Ode:	"**Triunfa** da justiça e da verdade" (p. 336) [667]
Tercetos:	"[Maria] Arca em que do **diluvio** nos salvamos" (p. 249)
Canção:	"Do **diluvio** geral, por Deos traçada" (p. 274)
Hino:	"Signal que, após **diluvio**, traz bonança" (p. 277)
Elegia:	"**Diluvio** universal do amor divino" (p. 283)

Encontramos a palavra *dilúvio* uma outra vez, num soneto *À sua morte [de Madalena]*: "**Diluvio**, em que se salva quem se alaga" [668]. É outro dos sonetos que destoam na obra de Frei Agostinho da Cruz.

"Com que a vossa **majestade** ofendamos" (*Ibidem*, p. 114; 120; 122; 122; 124; 129); no segundo dos sonetos que servem de proémio aos *Motivos espirituais*: "De quem trata e recebe a **majestade**" (*Ibidem*, p. 150); na elegia XVIII que parafraseia o salmo 42: "Verás sua eterna **majestade**" (*Ibidem*, p. 224); nas oitavas *Martyrio, e vida de Santa Catharina*: "Onde pede á divina **Magestade**" (IDEM — *Obras*, p. 150.) É também nestas composições que nos aparece um Deus omnipotente. Nas paráfrases de orações: "**Omnipotente** Padre criador"; "A vossa **omnipotencia** e vosso amor"; "**Omnipotente** Padre, que deixastes"; "**Omnipotente** Deos, uno e trino"; "**Omnipotente** Deos, que o sol criastes" (IDEM — *Sonetos*, p. 115; 122; 125; 126; 129); no primeiro dos sonetos que servem de proémio aos *Motivos espirituais*: "Oferece a Deos Padre **omnipotente**" (*Ibidem*, p. 149); nas oitavas *Martyrio, e vida de Santa Catharina*: "A Deos **Omnipotente** só se deve" (IDEM — *Obras*, p. 140.) Excepções: soneto intitulado *Da petição*: "Assi como, meo Deos **omnipotente**" (IDEM — *Sonetos*, p. 80); soneto intitulado *Da encarnação*: "Do Ceo à terra Deos **omnipotente**" (*Ibidem*, p. 90.) Exclusivas das paráfrases das orações são as duas referências à Monarquia divina: "E a Santos da celeste **Monarquia**"; "E cá vos sirva toda a **Monarquia**" (*Ibidem*, p. 118; 127.)

667 Em Frei Agostinho: na paráfrase do salmo 42, elegia XVIII: "E meus imigos estão **triunfando**" (*Ibidem*, p. 224.)

668 *Ibidem*, p. 142.

Essa "pecadora **triunfante**" [669], que imediatamente nos faz pensar no soneto de Martim de Crasto do Rio *À Assumpção de Nossa Senhora*, onde esta é apresentada como *a triunfante* [670], a referência à "corte dos celestes moradores", os versos que vêem as lágrimas como conquistadores que permitem, a quem chora, plantar no céu bandeiras de vitória e gozar dos tesouros de que os pés de Jesus foram penhores: "Quem das lagrimas fez conquistadores,/ Bandeiras de vitoria no ceo plante;/ E a gozar dos **tesouros** se levante,/ De que os pés de Jesus foram penhores" [671] — versos que lembram essoutros das oitavas *Beati qui lugent*, que vêem as lágrimas como setas que penetram o peito de Deus e tiros que batem no céu e o rendem, e como lugar onde está escondido o *thesouro* — ou, ainda, a referência à "Alquimia, que da ofensa fez desculpa" [672] (outra referência singularíssima em toda a obra do poeta), são dados que nos fazem suspeitar da atribuição deste poema a Frei Agostinho da Cruz.

6.19.

Tercetos:	"Ó **thesouro** da eterna sapiencia" (p. 235)
	"Que os **thesouros** do Ceo ella os possue" (p. 249)
Oitavas:	"Que o **thesouro** escondido está nas lagrimas" (p. 268)
Canção:	"Virgem, guarda fiel do mór **thesouro**" (p. 276)

669 *Ibidem.*

670 Cf. IDEM — *Obras*, p. 200.

671 IDEM — *Sonetos*, p. 142. É uma linguagem que nos faz imediatamente pensar em versos das *Chansonetas ao Nascimento de Nosso Senhor*, quando os anjos que acompanham Cristo, no seu nascimento, são comparados a esquadrões que acompanham o seu rei: "Feitos **esquadrões**/ o seu rei seguindo" (IDEM — *Obras*, p. 352), ou quando Jesus é apontado como o Leão de Judá que nos conquista o céu: "Leão de Judá,/ **que o Ceo nos conquista**" (*Ibidem*, p. 356.)

672 IDEM — *Sonetos*, p. 142.

Elegia: "Dos **thesouros** do Ceo mór pregoeiro" (p. 282)
Chansonetas: "Por Deos seu **thesouro**/ todo em nossas mãos" (p. 356)

Em Frei Agostinho: no soneto *Ao ferro da lança, que abriu o lado de Christo*: "A abrir-nos na divina humanidade/ O **tesouro**, que o mundo descativa?" [673]. (Veja-se, ainda, o soneto a Madalena, citado no ponto anterior, onde deixámos este vocábulo sublinhado.)

6.20.

Tercetos: "Sem luz particular do **sol divino**" (p. 234)
Canção: "[Maria] Tu és raio do **sol** do eterno dia" (p. 274)
"[Maria] Novo **sol** dos celestes horisontes" (p. 276)
Elegia: "Eu sombra vã, vós **sol divino** e puro" (p. 286)
Chansonetas: "nasce o **sol** [Cristo] da lua [Virgem]" (p. 353)
"Ó divina Aurora [Virgem],
[...] em que o **sol** [Cristo] sahio" (p. 354)
"**Sol**, que apparecendo/ almas rouba e inflamma;/
sol, que em se escondendo/ levanta mór chama" (p. 354)
"a mesma mudança/ fêz o **sol divino**" (p. 355)
"[José e Maria] ambos raios são
deste **Sol** fermoso" (p. 360) [674]

Há, num dos dois sonetos *À Imaculada Conceição de Nossa Senhora*, um verso que apresenta Deus como sol: "Do **sol supremo** fostes tão prezada/ Que em vós trouxe sua luz e nossa vida" [675].

Os dois sonetos à Imaculada Conceição são mais dois exemplos de poemas que consideramos estranhos na obra de Frei Agostinho. São

---

[673] *Ibidem*, p. 139.

[674] No segundo dos três sonetos a Maria Madalena, Cristo é comparado ao sol e Madalena a uma rosa: "Diante do Senhor está lançada/ A Madalena triste, e vergonhosa,/ Qual na força do **sol** a fresca rosa/ De seus ardentes raios traspassada." (*Ibidem*, p. 59.) E na elegia XVII, joga-se com a ambiguidade do sol que desaparece quando Cristo expira, e Cristo *fermoso* Sol que morre: "Escurece-se o **sol** claro e fermoso,/ Choram seu Criador os elementos" (*Ibidem*, p. 219.)

[675] *Ibidem*, p. 131.

sonetos (vamos designa-los, segundo a numeração de Gil Rafael, soneto XVIII [676] e XIX [677]) que recolhem os principais símbolos e imagens que a tradição usava para celebrar ou representar a Imaculada Conceição da Virgem (e que o autor dos *Tercetos*, da *Canção* e das *Chansonetas*, não esqueceu):

a) *coroada pela trindade, Pai, Filho e Espírito Santo*: "Da trina e uma essencia coroada" (*Soneto XVIII*); "Virgem de gloria, e honra coroada" (*Canção*, p. 276);

b) *rodeada de querubins*: "De tronos, querubins sempre adorada" (*Soneto XVIII*); "A quem os Serafins servem d'estrado" (*Canção*, p. 276); "Mil Anjos a ornaram// [...] Nella os Serafins/ são mais abrasados,/ nella os cherubins/ mais arrebatados" (*Chansonetas*, p. 359);

c) *electa ut sol*: "Sois sol, que nos livrou da noite escura" (*Soneto XVIII*); "Dos Apostolos sol" (*Tercetos*, p. 247); "Novo sol dos celestes horisontes" (*Canção*, p. 276); "Qual sai a aurora, que trazendo o dia/ O ceo esmalta de purpura e d'ouro" (*Soneto XIX*); "Que a noite do peccado original/ Não vira a luz, que é Christo, nem a aurora,/ Que é a mãi clara, pura e virginal" (*Tercetos*, p. 245); "Aurora que desterra/ A noite d'alma cega" (*Canção*, p. 275); "Ó divina Aurora/ só em vós se vio/ dar mais luz na hora/ em que o sol sahio" (*Chansonetas*, p. 354);

d) *speculum sine macula*: "Sem macula espelho" (*Soneto XVIII*); "Espelho da catholica verdade" (*Canção*, p. 275); "Em tal claridade/

---

[676] Cf. *Ibidem*, p. 130.
[677] Cf. *Ibidem*, p. 131.

a sua alma ardia,/ que toda a Trindade/ nella se revia." (*Chansonetas*, p. 360) [678];

e) *puteus aquarum viventium*: "poço d'agoa" (*Soneto XVIII*);

f) *fons*: "Sinada fonte, em quem da sede humana/ Os pecados de todos se lavaram" (*Soneto XVIII*); "Fonte, mas antes mar, de mar sem fundo,/ Piscina, onde Deos quer, que a alma se lave" (*Tercetos*, p. 250);

g) *hortus conclusus*: "Cerrado bosque" (*Soneto XVIII*); "Deu a flôr suave/ o fructo esperado/ já vimos a chave/ do jardim cerrado" (*Chansonetas*, p. 354);

h) *plantatio rosa*: "rosa soberana" (*Soneto XVIII*); "Maria é verão florido e jocundo/ Que em nós flôres sem fim cria e descobre" (*Tercetos*, p. 250);

i) *lilium inter spinas*: "Lirio, que entre espinhos vos acharam" (*Soneto XVIII*),

j) *stella*: "Tal vós, estrela clara e nossa guia" (*Soneto XIX*).

No soneto XIX, diz-se: "Trazendo à terra vosso alto tesouro" [679], um verso muito semelhante aos versos citados no ponto 6.18.: "Que os thesouros do ceo ella os possue" (*Tercetos*), e: "Virgem, guarda fiel do mór thesouro" (*Canção*).

De notar, ainda, que a referência à passagem do Apocalipse (Ap 12, 1) se repete (e só se repete) nos dois sonetos, nos *Tercetos* e na *Canção*: "Lá, nesse etereo assento, Virgem pura,/ Da trina e uma

---

[678] No soneto *À assumpção de Nossa Senhora*, de Martim de Crasto do Rio: "A sêr unico espelho da Trindade" (IDEM — *Obras*, p. 199.)

[679] IDEM — *Sonetos*, p. 131.

essencia coroada,/ De tronos, querubins sempre adorada,/ Gozando estais eterna formosura" (*Soneto XVIII*); "Virgem fermosa, que do sol vestida,/ De luzentes estrelas coroada" (*Soneto XIX*); "Sobre todos tua graça e luz realça,/ Qual o mostra a visão do Evangelista,/ Que te veste do sol e da lua calça" (*Tercetos,* p. 248); "Virgem de gloria, e honra coroada,/ Novo sol dos celestes horisontes,/ A quem os Serafins servem d'estrado" (*Canção*, p. 276). Também o paralelismo entra Eva e Maria é exclusivo do *Soneto XIX*, *Tercetos* e *Canção a Nossa Senhora.*

6.21. Merecem-nos, ainda, alguma desconfiança os sonetos compostos *À entrada da Madre Soror Mecía na Madre de Deos*. Quanto ao segundo, as dúvidas são uma consequência daquelas que nos suscita o primeiro, no qual, glosando-se o *Cântico dos cânticos*, se apresenta a Madre Mecía como *sposa* que, qual ave, qual cerva, qual pedra, qual raio ardente, qual seta saída do arco, qual imaginação sem freio, qual corrente, qual fogo, corre, ouvindo a voz do amado, a abraçar a cruz. Ora, este tema do encontro com Cristo, celebrado como encontro entre amada/o e amante, entre esposa e esposo, só aparece, em Frei Agostinho, nas oitavas *Martyrio, e vida de Santa Catharina* e no soneto *A S. Francisco* [680], ou, de modo implícito, no segundo dos sonetos à

---

680 "O que seu doce Esposo lhe imprimio"; "Como me vi com Christo desposada"; "— Oh! Catharina (disse) teu Esposo"; "Com elles no seu reino aposentar-te"; "Serva de outro Senhor que vos namora"; "O doce Esposo seu, que não se esquece"; "Mas o seu doce Esposo, a quem se queixa"; "Nos braços repousou do seu Amado" (IDEM — *Obras*, p. 139; 141; 143; 143; 147; 148; 150; 151.) No soneto *A S. Francisco*: "Como é próprio de amante desejar-se/ Na cousa amada todo transformado,/ E vós com tanto amor o desejastes,// Deos, de vosso ardor santo namorado,/ Quis também nesse habito encerrar-se,/ E vós no proprio Deos vos transformastes." (IDEM— *Sonetos*, p. 143.)

Imaculada Conceição: "Virgem, do alto esposo recebida"[681], simbologia que não será usada em mais nenhum dos sonetos a Nossa Senhora (à Senhora da Arrábida e à Senhora da Memória — quatro sonetos ao todo — ou o soneto *A Nossa Senhora*).

Acrescenta-se às nossas dúvidas a semelhança do verso final do primeiro dos sonetos à entrada da Madre Soror Mecía, com o vigésimo verso da *Canção a Nossa Senhora*: "E faz que a graça vença a natureza" (*soneto*); "E a graça triunfar da natureza" (*Canção*).

Cremos que estes escassos dados poderão ser facilmente confirmados ou desmentidos por uma consulta às obras que se ocupem da história do convento da Madre de Deus, em Lisboa, tarefa que não nos foi possível realizar.

Terminamos o ponto seis chamando a atenção para o facto de as composições de Frei Agostinho onde encontrámos termos e ideias semelhantes àqueles recolhidos na obra de Martim de Crasto do Rio, pertencerem, na sua maioria, ao grupo dos poemas épico-hagiográficos, ou aos sonetos que glosam ou parafraseiam orações litúrgicas e não litúrgicas, ou então, ao conjunto daqueles sonetos que, como estes, pertencem às composições que não fazem parte do manuscrito 7691 da BNL FG.

7. Finalmente, comparamos, e em jeito de *post scriptum*, as referências bíblicas que uma leitura, tanto quanto possível atenta, detectou

---

681 *Ibidem*, p. 131.

na obra de Frei Agostinho da Cruz[682], e as referências bíbicas que encontramos nas seis composições de autoria provável ou certa de Martim de Crasto do Rio. De fora ficam as evocações da Paixão, a descrição ou menção dos seus episódios e instrumentos, assim como as referências ao mistério da encarnação, os poemas dedicados à natividade (p. 62, 63, 90, 92, 132) ou à ascensão (p. 71, 92).

Sublinhamos mais uma vez a enorme diferença de composições e versos comparados (para Frei Agostinho usamos todas as éclogas, elegias, cartas, odes, epigramas, oitavas, motes e glosas, endechas, sonetos — mesmo aqueles sobre os quais, no ponto anterior, apresentámos algumas reservas, deixando apenas de lado os sonetos que são glosas ou paráfrases de orações litúrgicas e não litúrgicas). Poderá, então, verificar-se que esta diferença não se reflecte ao nível do número de referências bíblicas detectadas, facto que documenta bem o que já assinaláramos sobre a mestria e frequência do uso da tradição, imagens e texto bíblicos, nas composições (quatro) que são — e nas que cremos serem (duas) — de Martim de Crasto do Rio, e a obra de Frei Agostinho da Cruz.

---

682 Maria de Lourdes Belchior dá nota, no artigo *Poesia e mística: Frei Agostinho da Cruz*, da existência de uma dissertação dactilografada, sobre a *Influência bíblica na poesia clássica do século XVI*, apresentada para Licenciatura em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1951. Segundo Belchior, a autora, Maria Luísa Tavares e Sousa, teria dedicado as páginas 130-185 ao levantamento dessas influências na poesia de Frei Agostinho da Cruz. Infelizmente, este trabalho (já) não se encontra nos serviços documentais daquela Faculdade, pelo que nos foi impossível consultar esse estudo e as suas conclusões. Cf. BELCHIOR — Poesia, p. 49.

7.1. Composições de Frei Agostinho da Cruz.

Na obra do poeta arrábido, há o predomínio das alusões ou citações de textos do Novo Testamento (27 livros, contra os 46 do Antigo Testamento), sobretudo dos Evangelhos. Importa notar, também, que uma parte das referências que provêm dos livros do Antigo Testamento — *Números*, *Juízes*, *Cântico dos Cânticos* e *Sabedoria* (o mesmo se diga para um livro do Novo Testamento, a *Epístola aos Hebreus*) — só aparece no grupo dos sonetos que não se encontram no manuscrito 7691 da BNL FG.

7.1.1. Éclogas.

"Se aquelles a quem guerra não fazia	Cf. Gn 3.
Nenhum dos nossos móres tres imigos,	
Porque a serpente então pouco podia:	
(Fallo daquelles nossos pais antigos [...]" [683]	
"Não nasce sem morrer primeiro o trigo" [684]	Cf. Jo 12, 24.
"Matou Caín Abel, seu proprio irmão;	Cf. Gn 4, 1-16.
José d'onze que tinha foi vendido,	Cf. Gn 37, 12-36.
Naboc'apedrejado de ambição.	Cf. 1 Rs 21, 1-16.
Foi Job de seus amigos affligido" [685]	Cf. Jó 4-27.

[683] CRUZ — *Obras*, p. 20.
[684] *Ibidem*, p. 21.
[685] *Ibidem*, p. 36.

"Como? diz o Senhor — do fruito delles: Cf. Mt 7, 16-20.
Dá má planta máo fruito, bom dá boa:
As obras mostram, cuja são as pelles." [686]

"Inda que Christo a Martha não condena Cf. Lc 10, 38-42.
Occupada em serviço differente,
Diz que esolheu melhor a Magdalena" [687]

7.1.2. Elegias.

"Mandais, Senhor, que busque, bata, e peça, Cf. Mt 7, 7-8.
Eu busco, bato, e peço, a vós, Senhor,
Sem haver cousa em mim que vos mereça." [688]

"Nem me posso perder por este atalho; Cf. Mt 20, 1-16.
Posto que tarde vou, que não perderão
Por tarde os desta vinha em que trabalho,
Na qual os derradeiros precederão." [689]

"Achou Magdalena o que buscava, Cf. Jo 20, 11-18.
Porque perseverando amor buscou,
E com buscar achou a quem tanto amava." [690]

---

[686] *Ibidem*, p. 37.

[687] *Ibidem*, p. 47. Para o estudo da presença de Maria Madalena na poesia de Frei Agostinho da Cruz, lembramos, de novo, o estudo de Luís de Sá Fardilha, *Maria Madalena: lágrimas, amor e culpa*, não sem recordarmos, também, as reservas que exprimimos quanto à autoria do soneto *À morte de Maria Madalena*, e deixando, como contributo, os passos das éclogas que mostram que, como outros autores, Frei Agostinho não se limitou aos quadros evangélicos e aos dados dos textos bíblicos, mas usou as informações da *Legenda aurea*, segundo a qual Maria Madalena se teria retirado no sul de França, vivendo aí, numa *cóva*, trinta anos de penitência e de vida contemplativa: "Foge do povoado a Magdalena,/ Vai fazer no deserto vida nova/ Depois de ter perdão da culpa, e pena.// Alli mettida dentro numa cóva/ Chora, suspira, geme noite, e dia;/ D'uma noutra aspereza se renova." (*Ibidem*, p. 50); "Que fica por sentir a meus sentidos/ Quando vestida vejo Magdalena/ Dos seus, antes dos meus, pobres vestidos?" (*Ibidem*, p. 72.)

[688] IDEM — *Sonetos*, p. 164.

[689] *Ibidem*, p. 184.

[690] *Ibidem*, p. 205.

"Não vejo Job lançado no monturo, Cf. Jó 16.
Queixoso dos amigos carregosos,
E como assi dos meus mais me asseguro." [691]

"Aquele que lançou mão ao arado, Cf. Lc 9, 62.
Olhando pera trás se fez indino
Do bem, que já bem tinha começado." [692]

"Na sua petição perseverou Cf. Mt 15, 21-28.
A Cananea firme e confiada,
E com perseverar tudo alcançou." [693]

"As maravilhas vejo que tem feito, Cf. Mt 9, 1-8.
Sarando d'alma e corpo pescadores,
Dos quais um leva às costas o seu leito.

Chamou do mar os pobres pecadores, Cf. Mt 4, 18-22.
Pera fazerem de homens pescaria,
Nos fins da terra toda pregadores.

Ele diz que é verdade, vida e via" [694] Cf. Jo 14, 6.

"Tal herança deixou a mãi primeira Cf. Gn 3.
Aos tristes filhos seus, de tal herança
Convinha a alma também ficar foreira." [695]

7.1.3. Odes.

"Orou o Sacerdote Cf. 1 Sm 1, 9-20.
No templo do Senhor

---

691 *Ibidem*, p. 210.
692 *Ibidem*, p. 205.
693 *Ibidem*.
694 *Ibidem*, p. 217.
695 *Ibidem*, p. 219.
696 IDEM — *Obras*, p. 123.

Por Anna reprendida, e mal julgada;
Orou ella de sorte,
E com tanto fervor,
Que sua petição foi outorgada." [696]

7.1.4. Cartas.

"Não temas que te falte no futuro — Cf. Ex 16, 13-16.
A provisão daquelle, que manteve
Com pão celestial povo tão duro." [697]

"Os lirios do campo, que não fiam, — Cf. Mt 6, 25-34.
Vestidos de tamanha fermosura
Vejamos com os olhos que não viam.

Do que não semeou na terra dura
O passarinho colhe com licença
Do Creador de toda a creatura." [698]

7.1.5. Poemas épico-hagiográficos.

"Naquelle santo monte, donde deu — Cf. Ex 19, 16-20
A lei santa a Moisés, privado seu" [699] 20, 1-20.

"E tal qual outro Paulo offerecido: — Cf. Act 9, 18.
— "Que mandaes, meo Senhor?
[lhe perguntou" [700]

"Que o tentaria aquelle antigo imigo — Cf. Jó 1, 11-12. 2, 4-7.
Como fizera a Job no tempo antigo" [701]

---

[697] *Ibidem*, p. 130.
[698] *Ibidem*.
[699] *Ibidem*, p. 150.
[700] *Ibidem*, p. 254.
[701] *Ibidem*, p. 255.

"Partindo pera o Egypto como Abrahão" [702]	Cf. Gn 12, 10.
"Mas Deos que em casos taes não desempara A fraca castidade que resiste, Como com Sara usou" [703]	Cf. Tb 3, 14.

7.1.6. Sonetos do ms 7691 BNL FG.

"Culpado fui primeiro que nascido" [704]	Cf. Sl 51, 7
"Que pagou o que não tinha furtado" [705]	*Cf. Sl 69, 5c.
"Sarando a mordedura da serpente Com fruito liberal da sua herdade" [706]	Cf. Gn 3.
"Se são vossas delicias, meu Senhor, Estar com filhos de homens nesta vida" [707]	*Cf. Pr 8, 31.
"Se bastou só dizer para ser feito, E mandar para ser tudo criado" [708]	*Cf. Sl 148, 5.
"Os rios, donde nascem, vão correndo, Seu repouso no mar alto buscando, Com suas doces agoas nele entrando, Que em salgadas [se] ficam convertendo.	*Cf. Ecl 1, 7.

---

[702] *Ibidem*, p. 256.
[703] *Ibidem*, p. 257.
[704] I DEM — *Sonetos*, p. 57.
[705] *Ibidem*, p. 82. Todos os confrontos que assinalarmos com asterisco são fornecidos pelas indicações justapostas a cada soneto, ou à margem das estrofes, como nas *Chansonetas ao Nascimento de Cristo*.
[706] *Ibidem*, p. 90.
[707] *Ibidem*, p. 109.
[708] *Ibidem*, p. 105.

Então seu claro engano conhecendo,
De novo a correr tornam, murmurando
Do mal com que lhes fica o mar pagando
As voltas, que por vê-lo vão fazendo." [709]

"Que tenho mais no ceo, ou quis na terra *Cf. Sl 73, 25.
Que a vós, meu Deos, por quem foi tudo feito,
Ficando a terra e ceo a vós sujeito
Com tudo quanto mais nele se encerra?

Que quem por vós de tudo se desterra,
Trazendo-vos só dentro do peito,
Sem terra, e sem ceo fica satisfeito,
E nu, convosco só, vivo se enterra." [710]

"Daquele que não tinha inda pisado Cf. Lc 1, 39-45.
A terra com seus pés, quando saltava
Nas entranhas da mãi, donde alcançava
O Senhor nas da Virgem encarnado;

Daquele de quem Deos foi baptizado, Cf. Mt 3, 13-17.
Daquele que foi voz do que clamava, Cf. Lc 3, 4.
..... Cf. Lc 7, 28.
Basta, que deste só diz o Senhor:
"Que não nasceu maior entre as mulheres." [711]

"Nas entranhas da mãi alumiado Cf. Mt 3, 1-4.
Da luz, que nas da virgem dentro via,
Sentiu João quamanho bem seria
Trocar pelo deserto o povoado:

Dele fugindo vai todo abrazado
Do fogo, que em seu peito arder sentia,
Mais quer de animais brutos companhia,
Que ser de gente humana acompanhado." [712]

---

[709] *Ibidem*, p. 96.
[710] *Ibidem*, p. 102.
[711] *Ibidem*, p. 50.
[712] *Ibidem*, p. 51.

"Na derradeira Cea do Senhor, Cf. Jo 13, 25.
João, ceando todos, só dormia
Sobre o peito donde ele sabia
Que não sabia cousa outra melhor.
.....
João Evangelista foi aquele Cf. Jo 19, 25-27.
Por quem disse o Senhor do Lenho duro
À Virgem que o seu filho era aquele!" [713]

"Tal luz à Madalena alumiava, Cf. Lc 7, 36-50.
(Fermosa desd'então, dantes tão feia),
Que não lhe pareceu ser casa alhe[i]a
Aquela, onde o Senhor de tudo estava.

E como quem por tal o confessava,
Não teme, não duvida, não receia
Mostrar sinais de dor, de que alma é cheia
Tão longe, de tão perto suspirava.

Na terra está lançada; e mais regando
Com lagrimas as plantas do Senhor,
A cuja sombra colhe doce fruito.

Muito lhe perdoou, porque amou muito;
E muito mais amou depois que amor
Em lagrimas de dor foi banhando." [714]

"Diante do Senhor está lançada Cf. Lc 7, 36-50.
A Madalena triste, e vergonhosa,
Qual na força do sol a fresca rosa
De seus ardentes raios traspassada.

A nova e grave dor lhe tem roubada
(Sinal do que padece) a voz queixosa;
Lembra-lhe que passou tão perigosa
Vida, da vida sua descuidada.

---

[713] *Ibidem*, p. 52.
[714] *Ibidem*, p. 58.

Os pés, que dos seus passos foram guia,
Em lagrimas banhados alimpava
Com os cabelos de que se cubria.

Ali do Redentor, a quem buscava,
Encaminhada foi; porque queria
Que amasse muito mais quem tanto amava!" [715]

"Depois que não achou na sepultura — Cf. Jo 20, 11-15.
Seu Senhor a fermosa Madalena,
Os seus longos cabelos desordena,
Vingando-se na sua fermosura" [716]

"Quando será, Senhor, que desatado — Cf. Sl 42, 3.
Deste peso mortal convosco esteja,
E vendo esta alma em vós o que deseja,
Veja quanto de vós tem desejado?" [717]

"Aqueixava-se Marta de Maria,
Que servir seu Senhor não lhe ajudava;
Mas o Senhor Maria desculpava,
De quem, mais que de Marta, se servia.

"Porque, quando ela mais se distraía
No serviço de quem agasalhava,
Sem se bulir Maria donde estava,
Os pés do Redentor mais merecia.

Do qual foi a queixosa respondida,
Que andava em muitas cousas ocupada,
Sendo só necessária uma na vida,

Que nunca poderia ser tirada
A Maria, de quem fora escolhida,
Escolhida, de quem fora ensinada." [718] — Cf. Lc 10, 38-42.

---

[715] *Ibidem*, p. 59.
[716] *Ibidem*, p. 60.
[717] *Ibidem*, p. 72.
[718] *Ibidem*, p. 78.

"Mas não haja quem perca a confiança — Cf. Lc 18, 6-8.
De alcançar o que pede a tal Senhor,
Que quem nele confia, tudo alcança.

Pois a tanto se estende o seu amor,
Que para dar a bem-aventurança
Em breve, justo faz o pecador." [719]

"Temendo Salomão suma pobreza, — Cf. 2 Cr 1, 7-12.
Da riqueza temeu suma abundança,
Confessando de si sua fraqueza.

Assi de ambas pediu a temperança
De tão destemperada natureza,
Que nos males e bens a todos cansa." [720]

"Quem me pode apartar de vosso amor, — Cf. Rm 8, 35-38.
Emprimido por vós neste meu peito,
Que além de ser por vós, meu Senhor, feito
Feito quiseste ser meu Redentor?

Em que tribulação, tormento, ou dor,
Em que passo da morte tão estreito,
Me posso ver em cinza e pó desfeito,
Que cada vez maior não seja o amor." [721]

"Se sendo, meu Senhor, por vós formado — Cf. Gn 2-3.
Adão, antes de ser o mal nascido,
Pecou, que fará quem foi concebido
Nas entranhas, que já tinham pecado?

Comer de um fruito só lhe foi vedado,
Tudo o mais a seu gosto concedido,
E por uma só vez haver caido
Por muitas ser não posso levantado." [722]

---

[719] *Ibidem*, p. 80.
[720] *Ibidem*, p. 94.
[721] *Ibidem*, p. 100.
[722] *Ibidem*, p. 108.

7.1.7. Sonetos que não pertencem ao ms 7691 BNL FG. [723]

"Lá, nesse etereo assento, Virgem pura, Cf. Ap 12, 1.
Da trina e uma essencia coroada,
De tronos, querubins sempre adorada,
Gozando estais eterna formosura." [724]

"Virgem formosa, que do sol vestida, Cf. Ap 12, 1.
De luzentes estrelas coroada" [725]

"Convertestes o pranto d'Eva em riso." [726] Cf. Gn 3; Ap 12.

"Eterno sacerdote, que hoje alçado
Na grande ara da cruz, onde morrestes,
A Deos em sacrificio oferecestes
A vós mesmo, em amor todo abrazado." [727]

"Vara santa de Arão, já não florida, Cf. Nm 17, 16-25.
Belo espelho do ceo, sem fermosura, Cf. Sb 7, 26.
Doce favo de Sansão, entre amargura, Cf. Jz 14, 5-13.
Torre de David forte, enfraquecida!" [728] Cf. Ct 4, 4.

"Se o sacro Evangelista mereceu Cf. Jo 13, 25.
Que Deos lhe desse o peito, onde aprendesse" [729]

"Tendo o rei adultero e desumano Cf. Mt 14, 3-12.
Ao grão Baptista preso, e não contente,
Com quem tal crime inda não sente,
Outro pior comete o mau tirano;

---

[723] Não temos em conta as paráfrases das orações litúrgicas e não litúrgicas onde, naturalmente, se encontram referências ao mistério da encarnação e da redenção, mas também à Anunciação, à Criação e ao pecado original, a S. Miguel Arcanjo e ao Anjo de Tobias: Cf. *Ibidem*, p. 114-129. Não excluímos desta lista os poemas sobre os quais manifestámos desconfiança.

[724] *Ibidem*, p. 130.

[725] *Ibidem*, p. 131.

[726] *Ibidem*.

[727] *Ibidem*, p. 134.

[728] *Ibidem*, p. 135.

[729] *Ibidem*, p. 140.

E doura assi seu odio com engano,
Que com saber ser santo, e luz da gente,
Por mais males fazer, matar consente
Um anjo tal de Deos com tanto dano.

Glorioso Baptista e pregoeiro
Com tanta fé, fervor, tal humildade,
Da terra para o ceo caminho e norte.

Dos nascidos em tudo és o primeiro
Martir, que por falares a verdade,
Te dá um rei cruel tão cruel morte." [730]

"Tal corre a sposa, ouvindo a voz do amado" [731] Cf. Ct 2, 8-10.

"Efeitos de Jesu Crucificado, Cf. Mt 11, 28-30.
Que faz suave o jugo, e leve o peso" [732]

"Esta pedra evangelica preciosa Cf. Mt 13, 45-46.
Buscou, achou, comprou por quanto tinha" [733]

"Aquele que na vinha do Senhor Cf. Mt 20, 1-16.
Trabalha por cavar proveito alheo,
Tanto do proprio seu fica mais cheo,
Quanto mais do comum foi cavador.

Costuma a pagar divino amor
A quem buscar o quer por este meio.
Primeiro, como a quem mais tarde veio,
E tanto como o mais madrugador." [734]

---

730 Cf. *Ibidem*, p. 141.
731 *Ibidem*, p. 144.
732 *Ibidem*.
733 *Ibidem*, p. 145.
734 *Ibidem*, p. 149.

7.1.8. Conjunto das referências bíblicas por Testamentos e livros:

AT: Génesis: Gn 2-3; Gn 3; Gn 4, 1-16; Gn 12, 10; Gn 37, 12-36.
Êxodo: Ex 16, 13-16; Ex 19, 16-20 - 20, 1-20.
Números: Nm 17, 16-25.
Juízes: Jz 14, 5-13.
1 Samuel: 1 Sm 1, 9-20.
1 Reis: 1 Rs 21, 1-16.
2 Crónicas: 2 Cr 1, 7-12.
Tobias: Tb 3, 14.
Job: Jó 1, 11-12. 2, 4-7; Jó 4-27; Jó 16.
Salmos: Sl 42; Sl 42, 3; Sl 69, 5c; Sl 73, 25; Sl 148, 5.
Provérbios: Pr 8, 31.
Eclesiastes: Ecl 1,7.
Cântico dos Cânticos: Ct 2, 8-10; Ct 4, 4.
Sabedoria: Sb 7, 26.

NT: Evangelhos:
S. Mateus: Mt 3, 1-4; Mt 3, 13-17; Mt 4, 18-22; Mt 6, 25-34; Mt 7, 7-8; Mt 7, 16-20; Mt 9, 1-8; Mt 11, 28-30; Mt 13, 45-46; Mt 14, 3-12; Mt 15, 21-28; Mt 20, 1-16.
S. Lucas: Lc 1, 39-45; Lc 3, 4; Lc 7, 28; Lc 7, 36-50; Lc 9, 62; Lc 10, 38-42; Lc 18, 6-8.
S. João: Jo 12, 24; Jo 13, 25; Jo 14, 6; Jo 19, 25-27; Jo 20, 11-15; Jo 20; 11-18.

Actos dos Apóstolos: Act 9, 18.

Epístolas Paulinas: Rm 8, 35-38.

Epístola aos Hebreus: Hb 3-11.

Apocalipse: Ap 12; Ap 12, 1.

7.2. Composições de atribuição provável a Martim de Crasto do Rio.

Cremos que depois de todo o trabalho anterior já faz sentido apresentar os *Tercetos* e as oitavas *Beati qui lugent* como composições à parte do trabalho de Frei Agostinho e integradas no conjunto das composições de Martim de Crastro do Rio. Aliás, os número de referências bíblicas encontradas no conjunto destes dois poemas bastaria para as destacar da obra do poeta arrábido.

7.2.1. *Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora.*

É uma composição de grande vigor e beleza. Está estruturada segundo um consistente plano argumentativo que segue, genericamente, as principais etapas da História da Salvação, encontrando em cada uma, já prefigurada, a Imaculada Conceição da Virgem.

O poema tem um proémio constituído por dez tercetos, onde o enunciador poético declara o assunto que pretende cantar (tercetos um e dois), as suas limitações e impotência para cantar tão alto mistério (tercetos três a cinco), e se dirige à Virgem para que esta lhe ilustre o entendimento, alumie o espírito e desate e abraze a língua: que lhe encha *a voz, a pena e o peito*, pois sem a sua ajuda *não é nem pode nada* (tercetos seis a dez).

Ao longo dos trinta e um tercetos seguintes recordam-se as narrações da criação do mundo para referir que, antes de tudo, mesmo

ainda antes da criação do mundo, já Deus predestinara uma Virgem para "unir ao Verbo nossa humanidade" e a salvaguardara do pecado original. Depois desses trinta e um tercetos, e de uma nova exortação à Virgem Maria, templo que recebe o Verbo, custódia, sacrário do Filho de Deus, depois de uma nova confissão de um entendimento que vacila, de uma vontade que não pode o que pretende e de uma memória que se confunde perante mistério tão profundo, encontra-se, no paralelo com o Templo de Salomão e na evocação da grandeza e riqueza desse templo, assim como nos pormenores da sua construção, mais um motivo para afirmar a Imaculada Conceição de Nossa Senhora. E no seguimento desse paralelo outros se fazem: entre Eva e Maria, entre o episódio das terras tributadas por José e Maria, entre o episódio da sarça ardente e Maria, entre a prova do velo de Gedeão e Maria, ... Surge, entretanto, um rol de autoridades que confirmam a Imaculada Conceição de Nossa Senhora: antes de todos Cristo que, ao dizer de João Baptista que não nascera outro maior entre as mulheres, confirmou a isenção de Maria do pecado original, porque, caso contrário, Maria ficaria inferior ou igual a João Baptista; depois, os Cantares, Job, o Pastor da Igreja Universal e a Igreja Santa. Finalmente, lembra o quanto, sobre Maria, disseram S. Mateus, S. Lucas, Santo Anselmo, S. Bernardo e Dionísio Cartuxo, para sublinhar novamente as limitações da sua pena e prometer compor dentro da alma outros versos, para o que fará do amor língua e das lágrimas conceitos.

Pela estrutura e disposição dos argumentos, pela linguagem, pela maneira de se deter ao longo de vários tercetos ou estrofes na narração, em verso, de um tema ou episódio bíblico e pelo modo de relacionar e

intercalar diferentes episódios e quadros, esta é uma composição que só encontra paralelo nas composições que se seguem: as quatro últimas de atribuição certa a Martim de Crasto do Rio.

"Antes que houvesse tempo, ceos e terra,	Cf. Gn 1, 1.
Antes que na suprema hierarchia	Cf. Ap 12, 7-9.
Se levantasse a horrenda e nova guerra,	
Antes que a divisão da noite e dia	Cf. Gn 1, 3-5.
Das grandes luminarias se fiasse,	
Por quem se rege o mundo e se alumia;	
Antes que o mar da terra se apartasse,	Cf. Gn 1, 9-10.
Antes que em seo lugar cada elemento	Cf. Gn 1, 1+.
O Autor da natureza colocasse;	
.....	
Sêr santa em tudo sempre qual dissera,	Cf. Sl 122?
O real Profeta della expressamente.	
E noutra parte diz, que Deos pusera	Cf. Sl 19, 5c-6.
No sol seo tabernaculo, figura	
Da luz e resplendor, que á Virgem dera.	
.....	
Omnipotente Deos maravilhoso,	Cf. Is 40, 13-14.
De quem já mais ninguem foi conselheiro;	
.....	
Já pôsto em feição tudo o creado,	Cf. Gn 1, 26.
Á sua imagem cria e semelhança,	
Um summario do mundo abreviado.	
Deo-lhe a posse de tudo e governança,	Cf. Sl 8, 6-9.
Aos anjos quasi quís que se igualasse,	
E assi coroa de gloria alcança.	
.....	

Porque as mercês se vão multiplicando, Cf. Gn 2, 18-23.
Companheira lhe deo com que se unisse,
Em paz na terra o ceo representando.
.....

Por morada lhe escolhe e lhe destina Cf. Gn 2, 8-15.
O paraiso terrestre, onde abrevia
As delicias do ceo a mão divina.

Tudo o que ali creara delles fia, Cf. Gn 2, 15-17.
Só comêrem do fruito, que lhe aponta,
Da sciencia do bem e mal prohibia.
.....

Quebraram o percepto incautamente, Cf. Gn 3, 1-13.
Perdendo a Deos ficaram enganados,
Adão da esposa e Eva da serpente.

Da original justiça despojados, Cf. Gn 3, 16.
Tudo se lhes rebela e os desconhece,
Ficando a morte e a dôres condemnados.

Ó quanto a culpa acanha e empobrece, Cf. Gn 3, 17-19.
Que na sua patria Adão fez peregrino,
E se não cava e sua já perece.

E não parou só nelle o desatino, Cf. Rm 5, 12-14.
Que a todos compreendeo este peccado,
Por ordem do Juiz justo e divino;
.....

Representando-a na arvore da vida, Cf. Gn 2, 9.
Porque Adão não podesse tocar nella,
Depois da mortal culpa commettida.

Tu és a oriental, cerrada porta, Cf. Ez 44, 2.
.....

Quís Deos que o sabio Rei fundasse um templo, Cf. 1 Rs 6, 1-14.
Que na forma, grandeza e artificio,
Não teve, nem terá no mundo exemplo.
.....

E traçar um sacrario inextimavel, Cf. 1 Rs 6, 18-20.
Onde esteja em lugar santo e decente,
A arca do testamento veneravel.
.....

O que nas pedras delle Deos obrára;

Donde as tinha formado a natureza, Cf. 1Rs 6, 7.
Cortadas pera a obra soberana,
Vinham justas no assento e na grandeza.
.....
Vinham todas tão limpas e acertadas,
Que, emquanto a obra durou, nunca soaram
D'instrumentos mecanicos pancadas.
.....

Medida no ceo fôste lá traçada, Cf. Lc 1, 34-35.
E ao conceber a graça te influiram,
Que declarou a Angelica embaixada.
.....

Saul quando David em campo entrava Cf. 1 Sm 17, 55-18, 5.
Co bravo Filisteo, soberbo e horrendo,
Das reaes armas proprias o armava.
.....

Figura disto proprio o vélo era, Cf. Jz 6, 36-40.
Que vira Gedeão d'orvalho cheo,
Sem se molhar a terra em que estivera.
.....

Joseph fazendo as terras tributarias Cf. Gn 40, 20-22.
Todas do Egypto, lemos que eximira
Franca a sacerdotal de pagar párias.

Christo, mór Sacerdote,..... Cf. Hb 3, 1.
.....

Mandou Deos a Israel, quem tratasse Cf. Sl 95, 7c-9;
D'ouvir sua voz, o primeiro que a ouvisse Hb 3, 7-20.
O sprito e coração santificasse.
.....

Semelhança de sêr gerada nella Cf. Ex 3, 1-6.
Foi a sarça que, sem queimar-se, ardia
Quando Deos a Moysés quís falar della.
.....

Deste mysterio tão prodigioso
Ficou Moysés com tal temôr e espanto,
Que está do que vê claro, duvidoso.
.....
Caminha e pára, não ousa, e quer chegar-se,
.....
Vê que da mesma sarça Deos lhe fala,
Que antes de dar mais passo se descalce,
Que a terra ali por santa lhe assignala.
.....

Christo, verdade eterna, indubitavel, Cf. Lc 7, 24-28.
Canonizando o angelico Baptista,
Depois de o declarar por inculpavel,

Disse, como refere o Evangelista,
Que entre os nascidos não se levantara
Outro maior, que foi honra não vista.
.....

Da culpa original a esposa a tira Cf. Ct 4, 7.
Nos Cantares, pois diz que a doce amiga
Toda fermosa e sem macula a vira.

A mesma opinião consta, que siga Cf. Jó 3, 4-7.
O santo Job, da Virgem celestial,
E que do Verbo eterno e della diga:

Que a noite do peccado original
Não vira a luz, que é Christo, nem a aurora,
Que é a mãi clara, pura e virginal.
.....

Sobre todos tua graça e luz realça, Cf. Ap 12, 1.
Qual o mostra a visão do Evangelista,
Que te veste do sol e da lua calça.
.....

E por Rainha gloriosa e rica Cf. Sl 45, 11-18.
.....

Maria é de David gloriosa chave, Cf. Is 20, 22.
.....

Vendo Anselmo, Matheos, Lucas, Bernardo, Cf. Mt 1-2; Lc 1-2.
O que de ti escreveram, e o que escrevo.
.....

Do Centurio fiel a confiança, Cf. Mt 1-2; Lc 1-2.
As lagrimas, o amor, e a penitencia, Cf. Lc 7, 36-50.
Com que a paz da alma Magdalena alcança. [735]

Deixamos, para citação à parte, dois tercetos onde os exemplos bíblicos apresentados não têm correspondência num versículo ou passagem específicos, mas evocam a imagem que, das personagens em causa, nos é dada pelo conjunto de perícopas ou até livros que retratam (ou que foram escritos, como é o caso de Paulo, por) essas figuras:

"De Pedro a fé, de Paulo a caridade, (Cf. Lc 23, 39-43.)
Do bom ladrão o lume, a esperança,

---

[735] IDEM — *Obras*, p. 234-252.

De Francisco a pobreza e humildade.

.....

Do santo Abrahão a prompta obediencia,	Cf. Gn 12-25.
De Isaac a mansidão e sofrimento,	Cf. Gn 21-28, 9.
De Joseph a pureza e paciencia." [736]	Cf. Gn 37, 2-50.

7.2.2. *Beati qui lugent*

"Magdalena tornada um mar de lagrimas	Cf. Lc 7, 36-50.
As culpas affogou vencendo em lagrimas	
.....	
Pedro, que o mór milagre foi das lagrimas,	Cf. Lc 22, 54-62.
.....	
David perdido em si, banhado em lagrimas,	Cf. 2 Sm 12, 13-24.
Semente d'alegria chama as lagrimas;	Cf. Gn 32, 23-30.
Jacob chega a render anjos com lagrimas,	Cf. 1 Sm 1, 9-20.
D'esteril Samuel nasceo por lagrimas.	Cf. 2 Rs 20, 1-6.
A Ezechias, ao cego, ao ladrão, lagrimas,	Cf. Mc 10, 46-52.
.....	Cf. Lc 23, 39-43.
..... lagrimas	Cf. 1 Pd 2, 4.
Nascem da pedra viva, Jesus; ....." [737]	

7.3. Composições de Martim de Crasto do Rio

Seguindo o critério enunciado no início do ponto sete, não assinalámos, para as quatro últimas composições, o glosar de muitos quadros ou imagens bíblicos, pois, como os próprios títulos indicam,

---

[736] *Ibidem*, p. 252.
[737] *Ibidem*, p.268-269.

tratam temas e episódios relacionados com a Paixão (*Hymno á Cruz* e elegia *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*) e com a Natividade (*Chansonetas ao Nascimento de Nosso Senhor*). Na elegia *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*, por exemplo, quinze tercetos narram os pormenores da traição de Judas, vinte tercetos contam, com detalhe, a cena do lava pés, e um terceto evoca a saída de Jesus para o horto, acompanhado dos três discípulos.

7.3.1. *Canção a Nossa Senhora*

"Tu és raio do sol do eterno dia, — Cf. Ct 6, 10.
Que as trevas rompe e os montes nos descobre,
Que o Rei profeta via,
.....

..... templo divino, — Cf. Ml 3, 1.
.....

Virgem visão de paz, arca segura, — Cf. Gn 6, 13 - 7, 10.
Do diluvio geral, por Deos traçada,
.....

Aurora que desterra — Cf. Ct 6, 10.
A noite d'alma cega,
.....

Virgem do eterno Rei, santa cidade, — Cf. Ap 21, 2-4.
Rica, nobre, fermosa, e triunfante,
Fim de toda a celeste architectura;
.....

Espelho da catholica verdade, — Cf. Sb 7, 26.
.....

Que á mão direita, em pé, vestida d'ouro,	Cf. Sl 110, 1.
Te pôs, da qual David tinha cantado.	
.....	
Novo sol dos celestes horisontes	Cf. Ct 6, 10.
.....	
Das bemaventuranças que louvou,	Cf. Lc 1, 39-55.
Com tam alta eloquencia,	
A mulher que o Evangelho celebrou.	
.....	
Que no Ceo bata, o busque, o peça, o queira;	Cf. Mt 7, 7-8.
.....	
Tu foste medianeira	Cf. Lc 23, 39-43.
Do despacho fermoso,	Cf. Lc 7, 36-50.
Do ladrão venturoso.	Cf. Act 9, 1-19.
Madalena, por ti, a graça achou;	Cf. Lc 22, 61-62.
Paulo se converteu, Pedro chorou." [738]	

7.3.2. *Hymno á Cruz*

"Serpente milagrosa, vital, forte,	Cf. Nm 21, 4-9.
Que só pondo-lhe os olhos, dá saude	
Na venenosa chaga, e vence a morte.	
.....	
Tu levaste o Baptista ao Ceo do ermo,	Cf. Mt 3, 1-4.
Paulo do cego horror, Pedro da rêde,	Cf. Act 9, 1-19.
Magdalena da culpa, a amar sem termo.	Cf. Mt 4, 18-20.
.....	Cf. Lc 7, 36-50; Jo 20, 11-18.

[738] *Ibidem*, p. 274-277.

Param todos em Deos, que faz suaves — Cf. Mt 7, 7-8.
O jugo, pena, dôr dos mais tentados." [739]

7.3.3. *Á Quinta-feira da Cea do Senhor*

"Pois vós verdade sois, caminho, e vida, — Cf. Jo 14, 6.
.....

Mal te lembrou o emquanto avaliaste — Cf. Mt 26, 6-13.
O ungento de Maria, há poucos dias,
Quando em tão pouco a Christo arrematáste.
.....

A ti, por membro alheo, já te engeita, — Cf. Dn 12, 1;
E te risca do seu vital caderno. — Ap 20, 12.

A doctrina, milagres, vida estreita, — Cf. Jo 20, 19-23.
Que ao choro e luto, seu divulgar manda,
Confirma aos onze, em ti nada aproveita." [740]

7.3.4. *Chansonetas ao Nascimento de Nosso Senhor*

"Os cegos já viram, — Cf. Mt 11, 5.
Os mudos falaram,
os surdos ouviram,
os coxos andaram.

Os mortos têm vida,
os vivos não morrem,
os bens á medida
do desejo correm.
.....

---

[739] *Ibidem*, p. 279-280.
[740] *Ibidem*, p. 281-285.

A summa bondade
nos manda por guia
a luz e a verdade,
que David pedia. *Cf. Sl 43, 3.
.....

Deu a flôr suave
o fructo esperado,
já vimos a chave
do jardim cerrado. *Cf. Ct 4, 12.

Ó divina Aurora, Cf. Ct 6, 10.
.....

Fez a vóz humana
outro sol deter. *Cf. Js 10, 12-13.
Fez a soberana
este a nós descêr.

Lá figurou isto
Deos por Isaias, *Cf. Is 38, 8.
no relogio visto
delRei Ezechias.

Para o segurar
da mercê, que fêz,
o sol o fêz tornar
dez linhas atrás.
.....

Por Deos seu thesouro
todo em nossa mão:
este é o altar d'ouro,
que vio São João. *Cf. Ap 8, 3.

Leão de Judá, Cf. Ap 5, 5.
que o Ceo nos conquista,
Cordeiro, que o dá,
e honra o Baptista.

Triunfo e lucerna *Cf. Ap 21, 23-27.
da Cidade santa,
que com gloria eterna
se adora e se canta.
.....

Na terra cahio
de Deos mui amada,
que foi na que vio Cf. Dt 34, 1-4.
Moysés figurada.
.....

Em tal claridade Cf. Sb 7, 26.
a sua alma ardia,
que toda a Trindade
nella se revia." [741]

7.3.5. Conjunto das referências dos pontos 7.2. e 7.3., por Testamentos e livros:

AT: Génesis: Gn 1, 1; Gn 1, 3-5; Gn 1, 9-10.17; Gn 1, 26; Gn 2, 8-15; Gn 2, 9; Gn 2, 15-17; Gn 2, 18-23; Gn 3, 1-13; Gn 3, 16; Gn 3, 17-19; Gn 6, 13 - 7, 10; Gn 12-25; Gn 21-28, 9; Gn 32, 23-30; Gn 37, 2-50; Gn 40, 20-22.
Êxodo: Ex 3, 1-16.
Números: Nm 21, 4-9.
Deuteronómio: Dt 34, 1-4.
Josué: Js 10, 12-13.
Juízes: Jz 6, 36-40.
1 Samuel: 1 Sm 1, 9-20; 1 Sm 17, 55 - 18, 5.
2 Samuel: 2 Sm 12, 13-24.
1 Reis: 1 Rs 6, 1-14; 1 Rs 6, 7; 1 Rs 6, 18-20; 1 Rs 6, 18-20.
2 Reis: 2 Rs 20, 1-6.

---

[741] *Ibidem*, p. 353-360.

Job: Jó 3, 4-7.
Salmos: Sl 8, 6-9; Sl 19, 5c-6; Sl 43, 3; Sl 45, 11-18; Sl 95, 7c-9; Sl 110, 1; Sl 122 (?)
Cântico dos Cânticos: Ct 4, 7; Ct 4, 12; Ct 6, 10.
Sabedoria: Sb 7, 26.
Isaías: Is 20, 22; Is 38, 8; Is 40, 13-14.
Ezequiel: Ez 44, 2.
Daniel: Dn 12,1.
Malaquias: Ml 3, 1.

NT: Evangelhos:
S. Mateus: Mt 1-2; Mt 3, 1-4; Mt 4, 18-20; Mt 7, 7-8; Mt 11, 5; Mt 26, 6-13.
S. Marcos: Mc 10, 46-52.
S. Lucas: Lc 1-2; Lc 1, 34-35; Lc 1, 39-55; Lc 7, 1-10; Lc 7, 24-28; Lc 7, 36-50; Lc 22, 54-62; Lc 22, 61-62; Lc 23, 39-43.
S. João: Jo 14, 6; Jo 20, 14-18; Jo 20, 19-23.

Actos dos Apóstolos: Act 9, 1-19.

Epístolas Paulinas: Rm 5, 12-14.

Epístola aos Hebreus: Hb 3, 1; Hb 3, 7-20.

Epístolas Católicas: 1 Pd 2, 4.

Apocalipse: Ap 5, 5; Ap 8, 3; Ap 12, 1; Ap 12, 7-9; Ap 20, 12; Ap 21, 2-4; Ap 21, 23-27.

CÂMARA MUNICIPAL VALENÇA BIBLIOTECA

APÊNDICE II

COSTA, Avelino de Jesus da — Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz. *Acção Católica.* Braga. **a)** 23: 8-9 (1938) 463-489; **b)** 24: 1 (1939) 21-35; **c)** 24: 4 (1939) 280-283; **d)** 24: 8-9 (1939) 480-508; **e)** 24: 11 (1939) 618-626; **f)** 25: 2 (1940) 89-109; **g)** 25: 4 (1940) 133-141; **h)** 25: 7 (1940) 409-421; **i)** 25: 8-9 (1940) 495-503; **j)** 25: 10 (1940) 555-571; **l)** 25: 11 (1940) 625-638.

a) I - A sua Naturalidade 463

1.1. Razão deste artigo 463

1.2. Argumentos a favor de Ponte do Lima 465

1.3. Refutação dêsses argumentos 466

1.4. O livro do Sr. Costa Caldas 470

1.5. Argumentos a favor de Ponte da Barca 473

1.5.1. Obras de Bernardes e de Frei Agostinho 473

b) 1.5.2. Os nobiliários 21

1.5.2.1. Valor dos nobiliários 21

1.5.2.2. Afirmações dos nobiliários 22

1.5.2.3. As afirmações dos nobiliários e as dos documentos 24

1.5.2.4. Afirmações fantasistas 26

1.5.2.5. As afirmações fantasistas perante os documentos 28

c) 1.5.3. Documentos da Torre do Tombo 280

1.5.3.1. Cartas de ofício a João Rodrigues Colaço 280

1.5.3.2. Alvará de nomeação de Diogo Bernardes para tabelião da Nóbrega (Barca) 281

1.5.3.3. Outros documentos relativos à família de Bernardes 281

d) 1.5.4. Documentos do Arquivo Distrital de Braga 480
1.5.4.1. Cartório paroquial 480
1.5.4.2. Cartório notarial 481
1.5.4.3. Cartório da Misericórdia 481
1.5.4.4. Arquivo do Seminário 482
1.5.4.5. Cartório do Cabido 482
1.5.4.6. Matrículas de Ordens 482
1.5.4.7. Matrículas e a naturalidade dos ordinandos 485
1.5.4.8. Ponte da Barca e Paço Vedro 491
1.5.4.9. Ponte da Barca e a "Casa da Prova" 494
1.5.4.10. Conclusão 495
II - A família dos poetas 496
2.1. Títulos I – Bernardes 496
2.1.1. Origem 496
2.1.2. Brasão 497
2.1.3. Bernardes de Ponte do Lima 498
2.1.3.1. Diogo Bernardes 498
2.1.3.2. António Bernardes 498
2.1.3.3. Diogo Bernardes Pimenta 500
2.2. Títulos II – Pimentas 501
2.2.1. Origem 501
2.2.2. Brasão 501
2.2.3. Pimentas de Ponte do Lima 502
2.2.3.1. João Pimenta 502
2.3. Título III – Araújos 503
2.3.1. Origem 503
2.3.2. Brasão 503
2.3.3. Araújos de Portugal 503
2.3.3.1. Paio Rodrigues de Araújo 503
2.3.3.2. Vasco Rodrigues de Araújo 504
2.3.3.3 Pedro Anes de Araújo 504

2.3.3.4. Gonçalo Rodrigues de Araújo 504
2.3.3.5. Pedro Anes de Araújo 505
2.3.3.6. Paio Rodrigues de Araújo 505
2.3.3.7. Rodrigues Anes de Araújo 507
2.3.3.8. João Rodrigues de Araújo 507
2.3.3.9. Rodrigo Anes de Araújo 507
e) 2.4. Títulos IV – Pimentas de Araújo 618
2.4.1. Catarina Bernardes Pimenta 618
2.4.1.1. Origem 618
2.4.1.2. Nascimento 618
2.4.2. João Rodrigues de Araújo Colaço 619
2.4.2.1. Origem 619
2.4.2.2. Nascimento 623
2.4.2.3. Dados biográficos 624
2.4.2.4. Filhos 625
f) 2.5. A família dos poetas 89
2.5.1. António Rodrigues Pimenta 89
2.5.1.1. Dr. Gonçalo Pimenta de Araújo 91
2.5.1.2. Maria Pimenta Bernardes 93
2.5.2. Belchior Pimenta de Araújo 94
2.5.2.1. Catarina Pimenta da Silva 97
2.5.3. Isabel Pimenta Bernardes 97
2.5.3.1. Dr. Jerónimo Pimenta de Abreu 99
2.5.4. Catarina Bernardes Pimenta 101
2.5.4.1. Manuel Cerveira Pereira 102
2.5.5. Ana Gomes Pimenta 103
2.5.5.1. Fernão Velho de Araújo 105
2.5.6. Mónica Pimenta de Araújo 109
g) III - Biografia de Diogo Bernardes 133
3.1. Nascimento 133
3.2. Infância e adolescência 138
3.3. Educação 140

h)	3.4.	Em Lisboa e em Ponte da Barca	409
	3.5.	Embaixada a Madrid	420
i)	3.6.	Expedição a Alcácer-Quibir	495
	3.7.	Batalha e Cativeiro de Alcácer-Quibir	499
j)	3.8.	Regresso à Pátria	555
	3.9.	Na terra natal	558
	3.10.	Regresso a Lisboa	559
	3.11.	Última estada na Barca	560
	3.12.	Na Côrte de Lisboa	561
	3.13.	Relações sociais	564
	3.14.	Relações literárias	567
l)	3.15.	Patriotismo de Diogo Bernardes	633

BIBLIOGRAFIA

FONTES:

BERNARDES, Diogo — *O Lima: églogas.* Lisboa: Emprêsa Diário de Notícias, 1923, vol. 1.

—— *Obras completas: Rimas várias; Flores do Lima.* Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1945, vol. 1.

BERNARDUS CLARAE-VALLENSIS — Sermones in Cantica Canticorum. In *PL*, 183.

BLOIS, Luís de — Espejo espiritual. In IDEM — *Obras.* Madrid: Imprensa de Juan de la Costa, 1605, p. 46-84.

—— Institucion espiritual. In IDEM — *Obras.* Madrid: Imprensa de Juan de la Costa, 1605, p. 441-479.

—— Ioyel espiritual. In IDEM — *Obras.* Madrid: Imprensa de Juan de la Costa, 1605, p. 85-124.

BOAVENTURA, santo — Vitis mystica. In IDEM — *Obras.* Madrid: BAC, 1968, p. 451-508.

CALVO, Pedro — *Defensam das sagradas religiões, fructo das Lagrimas de Christo N. S.* Lisboa: Antonio Aluarez, 1618.

CARVALHAL, António [et al.] — Esmeraldas & Rubins. *Arquivo literário.* Lisboa. 4: 13 (1926) 157. Publicado em 1927.

CATARINA DE SENA, santa — Oraciones y soliloquios. In *Obras: El Diálogo, Oraciones y soliloquios*. Madrid: BAC, 1980.

CRUZ, Agostinho da — Apêndice I. Poesias inéditas de Frei Agostinho da Cruz contidas no ms BNL FG 7691. In SILVA — *Maneirismo*, p. 505-531.

—— *Obras de Frei Agostinho da Cruz*. Com prefácio e notas de Mendes dos Remédios. Coimbra: França Amado - Editora, 1918.

—— *Sonetos e Elegias*. Estudo, estabelecimento crítico do texto e notas de António Gil Rafael. Lisboa: Hiena, 1994.

DEUS, Rodrigo de — *Motivos espirituais*. Lisboa: Officina de Francisco Xavier de Andrade, 1723.

—— *Tratado dos Passos que se andão na Quaresma para resarem, ou cantarem os que os correm*. Lisboa: Na officina Joaquiniana da Musica, 1736. Utilizámos, também, parte da edição: IDEM —*Tratado dos Passos que se andam na Quaresma para rezarem, ou cantarem os que os correrem*. Lisboa: Na officina de Domingos Carneiro, 1664.

ESCHIUS, Nicolas — *Exercicios divinos*. Lisboa: Bernardo da Costa, 1714.

ESTATUTOS da Provincia de Santa Maria da Arrabida da mais perfeyta observancia de nosso Seraphico Padre S. Francisco, feytos em virtude de hum Breve do Senhor Papa Innocencio XII. concedido á mesma Provincia, sendo Ministro Provincial o Irmão Frey Antonio da Apresentação Prègador, & examinador das tres Ordens Militares: aceytos, & approvados pelo Capitulo Provincial, que se celebrou em o Convento de São Joseph de Ribamar em 6. de Julho de 1697. em que foy eleyto Ministro Provincial o Irmão Frey Sebastião de Santo Antonio Prègador. Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, 1698.

FRANCISCO DE ASSIS , santo — *Fontes franciscanas: escritos - biografias - documentos*. Braga: Editorial Franciscana, 1982.

GRANADA, Luis de — *Libro de la oración y meditación*. Madrid: Administración del Apostolado de la Prensa, 1907.

JESUS, Tomé de — *Trabalhos de Jesus.* Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781.

KEMPIS, Thomas de — *Imitação de Cristo.* Lisboa: Verbo, [s.d.].

—— *Imitaçam de Christo.* Coimbra: Ioseph Ferreira, 1674.

[——] *De imitatione Christi.* Edição crítica ao cuidado de Tiburzio Lupo, S.D.B.. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1982.

LEÓN, Luis de — *Poesias Completas.* Tradução, prólogo e notas de José Bento. Lisboa: Assírio e Alvim, 1992.

MEDINA, Afonso de — Tratado da Oração Mental. In DEUS, Rodrigo de — *Motivos espirituais.* Lisboa: Officina de Francisco Xavier de Andrade, 1723, p. 259-528.

PEDRO DE ALCÂNTARA, santo — *Tratado da oração, e meditação.* Coimbra: Real Officina da Universidade, 1760.

PIEDADE, António da — *Espelho de penitentes e chronica da provincia de Santa Maria da Arrabida.* Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, 1728.

QUADROS, José Caetano de Mesquita e — *Vida do veneravel padre Fr. Agostinho da Cruz.* Lisboa: Regia Officina Tipografica, 1793.

SAVONAROLA — *La scure alle radici.* Padova: Edizioni Messagero, 1983.

SILVA, Jorge — Meditações da Criação do Mundo e vida de Nosso Senhor Jesus Cristo. In *ANTOLOGIA de espirituais Portugueses.* [S.l.]: INCM, 1994, p. 83-87.

—— Tratado dos proveitos que vêm aos homens de serem membros de Jesus Cristo, Nosso Senhor. In *ANTOLOGIA de espirituais portugueses.* [S.l.]: INCM, 1994, p. 93-94.

—— Tratado em que se contém a Paixão de Cristo. In *ANTOLOGIA de espirituais portugueses.* [S.l.]: INCM, 1994, p. 87-93.

TERESA DE JESÚS, santa — Libro de la vida. In IDEM — *Obras completas.* Burgos: Editorial "Monte Carmelo", 1977, p. 3-499.

—— Moradas. In IDEM — *Obras completas.* Burgos: Editorial «Monte Carmelo», 1977, p. 787-1043.

ESTUDOS:

AINDA Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (23 Mar. 1940) 2.

ALBINO, José Maria da Rosa — *Arrábida: publicação comemorativa do centenário da fundação do antigo Círio da Arrábida de Setúbal.* [S.l.]: [s.n.], 1956.

ALMEIDA, Fortunato de — *História da Igreja em Portugal.* Porto-Lisboa: Livraria Civilização, 1968, vol. 2.

AMPE, Albert — Eschius. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1960, vol. 4-1.º, p. 1060-1066.

ANDRÉS, Melquiades — Introducción general. In OSUNA, Francisco de — *Tercer Abecedario espiritual.* Madrid: BAC, 1972, p. 3-117.

ARANTES, Hemetério — *Frei Agostinho da Cruz: Notas à margem d'uma Historia Quinhentista.* Lisboa: Guimarães & C.ª, 1909.

AZEVEDO, Carlos A. M. — Bibliografia para a história da Igreja em Portugal. *Humanística e Teologia.* 1081, 2, p. 91-112. p. 203-238; 1982, 3, p. 99-115. p. 195-232; 1984, 5, p. 109-113. p. 235-278; 1985, 6, p. 337-387; 1987, 8, p. 217-258. p. 335-388; 1989, 10, p. 235-256. p. 369-402.

BARAUT, Cyprien — Espagne: période patristique. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1961, vol. 4-2.º, p. 1089-1110.

BATAILLON, Marcel — *Erasmo y España: Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI.* México: Fondo de Cultura Económica, 1950, vol. 2.

—— Une Source de Gil Vicente et de Montemor: la méditation de Savonarole sur le "Miserere". In IDEM — *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974, p. 155-170.

BELCHIOR, Maria de Lourdes — Antíteses, oposições e contrastes na poesia de Frei Agostinho da Cruz. In *CONGRESSO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA*, 1, 7-14 Agosto 1960. *Anais*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1964, p. 123-140.

—— Cruz, Fr. Agostinho da. In *DICIONÁRIO das literaturas portuguesa, galega e brasileira*. Dir. Jacinto do Prado Coelho. Porto: Figueirinhas, [s.d.], p. 202.

—— Poesia e Mística: Frei Agostinho da Cruz. In IDEM — *Os homens e os livros, séculos XVI e XVII*. Lisboa: Verbo, 1971.

BELCHIOR, Maria de Lourdes; CARVALHO, José Adriano de — Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa. In *ANTOLOGIA de espirituais portugueses*. [S.l.]: INCM, 1994, p. 11-23.

BIBLIOGRAFIA cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal 1501-1700. Dir. José Adriano de Freitas Carvalho. Porto: FLP-ICP, 1988.

BLASIO, Bernardino de — Introduzione. In TAULER, Johannes — *Opere*. [S.l.]: Edizione Paoline, 1977, p. 9-30.

BRAGA, Teófilo — *História da literatura portuguesa*. Lisboa: INCM, 1984, vol. 2.

—— *Historia dos Quinhentistas*. Porto: Imprensa Portugueza - Editora, 1871.

—— Poesia mystica amorosa. In IDEM — *Estudos da Edade Media*. Porto; Braga: Livraria Internacional Chardron, 1870, p. 168-182.

—— Poesia mystica portugueza. *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*. Lisboa. 5 (1864) 640-648.

CARDOSO, Jorge — *Agiologio Lusitano*. Lisboa: Officina de Henrique Valente de Oliveira, 1657, vol. 2, p. 146-147.

CARVALHO, José Adriano de Freitas — A "ars orandi" de Fr. Heitor Pinto e as raízes culturais da "Imagem da vida cristã". *Humanística e Teologia.* Porto. 5: 3 (1984) 291-318.

—— Das edições de S. Boaventura em Portugal nos séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma influência na história da espiritualidade portuguesa. *Archivo Ibero-Americano.* 47 (1987) 131-159.

—— Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630). In *Homenaje a Elias Serra Ráfols.* La Laguna: Universidad de La Laguna, 1970, vol. 2, p. 47-70.

—— *Gertrudes de Helfta e Espanha: contribuição para estudo da história da espiritualidade peninsular nos séculos XVI e XVII.* Porto: INIC, 1981.

—— Para a história da espiritualidade em Portugal: os "Motivos Espirituais" de Fr. Rodrigo de Deus e sua repercussão em Espanha. *Itinerarium.* Braga. 14 (1968) 49-102.

—— Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o "Sapateiro Santo" (1516-1576). In *ESPIRITUALIDADE e Corte em Portugal (séculos XVI a XVIII).* Porto: FLP-ICP, 1993, p. 233-260.

CASTRO, Aníbal Pinto de — Agostinho da Cruz. In *Dicionário de História da Igreja em Portugal.* Dir. de A. A. Banha de Andrade. Lisboa: Resistência, 1980, vol. 1, p. 62-63.

CENTENÁRIO (O 4.º) de Frei Agostinho da Cruz: programa das comemorações. *A Indústria.* (14 Mar. 1940) 7.

CENTENÁRIO (O) de Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (6 Mar. 1940) 1.

CIRURGIÃO, António — Frei Agostinho da Cruz e o "homo viator". *Colóquio Letras.* 63 (1981) 32-43.

COHEN, Jean — *Estrutura da linguagem poética.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, [s.d.].

CONFERÊNCIA (A) do Prof. Vieira de Almeida. *O Setubalense.* (16 Mar. 1940) 4.

COSTA, Avelino de Jesus da — Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz. *Acção Católica.* Braga. 23 (1938) 463-489; 24 (1939) 21-35, 280-283, 480-508, 218-626; 25 (1940) 89-109, 133-141, 495-503, 555-571, 625-635.

COSTA, Dalila Pereira da — *Místicos portugueses do século XVI.* Porto: Lello & Irmão-Editores, 1986.

CRAVINA, Santos — A Cruz de Frei Agostinho, do poema "O místico da Arrábida". *O Setubalense.* (21 Mar. 1940) 2.

—— Padrão da Renascença, pró-IV centenário natalício de Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (19 Mar. 1940) 2.

D'ALENÇON, P. Édouard — Frères Mineurs. In *DTC.* Paris: Letouzey et Ané, 1947, vol. 6-1.º, p. 809-863.

DEBONGNIE, Pierre — Dévotion – "Devotio Moderna". In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1957, vol. 3, p. 727-747.

DI BERNARDO, Flavio — Passion. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1984, vol. 12, p. 312-338.

DIAS, José Sebastião da Silva — *Correntes de sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII).* Coimbra: Universidade de Coimbra-Instituto de Estudos Filosóficos, 1960.

FARDILHA, Luís de Sá — Maria Madalena: lágrimas, amor e culpa. *Via Spiritus.* Porto. 2 (1995) 7-46.

—— Natureza e Retórica em Frei Agostinho da Cruz. *Via Spiritus.* Porto. 1 (1994) 111-132.

—— [Rec. a] CRUZ, Agostinho da — Sonetos e elegias. Estudo, estabelecimento crítico do texto e notas de António Gil Rafael. Lisboa: Hiena Editora, 1994. *Via Spiritus.* 1 (1994) 249-252.

FERREIRA, João Maria — É preciso não esquecer. *O Setubalense.* (29 Fev.; 6; 7 Mar. 1940) 2; 1 e 6; 2.

FERREIRA, Maria Eugénia Pedro de Jesus — *O sentimento religioso em Frei Agostinho da Cruz*, dissertação para licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no ano lectivo de 1956/57. Coimbra: [s.n.], 1957.

FONSECA, Carlos Diniz da — Frei Agostinho da Cruz e os Cruzeiros. *Estudos.* Coimbra. 17: 187 (1940) 235-238.

FREI Agostinho da Cruz. *A Indústria.* (9 Mar. 1940) 3.

FREI Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (8 Mar. 1940) 1.

FREI Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (12 Mar. 1940) 4.

FREI Agostinho da Cruz: as comemorações do seu centenário. *O Setubalense.* (9 Mar. 1940) 1; 6.

FREI Agostinho da Cruz: letras e artes. *Novidades.* (17 Mar. 1940) 4.

GAMITO, A. Manuel — O segrêdo de Frei Agostinho. *A Indústria.* (14 Mar. 1940) 1-2.

GNÄDINGER, Louise — Tauler, Jean. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1991, vol. 15, p. 57-79.

GRAEF, Hilda — *Histoire de la mystique.* Paris: Éditions du Seuil, 1972.

—— *Os místicos.* Coimbra: Arménio Amado, 1958.

GUERRA, F. — O poeta da Arrábida. *A Indústria.* (Setúbal. 14 Mar. 1940) 2; 7.

GUIBERT, J. de; VILLER, M.; OLPHE-GALLIARD, M. — Ascèse, ascètisme: l'ascèse chrétienne. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, p. 936-1017.

GUIMARÃES, Delfim — "Lauro" e "Liana". *Arquivo Literário.* Lisboa. 4: 13 (1926) 56-59. Publicado em 1927.

GULLICK, Etta; DE VEGHEL, Optat — Herp. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1969, vol. 7, p. 346-366.

HOMENAGEM (A) a Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (14 Mar. 1940) 6.

HUERGA, A. — Devotio Moderna. In *Diccionario de espiritualidad.* Dir. Ermanno Ancilli. Barcelona: Herder, 1983, vol. 1, p. 575-580.

INMACULADA, Román de la — Espagne: déviations spirituelles et Inquisition – Illuminisme. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1961, vol. 4-2.ª, p. 1159-1164.

LE BACHELET, X.; JUGIE, M. — Immaculée Conception. In *DTC.* Paris: Letouzey et Ané, [s.d.], vol. 9, p. 845-1218.

LIMA, Augusto C. Pires de — Prefácio. In CRUZ, Agostinho da — *Poesias selectas de Frei Agostinho da Cruz.* Porto: Editorial Domingos Barreira, [s.d.], p. 3-29.

—— *Frei Agostinho da Cruz, mudança de vida.* Porto: Imprensa Moderna, 1940.

LOPES, F. Félix — *Influência de S. Pedro de Alcântara na espiritualidade portuguesa do seu tempo.* Coimbra: FLUC-IEHDAV, 1964.

—— Um homem que acreditou no pecado original. *Itinerarium.* Braga. 8 (1962) 203-232.

LORTZ, Joseph — *Historia de la Iglesia.* Madrid: Cristiandad, 1982, 2 vol.

MACHADO, Diogo Barbosa — Fr. Agostinho da Cruz. In IDEM — *Bibliotheca lusitana.* Lisboa: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, vol. 1, p. 64-65.

MARTINS, José V. de Pina — *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*. Paris: FCG-CCP, 1973.

MARTINS, Mário — A poesia mística de D. Manuel de Portugal. *Revista da Universidade de Coimbra*. 19 (1960) 1-26. Separata.

—— Ecologia, Frei Agostinho da Cruz e a Arrábida. *Brotéria*. Lisboa. 121: 4 (1985) 289-296.

—— Frei Agostinho da Cruz e a lenda Oriental de Santo Eustáquio. *Brotéria*. 117 (1983) 149-158.

—— O pseudo-Taulero e Fr. Tomé de Jesus. *Brotéria*. Lisboa. 42 (1946) 21-30.

—— Uma visão do Natal em Fr. Agostinho da Cruz. *Brotéria*. Lisboa. 79 (1964) 554-559.

MARTÍNEZ, Maria Teresa Leal de — Um cancioneiro de Frei Agostinho da Cruz. *Ocidente*. Lisboa. 82 (1972). Separata.

MATTOSO, José [et al.] — Portugal et Brésil. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1986, vol. 12, p. 1952-1957.

NEMÉSIO, Vitorino — O capuchinho da Arrábida. In IDEM — *Ondas Médias, biografia e literatura*. Lisboa: Livraria Bertrand, imp. 1945, p. 133-140.

NOVIDADES (1; 4; 8; 10; 12; 13; 15; 19; 20; 22 Jan. 1940) 3-4; 5-6; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4; 3-4.

NOYE, Irénée; KANNENGIESSER, Charles; AGAESSE, Paul — Humanité du Christ (dévotion et contemplation): au temps des pères de l'Église. In *DSp*. Paris: Beauchesne, vol. 7, 1969, p. 1034-1053.

OECHSLIN, Raphaël-Louis — Eckhart. In *DSp*. Paris: Beauchesne, 1960, vol. 4, p. 93-116.

PASCOAES, Teixeira de — *Os poetas lusíadas.* Lisboa: Assírio e Alvim, 1987.

PICARD, Michel-Jean — Croix (chemin de). In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 2, p. 2576-2606.

PIMPÃO, Costa — Frei Agostinho da Cruz. *Biblos.* Coimbra. 16 (1940) 299-302.

PINA, A. Ambrósio — Precursores da devoção ao Coração de Jesus em Portugal, V, Frei Agostinho da Cruz. In *Mensageiro do Coração de Jesus,* 79 (1961) 17-25.

POEMA (O) de Santos Cravina: em preito a Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (4 Mar. 1940) 2.

PUNIET, P. de — Blois (Louis de). In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, p. 1730-1738.

RAYEZ, André — Humanité du Christ (dévotion et contemplation): age d'or de la dévotion médiévale (14e-15e siècles). In *DSp.* Paris: Beauchesne, vol. 7, 1969, p. 1065-1096.

REMÉDIOS, Mendes dos — Fr. Agostinho da Cruz. In CRUZ, Agostinho da — *Obras.* Coimbra: França Amado-Editora, 1918, p. 5-56.

RICARD, Robert — El tema de Jesús Crucificado en la obra de algunos escritores españoles de los siglos XVI y XVII. In *Estudios de la literatura religiosa española.* Madrid: Editorial Gredos, 1964, p. 227-245.

—— L'influence des 'Mystiques du Nord' sur les spirituels portugais du XVIe et du XVIIe siécle. In IDEM — *Études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal.* Paris: FCG-CCP, 1970, p. 205-240.

ROCHA, Ilídio — *Catálogo da livraria do convento da Arrábida e do acervo que lhe estava anexo.* [S.l.]: Fundação Oriente, 1994.

RODRIGUES, Maria Idalina Resina — Jorge da Silva. In *Antologia de espirituais portugueses.* INCM, 1994, p. 79-81.

SAGRADO CORAZÓN, Enrique del — Espagne: courants spirituels et sources. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1960, vol. 4, p. 1146-1159.

SALVADO, António — Itinerário ascético de Frei Agostinho da Cruz. *Atlântida.* Angra do Heroísmo. 5 (1961) 203-219.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar — *História da literatura portuguesa.* Porto: Porto Editora, [s.d.].

SETÚBAL e Frei Agostinho da Cruz. *Novidades.* (14 Mar. 1940) 1.

SETÚBAL vai festejar brilhantemente o 3.° centenário do nascimento de Frei Agostinho da Cruz. *Novidades.* (13 Mar. 1940) 1-2.

SILVA, Inocêncio Franscisco da — Agostinho da Cruz. In IDEM — *Diccionario bibliographico portuguez.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, vol. 1, p. 15-16.

SILVA, José Maria da Costa e — *Ensaio Biográphico-crítico sobre os melhores poetas portuguezes.* Lisboa: Imprensa Silviana, 1851, vol. 2.

—— Poeta e monge, poema a Frei Agostinho da Cruz. *O Setubalense.* (27 Mar. 1940) 1-2.

SILVA, Vítor Manuel Pires Aguiar e — *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa.* Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1971.

SIMÕES, João Gaspar — *História da poesia portuguesa, das origens aos nossos dias, acompanhada de uma antologia.* [S. l.]: Empresa Nacional de Publicidade, 1955, vol. 1.

SOUSA, António Caetano de — *Historia genealogica da casa real portugueza.* Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1737, vol. 3.

—— *Historia genealogica da casa real portugueza.* Lisboa: Officina Sylviana, 1738, vol. 5, p. 467-604.

STOELEN, Anselme — Denys le Chartreux. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1957, vol. 3, p. 430-449.

TAVARES, António — O IV centenário natalício do franciscano Frei Agostinho da Cruz: o lírico inspirado pela Musa Arrábida. *O Setubalense.* (6; 8 Mar. 1940) 2; 2.

VASCONCELOS, Carolina de Michaëlis de — A questão da naturalidade de Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz. In IDEM —*Vária*. Lisboa: Edições da Revista Ocidente, vol. 1, p. 172-176.

—— Carta aberta ao Ex.mo Snr. Juiz de Direito António de Magalhães Barros de Araújo Queiroz. *O Setubalense.* (12; 13; 14 Mar. 1940) 1; 2; 2.

VERNET, Félix — Béghards hétérodoxes. In *DSp.* Paris: Beauchesne, 1937, vol. 1, p. 1329-1341.

—— Frères du libre esprit. In *DTC.* Paris: Letouzey et Ané, 1947, vol. 6-1.°, p. 800-809.

VIANA, Mário Gonçalves — *Os religiosos e os místicos na literatura portuguesa: ensaio histórico-crítico.* Porto: Editora Educação Nacional, 1940.